

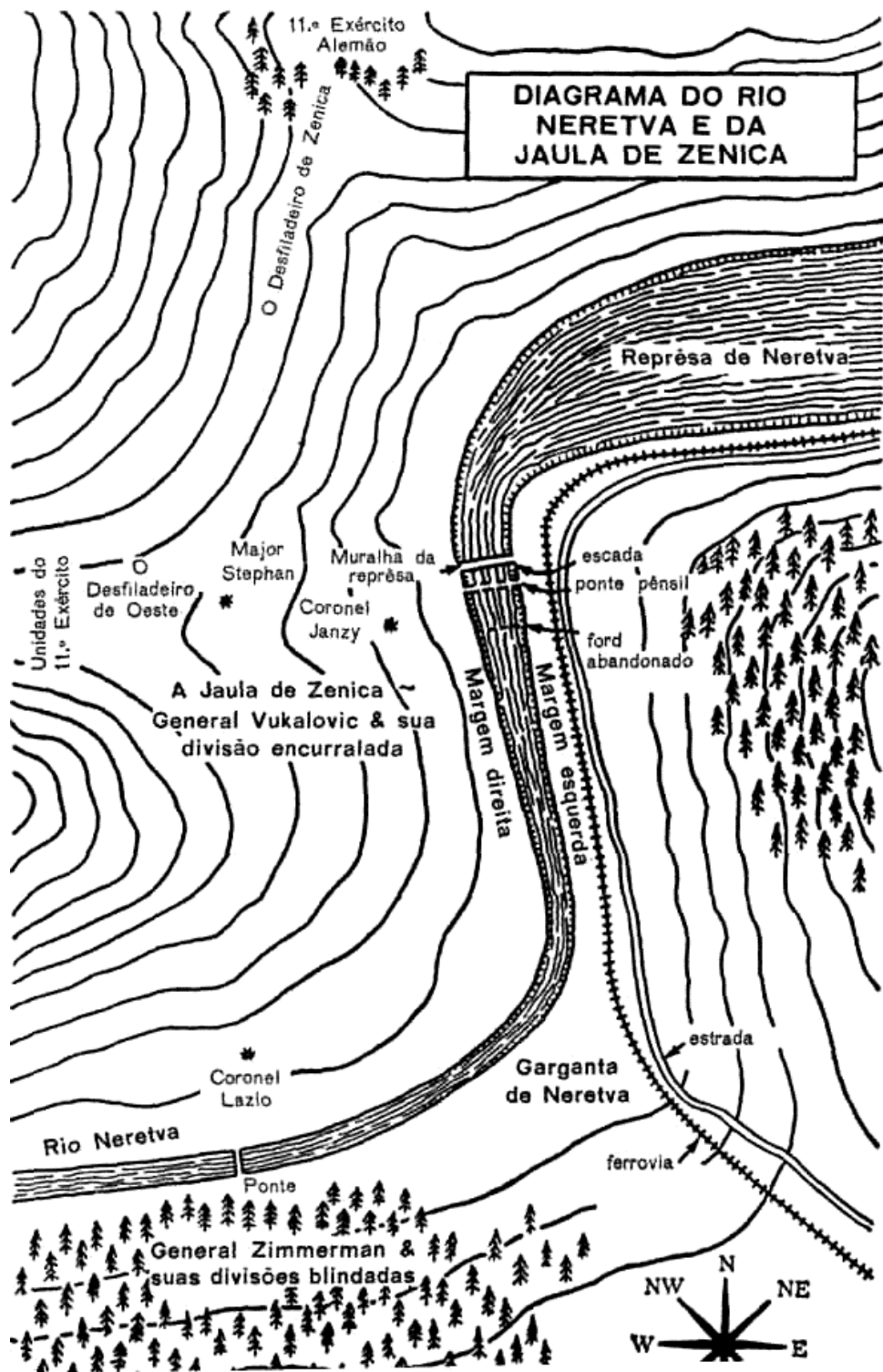
ALISTAIR MACLEAN

Depois de Navarone

(ROMANCE)



**DIAGRAMA DO RIO
NERETVA E DA
JAUJA DE ZENICA**



ÍNDICE

1 Prelúdio: Quinta-Feira - <i>Meia noite às seis horas da manhã</i>	4
2 - Quinta-feira - <i>Das 14 horas às 23h30m</i>	31
3 - Sexta-feira - <i>Meia-noite e meia às duas horas da manhã</i>	60
4 - Sexta-feira - <i>Das duas às três e meia da manhã</i>	82
5 - Sexta-feira - <i>De três e meia às cinco da madrugada</i>	114
6 - Sexta-feira - <i>Das oito às dez da manhã</i>	144
7 - Sexta-feira - <i>De dez horas da manhã ao meio-dia</i>	175
8 - Sexta-feira - <i>Das três horas da tarde às nove e quinze da noite</i>	197
9 - <i>De sexta-feira às 21h15m aos quarenta minutos da madrugada de sábado</i>	231
10 - Sábado - <i>De meia-noite e quarenta à uma e vinte minutos da manhã</i>	261
11 - Sábado - <i>De uma e vinte à uma e trinta e cinco da madrugada</i>	295
12 - Sábado - <i>De uma e trinta e cinco às duas horas da manhã</i>	318
13 - Sábado - <i>De duas horas às duas e quinze da manhã</i>	341
14 - Epílogo	372

1 Prelúdio: Quinta-Feira - *Meia noite às seis horas da manhã*

O COMANDANTE VINCENT RYAN, RN Capitão de Destróier e Oficial-Comandante do *Sirdar*, o mais moderno destróier Classe-S da frota de Sua Majestade, apoiou confortavelmente os cotovelos na amurada da ponte de comando, pegou seus binóculos noturnos e contemplou as águas calmas e prateadas do Mar Egeu banhado pelo luar.

Olhou primeiro para o norte, para a marola imensa e suavemente esculpida pela quilha afiada de seu destróier veloz, que deixava um rastro fosforescente esbranquiçado: apenas quatro milhas adiante, emoldurada por um céu azul escuro e por estrelas que cintilavam como diamantes, estava a massa sombria de uma ilha rodeada de escarpas negras: a Ilha de Kheros, que fora por muitos meses a posição remota e sitiada de dois mil soldados britânicos, que esperavam a morte todas as noites, e que, finalmente agora, não iriam mais morrer.

Ryan virou os binóculos de 180° e balançou a cabeça em sinal de aprovação. Era aquilo que ele queria ver. Ao sul, os quatro destróieres formavam em sua popa uma linha tão perfeita, que o casco do barco líder, que avançava a toda velocidade, obscurecia

completamente os outros três. Ryan voltou-se para o leste.

Era estranho, pensou ele levemente desapontado, quão insignificantes são as conseqüências dos desastres naturais ou provocados pelo homem. Se não fosse pelo brilho avermelhado e por um pouco de fumaça que brotava da parte superior da encosta, emprestando à cena uma aura vagamente dantesca de ameaça primitiva e mau agouro, o paredão alcantilado que circundava a baía parecia ser o mesmo dos tempos de Homero. As grandes saliências de rochas, a esta distância suaves e regulares, eram eternas e podiam ter sido talhadas pelos ventos no decorrer de cem milhões de anos; podiam igualmente ter sido cortadas há cinqüenta séculos, pelos pedreiros da Grécia Antiga que buscavam mármore para a construção de seus templos jônicos; o que era inconcebível, o que quase ultrapassava a compreensão racional, era que, dez minutos atrás, aquele paredão não existia, em seu lugar erguiam-se dezenas de milhares de toneladas de pedras e a mais inexpugnável fortaleza alemã do Egeu. E, acima de tudo, os dois enormes canhões de Navarone, para sempre sepultados cem metros no fundo do mar. Com um ligeiro aceno de cabeça, o Comandante Ryan abaixou os binóculos e olhou para os dois homens que tinham conseguido em cinco minutos o que a natureza teria realizado em cinco

milhões de anos.

Capitão Mallory e Cabo Miller. Era tudo o que sabia deles, aquilo e o fato de terem sido mandados para aquela missão por um velho amigo seu, um Capitão da Marinha chamado Jensen, e que ele soubera há apenas vinte e quatro horas — para sua surpresa total — ser o Chefe do Serviço Aliado de Inteligência no Mediterrâneo. Era tudo o que sabia deles e talvez isto nem fosse verdade. Talvez seus nomes nem fossem Mallory e Miller, talvez nem fossem um capitão e um cabo. Não se pareciam com nenhum capitão ou cabo que ele conhecesse. Pensando bem, eles nem tinham cara de soldados... Vestindo uniformes alemães, sujos de sangue e de água salgada, imundos, barbas por fazer, quietos, cautelosos e distantes, eles não pertenciam a nenhuma categoria de homens que já conhecesse: tudo o que ele tinha certeza, era que, quando olhou para aqueles olhos baços e injetados de sangue, os rostos descarnados, macilentos, cobertos por uma barba hirsuta e acinzentada, daqueles dois homens que já não eram assim tão jovens, soube que nunca vira antes seres humanos tão perto da exaustão total.

— Bem, parece que tudo chegou ao fim — disse Ryan. — As tropas em Kheros estão à espera da evacuação, nossa flotilha se dirige para o norte para resgatá-las e os canhões de Navarone acham-se fora de

combate e nunca mais ameaçarão nossos barcos. Está satisfeito, Capitão Mallory?

— Era este o objetivo da missão — concordou Mallory. Ryan ergueu novamente os binóculos. Desta vez, quase no limite de sua visão noturna, focalizou uma pequena balsa de borracha aproximando-se das costas rochosas a oeste da Baía de Navarone. As duas figuras sentadas na balsa eram apenas visíveis. Ryan abaixou os binóculos e disse pensativo:

— Seu amigo grandalhão... e a senhora que está com ele... eles não acreditam muito em esperas. Você não... ah... me apresentou a eles, Capitão Mallory.

— Não tive a oportunidade. Maria e Andrea. Andrea é Coronel do Exército grego: 19ª Divisão Motorizada.

— Andrea *era* Coronel do Exército grego — acrescentou Miller. — Eu acho que ele acaba de se reformar.

— Eu também acho. Eles estão com muita pressa, Comandante. Ambos são patriotas gregos, são da ilha e há muito trabalho para eles em Navarone. Além disto, creio que têm vários assuntos urgentes e pessoais para tratar.

— Eu imagino. — Ryan não quis se aprofundar no assunto; pelo contrário, voltou-se outra vez para as ruínas fumegantes da fortaleza destruída. — Bem, isto parece ser tudo. Não têm mais nada a fazer esta

noite, senhores?

Mallory sorriu ligeiramente: — Eu acho que não.

— Então eu posso sugerir um bom sono?

— Que palavra maravilhosa! — Miller apoiou-se também com ar cansado na amurada do convés, meio inclinado, e passou um braço exausto sobre os olhos doloridos e injetados. — Acordem-me em Alexandria.

— Alexandria? — Ryan olhou para ele, divertido.

— Nós só vamos chegar lá dentro de mais de trinta horas.

— Foi isto mesmo que eu quis dizer — disse Miller.

Miller não conseguiu pegar suas trinta horas de sono. Estava, na verdade, adormecido há trinta minutos, quando foi despertado pela vaga percepção de que alguma coisa feria seus olhos: depois de bocejar debilmente, protestar por algum tempo, conseguiu abrir o outro olho e ver que era a forte lâmpada de cabeceira da cabina, providenciada para ele e Mallory. Miller levantou-se cambaleante, apoiado num cotovelo, fez muita força para manter aberto o segundo olho e observou sem nenhum entusiasmo os outros dois ocupantes da cabina. Mallory, sentado perto da mesa, o Comandante Ryan, de pé ao lado da porta.

— É ultrajante — disse Miller amargo. — Eu não preguei olho a noite inteira!

— Você dormiu trinta e cinco minutos — disse

Ryan. — Desculpe, mas do Cairo disseram que esta mensagem para o Capitão Mallory era da maior urgência.

— E era mesmo? — fez Miller com uma certa suspeita. Seu rosto se iluminou. — Na certa fala sobre promoções, medalhas e uma folga, não? — olhou esperançoso para Mallory que se endireitara depois de decifrar o código da mensagem. — Não é?

— Bem, não... Começa muito prometedora, imagine você, as mais gratas congratulações e parabéns, mas depois o tom se deteriora um pouquinho...

Mallory releu-a: SINAL RECEBIDO MAIORES CONGRATULAÇÕES MAGNÍFICO FEITO. VOCÊS IDIOTAS PORQUE DEIXARAM

ANDREA ESCAPAR? ESSENCIAL CONTATO IMEDIATO COM ELE. EVACUAREMOS ANTES DA AURORA SOB ATAQUE AÉREO DE DIVERSÃO AEROPORTO UMA MILHA A SUDESTE DE MANDRAKOS. ENVIE CE VIA SIRDAR. URGENTE 3 REPITO URGENTE 3. BOA SORTE. JENSEN.

Miller apanhou a mensagem da mão estendida de Mallory, afastou e aproximou o papel dos olhos até conseguir focalizar, leu num silêncio horrorizado, devolveu-a a Mallory e espichou-se no beliche em todo o seu comprimento. Disse: — Oh, Meu Deus! — e caiu no que parecia ser um estado de choque.

— Isto não deixa dúvidas — concordou Mallory. Balançou a cabeça com ar cansado e virou-se para

Ryan. — Eu sinto muito, mas vamos incomodá-lo por três motivos. Uma balsa de borracha, um aparelho de rádio-transmissor portátil e o retorno imediato a Navarone. Por favor, consiga também manter seu rádio ligado numa frequência preestabelecida para ficar continuamente à escuta com o seu WT. Quando receber um sinal CE, transmita-o para o Cairo.

— CE? — perguntou Ryan.

— Uh-huh. Só isto.

— É tudo?

— Podia nos arranjar uma garrafa de conhaque — disse Miller. — Alguma coisa, qualquer coisa que nos permita fazer frente aos rigores da longa noite que temos de agüentar.

Ryan levantou uma sobrancelha — Uma garrafa de cinco estrelas, sem dúvida, não, Cabo?

— O senhor teria coragem — perguntou devagar Miller, — de dar uma garrafa de três estrelas a um homem que vai para a morte?

Acontece que a expectativa lúgubre de Miller não se realizou — pelo menos naquela noite. Mesmo os rigores temidos e esperados da longa noite a atravessar mostraram-se de pequenas conseqüências físicas.

Quando o *Sirdar* levou-os de volta a Navarone, o mais perto possível de suas praias rochosas que permitia a prudência, o céu tornou-se escuro e

encoberto, a chuva começou a cair e um vento forte soprou do sudoeste. Desta forma é fácil imaginar que Mallory e Miller já estavam numa condição miserável, ensopados, quando remavam sua balsa já a uma boa distância da praia. Mais ainda, no instante em que alcançaram a própria praia, encharcados até os ossos, pois uma onda quebrou por cima da balsa, jogando-a sobre o paredão de pedras, onde ficou emborcada, depois de despejar no mar tudo o que estava dentro, inclusive seus dois ocupantes. Felizmente, isto não fez muita diferença, suas metralhadoras Schmeisser, o rádio e os archotes estavam cuidadosamente enrolados em sacos à prova d'água e foram facilmente recuperados. Tudo por tudo, refletiu Mallory, fora um desembarque quase perfeito, comparado com o da última vez em que eles chegaram a Navarone de barco: suas canoas gregas tinham sido apanhadas na crista de uma gigantesca tempestade e reduzidas a pedaços contra a anfractuosidade vertical — até ali supostamente impossível de ser escalada — da encosta sul de Navarone.

Escorregando, dando topadas e empregando os comentários adequados para a ocasião, eles abriram caminho sobre o cascalho molhado e as maciças formações de pedras arredondadas, até serem barrados por uma falésia vertical e escarpada que se elevava à sua frente dentro da escuridão reinante.

Mallory desembrolhou uma pequena lanterna do tamanho de um lápis e começou a observar a encosta com seu feixe de luz fino e poderoso. Miller tocou-lhe o braço.

— Você não está abusando? Com esta coisa, eu quero dizer?

— Nem um pinga — disse Mallory. — Não deve ter ficado um só soldado de guarda hoje à noite. Todos estão ocupados lutando contra os incêndios da cidade. E além de tudo, deixar alguém de guarda para guardar o quê? Nós somos os pássaros, e estes, feito o serviço, voaram... Só um louco voltaria à ilha novamente...

— Eu sei o que nós somos — disse Miller meio sentido. — Você não precisava dizer.

Mallory sorriu para si mesmo na escuridão e continuou a sua busca. Um minuto depois ele achou o que esperava — um degrau anguloso no paredão. Ele e Miller se arrastaram pelo leito de pedra e cascalho da saliência o mais rápido que o traíçoeiro local e o peso de sua carga permitiram: em quinze minutos alcançaram o alto do platô e fizeram uma pausa para tomar fôlego. Miller procurou alguma coisa no interior de sua farda, e este movimento discreto foi seguido por um também discreto ruído de garganta que engolia.

— O que é que você está fazendo? — perguntou

Mallory.

— Acho que eu estou escutando meus dentes baterem uns nos outros. O que será que quer dizer este *urgente 3 repito urgente 3* da mensagem?

— Nunca vi isso antes. Mas sei o que significa. Alguém, em algum lugar, vai morrer.

— Dois eu lhe garanto de saída. E se Andrea não vier? Ele não é membro de nossas forças armadas. Não é obrigado a vir. E ele disse que ia se casar assim que chegasse.

Mallory garantiu: — Ele virá.

— Por que você tem tanta certeza?

— Porque Andrea é o homem de maior senso de responsabilidade que eu já encontrei. Ele tem duas responsabilidades enormes — uma com os outros, outra com ele mesmo. Foi por isso que ele voltou a Navarone — ele sabia que seu povo precisava dele. E é pelo mesmo motivo que deixará Navarone quando vir este código *Urgente 3*, pois sabe que em algum lugar alguém precisa ainda mais dele...

Miller apanhou a garrafa de conhaque de Mallory e recolocou-a no bolso da farda. — Bem, uma coisa eu garanto. A futura Senhora Andrea Stavros não vai ficar muito contente com a notícia.

— Nem o próprio Andrea Stavros e eu não estou ansioso em dá-la — disse Mallory candidamente. Olhou para o mostrador luminoso de seu relógio e

pôs-se de pé. — Mandrakos fica a meia hora daqui.

Exatamente em trinta minutos, já com as metralhadoras Schmeisser fora dos estojos à prova d'água e colocadas em posição à altura dos quadris, Mallory e Miller aproximavam-se rápida e cautelosamente, de sombra em sombra, através das plantações de alfarrôbas nos arredores da aldeia de Mandrakos. De repente, bem à sua frente, ouviram o ruído distinto de copos e garrafas que tiniam.

Para estes dois homens, uma situação potencialmente perigosa como esta era tão rotineira que nem os fazia olhar um para o outro. Caíram de joelhos silenciosamente e avançaram de gatinhas. Miller farejou o ar com prazer enquanto continuavam. O *ouzo*, aguardente resinosa grega, tinha um extraordinário poder de embalsamar a atmosfera à sua volta numa distância apreciável. Mallory e Miller alcançaram a borda de uma fileira de arbustos, mergulharam no chão e olharam para a frente.

Com seus coletes abertos atrás, faixas e estranhos ornamentos de cabeça, os dois tipos estavam encostados ao tronco de uma árvore reta no meio de uma clareira e eram obviamente gente da ilha: via-se pelos rifles cruzados nos joelhos, que o seu papel era de guardar alguma coisa, mas pelo ângulo quase vertical que davam à garrafa de *ouzo* para conseguir beber o que restava de seu conteúdo, era claro que não

estavam levando a sua tarefa muito a sério, e já por um certo tempo...

Mallory e Miller recuaram com bem menos precaução do que haviam avançado, ficaram de pé e olharam um para o outro. Faltava um comentário adequado para a situação. Mallory deu de ombros e fez uma volta rodeando-os pela direita. Ainda por duas vezes, enquanto avançavam rapidamente para o centro de Mandrakos, se esgueirando de moita em moita das alfarrôbas e de sombra em sombra das árvores e das casas, evitaram outras sentinelas ostensivas, que cumpriam seus deveres de uma maneira um tanto ou quanto liberal. Ao chegarem facilmente ao centro da aldeia, Miller puxou Mallory para um vão de porta.

— Nossos amigos voltaram — disse. — O que será que eles estão comemorando?

— Você também não faria a mesma coisa? Comemorava, eu quero dizer. Navarone não tem mais nenhuma utilidade para os alemães. Mais uma semana e eles todos irão embora.

— Está certo. Mas por que estão todos de sentinela?

— Miller balançou a cabeça na direção de uma pequena igreja ortodoxa, caiada de branco, que ficava no centro da praça da aldeia. De seu interior vinha um murmúrio abafado de vozes e uma boa quantidade de luz que escapava das janelas mal preparadas para o

blackout. Será que aquilo tem alguma coisa a ver com as sentinelas?

Mallory disse: — Bem, só há uma maneira certa de averiguar.

Aproximaram-se em silêncio, aproveitando-se de toda a cobertura possível e usando as sombras como esconderijo até chegarem a uma sombra mais espessa fornecida pelos dois arcos botantes que sustentavam a fachada da antiga igreja. Entre os arcos havia uma janela que estava mais bem tapada, com apenas uma tênue fenda de luz mostrando o lugar do parapeito. Os dois homens pararam e olharam através da estreita abertura.

A igreja ainda parecia mais velha por dentro do que por fora. Os bancos altos de madeira sem pintura, feitos de carvalho talhados a enxó há muitos séculos, estavam enegrecidos e polidos pelas incontáveis gerações de freqüentadores da igreja; a própria madeira estava rachada e esfiapada, estragada pelo tempo: as paredes caiadas de branco davam a impressão de necessitar igualmente de arcos de sustentação tanto de um lado como do outro, caminhando para um fim que não seria muito adiado. O telhado parecia correr o risco iminente de desabar a qualquer instante.

O sussurro de vozes, agora bem mais alto, vinha de quase todos os habitantes locais, de todos os sexos e

idades, alguns com suas roupas domingueiras, que ocupavam praticamente todos os lugares disponíveis da igreja: as luzes eram provenientes de centenas de velas de sebo, muitas delas antigas, retorcidas e decoradas, preparadas evidentemente para esta ocasião especial. Elas se alinhavam nas paredes, no adro central e no altar: bem em frente a este, um barbudo patriarca em trajes ortodoxos gregos esperava impassível.

Mallory e Miller entreolharam-se com ar de interrogação e estavam quase se pondo em pé quando uma voz profunda e calma falou por trás deles.

— Mãos atrás da nuca — disse calmamente. — E se levantem muito devagar. Eu estou com uma metralhadora Schmeisser nas mãos.

Lenta e cuidadosamente, como pedira a voz, Mallory e Miller seguiram à risca as instruções.

— Virem-se. Cuidado, agora.

Eles se viraram com todo o cuidado. Miller olhou para a figura negra e maciça, que, como prevenira, tinha mesmo nas mãos uma metralhadora, e disse com irritação: — Você não se importa? Então, aponte esta desgraça para outro lugar.

A figura escura teve uma exclamação de surpresa, abaixou a arma para um lado e curvou-se para a frente, mas seu rosto moreno, sombrio e marcado por algumas rugas apenas demonstrou um ligeiro ar de

surpresa. Andrea Stavros não iria fazer uma exposição emocional desnecessária e instantaneamente recobrou sua postura habitual.

— As fardas alemãs — explicou se desculpando. — Elas me enganaram.

— Você quase me enganou também — disse Miller. Olhou incrédulo para os trajes de Andrea, para as incríveis calças bufantes pretas, as longas botas pretas e o casaco preto profusamente bordado, além da faixa na cintura, violentamente púrpura, estremeceu ligeiramente e fechou os olhos doloridos. — Andou visitando as lojas de penhores de Mandrakos?

— Este é o traje de cerimônia de meus ancestrais — explicou mansamente Andrea. — Vocês caíram do navio?

— Um pouco contra a vontade — disse Mallory. — Nós voltamos para vê-lo.

— Podiam ter escolhido uma hora mais apropriada — hesitou, olhou na direção de um pequeno prédio iluminado do outro lado da rua e pegou-os pelo braço. — Podemos conversar ali.

Ao entrarem, fechou a porta atrás de si. A sala lembrava, por seus bancos e pelo mobiliário espartano, uma espécie de ponto de reunião da comunidade, um salão da prefeitura: a iluminação vinha de três lamparinas bastante esfumaçadas, cuja luz se refletia hospitaleiramente nas filas de garrafas de aguardente,

vinhos e cerveja e nos inúmeros copos que ocupavam quase todos os centímetros disponíveis das compridas mesas montadas sobre cavaletes. A maneira casual desta decoração antiestética falava da improvisação do que iriam celebrar: as fileiras de garrafas alardeavam a intenção de compensar a falta de qualidade com um excesso de quantidade.

Andrea dirigiu-se à mesa mais próxima, apanhou três copos e uma garrafa de *ouzo* e pôs-se a servir a bebida. Miller pegou a garrafa de conhaque do bolso e ofereceu-lhe, mas Andrea estava muito preocupado para ver. Entregou-lhes os copos cheios de *ouzo*.

— Saúde — Andrea esvaziou seu copo e falou pensativa-mente: — Você não pode ter voltado sem uma boa razão, meu Keith.

Sem dizer uma palavra, Mallory tirou a mensagem de rádio vinda do Cairo de dentro de uma carteira à prova d'água e entregou-a a Andrea, que a tomou de suas mãos com um ar de muito pouca vontade. Leu e franziu sombriamente as sobrancelhas.

Falou: — *Urgente 3*, quer dizer o que eu estou pensando?

Mais uma vez Mallory permaneceu em silêncio, apenas balançando a cabeça afirmativamente, enquanto observava Andrea sem um piscar de olhos.

— É altamente inconveniente para mim — o franzido da testa aumentou. — *Muito* inconveniente.

Há tanta coisa para fazer em Navarone. Eles vão precisar muito de mim.

— Também é inconveniente para mim — disse Miller. — Há tantas coisas boas e agradáveis que eu podia estar fazendo no West End de Londres... Também devem estar sentindo a minha falta. Pergunte a qualquer *garçonette*. Mas, infelizmente, não é este o problema...

Andrea olhou-o impassível por um momento e voltou-se para Mallory — Você não diz nada?

— Eu não tenho nada para dizer.

Muito lentamente, o cenho franzido desfez-se no rosto de Andrea, uma linha preocupada permaneceu. Hesitou, ao pegar novamente a garrafa de *ouzo*. Miller adiantou-se ligeiramente.

— Por favor — mostrou-lhe a garrafa de conhaque. Andrea sorriu pela primeira vez, um sorriso fugaz, serviu-os com o cinco estrelas de Miller, releu a mensagem e devolveu-a a Mallory. — Eu preciso pensar. Tenho um negócio para resolver primeiro.

Mallory olhou para ele preocupado — Negócio?

— Tenho de estar presente a um casamento.

— Casamento? — disse Miller polidamente.

— Vocês precisam repetir tudo o que eu digo? Um casamento.

— Mas quem é que *você* conhece aqui? — perguntou Miller. — E a esta hora da noite...

— Para algumas pessoas em Navarone — disse Andrea secamente, — a noite é a única ocasião segura — voltou-se com decisão, afastou-se, abriu a porta e hesitou.

Mallory perguntou curioso: — Quem é que vai casar?

Andrea não respondeu. Em vez disto, aproximou-se da mesa que estava mais perto da entrada, serviu-se e bebeu de uma vez meio copo grande de conhaque, passou a mão pelos espessos cabelos negros, endireitou a faixa da cintura, espigou os ombros e caminhou diretamente para a porta. Mallory e Miller olharam para ele, depois para a porta que se fechou e, finalmente, um para o outro.

Quinze minutos depois, eles ainda estavam olhando um para o outro, desta vez com expressões que se alternavam, entre o espanto e o atordoamento.

Estavam sentados no último banco da igreja ortodoxa — no único lugar livre do único banco reservado — todos os outros estavam ocupados pelos habitantes locais. O altar ficava a uns vinte metros de onde eles estavam sentados, mas como eram ambos altos e se achavam na ala central, tinham uma boa visão do que estava acontecendo neste instante.

Para dizer a verdade, não acontecia mais nada. A cerimônia terminara. Gravemente, o padre ortodoxo deu as suas bênçãos a Andrea e Maria, a moça que

lhes mostrara o caminho para a fortaleza de Navarone, virou-se com dignidade e caminhou pela nave. Andrea curvou-se, terno e solícito, em forma e expressão, e murmurou qualquer coisa nos ouvidos de Maria, mas suas palavras, foi o que pareceu, não provocaram uma reação à altura da ternura com que foram pronunciadas, pois logo na metade da nave uma alteração furiosa surgiu entre os dois. Entre os dois, talvez não fosse o termo exato: era mais um monólogo do que uma verdadeira discussão. Maria, com o rosto rubro e os olhos escuros e brilhantes, gesticulava como louca, dirigindo-se a Andrea em um tom cada vez mais alto e uma fúria já incontrollável. Andrea, por seu lado, suplicava para apaziguá-la, tentando fazê-la calar-se, aparentemente com o mesmo êxito com que Canuto tentou fazer parar a maré, e olhava apreensivo para os lados. A reação dos convidados que estavam ainda sentados, variava entre a total incredulidade até o boquiaberto espanto do mais inequívoco horror: estavam assistindo ao espetáculo mais estranho que podia acontecer depois de uma cerimônia de casamento.

Enquanto o casal se aproximava do fim da nave, do lado oposto ao do banco em que Mallory e Miller estavam sentados, a discussão — se assim pudesse ser chamada — tornou-se mais furiosa que nunca. Quando passaram pelo fim dos bancos, Andrea,

pondo a mão em frente à boca, curvou-se para Mallory.

— Esta — sussurrou ele — foi nossa primeira briga de casados...

Não teve tempo de dizer mais nada. Uma mão imperiosa apertou-lhe o braço e literalmente arrastou-o para a porta da igreja. Mesmo após terem sumido das vistas de todos, a voz de Maria, alta e clara, podia ser ouvida por qualquer um de dentro da igreja. Miller virou-se para dar uma espiada no portal deserto e olhou pensativamente para Mallory.

— Garota de gênio, aquela. Eu gostaria de entender grego. O que é que ela está dizendo?

— Ah! — fez Miller, igualmente muito sério. — Você acha melhor segui-los?

— Por quê?

— Andrea pode cuidar de qualquer um — era a sentença magistral que Miller sempre usava. — Mas, desta vez, eu acho que ele não vai dar conta do recado.

Mallory sorriu, levantou-se e dirigiu-se para a porta, seguido por Miller, que por sua vez foi seguido pelos convidados ansiosos — se entende — em assistir ao segundo ato dessa peça que não estava programada: porém a praça da igreja já estava vazia.

Mallory nem hesitou. Com o instinto criado pela experiência de uma longa associação com Andrea, ele rumou diretamente para o salão comunal onde

Andrea fizera suas duas dramáticas declarações anteriores. Seu instinto não o traiu. Andrea, com um copo grande de conhaque nas mãos, tranqüilamente passando os dedos por uma mancha avermelhada em seu rosto, olhou para o lado de Mallory e Miller quando estes entraram.

Disse meio melancólico: — Ela foi para a casa da mãe.

Miller olhou para o relógio. — Um minuto e vinte e cinco segundos — disse com admiração. — Recorde mundial.

Andrea lançou-lhe um olhar fulminante e Mallory adiantou-se rapidamente.

— Você virá conosco, então?

— É lógico que eu vou — disse Andrea irritado. Observou sem entusiasmo os convidados que entravam se acotovelando no salão, tomando lugar sem cerimônia nas mesas cheias de garrafas. — Alguém tem de cuidar de vocês dois.

Mallory olhou para o relógio — Três horas e meia ainda para a chegada do avião. Estamos mortos de cansados, Andrea. Um lugar para dormir... um lugar seguro. Os guardas que você pôs nos arredores estão todos bêbados.

— Estão assim desde que a fortaleza vôou pelos ares — acrescentou Andrea. — Venham comigo, vou arranjar um bom lugar.

Miller deu uma olhada para os habitantes da ilha, os quais, em meio a uma babel de vozes alegres, já estavam completamente ocupados com as garrafas e os copos. — E seus convidados?

— O que é que há com eles? — Andrea observou seus compatriotas com vagar. — Olhe para todo o grupo! Você já viu alguma recepção de casamento em que alguém se preocupe com o noivo e a noiva? Venham.

Caminharam em direção ao sul de Mandrakos, até o campo. Por duas vezes foram interceptados pelos guardas e por duas vezes um franzir de sobrancelhas e um resmungo de Andrea mandou-os apressados de volta para a garrafa de *ouzo*. Ainda chovia pesadamente, mas as roupas de Mallory e de Miller já estavam tão encharcadas que um pouco mais de chuva não fazia a mínima diferença na maneira em que eles se sentiam, ao passo que Andrea não parecia prestar a menor atenção ao fato. Ele tinha o ar de um homem que está preocupado com outras coisas.

Depois de andarem uns quinze minutos, Andrea parou em frente das portas meio pendentes de um pequeno celeiro, meio destruído e visivelmente abandonado, ao lado da estrada.

— Há feno lá dentro — disse. — Vocês estarão seguros aqui.

Mallory respondeu: — ótimo. Enviarei uma

mensagem de rádio para o *Sirdar* remeter o CE para o Cairo e...

— CE? — perguntou Andrea. — O que é isto?

— É para fazer saber ao Cairo que entramos em contato com você e que estamos prontos para sermos apanhados... E depois, três longas e adoráveis horas de sono.

Andrea balançou a cabeça em afirmação. — Serão mesmo três horas...

— Três *longas* horas — disse Mallory pensativo.

Um sorriso iluminou o rosto preocupado de Andrea, enquanto dava um tapinha no ombro de Mallory.

— Em três longas horas — disse ele — um homem como eu pode fazer muita coisa...

Voltou-se e desapareceu rapidamente na noite chuvosa. Mallory e Miller seguiram-no com os olhos, os rostos impassíveis — entreolharam-se e sempre com a mesma cara sem expressão, empurraram as portas meio penduradas do celeiro.

O aeroporto de Mandrakos não teria recebido permissão para funcionamento de nenhuma Diretoria de Aeronáutica Civil em nenhum lugar do mundo. Tinha pouco mais de oitocentos metros de comprimento, com colinas abruptas de ambos os lados da suposta pista de aterragem de cerca de quarenta metros de largura e que era amplamente salpicada

com toda uma variedade de bossas e buracos capazes de destruir virtualmente qualquer tipo de aparelho aéreo. Mas a RAF usara-o antes, logo não seria impossível que fossem obrigados a usá-lo uma vez mais.

Ao sul, a pista de aterragem era ladeada por moitas de alfarrôbeiras. Por baixo de um precário abrigo improvisado, Mallory, Miller e Andrea estavam sentados à espera. Pelo menos Mallory e Miller estavam sentados, meio encurvados, sentindo-se miseráveis e tremendo violentamente dentro de suas roupas ainda mais encharcadas. Andrea, entretanto, estava luxuriosamente espichado com as mãos atrás da cabeça, indiferente às pesadas gotas d'água que caíam em seu rosto voltado para o céu. Havia nele um ar de satisfação, quase de complacência, enquanto observava as primeiras tintas acinzentadas que apareciam no céu a leste, por cima das muralhas maciças da costa turca.

Andrea falou: — Estão chegando!

Mallory e Miller prestaram atenção por alguns segundos, e também ouviram — o ronco distante, surdo, de aparelhos pesados que se aproximavam. Os três se levantaram, indo para a borda da pista. Um minuto depois, descendo rapidamente após sua passagem por cima das montanhas ao sul, a uma altitude de menos de trezentos metros, uma

esquadrilha de dezoito Wellingtons, já agora sendo avistados ao mesmo tempo em que eram ouvidos, passou direto sobre o aeroporto, na direção da cidade de Navarone. Dois minutos depois, os três observadores escutaram as detonações e viram ao norte os cogumelos luminosos alaranjados quando os Wellingtons descarregaram suas bombas sobre a fortaleza destruída. Linhas esporádicas de balas traçadoras, obviamente de armas de pequeno calibre, atestavam a ineficácia, a fraqueza das defesas terrestres. Quando a fortaleza voara pelos ares, também voaram as baterias antiaéreas da cidade. O ataque foi curto e direto: menos de dois minutos após o seu começo, o bombardeio cessou tão abruptamente como se iniciara e apenas se ouvia o som que morria dos motores dessincronizados dos Wellingtons que se afastavam, primeiro para o norte e depois para oeste, sobre as águas ainda escuras do Mar Egeu.

Talvez por um minuto inteiro, os três homens que observavam a cena permaneceram silenciosos à beira da pista do aeroporto de Mandrakos, até que Miller falou como se estivesse fazendo uma pergunta a si próprio. — O que será que nos tornou tão importantes?

— Eu não sei — disse Mallory. — Mas não creio que você vá achar muito bom ao descobrir.

— E agora não vai demorar muito — Andrea virou-

se para um lado e olhou para as montanhas que estavam ao sul. — Estão ouvindo?

Nenhum dos dois ouvira nada, mas não duvidaram, pois já conheciam a audição e a visão fenomenais de Andrea. De repente, escutaram também. Um bombardeiro solitário, um Wellington também, mergulhava vindo do sul e deu uma volta em torno da pista de aterragem. Mallory apontou sua lanterna para cima, em piscadelas rápidas e sucessivas, enquanto elefazia a aproximação. Aterrou pesadamente e veio taxiando até onde eles se encontravam, dando pulos enormes através da superfície atroz do aeroporto. Deteve-se a menos de cem metros de onde os três se achavam: uma luz foi acesa na cabina.

Andrea falou: — Olhem, não se esqueçam. Eu prometi estar de volta dentro de uma semana.

— Nunca faça promessas — disse Miller com seriedade. — E se você não voltar em uma semana? E se nos mandarem para o Pacífico?

— Então quando voltarmos você vai na frente para explicar...

Miller balançou a cabeça — Eu acho que não gostaria muito.

— Nós falaremos de sua covardia mais tarde — acrescentou Mallory. — Vamos logo. Corram!

Os três homens dispararam na corrida até o

Wellington que os esperava.

O Wellington já estava com meia hora de vôo para o seu novo destino, fosse qual fosse o destino, e Andrea e Miller — com grandes canecas de café nas mãos — tentavam sem sucesso achar uma posição razoavelmente confortável entre as protuberâncias dos colchões de palha no chão da fuselagem, quando Mallory voltou da cabina do avião. Miller olhou-o com um ar de resignação enfatiada, toda a expressão caracterizada por uma completa falta de entusiasmo e de espírito de aventura.

— Então, o que foi que você descobriu? — o seu tom de voz deixava entrever que ele estava esperando que Mallory houvesse descoberto a pior de todas as coisas. — Para onde vamos? Rodes? Beirute? Os mercados de escravos do Cairo?

— Termoli, foi o que o homem disse.

— Então é Termoli. Lugar que eu sempre tive vontade de conhecer — Miller fez uma pausa. — Em que diabos de lugar fica Termoli?

— Na Itália, eu creio. Nalgum ponto da costa sul do Adriático.

— Oh! não! — Miller virou-se para um lado e puxou o cobertor por cima da cabeça. — Eu *odeio* espaguete!

2 - Quinta-feira - *Das 14 horas às 23h30m*

A ATERRAGEM NO AEROPORTO de Termoli, na costa adriática da Itália Meridional, foi quase tão cheia de solavancos quanto fora a angustiante decolagem da pista de Mandrakos. A base militar de Termoli era oficialmente — e otimistamente! — registrada como recentemente construída, mas para se dizer a verdade, ela estava semi-acabada e mostrou isto em cada metro do cruciante pouso e do triste caminho para coelhos que levava até à torre de controle pré-fabricada, no extremo leste do aeroporto. Quando Mallory e Andrea pularam em terra firme, nenhum dos dois tinha um ar muito satisfeito: Miller, que saiu por último visivelmente abalado, e que todos sobejamente conheciam como tendo uma repulsão quase patológica a todas as formas imagináveis de transporte, parecia na verdade muito doente.

Miller não teve tempo de procurar consolo ou de ser consolado. Um jipe camuflado do Quinto Exército Britânico avançou até ao lado do avião, com um sargento ao volante e após estabelecer rapidamente as suas identidades, acenou em silêncio para que entrassem. Este silêncio obstinado ele conservou durante toda a viagem através das ruínas das ruas

destruídas pela guerra em Termoli. Mallory não se perturbou com esta aparente hostilidade. O motorista seguia certamente instruções estritas de não falar com eles, situação que Mallory já por diversas vezes encontrara em ocasiões anteriores. Não havia, refletiu ele, muitos grupos de intocáveis, mas o seu era um deles: ninguém, a não ser por duas ou três exceções, tinha permissão para lhes falar. Esse processo, Mallory sabia, era perfeitamente compreensível e justificável, mas era uma atitude que tinha a tendência de se tornar cada vez mais cansativa com o passar dos anos. Contribuía também para criar uma falta de contato com os seus próprios amigos.

Depois de vinte minutos, o jipe parou em frente aos degraus largos de uma casa nos arredores da cidade. O motorista fez um gesto rápido para uma sentinela armada que estava à porta, no alto de um lance de escadas, e que respondeu com um igual e negligente cumprimento. Mallory percebeu que tinham chegado a seu destino e, não querendo quebrar o voto de silêncio do jovem sargento, saiu sem que lhe fosse pedido. Os outros o seguiram e o jipe foi embora em seguida.

A casa — parecia-se mais com um palacete — era um exemplo magnífico da arquitetura do final da Renascença, cheia de colunas e colunatas, toda em mármore estriado, porém Mallory estava mais

interessado no que havia lá dentro do que em sua fachada externa. No alto da escadaria seu caminho foi barrado por um jovem cabo de sentinela, armado com um Lee-Enfield 303. Ele lembrava um aluno fugido do ginásio.

— Nomes, por favor.

— Capitão Mallory.

— Papéis de identidade? Cadernetas?

— Oh, meu Deus! — gemeu Miller. — E eu me sentindo tão mal!

— Não temos nenhum — disse Mallory gentil. — Deixe-nos entrar, por favor.

— Minhas instruções são...

— Eu sei, eu sei — Andrea disse para acalmá-lo. Debruçou-se sobre ele e sem fazer nenhum esforço arrancou-lhe o rifle das mãos, apesar da resistência desesperada do cabo. Retirou e guardou no bolso o pente de balas e devolveu-lhe a arma. — Agora, por favor...

Furioso e com o rosto rubro, o jovem ainda teve uma breve hesitação, olhou cuidadosamente para os três homens, voltou-se e abriu a porta que estava por trás, fazendo um gesto para que o seguissem.

À sua frente estendia-se um longo corredor assoalhado de mármore, com janelas altas de um lado, pesados quadros a óleo e dois pares de portas forradas de couro do outro. No meio do corredor, Andrea deu

um tapinha no ombro do cabo e devolveu-lhe a munição sem dizer uma palavra. O cabo pegou as balas, sorriu meio encabulado e colocou-as novamente no rifle, também sem dizer uma palavra. Mais vinte passos e ele parou em frente do último par de portas, bateu, escutou-se de dentro uma velada ordem de admissão, empurrou uma das portas e ficou de lado para deixar os três homens passarem. Então afastou-se do grupo e fechou a porta.

Via-se claramente que esta era a sala principal de recepções da casa — ou palácio! — Mobiliada quase com uma opulência medieval, em carvalho escuro, cortinas de pesados brocados de seda, estofamentos de couro, livros encadernados, um grupo de quadros dos grandes mestres nas paredes e um tapete imenso, que ia de um lado ao outro, cor de bronze pálido. Como era, mesmo um membro da nobreza italiana de antes da guerra não teria desdenhado aquele conjunto.

O salão cheirava agradavelmente a pinho queimado e a fonte não era difícil de ser localizada: podia-se assar um boi inteiro na vasta lareira que crepitava no extremo oposto da sala. Perto desta lareira, estavam de pé três rapazes que aparentavam um ar muito diferente da ineficaz sentinela que tentara barrar-lhes a entrada. Eram, antes de tudo, um pouco mais velhos do que ele, se bem que ainda bem jovens. Possuíam um físico sólido, de ombros largos, um ar vigoroso e

competente. Estavam usando a farda dos Comandos da Marinha e pareciam ajustar-se muito bem em seus uniformes.

Porém, o que chamou e atraiu firmemente a atenção de Mallory e de seus dois companheiros não foi a esplêndida decoração do salão e de seu mobiliário, nem a presença totalmente inesperada dos três comandos: foi a quarta figura, um homem alto, forte e que comandava o grupo, negligentemente recostado numa mesa ao centro da sala. As rugas profundas no rosto, a expressão autoritária, a bela barba grisalha e os penetrantes olhos azuis, faziam dele o protótipo do clássico capitão de marinha britânico, o que, como indicava sua farda branca e imaculada, era exatamente o que ele era. Com um coletivo aperto no coração, Mallory, Andrea e Miller olharam outra vez, com acentuada falta de entusiasmo para a esplêndida figura de pirata do Capitão Jensen, RN, Chefe do Serviço Aliado de Inteligência no Mediterrâneo, o homem que há tão pouco tempo os enviara para a missão-suicida na Ilha de Navarone. Os três se entreolharam e balançaram as cabeças num desespero mudo.

O Capitão Jensen se endireitou, sorriu seu magnífico sorriso de tigre de dentes de sabre e avançou para cumprimentá-los, com a mão estendida.

— Mallory! Andrea! Miller! — houve uma pausa

dramática de cinco segundos entre as palavras. — Eu não sei o que dizer! Eu nem sei o que dizer! Um trabalho magnífico, magnífico... — interrompeu-se e observou-os com atenção. — Você — hum! — não parece muito surpreso de me ver, Capitão Mallory?

— Não estou, não — disse. — Com o devido respeito, senhor, onde e quando existir um trabalho difícil em cogitação, a gente sempre encontra o...

— Sim, sim, sim. É certo, é certo. E como estão todos vocês?

— Cansados — disse Miller com firmeza. — Terrivelmente cansados. Precisamos de um descanso. Eu, pelo menos, preciso.

— Jensen disse muito sério: — E é exatamente o que você terá, meu rapaz. Um descanso. Um descanso longo. Um descanso *muito longo*.

— Um descanso *muito longo*? — Miller olhou incrédulo para Jensen.

— Eu lhe dou minha palavra — Jensen alisou a barba com uma timidez momentânea. — Isto é, assim que vocês voltarem da Iugoslávia.

— Iugoslávia! — Miller arregalou os olhos para ele.

— Hoje à noite.

— Hoje à noite!

— De pára-quedas.

— De *pára-quedas*!

Jensen disse com indulgência: — É de meu

conhecimento, Cabo Miller, que o senhor teve uma educação clássica e que, além disto, está de volta no momento das ilhas da Grécia. Mas, se o senhor não se incomoda, eu dispenso o acompanhamento de coro da Grécia Antiga.

Miller olhou desalentado para Andrea — Lá se foi sua lua-de-mel!

— O que foi? — perguntou rispidamente Jensen.

— Só uma piada nossa, senhor!

Mallory tentou um protesto brando: — O senhor se esquece de que nenhum de nós jamais pulou de pára-quedas.

— Eu não esqueci nada. Há sempre uma primeira vez para tudo. O que sabem os senhores sobre a guerra na Iugoslávia?

— Que guerra? — disse Andrea com cautela.

— Exatamente — havia satisfação no tom de voz de Jensen.

— Eu ouvi falar — adiantou-se Miller. — Há um punhado de eu-não-sei-como-se-chamam — eh — partisanos, não é? — oferecendo alguma resistência oculta às tropas alemãs de ocupação.

— Foi muito bom para você — disse Jensen, — que os partisanos não pudessem ouvi-lo. Eles não estão ocultos, são pelo contrário muito ativos e o último recenseamento mostrou que havia 350.000 deles enfrentando vinte e oito divisões alemãs e búlgaras na

Iugoslávia — fez uma ligeira pausa. — Na realidade, mais do que nós estamos enfrentando aqui na Itália com os exércitos aliados reunidos.

— Alguém devia ter-me falado — queixou-se Miller. Animou-se. — Se eles já são 350.000, por que é que estão precisando da gente?

Jensen disse mordaz: — Precisa aprender a refrear o seu entusiasmo, Cabo. Pode deixar que a parte do combate será feita pelos partisanos, e eles estão travando a mais cruel, a mais dura, a mais brutal das guerras na Europa de hoje. Uma guerra desumana, perversa, sem quartel ou rendição para nenhum dos dois lados. Armas, munições, comida, roupas — falta tudo aos partisanos. Porém eles mantêm as vinte e oito divisões seguras.

— Eu não faço questão nenhuma delas — murmurou Miller.

Mallory interpôs-se apressado: — O que é que o senhor quer de nós?

Isto — Jensen afastou o seu olhar glacial de Miller. — Ninguém ainda avaliou isto, mas os iugoslavos são os nossos mais importantes aliados na Europa Meridional. A guerra deles é a nossa guerra. E eles estão empenhados numa guerra que não têm esperança de ganhar. A menos que...

Mallory fez um aceno compreensivo com a cabeça — As ferramentas para terminar o trabalho.

— Pouco original, mas verdadeiro. As ferramentas para terminar o trabalho. Nós somos os *únicos* que neste momento lhes fornecemos fuzis, metralhadoras, munições, roupas e medicamentos. E estes suprimentos não estão sendo recebidos — interrompeu-se e pegando uma bengala, caminhou raivoso através da sala até um grande mapa fixado na parede entre dois quadros de pintores clássicos célebres e bateu com a ponta de bambu sobre ele. — Bósnia-Herzegovina, senhores. Centro-oeste da Iugoslávia. Mandamos quatro Missões Militares britânicas nos últimos dois meses para entrarem em contato com os iugoslavos — os partisanos iugoslavos. Os chefes das quatro missões desapareceram sem deixar rastros. Noventa por cento de nossos últimos lançamentos aéreos de suprimentos caíram em mãos dos alemães. Desvendaram todos os nossos códigos de rádio e estabeleceram uma rede de agentes aqui no sul da Itália com os quais eles parecem se comunicar quando e como querem. Perguntas que nos deixam perplexos, senhores. Perguntas vitais. Eu quero as respostas. A Força 10 me trará as respostas.

— Força 10? — disse Mallory polidamente.

— É o nome de código para esta operação.

— Por que este nome particular?

— Por que não? Já ouviu falar em *algum* nome de código que tivesse *qualquer* ligação com a operação em

pauta? É a própria condição essencial, homem!

— Não quer então — disse Mallory absolutamente inexpressivo — que isto nada tenha a ver com algum ataque frontal ou algo semelhante, um assalto violento nalgum ponto vital? — observou a total falta de reação de parte de Jensen e continuou no mesmo tom: — Na escala de Beaufort, a Força 10 significa a tempestade.

— Uma tempestade! — é sempre difícil combinar uma exclamação e um gemido angustioso na mesma expressão, mas Miller conseguiu isto aparentemente sem nenhuma dificuldade. — Oh, Meu Deus! E eu que só queria tranqüilidade pelo resto de minha vida!

— Minha paciência tem limites, Cabo Miller — disse Jensen. — Eu posso — eu disse *posso* — mudar de idéia sobre a recomendação que fiz em seu louvor esta manhã.

— Em meu louvor? — perguntou Miller com reserva.

— Para a Medalha de Mérito de Conduta.

— *Isto* ficará lindo na tampa do meu caixão — resmungou Miller.

— O que foi?

— O Cabo Miller está expressando a sua gratidão — Mallory se aproximou do mapa na parede e estudou-o por um breve momento. — Bósnia-Herzegovina... bem, é uma área muito ampla, senhor.

— De acordo. Mas nós podemos determinar o local

com precisão... o local aproximado das desapareições... num raio de menos de trinta quilômetros.

Mallory deu as costas ao mapa e disse com vagar: — Houve muito trabalho para nós desta vez. O reide de hoje de manhã sobre Navarone. A espera pelo Wellington que nos trouxe aqui. Todas as preparações, eu suponho que o senhor falou a respeito da partida hoje à noite... Sem mencionar...

— Estamos trabalhando nisto há dois meses. Vocês três deveriam ter vindo para cá já há vários dias. Mas, ah! — bem, vocês sabem...

— Nós sabemos — a ameaça da retirada da medalha não comoveu Miller. — Outra coisa, senhor. Por que nós? Somos sabotadores, especialistas em explosivos, tropas de combate... este é um serviço para agentes secretos de espionagem que falem sérvio-croata ou outra coisa qualquer.

— Permita que eu seja o juiz desta questão — Jensen brindou-os com outro de seus sorrisos de dentes de sabre. — Acima de tudo, vocês têm sorte.

— A sorte abandona os homens cansados — disse Andrea. — E nós estamos muito cansados.

— Cansados ou não, eu não posso encontrar em todo o sul da Europa outro grupo para ser comparado a vocês em experiência, habilidade e riqueza de recursos — Jensen sorriu de novo. — E sorte... Eu tenho de ser impiedoso. Não gosto, mas sou obrigado

a isto. Porém estou levando em conta a sua exaustão. Já preparei um grupo reserva para acompanhá-los.

Mallory olhou para os três jovens soldados parados perto da lareira e novamente para Jensen, que fez um aceno com a cabeça.

— Eles são jovens, estão descansados e loucos para lutar. Comandos da Marinha, as mais treinadas tropas de combate que temos hoje em dia. Uma perícia extraordinária para inúmeras situações, eu garanto. Veja Reynolds, por exemplo — Jensen fez sinal para um sargento muito alto, moreno, de vinte e muitos anos, com um rosto aquilino queimado de sol. — Ele faz qualquer coisa desde uma demolição submarina até pilotar um avião. Será ele que estará pilotando o avião de vocês hoje à noite. E, como vocês vêem, ele pode ser muito útil para carregar qualquer caixa pesada que houver.

Mallory disse com suavidade: — Eu sempre achei que Andrea fosse um excelente carregador, senhor.

Jensen virou-se para Reynolds — Eles têm dúvidas. Mostre que você pode ser de alguma utilidade.

Reynolds hesitou, curvou-se e apanhou no chão uma barra pesada de metal que servia para atizar o fogo da lareira e começou a dobrá-la com as mãos. Obviamente, não era uma barra muito fácil de ser dobrada. Seu rosto ficou vermelho, as veias e os tendões do pescoço e dos braços tremeram com o

esforço, mas lenta e inexoravelmente a barra tomou a forma de um *U*. Sorrindo como se pedisse desculpas, Reynolds entregou a barra a Andrea. Este pegou-a com uma certa relutância. Encurvou os ombros, seus nós dos dedos ficaram brancos, mas a barra guardou sua forma de *U*. Andrea olhou para Reynolds com uma expressão pensativa e calmamente pôs o atizador no chão.

— Viu o que eu estava dizendo? — disse Jensen. — Cansado. Ou vejam o Sargento Groves. Veio a toda pressa de Londres, via Oriente Médio. Ex-navegador aéreo, com os últimos conhecimentos em sabotagem, explosivos e eletricidade. Especialista em armadilhas de minas, bombas-relógios e microfones escondidos, um verdadeiro detector de minas humano. E o Sargento Saunders — radioperador aéreo destacado.

Miller disse morosamente para Mallory: — Você é um velho leão desdentado e está no fim da picada...

— Não diga asneiras, Cabo! — a voz de Jensen foi incisiva. — Seis é um número ideal. Vocês serão dublados em cada seção e estes homens são *bons*. São valiosos. Se houver alguma ressalva por parte de seu orgulho, eu posso garantir que eles não foram escolhidos para irem com vocês: eles foram escolhidos para servirem como reservas em caso de um de vocês — hum — bem...

— Eu entendo — a falta de convicção na voz de

Miller era total.

— Tudo esclarecido, então?

— Ainda falta um ponto — disse Mallory. — Quem é o encarregado?

A surpresa de Jensen foi genuína: — Você, é lógico.

— Então é assim... — Mallory falou calmo e amável.

— Eu já ouvi dizer que o treinamento moderno de hoje é feito para acentuar — especialmente nos Comandos da Marinha — a iniciativa, a confiança em si próprio, a independência em ação e pensamentos. Ótimo!... É muito bom se eles estiverem sozinhos — sorriu como quem pede desculpas. — Comigo, eu espero o cumprimento imediato e absolutamente inquestionável de todas as ordens. Minhas ordens. Imediatas e totais!

— E se não for assim? — perguntou Reynolds.

— Pergunta supérflua, Sargento. Você conhece a pena em tempos de guerra para quem desobedece um oficial no campo de batalha.

— Isto se aplica também a seus amigos?

— Não.

Reynolds voltou-se para Jensen — Eu não creio que vá gostar disto, senhor.

Mallory deixou-se cair pesadamente numa poltrona, acendeu um cigarro, abanou a cabeça na direção de Reynolds e disse: — Substitua-o.

— O quê? — fez Jensen incrédulo.

— Substitua-o, eu disse. Ainda nem partimos e ele já está pondo em dúvida o meu julgamento. Como não será durante a ação? Ele é perigoso. Eu prefiro levar uma bomba-relógio comigo.

— Olhe aqui, Mallory...

— Substitua-o ou substitua a mim...

— E a mim — disse Andrea calmamente.

— E a mim — acrescentou Miller.

Houve um breve silêncio, longe de ser amistoso na sala, até que Reynolds se acercou da poltrona em que Mallory estava.

— Senhor?

Mallory olhou para ele sem encorajá-lo.

— Eu sinto muito — começou Reynolds. — Eu fui além do que devia. Nunca cometerei o mesmo erro duas vezes. Eu *quero* participar desta expedição, senhor.

Mallory olhou de relance para Andrea e Miller. O rosto de Miller só mostrava o choque de ver o incrível e temerário entusiasmo de entrar em ação. Andrea, impassível como sempre, abaixou a cabeça quase que imperceptivelmente. Mallory sorriu e disse: — Como o Capitão Jensen falou, eu estou certo de que você tem muitos predcados.

— Bem, agora está tudo certo — Jensen fingiu não notar o alívio quase palpável da tensão da sala. — Agora o problema é dormir. Porém eu gostaria antes

que me dessem alguns minutos... o relatório sobre Navarone — olhou na direção dos três sargentos. — Sinto muito, mas é confidencial.

— Sim, senhor — disse Reynolds. — Devemos seguir para a base e verificar os planes de vôo, a meteorologia, pára-quedas, suprimentos?

Jensen fez que sim com a cabeça. Depois que os três fecharam as portas duplas da sala após a saída, Jensen dirigiu-se à outra porta, abriu-a e disse: — Pode entrar, General.

O homem que entrou era alto, muito alto e muito magro. Tinha provavelmente uns trinta e cinco anos, mas parecia bem mais velho. Os cuidados, a exaustão, as privações sem fim que seguiam paralelas a esta luta já de tantos anos pela própria sobrevivência tinham marcado de prata os cabelos outrora negros, e profundamente desenhado naquele rosto trigueiro e queimado de sol as linhas de um sofrimento físico e moral. Os olhos eram escuros, brilhantes de intensidade, os olhos hipnóticos de um homem inspirado por uma dedicação fanática e um ideal irrealizado. Ele estava vestido com uma farda de oficial do Exército britânico, despojado de insígnias e emblemas.

Jensen disse: — Senhores, o General Vukalovic. O General é segundo-comandante das forças partisanas na Bósnia-Herzegovina. A RAF trouxe-o ontem para

cá. Ele está aqui como um médico partisanso à procura de suprimentos de remédios. Somente nós conhecemos a sua verdadeira identidade. General, estes são os seus homens.

Vukalovic examinou-os com atenção severa e firme, o rosto inexpressivo. Disse: — Estes são homens que estão cansados, Capitão Jensen. Tanta coisa depende deles... estão cansados demais para fazer o que tem de ser feito.

— Ele tem razão, sabem? — disse Miller ansioso.

— Talvez eles ainda possam rodar alguns quilômetros... — Jensen disse calmamente. — É um bom pulo de Navarone até aqui. Agora então...

— Navarone? — interrompeu Vukalovic. — São estes... são estes os homens...

— Ninguém diria que são eles — eu concordo.

— Talvez eu estivesse enganado.

— Não, o senhor não está, General — disse Miller.

— Nós estamos exaustos. Estamos completamente...

— Importa-se? — interpôs-se Jensen meio azedo. — Capitão Mallory. Além de duas exceções o General é a única pessoa na Bósnia que sabe quem são vocês e o que estão fazendo. Depende exclusivamente dele revelar os nomes dos outros dois. O General Vukalovic os acompanhará até a Iugoslávia, mas não no mesmo avião.

— Por que não? — perguntou Mallory.

— Porque o avião dele voltará. O de vocês não.

— Ah! — fez Mallory. Houve uma ligeira pausa enquanto ele, Andrea e Miller percebiam o significado das palavras de Jensen. Distraidamente, Andrea jogou mais um pouco de lenha na lareira que se apagava e procurou em torno um atizador, mas o único que existia fora dobrado por Reynolds em forma de U. Andrea apanhou-o. Alheio aos outros, sem esforço, Andrea endireitou-o, remexeu o fogo até formar um braseiro e deixou a barra num canto, fato observado por Vukalovic com uma expressão muito atenta.

Jensen continuou: — O seu avião, Capitão Mallory, não voltará porque será sacrificado em benefício da autenticidade.

— Nós também? — perguntou Miller.

— Não terá tempo de fazer muita coisa, Cabo Miller, antes de por os pés em terra. Para onde vão, nenhum avião poderia pensar em aterrar: assim você pula... e o avião cai.

— Parece muito autêntico — resmungou Miller.

Jensen ignorou-o — As realidades de uma guerra total são de uma rudeza incrível. Foi por isto que eu mandei sair os três rapazes... não quero amortecer o seu entusiasmo.

— O meu já morreu há muito tempo — disse Miller desconsolado.

— Ora, cale a boca! Agora, seria ótimo se como

bonificação vocês pudessem descobrir por que oitenta por cento de nossos suprimentos atirados de pára-quedas caem nas mãos dos alemães; seria ótimo se pudessem localizar e resgatar os líderes capturados de nossas missões anteriores. Mas, não seria o essencial. Estes suprimentos, estes agentes, podem ser militarmente sacrificados. O que não pode ser sacrificado são os sete mil homens sob o comando do General Vukalovic, sete mil homens encurralados numa espécie de armadilha chamada a "jaula de Zenica", sete mil homens morrendo de fome e quase sem munições, sete mil homens sem futuro.

— Nós podemos ajudá-los? — perguntou Andrea com seriedade. — Seis homens?

Jensen disse inocentemente: — Eu não sei.

— Mas o senhor tem um plano?

— Ainda não. Não é bem um plano. A vaga noção de uma idéia. Nada mais — Jensen passou a mão pela testa com ar fatigado. — Eu próprio cheguei de Alexandria há apenas seis horas — hesitou e fez um muxoxo. — Logo mais à noite, quem sabe? Algumas horas de sono agora à tarde talvez nos transformem a todos. Mas, antes o relatório de Navarone. Será inútil que os senhores três esperem — as acomodações para dormir são no fim do vestibulo. Eu creio que o Capitão Mallory poderá me dizer tudo o que eu quero saber.

Mallory esperou até a porta se fechar após a saída

de Andrea, Miller e Vukalovic e disse: — Por onde devo começar o relatório, senhor.

— Que relatório?

— Navarone, é claro.

— Navarone que vá para o inferno. Já está acabado para sempre — pegou a bengala, atravessou a sala e puxou mais dois mapas na parede. — Agora, vejamos...

— O senhor... o senhor *tem* um plano — disse Mallory com cautela.

— É claro que eu tenho um plano — falou Jensen com frieza. Deu uma batida seca no mapa que estava à sua frente. — Dezesseis quilômetros ao norte daqui. A Linha Gustav. Do lado oposto da Itália, seguindo a linha dos Rios Sangro e Liri. Aqui, os alemães têm as mais inexpugnáveis posições de defesa na história das modernas operações militares. Monte Cassino, aqui — as nossas melhores divisões aliadas arrebentaram-se neste ponto, algumas para sempre. E aqui... a cabeça de ponte de Anzio. Cinquenta mil americanos lutando pela vida. Por cinco longos meses nós temos martelado a cabeça contra a Linha Gustav e o perímetro de Anzio. As perdas de homens e máquinas... incalculáveis. Nossos ganhos... nem um único centímetro.

Mallory disse acanhado: — O senhor mencionou algo sobre a Iugoslávia, senhor.

— Já estou chegando lá — disse Jensen com reserva.

— Agora, a nossa única esperança de abrir uma brecha na Linha Gustav é pelo enfraquecimento das forças defensivas alemãs e a única forma de obter *isto* é persuadi-los a retirar algumas de suas divisões da linha de frente. Vamos por em prática a técnica de Allenby.

— Eu compreendo.

— Não compreende nada. General Allenby, Palestina, 1918. Ele tinha uma linha leste-oeste do Jordão ao Mediterrâneo. Planejou um ataque pelo oeste... então convenceu os turcos de que o ataque viria de leste. Conseguiu isso construindo uma enorme cidade de tendas de campanha ocupada apenas por uns poucos homens que se punham à mostra e que corriam como castores cada vez que um avião inimigo fazia um reconhecimento. Conseguiu isso deixando os aviões avistarem enormes comboios de caminhões de exército vindo do leste todos os dias — o que os turcos não sabiam era que os caminhões desses comboios voltavam para oeste todas as noites. Chegou a ter quinze mil bonecos de lona em forma de cavalos. Bem, nós estamos fazendo a mesma coisa...

— Quinze mil cavalos de lona?

— Muito, muito engraçado — Jensen deu outra pancadinha no mapa. — Cada aeroporto entre Termoli e Bari está cheio de simulacros de bombardeiros e de

planadores. Nos arredores de Foggia está o nosso maior acampamento na Itália, ocupado por duzentos homens. As enseadas de Bari e Taranto estão cheias de lanchas de assalto — todas feitas de compensado. Todos os dias, colunas de caminhões e de tanques convergem para a costa do Adriático. Se você Mallory, estivesse no Alto Comando Alemão, o que pensaria disto?

— Eu suspeitaria de uma invasão aérea e marítima da Iugoslávia. Porém não teria certeza.

— Exatamente a reação dos alemães — disse Jensen com uma certa satisfação. — Eles estão muito preocupados, preocupados ao ponto de já terem transferido duas divisões da Itália para a Iugoslávia para fazer frente à ameaça.

— Mas não estão certos?

— Ainda não. Mas quase — Jensen pigarreou. — Como vê, os nossos quatro chefes de missão capturados levavam inequívocas evidências que apontavam uma invasão da Iugoslávia Central no início de maio.

— Eles levavam evidências... — Mallory interrompeu-se, olhou para Jensen durante um minuto longo e especulativo e continuou calmamente: — E como *foi* que os alemães conseguiram capturá-los a todos?

— Nós os avisamos de que eles iriam.

— Vocês queriam!

— Voluntários, todos voluntários! — disse Jensen rapidamente. Essas eram aparentemente algumas das rudezas da guerra total das quais nem ele gostava, nem queria se estender no assunto. — E será o seu trabalho, meu rapaz, tornar esta quase convicção em certeza absoluta — aparentando indiferença ao fato de Mallory estar observando-o com uma completa falta de entusiasmo, fez um círculo dramático e enfiou a bengala num mapa de escala grande da Iugoslávia Central.

— O vale de Neretva — disse. — O setor vital da principal estrada norte-sul através da Iugoslávia. Quem conseguir controlar o vale controlará a Iugoslávia — e ninguém sabe disto melhor do que os alemães. Se a bomba estourar, eles sabem que ela deve estourar ali. Eles estão cientes de que existe uma invasão à Iugoslávia em nossos planos, estão aterrorizados pela união entre os aliados e os russos avançando a leste e eles *sabem* que esta união será feita ao longo deste vale. Já estão com duas divisões blindadas em Neretva, duas divisões que em caso de invasão seriam dizimadas em uma noite. Do norte... aqui... estão tentando forçar o caminho para o sul até Neretva com todo um exército — mas a única passagem é através da "jaula de Zenica", aqui. E Vukalovic e seus sete mil homens estão bloqueando o

caminho.

— Vukalovic sabe disto tudo? — perguntou Mallory. — Sobre o que o senhor está pensando na realidade, eu quero dizer?

— Sabe. E o comando dos partisanos. Eles conhecem os riscos, as desigualdades contra eles. Mas os aceitam.

— Fotografias? — perguntou Mallory.

— Aqui — Jensen tirou algumas fotografias de uma gaveta, escolheu uma e alisou-a sobre a mesa. — Esta é a "jaula de Zenica". Bem posto o nome: uma jaula perfeita, uma armadilha perfeita. Ao norte e a oeste, montanhas intransponíveis. A leste, a Represa de Neretva e a garganta de Neretva. Ao sul, o Rio Neretva. Ao norte da "jaula", no Desfiladeiro de Zenica, o 11? Exército alemão tentando ultrapassá-lo. A oeste... aqui... eles o chamam de Desfiladeiro de Oeste... mais algumas unidades do 11? tentando fazer o mesmo. E ao sul... aqui... do outro lado do rio e escondidas entre as árvores, duas divisões blindadas sob o comando do General Zimmermann.

— E isto aqui? — Mallory apontou para uma fina linha negra atravessando o rio ao norte das duas divisões blindadas.

— Isto — disse Jensen preocupado — é a ponte de Neretva.

De perto, a ponte de Neretva parecia muito mais impressionante do que na fotografia de escala grande: era uma estrutura maciça de aço sólido, com vão livre e uma larga rodovia asfaltada por cima. Por baixo da ponte corriam os rápidos do Rio Neretva, de cor branco-esverdeada e avolumado pelo início do degelo. Ao sul, havia uma estreita faixa de campinas verdes orlando o rio e, ainda ao sul de tudo isso, uma escura e frondosa floresta de pinheiros. No esconderijo seguro das profundezas sombrias da floresta, as duas divisões blindadas do General Zimmermann estavam de tocaia, à espera.

Estacionado à borda da floresta, o caminhão de rádio do posto de comando da divisão, um veículo volumoso e comprido, tão lindamente camuflado que era invisível a mais de vinte passos.

O General Zimmermann e seu ajudante-de-campo, Capitão Warburg, estavam neste momento dentro do caminhão. Seu humor parecia combinar com o crepúsculo permanente da floresta. Zimmermann era um destes tipos de testa alta, esguio, aquilino e inteligente de rosto, que raramente se deixa trair por uma emoção, apesar de neste instante não haver falta de emoção, falta de ansiedade ou de impaciência no seu gesto de tirar o capacete e passar a mão pelos cabelos grisalhos que começavam a rarear. Disse para

o operador de rádio que estava sentado atrás do enorme transmissor:

— Nenhuma palavra ainda? Nada?

— Nada não, senhor.

— Você está constantemente em contato com o acampamento do Capitão Neufeld?

— Todos os minutos, senhor.

— E o operador dele está mantendo uma escuta contínua pelo rádio?

— O tempo todo, senhor. Nada. Absolutamente nada. Zimmermann virou-se e desceu os degraus, seguido de

Warburg. Andou, cabisbaixo, até ficarem fora do alcance do caminhão — Diabos! Diabos! Ao diabo todos eles!

— O senhor tem razão — Warburg era alto, bonitão, louro, com uns trinta anos e seu rosto mostrava um misto de apreensão e tristeza. — Acha que eles se estão aproximando?

— Sinto em meus próprios ossos. De qualquer maneira está-se aproximando... se aproximando para todos nós...

— O senhor não pode ter *certeza!* — protestou Warburg.

— Tem razão — suspirou Zimmermann. — Eu posso não estar certo. Mas eu estou... Se eles chegarem, se o 119 Exército não conseguir forçar

caminho pelo norte, se nós não pudermos desbaratar esses partisanos desgraçados da "jaula de Zenica"...

Warburg esperou que ele continuasse, mas Zimmermann parecia completamente perdido em seus sonhos. Aparentemente pensando noutra coisa, Warburg disse: — Eu gostaria de tornar a ver a Alemanha, senhor. Apenas uma vez mais.

— E nós todos, meu rapaz, nós todos gostaríamos, não? — Zimmermann caminhou lentamente até a orla da floresta e parou. Por um longo tempo ele olhou para a ponte de Neretva. Então, balançou a cabeça, voltou-se e quase por encanto desapareceu nas profundezas escuras da floresta.

Como Mallory dissera, as reações de Miller foram bem interessantes, para não dizer totalmente prognosticadas. Cerca de seis horas depois, usando agora, como Mallory e Andrea, farda do Exército britânico, Miller escutava com visível e crescente horror enquanto Jensen delineava o que considerava sua proposta linha de ação nas próximas vinte e quatro horas. Quando terminou, virou-se diretamente para Miller e perguntou: — Então? Praticável?

— Praticável? — Miller estava horrorizado. — É suicídio!

— Andrea?

Andrea fez um muxoxo, levantou as palmas das mãos para cima e não disse nada.

Jensen balançou a cabeça e disse: — Eu sinto muito, mas não há outras soluções. É melhor partirmos. Os outros já estão no aeroporto esperando. ;

Andrea e Miller deixaram a sala, caminhando pelo longo corredor. Mallory hesitou à porta, bloqueando-a por um instante, voltou-se para encarar Jensen que o observava com um leve ar de surpresa nas sobrancelhas levantadas.

Mallory disse em voz baixa: — Deixe-me ao menos contar a Andrea...

Jensen olhou para ele por um ou dois minutos, balançou a cabeça negativamente e passou para o corredor.

Vinte minutos depois, sem que nenhuma outra palavra fosse trocada, os quatro homens chegaram ao aeroporto de Termoli, onde encontraram Vukalovic e os dois sargentos que os esperavam: o terceiro, Reynolds, já estava nos controles de um Wellington, um dos dois colocados no fim da pista, já com as hélices virando. Dez minutos depois os dois aviões tinham decolado, Vukalovic em um e Mallory, Miller, Andrea e os três sargentos no outro, cada avião seguindo o seu destino separado.

Jensen, agora sozinho sobre a pista asfaltada do aeroporto, observou os dois aviões que subiam, seus olhos treinados os acompanharam até desaparecerem na sombria escuridão de um céu sem lua. Então,

exatamente como o General Zimmermann fizera esta tarde, ele balançou a cabeça numa lenta determinação, virou-se e foi-se embora caminhando pesadamente.

3 - Sexta-feira - Meia-noite e meia às duas horas da manhã

O SARGENTO REYNOLDS SABIA certamente manejar um avião, refletiu Mallory, especialmente este aqui. Embora seus olhos mostrassem que ele estava inquieto e atento, era competente, preciso, calmo e descontraído em tudo que fazia. Igualmente competente era Groves: a luz fraca e o exíguo local de sua mesa de navegação absolutamente não o preocupavam e como navegador aéreo ele era certamente experiente e hábil. Mallory espiou pela janela e viu as águas encarneiradas do Adriático movimentando-se a menos de trinta metros da fuselagem e perguntou a Groves:

— O plano de vôo nos obriga a voar assim tão baixo?

— Sim. Os alemães têm instalações de radar em algumas das ilhas ao largo da costa da Iugoslávia. Começaremos a subir quando alcançarmos a Dalmácia.

Mallory agradeceu com um aceno e virou-se para observar Reynolds outra vez. Disse, curioso: — O Capitão Jensen estava certo a seu respeito. Como piloto. De que jeito um Comando da Marinha aprende a dirigir um desses bichos?

— Eu tive muita prática — disse Reynolds. — Três anos na RAF como sargento-aviador numa esquadrilha de bombardeio de Wellingtons. Uma vez, no Egito, eu decolei num Lysander sem permissão. A gente fazia isto sempre — mas o calhambeque que eu escolhi estava com o marcador de gasolina defeituoso.

— Você foi proibido de voar.

— A toda velocidade... — fez uma careta. — Quase não houve objeções quando eu pedi para ser transferido de serviço. Eu acho que eles pensavam que eu não era sério o bastante para a RAF.

Mallory olhou para Groves. — E você?

Groves deu um sorriso largo. — Eu era o navegador dele naquele calhambeque velho. Fomos despedidos no mesmo dia.

Mallory disse circunspecto: — Bem, eu creio que isto vai ser útil.

— O que é que vai ser útil? — perguntou Reynolds.

— O fato de vocês estarem habituados a este sentimento de desgraça. Facilitará o desempenho de seu papel quando o momento chegar. Se o momento chegar...

Reynolds disse com cautela: — Eu não estou assim tão seguro...

— Antes de saltarmos, eu quero que vocês... todos vocês... removam todos os distintivos, emblemas ou qualquer divisa de suas roupas — fez um gesto para

Andrea e Miller, na parte traseira da cabina, para indicar que eles também estavam incluídos e olhou outra vez para Reynolds: — As divisas de sargento, insígnias do regimento, as fitas das medalhas... tudo!

— Por que raios é necessário que eu os tire? — Mallory pensou que Reynolds era o sujeito de ponto de ebulição mais baixo que ele encontrara nos últimos tempos. — Eu *ganhei* estas divisas, estas fitas, esta insígnia. Não vejo por quê...

Mallory sorriu — Desobedecendo uma ordem em serviço?

— Não seja tão estupidamente melindroso — disse Reynolds.

— Não seja tão estupidamente melindroso, *senhor*.

— Não seja tão estupidamente melindroso, *senhor*

— Reynolds de repente riu mostrando os dentes. — Está bem, quem tem uma tesoura?

— Como vê — explicou Mallory — a derradeira coisa que nós esperamos é cair em mãos do inimigo.

— Amém! — entoou Miller.

— Mas para conseguirmos as informações desejadas teremos de operar muito perto e, por vezes, mesmo atrás de suas linhas. Podemos ser capturados. Assim teremos uma história para dar cobertura.

Groves disse calmamente: — É-nos permitido saber qual é esta história de cobertura, senhor?

— Lógico que é — disse Mallory irritado.

Continuou muito sério: — Vocês não compreendem que numa missão como esta a sobrevivência depende de uma só e única coisa — completa e mútua confiança? Assim que começarmos a guardar segredos um para o outro... estamos arruinados!

Na profunda escuridão da parte posterior da cabina, Andrea e Miller se entreolharam e trocaram um sorriso experiente e cínico.

Quando Mallory saiu da cabina para a fuselagem, sua mão direita tocou o ombro de Miller. Uns dois minutos depois, Miller bocejou, espreguiçou-se e também foi para lá. Mallory o esperava perto da cauda do avião. Tinha nas mãos dois pedaços dobrados de papel, um dos quais abriu e mostrou a Miller, acendendo ao mesmo tempo uma pequena lanterna elétrica. Miller olhou-o por vários minutos e levantou uma sobrancelha, intrigado.

— O que vem a ser isto?

— É o mecanismo do gatilho de uma mina submersa de 350 quilos. Aprenda-o de cor.

Miller continuou a observá-lo sem mudar de expressão e deu uma olhada para o outro papel que Mallory segurava.

— E isso que você tem aí?

Mallory mostrou-lhe. Era um mapa de escala grande, no qual a figura central parecia ser um lago sinuoso com um braço comprido a leste, dobrado

brutalmente em ângulo reto, num outro braço muito curto ao sul, terminado também abruptamente no que parecia ser uma barragem de represa. Abaixo da represa corria um rio através de uma garganta cheia de meandros.

Mallory disse: — O que lhe lembra isto? Mostre ambos a Andrea e diga que os destrua depois.

Mallory abandonou Miller com seu dever-de-casa e foi outra vez para a cabina. Debruçou-se sobre a mesa de Groves.

— Sempre no mesmo rumo?

— Sim, senhor. Estamos passando neste momento sobre a ponta sul da Ilha de Hvar. Pode ver algumas luzes na terra firme à frente — Mallory acompanhou a mão que apontava, localizou alguns pequenos grupos de luzes e estendeu uma mão para se firmar quando o Wellington começou a subir rapidamente. Ele olhou para Reynolds.

— Estamos subindo agora, senhor. Há umas montanhas muito altas à frente. Devemos alcançar as luzes de aterragem dos partisanos dentro de meia hora.

— Trinta e três minutos — disse Groves. — À uma e vinte, mais ou menos.

Por quase meia hora Mallory permaneceu na cadeira dobrável da cabina, apenas olhando para a frente. Alguns minutos depois, Andrea desapareceu e

não voltou mais. Miller também não voltou. Groves fazia a navegação, Reynolds dirigia o avião, Saunders escutava em seu receptor portátil e ninguém dizia uma palavra. À uma e quinze Mallory pôs-se de pé, tocou o ombro de Saunders, avisou-o para empacotar as suas coisas e foi para a retaguarda do avião. Achou Andrea, e um Miller completamente contrariado, já com os pára-quedas presos no cabo, prontos para saltar. Andrea empurrara a porta e jogava fora pedacinhos de papel que revolteavam na corrente de ar provocada pelas hélices. Mallory estremeceu sob o frio intenso e repentino. Andrea arreganhou os dentes, chamou-o até perto da porta aberta e apontou para baixo; gritou nos ouvidos de Mallory: — Há muita neve lá embaixo!

Havia na verdade muita neve lá embaixo. Mallory compreendia agora a insistência de Jensen em não tentarem aterrar o avião nesta região. O terreno era áspero demais, consistindo quase que só de vales profundos e tortuosos e montanhas de encostas abruptas. Talvez metade da paisagem estivesse coberta de densas florestas de pinheiros: todas elas recobertas do que parecia ser uma pesada camada de neve. Mallory voltou para o abrigo relativo da fuselagem e espiou de relance para o relógio.

— Uma hora e dezesseis minutos — como Andrea, ele foi obrigado a gritar.

— Seu relógio não está um pouco adiantado? —

gemeu Miller com tristeza. Mallory balançou a cabeça, Miller também. Uma campanha soou e Mallory foi até a cabina, cruzando com Saunders que vinha da direção oposta. Quando Mallory entrou, Reynolds mirou-o rapidamente por cima do ombro e apontou para a frente. Mallory debruçou-se sobre o seu ombro e olhou com atenção para adiante e para baixo. Acenou que sim com a cabeça.

As três luzes, na forma de um V alongado, estavam ainda alguns quilômetros adiante, mas eram inconfundíveis. Mallory voltou-se, tocou o ombro de Groves e apontou para a retaguarda da fuselagem. Groves levantou-se e saiu. Mallory disse para Reynolds: — Onde ficam as luzes verde e vermelha para o salto?

Reynolds indicou-lhe.

— Aperte a luz vermelha. Quanto tempo?

— Cerca de trinta segundos.

Mallory olhou novamente para a frente. As luzes já estavam a menos da metade da distância da primeira vez que ele olhara. Disse para Reynolds: — Piloto automático. Feche os circuitos de combustível.

— Fechar os... com o pouco combustível que sobrou...

— Feche esses raios desses tanques! E vá para trás. Cinco segundos.

Reynolds executou as ordens. Mallory esperou, fez

uma breve e última verificação das luzes de aterragem adiante, levantou-se e encaminhou-se rapidamente para a traseira do avião. Quando chegou até o alçapão de saltos, mesmo Reynolds, o último dos cinco, já desaparecera. Ele prendeu sua argola no cabo, firmou-se com as duas mãos na beirada da porta e atirou-se dentro da amarga noite da Bósnia.

O súbito impacto chocante do arnês do pára-quedas fez com que ele olhasse vivamente para cima: o círculo côncavo de um pára-quedas completamente aberto era um espetáculo tranqüilizador. Relanceou os olhos para baixo e viu outro espetáculo igualmente animador: os outros cinco pára-quedas abertos, dois dos quais oscilavam desordenadamente pelos céus — assim como o seu próprio. Havia tanta coisa, refletiu ele, sobre as quais Andrea, Miller e ele próprio precisavam tanto aprender. Controlar a descida de um pára-quedas era uma delas.

Olhou para cima na direção do leste para ver se localizava o Wellington, mas este já não era mais visível. De repente, enquanto ele procurava ver e ouvir, ambos os motores, em um uníssono perfeito, pararam. Durante longos segundos o único som audível era o assobio do vento em seus ouvidos; então, houve um ruído metálico de explosão quando o bombardeio espatifou-se no chão ou sobre alguma montanha escondida adiante. Não houve fogo ou nada

que pudesse ser visto: somente a queda, e depois o silêncio. Pela primeira vez, naquela noite, a lua apareceu.

Andrea aterrou pesadamente sobre um espaço de chão irregular, rolou sobre si mesmo duas vezes, levantou-se como se já tivesse bastante experiência, descobriu que ainda estava inteiro, apertou o botão para se desembaraçar do pára-quedas e, automaticamente, instintivamente — Andrea tinha um computador para sobrevivência embutido — virou-se num círculo de 360°. Mas nenhum perigo imediato o ameaçava, ou pelo menos nenhum que estivesse à vista. Andrea fez então um exame mais minucioso do seu local de descida.

Eles tinham tido, pensou ele com um sorriso largo, uma sorte danada! Mais uns cem metros ao sul e teriam passado o resto da noite, e pelo que ele imaginava, o resto da guerra pendurados na copa dos mais altos pinheiros que ele jamais vira. Da maneira que fora, a sorte ficara de seu lado e haviam aterrado numa estreita clareira que era limitada de perto pela rochosa escarpa de uma montanha.

Ou melhor, apenas um não tivera esta sorte. Talvez a uns cinquenta metros de onde Andrea descera, uma ponta da floresta fazia um cotovelo dentro da clareira. A árvore que ficava no extremo desta ponta ficara exatamente entre um dos pára-quedistas e a terra

firme! As sobrelanceiras de Andrea levantaram-se num espanto zombeteiro e ele disparou num galope.

O pára-quedista infeliz estava pendurado nos ramos mais baixos do pinheiro. Tinha as mãos enroladas nos cabos, as pernas flexionadas, joelhos e tornozelos encolhidos na clássica posição de aterragem, com os pés talvez a menos de oitenta centímetros do solo. Seus olhos estavam fechados com toda a força. O Cabo Miller parecia tremendamente desditoso.

Andrea aproximou-se e tocou-lhe gentilmente o ombro. Miller abriu os olhos e deu uma espiada em Andrea, que apontou para o chão. Miller seguiu-lhe o movimento da mão e abaixou as pernas encolhidas, que ficaram agora a uns dez centímetros do chão. Andrea pegou uma faca, cortou os cabos e Miller completou o que restava de seu salto. Endireitou o casaco, o rosto gloriosamente impassível, ergueu um cotovelo inquisitivo. Andrea, com o rosto igualmente impassível, apontou para a clareira. Três dos quatro outros pára-quedistas já haviam descido em segurança: o quarto, Mallory, estava aterrando neste instante.

Dois minutos depois, enquanto os seis caminhavam juntos, já a pouca distância do sinal luminoso mais a leste, um grito anunciou a aparição de um jovem soldado que corria para eles vindo da orla da floresta.

Os pára-quedistas puseram as armas à mostra, mas quase ao mesmo tempo elas se abaixaram. O soldado empunhava a sua pelo cano, abanando excitado a outra mão numa saudação. Vestia uma espécie de uniforme desbotado e em farrapos, que parecia ser feito de retalhos de toda uma variedade de exércitos, tinha cabelos longos e escorridos, era ligeiramente estrábico do olho direito e sua barba desgrenhada era amarelo-avermelhada. Que ele estava lhes dando as boas-vindas era fora de dúvida. Repetindo um incompreensível voto de boas-vindas, por diversas vezes, ele apertou as mãos de todos eles. Depois, cumprimentou novamente a todos pela segunda vez, com uma careta alegre no rosto que refletia a sua satisfação.

Trinta segundos depois se haviam juntado a eles pelo menos uma dúzia de outros, todos barbados, vestidos com o mesmo uniforme indescritível, dos quais não havia dois iguais, todos com o mesmo ar festivo. De repente, como se houvessem feito um sinal, ficaram todos silenciosos e se afastaram para um lado, quando um homem que era evidentemente o seu chefe apareceu à beira da floresta. Ele não se parecia em nada com seus homens. Estava bem barbeado e usava uma farda inglesa de combate que estava inteira. Era diferente deles também por não estar sorrindo: tinha o ar de quem não sorria com facilidade. Era ainda

diferente de seus homens pelo tipo agigantado, com um nariz de gavião, pelo menos com um metro e 90 centímetros de altura, carregando nada menos de quatro ameaçadores facões de mato em seu cinturão — um tal excesso de armamento em outro homem qualquer pareceria absurdo ou mesmo cômico, mas nele não provocava nenhuma hilaridade. Seu rosto era moreno e sombrio e quando ele falou, foi num inglês lento e empolado, porém correto.

— Boa noite — olhou em torno interrogativo. — Eu sou o Capitão Droshny.

Mallory deu um passo à frente: — Capitão Mallory.

— Bem-vindo à Iugoslávia, Capitão Mallory... à Iugoslávia dos partisanos — Droshny acenou com a cabeça em direção ao fogo sinaleiro que se extinguia, seu rosto contraiu-se no que bem podia ser uma tentativa de sorriso, mas ele não fez nenhum movimento para apertar a mão de Mallory. — Como vê, nós estávamos à sua espera.

— Suas luzes nos ajudaram muito — adiantou Mallory.

— Obrigado — Droshny olhou em direção ao leste, novamente para Mallory e balançou a cabeça. — Uma pena o que aconteceu com o avião.

— Toda a guerra nos dá pena.

Droshny concordou com um aceno de cabeça — Venha. Nosso quartel-general é muito perto daqui.

Nada mais foi dito. Droshny, liderando-os, entrou em seguida no abrigo da floresta. Mallory, atrás dele, estava intrigado pelas pegadas deixadas por Droshny na neve muito funda, agora distintamente visíveis no luar muito claro. Elas eram, pensou Mallory, muito estranhas. Cada sola deixava três marcas em V, o salto uma só: o lado direito do primeiro V da sola direita tinha um entalhe bem definido. Inconscientemente Mallory gravou esta pequena singularidade em sua mente. Não havia razão para fazer isso, a não ser o fato de ele ter o hábito de sempre observar e gravar tudo o que lhe parecesse insólito. Sempre os ajudara a se manterem com vida...

A encosta tornou-se mais íngreme, a neve mais espessa e o pálido luar filtrava fracamente a sua luz através dos galhos esgarçados e cobertos de neve dos pinheiros. Soprava um leve vento de leste: o frio era intenso. Por uns dez minutos não se escutou nenhuma voz; então, a de Droshny, calma e imperativa, se fez ouvir com acentuada urgência:

— Fiquem quietos! — apontou dramaticamente para o alto. — Fiquem quietos! Ouçam!

Eles pararam, olharam para cima e escutaram muito atentos. Pelo menos Mallory e seus homens olharam para o alto e escutaram com atenção, pois os iugoslavos tinham outras coisas em mente: rápida, eficiente e simultaneamente, sem que nenhuma ordem

de comando fosse acenada ou dita, eles calcaram os canos de suas metralhadoras e rifles nas costelas e nas costas dos seis pára-quedistas — com tal violência e determinada autoridade que tornava inútil e supérflua qualquer ordem que acompanhasse.

Os seis homens reagiram exatamente como era esperado. Reynolds, Groves e Saunders, menos acostumados às vicissitudes do destino que os seus três companheiros mais velhos, registraram uma combinação misturada de raiva assustada e de espanto boquiaberto. Mallory fitou-os com atenção. Miller levantou as sobrancelhas com ar irônico. Andrea, profético, não manifestou nada: estava ocupado demais exibindo sua reação normal à violência física.

Sua mão direita, que ele havia imediatamente levantado à meia altura dos ombros num aparente sinal de rendição, segurou o cano do rifle do soldado à sua esquerda, puxou-o para perto, enquanto seu cotovelo esquerdo batia com toda força no plexo solar do soldado, que deu um suspiro convulso com a dor e cambaleou para trás uns dois ou três passos. Andrea, agora com as duas mãos no rifle do outro guarda, deu-lhe um repelão para arrancá-lo, levantou-o muito alto e o fez descer num mesmo movimento contínuo. O guarda desabou como se uma ponte tivesse caído por cima dele. O esbaforido guarda da esquerda, ainda encurvado e berrando em agonia, tentava apontar seu

fuzil quando a coronha do de Andrea atingiu-o no rosto: ele teve um rápido espasmo de tosse e caiu sem sentidos no chão da floresta.

Só após estes três segundos de ação, os iugoslavos se libertaram da momentânea incredulidade em que haviam caído. Meia dúzia de soldados arremessou-se contra Andrea, derrubando-o ao solo. Na luta furiosa que se seguiu, Andrea agiu de seu bem disposto modo habitual, mas quando um dos iugoslavos começou a bater com o cano da pistola em sua cabeça, ele optou pela discrição e deixou-se cair imóvel. Com duas armas encostadas nas costas e quatro pares de mãos em cada braço, Andrea foi posto de pé: dois de seus captores já pareciam em muito mau estado.

Droshny, os olhos frios e amargurados, veio até Andrea, desembainhou um de seus facões e encostou a ponta na garganta de Andrea, com força suficiente para fazê-lo furar a pele e deixar o sangue gotejar sobre a lâmina que reluzia. Por um momento pareceu que Droshny iria enfiar a faca até o cabo, mas seus olhos se desviaram para um lado e ele olhou para o chão, onde os dois homens estavam amontoados sobre a neve. Fez um gesto com a cabeça para o soldado que estava mais próximo.

— Como estão eles?

Um jovem iugoslavo ajoelhou-se, examinou primeiro o homem atingido pelo cano do rifle, tocou-

lhe levemente a cabeça, examinou o segundo homem e levantou-se. Na luz filtrada do luar, seu rosto estava estranhamente pálido.

— Josef está morto. Eu creio que tem o pescoço quebrado. E o irmão dele... está respirando ainda... mas parece que o queixo está... a voz arrastou-se incerta.

Droshny voltou-se outra vez para Andrea. Seus lábios se contraíram, ele sorriu da maneira que um lobo sorriria e apertou a faca com um pouco mais de força.

— Eu *devia* matá-lo agora. Eu o *matarei* mais tarde — embainhou sua faca, levantou os punhos cerrados em frente ao rosto de Andrea e gritou: — Eu mesmo! Com estas mãos!

— Com estas mãos — devagar, significativamente, Andrea examinou os quatro pares de mãos que lhe manietavam os braços, olhou insolente para Droshny e disse: — A sua coragem me apavora.

Houve um silêncio curto e inacreditável. Os três jovens sargentos olhavam para o quadro em frente refletindo em suas expressões vários graus de consternação e incredulidade. Mallory e Miller estavam impassíveis. Por uns dois minutos, Droshny pareceu não ter ouvido direito, então seu rosto contorceu-se num ódio selvagem e ele esbofeteou Andrea com as costas da mão. No mesmo instante, um

filete de sangue apareceu no canto direito da boca de Andrea, mas este permaneceu imóvel, o rosto desprovido de expressão.

Os olhos de Droshny se apertaram. Andrea sorriu outra vez, levemente. Droshny esbofeteou-o de novo, desta vez com as costas da outra mão. O efeito foi o mesmo, exceto que desta vez o sangue veio do canto esquerdo da boca. Andrea sorriu novamente, mas olhar em seus olhos era o mesmo que mirar um túmulo aberto. Droshny virou nos calcanhares e afastou-se, e vacilou ao se aproximar de Mallory.

— O senhor é o chefe destes homens, Capitão Mallory?

— Sou.

— O senhor é um chefe... muito *silencioso*, Capitão?

— Não há nada a dizer a um homem que vira suas armas contra seus amigos e aliados — Mallory olhou para ele com frieza. — Eu falarei a seu oficial-comandante, não a um louco.

O rosto de Droshny anuviou-se. Ele deu um passo à frente, o braço erguido para ferir. Com muita rapidez, mas tão calma e suavemente que o seu movimento pareceu sereno, completamente ignorando os dois canos de fuzil encostados em seus flancos, Mallory levantou a sua Luger e apontou-a para o rosto de Droshny. O estalido da trava de segurança da Luger soou como uma martelada no silêncio repentino e

sobrenatural que se criara.

O silêncio que se seguiu foi ainda mais intenso. Com exceção de um pequeno movimento, tão lento que foi quase imperceptível, todos, partisanos e pára-quedistas, tinham-se imobilizado num quadro que poderia fazer parte da frisa de algum templo jônico. Os três sargentos, como quase todos os partisanos, demonstravam espanto e ceticismo. Os dois homens que apontavam as armas para Mallory olharam para Droshny com olhos ansiosos. Droshny encarou Mallory como se este fosse um louco. Andrea não olhava para ninguém, enquanto Miller exibia aquele ar de desinteresse entediado que somente ele conseguia alcançar. Mas fora Miller que fizera aquele único movimento, movimento este que agora acabava de se completar com o seu polegar descansando sobre a trava de segurança da Schmeisser. Depois de um momento, ele tirou o dedo do gatilho; haveria uma ocasião para a Schmeisser, mas ainda não era aquela.

Droshny abaixou a mão num curioso gesto em câmara lenta e deu dois passos para trás. Seu rosto ainda estava sombrio de ódio, os olhos escuros cruéis e ímpios, mas ele já se controlara. Disse: — Não sabe que nós temos de tomar precauções? Até ficarmos satisfeitos com a sua identidade?

— Como queria que eu soubesse disto? — Mallory acenou com a cabeça em direção a Andrea. — Da

próxima vez diga a seus homens para tomarem precauções aqui com o meu amigo. Deve preveni-los para se afastarem dele. Reagiu da única maneira a que está habituado. E eu sei por quê...

— Pode explicar mais tarde. Entregue-me suas armas.

— Não — Mallory repôs a Luger em seu coldre.

— Está louco? Eu posso tomá-las de vocês!

— Então é assim — disse Mallory moderado. — Mas já sabe que precisa primeiro nos matar, não sabe? — e acrescentou: — Não creio que vá ser capitão por muito tempo, meu amigo.

Um ar especulativo substituiu a raiva nos olhos de Droshny. Ele deu uma ordem seca em sérvio-croata e novamente seus homens apontaram suas armas para Mallory e seus cinco companheiros. Mas não fizeram nenhum gesto ou tentativa de retirar as armas de seus prisioneiros. Droshny virou-se, fez um gesto com a mão e reiniciou o seu caminho pelas oblíquas encostas da floresta. Mallory refletiu que Droshny não era um homem a que se desse muita confiança.

Durante vinte minutos eles se arrastaram desajeitadamente subindo a ladeira escorregadia. Uma voz chamou de dentro da escuridão à sua frente, e Droshny respondeu continuando a avançar. Passaram por duas sentinelas armadas com carabinas de repetição e em menos de um minuto estavam no

quartel-general de Droshny.

Era um acampamento militar de tamanho médio — se um amplo círculo de tendas de madeira grosseiramente cortadas e desbastadas a enxó pudesse ser chamado um acampamento — dispostas numa destas profundas depressões na floresta, que Mallory começava a achar tão característica da região da Bósnia. Da base desta clareira cresciam dois anéis concêntricos de pinheiros, muito mais altos e muito mais maciços do que os que crescem na Europa Ocidental; pinheiros espessos, cujas ramas também espessas se entrelaçavam de vinte e cinco a trinta metros do solo, formando um dossel coberto de neve de uma densidade tão impenetrável que não havia nem um só floco de neve na terra dura do terreno do acampamento: por sinal, este mesmo dossel protegia com eficácia qualquer vestígio de luz que escapasse por cima: não havia nenhuma tentativa para esconder as janelas iluminadas de várias das cabanas e mesmo algumas lamparinas a óleo eram suspensas em ganchos que clareavam o próprio terreno. Droshny parou e disse para Mallory:

— Você venha comigo. Os outros esperem aqui.

Ele conduziu Mallory através da porta da maior de todas as cabanas do acampamento. Andrea, num gesto espontâneo, tirou a mochila das costas e sentou-se sobre ela, e os outros, depois de alguns instantes de

indecisão, terminaram fazendo a mesma coisa. Seus guardas os olharam hesitantes, mas se afastaram para formarem um semicírculo irregular e vigilante. Reynolds virou-se para Andrea com uma expressão no rosto que demonstrava uma completa ausência de admiração ou benevolência.

— Você é doido! — a voz de Reynolds veio num sussurro baixo e furioso. — Doido varrido! Podia ter sido morto. Você e nós todos! O que é que há? Está com neurose de guerra ou coisa que o valha?

Andrea não respondeu. Acendeu um de seus detestáveis charutos e observou Reynolds em benigna meditação ou pelo menos o que mais se aproximava de meiguice que ele podia aparentar...

— Doido não é metade da palavra para isto! — e se fosse possível, Groves ainda estava mais esquentado que Reynolds. — Ou você não *sabia* que foi um partiano que matou? Não *sabe* o que isto significa? Não *sabe* que gente assim tem sempre de tomar uma certa precaução?

Se soubesse ou não, Andrea não estava para falar nada. Deu uma baforada em seu charuto e transferiu seu pacífico olhar de Reynolds para Groves.

Miller disse para apaziguar: — Vamos, vamos! Não façam isto. Talvez Andrea tenha sido um bocadinho apressado, mas...

— Deus nos ajude! — disse Reynolds com fervor.

Olhou para os outros sargentos em desespero. — Há mais de mil quilômetros de casa e de qualquer ajuda e amarrados a um bando de maníacos assassinos decrépitos! — virou as costas para Miller e macaqueou: — Não façam isto!...

Miller retomou sua expressão mortificada e desviou os olhos.

A peça era grande, nua e sem conforto. A única concessão fora aberta para o fogo de pinheiro queimando numa lareira rústica. Os únicos móveis consistiam numa mesa de pinho rachada, duas cadeiras e um banco.

Essas coisas Mallory apenas anotou subconscientemente. Nem prestou atenção quando escutou Droshny dizer: — Capitão Mallory. Este é o meu Oficial-Comandante. — Mallory estava ocupado demais observando o homem sentado por trás da mesa.

Era um homem baixo, atarracado e aparentava uns trinta e cinco anos. As linhas fundas em volta de seus olhos e de sua boca poderiam ter sido causadas pelo tempo ou por seu estado de humor ou pelos dois juntos: neste instante ele sorria ligeiramente. Usava o uniforme de capitão do Exército alemão e tinha no pescoço a Cruz de Ferro.

4 - Sexta-feira - *Das duas às três e meia da manhã*

O CAPITÃO ALEMÃO RECLINOU-SE para trás em sua cadeira e estalou os dedos. Sua aparência era a de um homem que gozava cada momento da vida.

— Hauptmann Neufeld, Capitão Mallory. — Neufeld olhou para os lugares da farda de Mallory onde deveriam estar as divisas. — Ou pelo menos é o que eu presumo. Está surpreso de me ver?

— Eu estou *encantado* em conhecê-lo, Capitão Neufeld — o espanto de Mallory deu lugar a um longo e demorado sorriso e agora ele suspirava com um grande alívio. — Não pode imaginar o *quanto* eu estou encantado — ainda sorrindo virou-se para Droshny e no mesmo instante o sorriso transformou-se numa expressão consternada. — Mas quem *é* você? Quem é este homem, Capitão Neufeld? Quem, em nome de Deus, são esses homens que estão lá fora? Eles devem ser... devem ser...

Droshny interrompeu-o pesadamente: — Um dos homens dele matou um dos meus esta noite.

— O quê? — por sua vez, Neufeld desfez-se do sorriso e ficou de pé bruscamente: a barriga de sua perna bateu na cadeira atrás e esta caiu com estardalhaço. Mallory ignorou-o e olhou novamente

para Droshny.

— *Quem são vocês?* Pelo amor de Deus, diga-me! Droshny falou lentamente: — Nós somos chamados *cetniks*.

— *Cetniks? cetniks?* O que quer dizer *cetniks*?

— Espero que me perdoe, Capitão, mas eu tenho de rir incrédulo — Neufeld já se recompusera e seu rosto tomou um ar curiosamente prudente, uma expressão em que apenas os olhos pareciam estar vivos. Muitas coisas, refletiu Mallory, muitas coisas desagradáveis podiam acontecer a quem se enganava o bastante para subestimar o Capitão Neufeld... — Você? O chefe de uma missão especial para esta região e não está suficientemente instruído para saber que os *cetniks* são nossos aliados iugoslavos?

— Aliados? Ah! — o rosto de Mallory abriu-se numa compreensão. — Traidores? Quislings iugoslavos? É isto?¹

Um ronco surdo partiu da garganta de Droshny e ele avançou para Mallory, a mão direita apertando o punho de uma das facas. Neufeld deteve-o com uma seca ordem de comando e um curto gesto com a mão.

— E o que querem dizer com missão especial? — perguntou Mallory. Ele olhou para cada um e sorriu de esguelha como se começasse a entender. — Oh! nós

¹ *Quisling*: nome dado aos traidores que servem de instrumento aos conquistadores de seu país. (N. T.).

somos uma missão especial, sem dúvida, mas não da forma que vocês estão pensando. Ou pelo menos, na que eu penso que vocês estão pensando...

— Não? — a técnica de erguer as sobrancelhas de Neufeld, pensou Mallory, era quase tão bem treinada quanto a de Miller. — Então por que acha que nós o estávamos esperando?

— Só Deus sabe — disse Mallory com franqueza. — Eu pensei que os partisanos estavam. Foi por isso que o homem de Droshny morreu, eu acho.

— Por isso que o homem de Droshny... — Neufeld olhou para Mallory com seus cautelosos olhos impassíveis, levantou a cadeira e sentou-se pensativo. — Eu acho melhor você explicar tudo sozinho.

Como convinha a um homem que se aventurava por toda a parte do West End de Londres, Miller tinha o hábito de usar um guardanapo às refeições, e ele usava um neste momento, enfiado no colarinho de seu uniforme, enquanto sentava na mochila no acampamento de Neufeld e com um certo fastio consumia um picadinho indeterminado servido numa lata de rações. Os três sargentos, sentados perto dele, após observarem com incredulidade este espetáculo, entregaram-se a uma conversa cochichada. Andrea, soltando baforadas de seu inevitável charuto fedorento e ignorando completamente a meia dúzia de guardas apreensivos e atentos — entende-se! — deu

uma volta em torno do terreno do acampamento, envenenando o ar por onde passa-a. Distintamente, através do ar gelado da noite, veio o som longínquo de alguém cantando em voz baixa acompanhado do que parecia ser uma música de violão. Quando Andrea completou o circuito do acampamento, Miller olhou para ele e acenou com a cabeça na direção de onde vinha a música.

— Quem é o solista?

Andrea fez um muxoxo — Talvez seja um rádio.

— Eles querem comprar um rádio novo. Meu ouvido treinado...

— Ouçam — o sussurro de Reynolds era tenso e urgente. — Nós estivemos conversando.

Miller fez um passe de mágica com o guardanapo e disse gentilmente: — Não! Imagine as mães aflitas e as namoradas que vocês deixaram para trás.

— O que quer dizer?

— A respeito de uma tentativa de fuga é o que quero dizer — Miller continuou. — Outra hora, quem sabe?

— Por que não agora? — Groves foi beligerante. — Eles não estão reparando...

— Não estão reparando! — Miller suspirou. — Tão jovem, tão jovem. Dê outra espiada. Você não está pensando que Andrea *goste* de andar para fazer exercício, está?

Os três sargentos deram outra olhada, furtiva, subreptícia e voltaram-se interrogativamente para Andrea.

— Cinco janelas escuras — disse Andrea. — Atrás delas, cinco homens escuros. Com cinco metralhadoras escuras...

Reynolds fez que sim com a cabeça e desviou o olhar.

— Bem, agora — Neufeld, reparou Mallory, tinha muita propensão a estalar os dedos: Mallory já encontrara antes um juiz draconiano com o mesmo hábito. — Esta história que nos contou, meu caro Capitão Mallory, é simplesmente fantástica.

— Eu sei que é — concordou Mallory. — Mas tinha de ser, não tinha? Como explicar a posição simplesmente fantástica em que nos encontramos neste momento?

— É um ponto de vista, é um ponto de vista — lenta, deliberadamente, Neufeld tamborilou as pontas dos dedos sobre a mesa. — Durante vários meses, pretende você, fez tráfico de penicilina e de drogas no sul da Itália. Como oficial de ligação do Exército aliado não encontrou dificuldades em obter suprimentos do Exército americano e das bases da Força Aérea.

— Nós encontramos algumas dificuldades já no final — admitiu Mallory.

— Estou chegando lá. Estes suprimentos, você

também pretende, eram encaminhados para a Wehrmacht.

— Eu gostaria que parasse de empregar a palavra *pretende* neste tom de voz — disse Mallory irritado. — Confirme com o Marechal de Campo Kesselring, Chefe do Serviço de Inteligência Militar em Pádua.

— Com todo o prazer — Neufeld pegou um telefone, disse rapidamente alguma coisa em alemão e recolocou o fone no gancho.

Mallory disse surpreso: — Vocês têm uma linha direta para o mundo exterior? Daqui *deste* lugar?

— Eu tenho uma linha direta com uma cabana a cinquenta metros daqui, onde temos um transmissor muito poderoso. Assim... Você pretende também que foi detido, submetido a corte marcial e que está esperando a confirmação de sua sentença de morte. Certo?

— Se o seu sistema de espionagem na Itália é tão bom como dizem, saberão disto amanhã — Mallory respondeu secamente.

— Muito bem, muito bem. Vocês conseguiram fugir, mataram seus guardas e entreouviram por acaso agentes que recebiam as instruções de uma missão a ser realizada na Bósnia — deu mais alguns estalos nos dedos. — Você pode estar dizendo a verdade. O que foi que disse sobre a missão dos agentes?

— Eu não disse nada. Na verdade, eu nem prestei

muita atenção. Tinha coisa a ver com a procura de chefes de missões inglesas desaparecidos e também com a tentativa para desbaratar a sua rede de espionagem. Não tenho certeza. Nós tínhamos outras coisas mais importantes para pensar.

— Estou certo de que tinham — disse Neufeld aborrecido.

— Salvar a pele, por exemplo. O que aconteceu a suas dragonas, Capitão? As fitas das medalhas? Seus botões?

— É lógico que o senhor nunca assistiu a uma corte marcial britânica, Capitão Neufeld.

Neufeld disse suavemente: — Você poderia tê-los arrancado por conta própria.

— E então, suponho, ter esvaziado os três quartos de combustível dos tanques antes de roubar o avião?

— Seus tanques estavam apenas com um quarto de combustível? — Mallory fez um aceno afirmativo com a cabeça. — E o avião caiu sem pegar fogo?

— Nós não tencionávamos cair — disse Mallory com um ar de paciência entediada. — Tencionávamos aterrar, mas ficamos sem gasolina... e, como sabe agora, no local errado.

Neufeld disse distraído: — Sempre que os partisanos acendem sinaleiros nós também acendemos alguns e *nós sabíamos* que vocês... ou outros, chegariam. Falta de gasolina, hem? — novamente

Neufeld falou pelo telefone e voltou-se para Mallory.

— Tudo muito interessante... se for verdade. Falta apenas a explicação para a morte do soldado do Capitão Droshny.

— Eu sinto muito. Foi um engano horrível. Mas certamente irão compreender. A última coisa que nós queríamos era aterrar entre vocês, entrar em contato direto com vocês. Tínhamos ouvido falar no que acontece aos pára-quedistas ingleses que caem em território alemão.

Neufeld estalou os dedos de novo — Estamos em época de guerra. Continue.

— Nossa intenção era descer em território partiano, atravessar as linhas e nos rendermos. Quando Droshny nos virou as armas, pensamos que eles tivessem sido prevenidos de quem nós éramos e que haviam sido avisados do roubo do avião. E para nós isto só queria dizer uma coisa...

— Espere lá fora. O Capitão Droshny e eu lhe faremos companhia dentro de um minuto.

Mallory saiu. Andrea, Miller e os três sargentos estavam pacientemente sentados em suas mochilas. A distância, vinha ainda o som longínquo da música. Por um momento, Mallory ergueu a cabeça para escutá-la e então avançou para juntar-se aos companheiros. Miller tocou levemente o guardanapo nos lábios e levantou os olhos para Mallory. A prosa foi boa?

— Eu contei a história. Aquela de que falamos no avião — olhou para os três sargentos. — Algum de vocês fala alemão?

Todos três balançaram negativamente as cabeças.

— Ótimo! Esqueçam de que falam inglês também. Se forem interrogados vocês não sabem de nada.

— Se eu também não for interrogado — disse Reynolds com azedume — continuarei não sabendo de nada.

— Melhor ainda — disse Mallory para encorajá-lo. — Desta forma você não pode mesmo dizer nada, não é?

Interrompeu-se ao ver que Neufeld e Droshny apareciam à porta. Neufeld foi até eles e disse: — Enquanto estamos esperando algumas confirmações, que tal um pouco de comida e de vinho? — como Mallory, também ele ergueu a cabeça e prestou atenção à música. — Mas antes de tudo, venha conhecer o nosso trovador.

— Para mim basta a comida e o vinho — disse Andrea.

— Seus conceitos estão errados. Você verá. Venham.

A sala de jantar, se pudesse ser dignificada com este nome, ficava a uns quarenta metros dali. Neufeld abriu a porta revelando uma cabana tosca e improvisada com duas mesas vacilantes sustentadas

por cavaletes e rodeadas por quatro bancos num chão de terra batida. No extremo da sala, o indefectível fogo de pinheiro queimava na igualmente indefectível lareira de pedras. Perto do fogo, no final da mesa mais afastada, três homens — obviamente, guardas temporariamente de folga — via-se pelos casacões de gola alta e pelas armas a seu lado — bebiam café e escutavam a suave canção que vinha da figura sentada no chão ao lado da lareira.

O cantor estava vestido com um casaco *anorak* maltrapilho, calças ainda mais incrivelmente esfarrapadas e um par de botas até os joelhos que estavam abertas em cada costura existente. Seu rosto quase não era visível, escondido por uma massa de cabelos escuros e óculos escuros de aros grossos.

A seu lado, parecendo dormir com a cabeça em seu ombro, uma moça estava sentada. Ela usava um casacão de gola alta do Exército britânico totalmente estragado, tão comprido que cobria totalmente suas pernas. Os cabelos platinados e despenteados que caíam sobre os seus ombros não destoariam numa escandinava, mas os largos ossos da face, as sobrancelhas escuras e a longas pestanas negras fechadas sobre faces muito pálidas eram evidentemente eslavas.

Neufeld caminhou pela sala e parou perto da lareira. Curvou-se ao lado do cantor e disse: — Petar,

eu quero apresentá-lo a uns amigos.

Petar abaixou o violão, olhou para cima, virou-se e tocou o ombro da moça. No mesmo instante, a cabeça dela ergueu-se e seus olhos, enormes olhos negros, se arregalaram. Ela tinha o mesmo olhar selvagem de um animal perseguido. Relanceou os olhos em torno, selvagememente, e de um pulo ágil ficou de pé, engolida pelo casacão que lhe chegava aos tornozelos. Só então se abaixou para ajudar o guitarrista a se levantar. Ao fazer isto, ele cambaleou: via-se claramente que era cego.

— Esta é Maria — disse Neufeld. — Maria, o Capitão Mallory.

— Capitão Mallory — sua voz era suave e um pouco rouca: falava um inglês quase sem nenhum sotaque. — O senhor é inglês, Capitão Mallory?

Não era este o momento, pensou Mallory, nem o local para proclamar sua ascendência neozelandesa. Sorriu — Bem, sou uma espécie de inglês.

Maria sorriu por sua vez — Eu sempre tive vontade de ser apresentada a um inglês — ela deu um passo à frente na direção da mão estendida de Mallory, empurrou-a de lado e atingiu-o, com a mão aberta, em pleno rosto, com toda a sua força.

— Maria! — Neufeld olhou para ela. — Ele é do nosso lado.

— Um inglês é um traidor! — ela levantou

novamente a mão, mas desta vez seu braço foi repentinamente seguro pelos dedos de Andrea. Ela se debateu por pouco tempo, futilmente e entregou-se, os olhos negros brilhando num rosto zangado. Andrea levou ao rosto a mão que estava livre e esfregou a face numa lembrança terna.

Disse com admiração: — Por Deus, ela me faz lembrar a minha própria Maria — fez uma careta para Mallory. — São jeitosos com as mãos esses iugoslavos...

Mallory esfregou consternado o rosto e virou-se para Neufeld. — Talvez Petar... é assim o nome dele...

— Não — Neufeld sacudiu a cabeça decidido. — Mais tarde. Vamos comer agora — guiou-os até a mesa que estava no extremo oposto da sala, fez um gesto para que sentassem, sentou-se também e explicou: — Desculpem-me. A culpa foi minha. Eu devia ter imaginado.

Miller disse com delicadeza: — Ela é... hum!... certa da cabeça?

— Você pensa que é um animal selvagem?

— Daria um bichinho de estimação perigoso, não acha?

— Ela é diplomada pela Universidade de Belgrado. Línguas. Com louvores, me contaram. Algum tempo depois de receber o diploma, retornou à sua casa nas montanhas da Bósnia. Encontrou os pais e os dois

irmãos menores brutalmente assassinados. Ela... bem!... ela ficou assim desde então.

Mallory mudou de posição na cadeira e olhou para a moça. Os olhos dela, negros, imóveis, sem pestanejarem, estavam fixos nele e sua expressão não era muito encorajadora. Mallory olhou outra vez para Neufeld.

— Quem foi que fez isto? A seus pais, eu quero dizer?

— Os partisanos — disse Droshny com selvageria.

— Que se danem as almas negras dos partisanos. O povo de Maria era o nosso povo. *Cetniks*.

— E o cantor? — perguntou Mallory.

— Seu irmão mais velho — Neufeld sacudiu a cabeça. — Cego desde o nascimento. Onde eles vão, ela o guia pela mão. Ela é os seus olhos: ela é a sua vida.

Ficaram sentados em silêncio até trazerem a comida e o vinho. Se um exército marcha de acordo com o seu estomago, pensou Mallory, aquele ali não iria muito longe: ele ouvira dizer que a situação de comida entre os partisanos era quase desesperadora, mas se este era um exemplo representativo, os *cetniks* e os alemães não pareciam estar em melhores condições. Sem entusiasmo, ele comeu de colher — teria sido impossível usar um garfo — um pouquinho de um ensopado acinzentado no qual pequenos pedaços de

uma carne indefinível boiavam desamparados em meio a um molho insípido de origem desconhecida. Olhou de relance para Andrea e maravilhou-se com a força gastronômica que estava por trás de um prato já praticamente vazio. Miller desviou os olhos do prato à sua frente e delicadamente sorveu o acre vinho tinto. Os três sargentos, até agora, nem tinham reparado na comida: estavam muito interessados observando a moça perto da lareira. Neufeld viu o interesse e sorriu.

— Eu estou de acordo, senhores, nunca vi em minha vida uma garota tão bonita e só Deus sabe como ela ficaria depois de um bom banho... Mas ela não serve para vocês, cavalheiros. Ela não serve para homem nenhum. Já está casada — reparou nas expressões interrogativas de todos e balançou a cabeça. — Não é casada com um homem mas sim com um ideal... se pudermos chamar a morte de um ideal. A morte dos partisanos.

— Encantador! — murmurou Miller. Não houve mais nenhum comentário, não havia mais nada a dizer. Comeram em silêncio, apenas quebrado pela voz suave que vinha da lareira; a voz era bastante melodiosa, mas o violão estava tristemente fora do tom. Andrea empurrou o prato vazio, olhou irritado para o músico cego e perguntou a Neufeld:

— O que é que ele está cantando?

— Uma antiga canção de amor da Bósnia, me

disseram. Muito antiga e muito triste. Eu acho que também existe em inglês — estalou os dedos. — Sim, é isto! *A Moça que eu Deixei*.

— Diga-lhe que cante outra coisa — resmungou Andrea. Neufeld olhou para ele intrigado, mas desviou logo a atenção para um sargento alemão que entrava e que murmurou algo em seu ouvido. Neufeld fez que sim com a cabeça e o sargento saiu.

— Muito bem — Neufeld estava pensativo. — Uma comunicação pelo rádio da patrulha que achou o seu avião. Os tanques *estavam* vazios. Eu creio que não há mais necessidade de esperar pela confirmação de Pádua, não é, Capitão Mallory?

— Não entendo.

— Não importa. Diga-me, já ouviu falar do General Vukalovic?

— General o quê?

— Vukalovic.

— Ele não é do nosso lado — disse Miller positivo.

— Pelo menos com um nome desses...

— Vocês devem ser as únicas pessoas na Iugoslávia que *não sabem* quem é ele. Todo o mundo o conhece, partisanos, *cetniks*, alemães, búlgaros, todos. É um de seus heróis nacionais.

— Passe-me o vinho — disse Andrea.

— É melhor ouvir isto — o tom de Neufeld era seco.

— Vukalovic comanda quase uma divisão inteira da

infantaria par-tisana que caiu numa cilada numa curva do Rio Neretva há mais de três meses. Igual aos homens que comanda, Vukalovic é um louco. Eles não têm nem um abrigo. Têm poucas armas, munições quase nenhuma e estão próximos de morrer de fome. Seus homens se cobrem de andrajos. Estão acabados.

— Por que não fogem? — perguntou Mallory.

— A fuga é impossível. Os precipícios de Neretva cortam o caminho a leste. Ao norte e a oeste as montanhas são impenetráveis. O único caminho concebível é pelo sul, atravessando a ponte sobre o Neretva. E nós temos duas divisões blindadas que os esperam ali.

— Não há desfiladeiros? — perguntou Mallory. — Nenhuma passagem entre as montanhas?

— Duas. Bloqueadas por nossas melhores tropas de combate.

— Por que não se rendem? — perguntou Miller razoável. — Ninguém contou para eles as regras da guerra?

— Eles são loucos, eu lhe disse — acrescentou Neufeld. — Completamente loucos.

Neste exato momento, Vukalovic e seus partisanos provavam aos alemães quão extraordinário era o seu grau de loucura.

O Desfiladeiro de Oeste era uma garganta estreita, tortuosa, juncada de pedras arredondadas e

alcantilada que oferecia a única passagem entre as intransponíveis montanhas que fechavam a "jaula de Zenica" para o leste. Durante três meses, unidades da infantaria alemã — que agora tinham sido aumentadas com um bom número de tropas alpinas altamente categorizadas — tentavam forçar a passagem: por três meses elas foram sangrentamente rechaçadas. Mas os alemães não desistiam das tentativas e nesta noite de frio intenso e luar inconstante e suave, na qual uma neve intermitente caía, eles tentavam outra vez.

Os alemães atacavam com a eficiência profissional e a economia de movimentos nascida ao decorrer de uma longa e rude experiência. Avançavam garganta acima, divididos em três colunas iguais e criteriosamente espaçadas: o branco das roupas para a neve, o uso de cada pequeno abrigo e o fato de restringirem os mínimos avanços aos momentos em que a lua se escondia atrás das nuvens, fazia com que fosse extremamente difícil vê-los. Entretanto, não era difícil localizá-los: era óbvio que tinham muita munição a gastar com suas metralhadoras e pistolas e os clarões de seus tiros eram quase contínuos. Também contínuos, a alguma distância, eram os estalos secos nos rochedos da montanha, que indicavam com precisão a barragem de artilharia que precedia os alemães na ladeira cheia de pedras do estreito desfiladeiro.

Os partisanos iugoslavos esperavam no alto da garganta entrincheirados por um amontoado de pedras, empilhadas às pressas e troncos de árvores despedaçados pelos tiros da artilharia alemã. Apesar da neve espessa e do cortante vento de leste que soprava, poucos partisanos usavam casacões. Trajavam uma variedade extraordinária de fardas, fardas pertencentes no passado a membros dos exércitos britânico, alemão, italiano, búlgaro e iugoslavo; a única coisa que todos tinham em comum era a estrela vermelha costurada do lado direito de seus casquetes. Estas fardas, na maioria esfarrapadas e muito ralas, ofereciam pouca proteção contra o frio penetrante, o que fazia os homens tremerem continuamente. Uma surpreendente quantidade deles estava ferida: pernas encanadas, braços na tipóia e cabeças enroladas em ataduras por todos os lados. Porém a característica comum a todos os membros desta coleção miserável de defensores do desfiladeiro eram os seus rostos angustiados e macilentos, rostos em que as profundas linhas desenhadas pela fome eram apenas comparáveis à calma e total determinação de homens que há muito tempo não tinham mais nada a perder.

No centro do grupo de soldados, dois homens estavam abrigados por um grosso tronco de um dos raros pinheiros ainda em pé. Os cabelos pretos

ligeiramente grisalhos, o rosto fundamente marcado — e agora ainda mais cansado — do General Vukalovic era inconfundível. Mas os olhos escuros brilhavam ainda mais intensamente quando ele se debruçou para a frente aceitando um cigarro e o fogo do oficial que partilhava com ele o abrigo, um homem muito moreno, com nariz em forma de gancho e com pelo menos a metade dos cabelos negros escondidos por uma atadura ensangüentada. Vukalovic estava sorrindo.

— É claro que eu sou um louco, meu caro Stephan. Você é um louco ou já teria abandonado esta posição semanas atrás. Somos todos loucos. Você não sabia?

— Eu sei disso — o Major Stephan esfregou as costas da mão sobre a barba de uma semana. — A sua descida de pára-quedas há uma hora. Aquilo foi loucura. Porque, o senhor... — parou quando um fuzil atirou a alguns metros dali, foi até onde estava um rapazinho franzino, que não devia ter mais de dezessete anos de idade, fazendo pontaria para a sombra esbranquiçada da garganta por cima da mira de um Lee-Enfield

— Conseguiu acertá-lo?

O garoto virou o corpo e olhou para cima. Uma criança, pensou desesperançado Vukalovic, apenas uma criança: ele devia estar ainda na escola. O menino falou: — Eu não tenho certeza, senhor.

— Quantas balas você ainda tem? Conte-as.

— Não é necessário. Sete.

— Não atire até ter certeza — Stephan voltou-se para Vukalovic: — Por Deus, General, o senhor quase caiu nas mãos dos alemães.

— Teria sido pior sem pára-quadras — disse mansamente Vukalovic.

— Temos tão pouco tempo — Stephan bateu com um punho fechado na palma da outra mão. — Falta tão pouco tempo. O senhor foi louco em voltar. É necessário demais em outros lugares... — parou bruscamente, escutou por uma fração de segundos e atirou-se sobre Vukalovic derrubando-o pesadamente enquanto um lamuriendo obus de morteiro enterrou-se entre algumas pedras soltas a apenas alguns metros dali, explodindo com o impacto. Perto, um homem gritou em agonia. Um segundo morteiro aterrou, e depois um terceiro e um quarto, todos a menos de dez metros um do outro.

— Eles acertaram com a distância agora, os desgraçados!

— Stephan levantou-se apressado e olhou para o desfiladeiro. Por longos segundos ele não pode ver nada, pois uma nuvem escura cruzava em frente à lua: então a lua reapareceu e ele viu o inimigo com toda a nitidez. Certamente por causa de algum sinal pré-combinado, eles não estavam mais procurando

cobertura: escalavam direto a ladeira com toda a velocidade de que eram capazes, carabinas de repetição e fuzis de prontidão nas mãos — assim que a lua surgiu eles apertaram os gatilhos dessas armas. Stephan de um pulo abrigou-se atrás de um tronco de árvore.

— Agora! — gritou ele. — Agora!

A primeira rajada irregular da fuzilaria partisansa durou apenas alguns segundos, pois uma sombra negra caiu sobre o vale. Os tiros cessaram.

— Continuem atirando! — gritou Vukalovic. — Não parem agora! Eles estão-se aproximando! — ele próprio deu uma rajada com a sua metralhadora e disse a Stephan — Eles sabem o que estão fazendo, os nossos amigos lá de baixo.

— Deviam — Stephan armou uma granada de cabo e jogou-a rodopiando para baixo da colina. — Veja quanta prática nós já lhes fornecemos...

A lua apareceu outra vez. A dianteira da infantaria alemã estava agora a menos de vinte e cinco metros. Ambos os lados trocaram granadas de mão, atiraram à queima-roupa. Alguns soldados alemães caíram, mas outros mais chegaram, lançando-se dentro do abrigo de pedras. Tudo tornou-se confuso durante algum tempo. Aqui e ali violentos corpo-a-corpo surgiram. Os homens gritavam uns com os outros, xingavam-se entre si, matavam-se uns aos outros. Mas o reduto não

foi violado. De repente, grossas nuvens pesadas tornaram a passar em frente à lua, a escuridão inundou toda a ravina e o silêncio caiu lentamente sobre tudo. A distância, o estrondo da artilharia e do fogo dos morteiros amainou-se num bramido surdo e finalmente morreu.

— Uma cilada? — perguntou calmamente Vukalovic para Stephan. — Você acha que eles voltarão ainda?

— Hoje à noite não — Stephan foi positivo. — São homens corajosos, mas...

— Mas não são loucos?

— Mas não são loucos.

O sangue escorria do rosto de Stephan, vindo de uma ferida reaberta, mas ele estava sorrindo. Ficou de pé e se voltou quando um sargento troncudo se aproximou e fez-lhe um esboço de continência.

— Eles se foram, Major. Perdemos sete dos nossos desta vez e temos quatorze feridos.

— Ponha piquetes duzentos metros para baixo — disse-lhe Stephan. Virou-se para Vukalovic: — Ouviu, senhor? Sete mortos. Quatorze feridos.

— Com quantos ficamos?

— Duzentos. Talvez duzentos e cinco.

— Dos quatrocentos — a boca de Vukalovic contraiu-se. — Meu Deus, dos quatrocentos!

— E sessenta destes estão feridos.

— Pelo menos você pode agora mandar os feridos para o hospital.

— Não há mais hospital — Stephan falou pesaroso.

— Eu não tive tempo de lhe falar. Ele foi bombardeado hoje de manhã. Os dois médicos morreram. Todos os nossos suprimentos médicos... puff! Assim!

— Perdido? Tudo perdido? — Vukalovic fez uma pausa. — Vou mandar vir alguma coisa do quartel-general. Os feridos que possam caminhar podem ir para lá.

— Não podem mais sair, senhor. Agora já é impossível. Vukalovic acenou afirmativamente com a cabeça ao perceber a situação e continuou: — Quanta munição vocês ainda têm?

— Para dois dias. Três, se formos cuidadosos.

— Sessenta feridos — Vukalovic balançou a cabeça em lenta incredulidade. — Nenhum socorro médico para eles. A munição quase esgotada. Sem comida. Sem abrigos. E eles não abandonam o posto. Eles também são loucos?

— Sim, senhor.

— Eu vou até abaixo do rio — disse Vukalovic. — Para ver o Coronel Lazlo no QG.

— Sim, senhor — Stephan riu ligeiramente. — Duvido que vá achar o equilíbrio mental dele melhor do que o meu.

— Eu também acho que não.

Stephan fez a continência e se afastou, enxugando o sangue de seu rosto, deu alguns passos vacilantes e ajoelhou-se no chão para confortar um ferido em estado grave. Vukalovic seguiu-o com os olhos, balançou novamente a cabeça: então, ele também se afastou e foi embora.

Mallory acabou de comer e acendeu um cigarro. Disse: — O que vai acontecer aos partisanos na "jaula de Zenica"... não é assim que vocês a chamam?

— Eles vão sair dela — disse Neufeld. — Pelo menos, eles vão tentar.

— Mas você mesmo disse que era impossível.

— Nada é bastante impossível para estes alucinados partisanos tentarem. Eu só pedia a Deus — disse Neufeld com amargura, — que nós estivéssemos travando uma guerra normal contra gente normal, como os ingleses e os americanos. De qualquer forma, nós tivemos a informação... informação segura... de que uma tentativa de saída está iminente. O problema é que existem duas passagens; eles podem até tentar passar pela ponte de Neretva... e nós não sabemos por onde se dará a saída.

— Tudo isto é muito interessante — Andrea olhou mal-humorado para o músico cego que continuava tocando a mesma velha canção de amor da Bósnia antiga. — Podemos dormir agora?

— Eu sinto muito, mas hoje à noite, não — Neufeld

trocou um sorriso com Droshny. — *Vocês* vão descobrir por onde se dará esta tentativa para abrir caminho.

— Nos vamos? — Miller esvaziou o copo e pegou a garrafa. — Doença contagiosa, essa loucura...

Neufeld fez que não ouviu — O QG dos partisanos fica a dez quilômetros daqui. Vocês vão se apresentar lá como os legítimos membros da missão britânica que se perderam no caminho. Então, quando se certificarem dos seus planos, dirão que precisam ir para o QG principal em Drvar, o que é lógico, não farão. Em vez disto, vocês voltam para cá. O que pode ser mais simples?

— Miller tem razão — disse Mallory com convicção. — O senhor *está doido*.

— Eu estou começando a achar que estamos falando demais nessa loucura — Neufeld sorriu. — Vocês preferiam, talvez, que o Capitão Droshny aqui presente os entregasse a seus homens. Posso garantir que eles estão profundamente infelizes a respeito de... ah... de seu finado camarada.

— Não nos pode pedir para fazer isto! — o rosto de Mallory estava endurecido pelo ódio. — Mais cedo ou mais tarde os partisanos vão receber uma mensagem de rádio a nosso respeito. E então... você sabe o que vai acontecer. Não nos pode pedir para fazer tal coisa.

— Eu posso e eu quero — Neufeld olhou para

Mallory e seus cinco companheiros sem nenhuma, emoção. — Acontece que eu não ligo a mínima ao que acontecer a viciados e a traficantes de drogas.

— Não creio que a sua opinião seja de muita importância em certos círculos — disse Mallory.

— E isto quer dizer o quê?

— O diretor do Serviço de Inteligência Militar de Kesselring não vai gostar.

— Se vocês não voltarem, eles nunca saberão. Se voltarem... — Neufeld sorriu e tocou a Cruz de Ferro em seu pescoço... — provavelmente acrescentarão uma folha de carvalho a isto aqui.

— Sujeito simpático, não é? — Miller falou sem se dirigir a ninguém em particular.

— Vamos, então — Neufeld levantou-se da mesa. — Petar?

O cantor cego acenou que sim com a cabeça, pendurou o violão no ombro e ficou de pé, ajudado pela irmã.

— O que quer dizer isso? — perguntou Mallory.

— Guias.

— *Aqueles* dois?

— Bem — Neufeld foi razoável. — Vocês não conhecem a Bósnia e não podem encontrar o caminho certo, não é? Petar e a irmã... bem, a irmã... conhecem a Bósnia melhor do que as raposas.

— Mas os partisanos não vão... — começou

Mallory, mas Neufeld interrompeu-o.

— Vocês não conhecem a sua Bósnia. Estes dois vagueiam por onde querem e ninguém os põe pela porta afora. Os bosnianos acreditam, e sabe Deus se eles não têm razão, que eles são amaldiçoados e têm um mau olhado que os acompanha. Esta é uma terra de superstições, Capitão Mallory.

— Mas... mas como eles sabem onde nos levar?

— Eles sabem — Neufeld acenou com a cabeça em direção a Droshny, que disse qualquer coisa rapidamente a Maria em sérvio-croata: ela por seu turno falou com Petar que fez uns sons estranhos na garganta.

— É uma língua esquisita — observou Miller.

Ele não pode falar direito — disse Neufeld laconicamente. — Nasceu assim. Pode cantar, mas não pode falar... é relativamente comum. Vocês vêm agora porque o povo pensa que são amaldiçoados? — voltou-se para Mallory. — Espere lá fora com os seus homens.

Mallory fez que sim com a cabeça e de um gesto convidou seus homens a sair. Neufeld, ele percebeu, empenhou-se numa discussão curta e sussurrada com Droshny, que acenou afirmativamente, chamou um de seus *cetniks* e enviou-o em alguma pequena missão. Uma vez lá fora, Mallory e Andrea se afastaram dos outros e Mallory murmurou algo no ouvido de

Andrea, inaudível para todos. Andrea aquiesceu quase imperceptivelmente.

Neufeld e Droshny saíram da cabana, seguidos por Maria que levava Petar pela mão. Quando se aproximaram do grupo de Mallory, Andrea caminhou casualmente para eles, sempre fumando o seu pernicioso charuto. Plantou-se em frente de um Neufeld intrigado e, arrogantemente, soprou a fumaça em sua cara.

— Eu acho que não ligo para você, Hauptmann Neufeld — anunciou Andrea. Olhou para Droshny. — E nem para este vendedor de facas aqui.

O rosto de Neufeld fechou-se, tornando-se tenso de ódio. Mas ele recuperou imediatamente o sangue-frio e disse controlado: — A sua opinião a meu respeito não me interessa — balançou a cabeça na direção de Droshny. — Mas não cruze o caminho do Capitão Droshny, meu amigo. Ele é da Bósnia e se orgulha disto... e é o melhor homem dos Bálcãs com uma faca.

— O melhor homem... — Andrea interrompeu-o com um acesso de riso e soprou a fumaça na cara de Droshny. — Um amolador de facas numa ópera cômica.

A incredulidade de Droshny foi total, mas durou pouco. Ele arreganhou os dentes numa careta que seria digna de um lobo das montanhas, arrancou uma perigosa faca encurvada do cinturão e atirou-se contra

Andrea, a lâmina perversamente voltada para cima. Porém Andrea, cuja prudência apenas excedia à velocidade extraordinária com a qual ele movimentava o enorme corpanzil, já não estava no mesmo lugar quando a faca chegou. Mas sua mão estava. Ele agarrou o punho fechado de Droshny quando este ainda estava em cima e quase ao mesmo tempo os dois homenzarrões caíram pesadamente no solo, rolando diversas vezes na neve enquanto lutavam pela posse da faca.

Tão inesperada, tão incrível a rapidez na qual a luta se desenvolvera que, por alguns segundos, ninguém se mexeu de nenhum dos lados. Os três jovens sargentos, Neufeld e os *cetniks* só demonstraram o seu espanto. Mallory, de pé junto à moça de olhos arregalados, esfregou pensativamente o queixo e Miller, batendo delicadamente a cinza de seu cigarro, olhou toda a cena com uma espécie de interesse fatigado.

Quase ao mesmo tempo, Reynolds, Groves e dois *cetniks* atiraram-se sobre o par que se debatia no chão tentando separá-los. Somente depois de Saunders e Neufeld ajudarem foi que conseguiram. Droshny e Andrea foram postos de pé. O primeiro com o rosto contorcido e o ódio nos olhos, Andrea calmamente terminando de fumar o charuto que dera um jeito de apanhar após serem separados.

— Você é um demente! — Reynolds disse selvagememente para Andrea. — Um doido maníaco! Um psicopata infame! Vai conseguir que nos matem a todos.

— Isto não me surpreenderia nem um pouco — disse Neufeld pensativo. — Venham. Vamos acabar com estas tolices.

Guiou-os através do terreno central do acampamento, e ao fazer isto foi acompanhado por uma meia dúzia de *cetniks*, que aparentemente eram liderados pelo jovem estrábico de barba avermelhada e rala, que fora o primeiro a saudá-los após a descida.

— Quem são eles e o que vão fazer? — perguntou Mallory para Neufeld. — Eles não vão conosco?

— Escolta — explicou Neufeld. — Somente para os primeiros sete quilômetros.

— Escolta? Para que precisamos de escolta? Com vocês nós não corremos perigo, de acordo com o que disse, tampouco com os partisanos iugoslavos!

— Não estamos preocupados com vocês — disse Neufeld secamente. — Estamos preocupados com o veículo que os levará até mais da metade do caminho. Transportes são raros e muito preciosos aqui nesta parte da Bósnia... e há muitas patrulhas de partisanos por aí.

Vinte minutos depois, numa noite já sem lua e com a neve caindo, eles alcançaram a estrada, que não era

mais do que uma trilha sinuosa, passando através de um vale no meio da floresta. Esperando por eles, estava um dos mais estranhos veículos de quatro rodas jamais visto, um incrivelmente antigo e escalavrado caminhão, que, à primeira vista, pelas vastas nuvens de fumaça que emanavam dele, parecia estar pegando fogo. Era na verdade um modelo de muito antes da guerra, movido a gasogênio e de tipo bastante comum nos Bálcãs. Miller olhou para o caminhão envolto na cortina de fumaça e virou-se para Neufeld.

— Vocês chamam isto de veículo?

— Você pode chamar pelo nome que quiser. A não ser que prefira andar a pé.

— Dez quilômetros? Eu corro o risco de morrer asfxiado — Miller subiu, seguido pelos outros, até que apenas Neufeld e Droshny ficaram sozinhos.

Neufeld disse: — Eu os espero de volta antes do meio-dia.

— Se nós voltarmos — disse Mallory. — Se uma comunicação pelo rádio chegou...

— Você não pode fazer uma omelete sem quebrar os ovos antes — Neufeld falou com indiferença.

Com um estrondo, sacudidelas e soltando fumaça e vapor pela descarga, tudo isto acompanhado de muita tosse e engasgos provenientes da cobertura de lona da traseira, o caminhão deu um arranco incerto e

começou a movimentar-se lentamente através do vale, com Neufeld e Droshny observando-o. Neufeld balançou a cabeça: — Estes homenzinhos são espertos.

— Estes homenzinhos são *muito* espertos! — concordou Droshny. — Mas eu quero o grandalhão, Capitão.

Neufeld deu-lhe um tapinha no ombro — Ele será seu, meu amigo. Bem, já não estão mais à vista. Está na hora de você ir.

Droshny fez que sim com a cabeça e assobiou estridentemente entre os dedos. Escutou-se o ronco distante de um motor de partida e logo um Fiat de idade avançada saiu de trás de um grupo de pinheiros e se aproximou na estrada coberta de neve endurecida, com suas correntes chocalhando violentamente. Parou em frente aos dois homens. Droshny subiu no assento dianteiro e o Fiat se afastou seguindo o rastro do caminhão.

5 - Sexta-feira - *De três e meia às cinco da madrugada*

PARA AS QUATORZE PESSOAS espremidas nos estreitos bancos laterais por baixo da capota de lona do caminhão, a viagem não podia ser chamada de muito agradável. Não havia almofadas nos assentos como também parecia existir uma total falta de molas no veículo, a capota furada e mal ajustada deixava entrar em proporções iguais o ar gelado da noite e a fumaça que fazia os olhos de todos arderem. Pelo menos, pensou Mallory, isto ajudava bastante a mantê-los acordados.

Andrea estava sentado diretamente à sua frente, parecendo ignorar a atmosfera sufocante e espessa lá de dentro, fato que dificilmente surpreenderia alguém, considerando-se que o cheiro causticante da fumaça do caminhão era bem inferior à que emanava do charuto preto apertado entre seus dentes. Ele vagueou os olhos indolente e percebeu o olhar fixo de Mallory, que acenou uma vez com a cabeça, num movimento milimétrico que teria passado despercebido mesmo pelos mais desconfiados. Andrea baixou os olhos até a mão direita de Mallory, que descansava frouxamente sobre um joelho. Mallory encostou-se para trás e deu um suspiro e ao fazer isto sua mão direita escorregou

até que o polegar ficou apontado diretamente para o chão. Andrea espalhou outra nuvem vesuviana de virulenta fumaça e desviou indiferente o olhar.

Por alguns quilômetros, o caminhão envolvido em fumaça guinchou e resfolegou em sua rota através do vale, virou à esquerda entrando numa trilha ainda mais estreita e começou a subir. Menos de dois minutos depois, sempre com Droshny impassivelmente sentado no assento dianteiro, o Fiat que o seguia fez uma curva semelhante.

A ladeira agora era tão íngreme, e as rodas motrizes deslizavam tanto, perdendo a força na superfície gelada do caminho, que o vetusto caminhão a gasogênio andava quase passo a passo. Dentro dele, Mallory e Andrea estavam alertas como sempre, Miller e os três sargentos pareciam cochilar, e era difícil dizer se devido ao cansaço ou ao princípio de asfixia. Maria e Petar dormiam de mãos dadas. Os *cetniks*, por seu lado, dificilmente poderiam estar mais despertos: demonstravam que os buracos e rasgos da cobertura de lona não haviam sido causados acidentalmente. Os seis homens de Droshny, ajoelhados sobre os bancos, enfiavam os canos de suas metralhadoras pelos buracos da lona. Era óbvio que o caminhão entrara em território partiano, ou pelo menos estava na terra de ninguém daquela áspera e selvagem região.

O *cetnik* que estava à frente de todos de repente tirou a cara de uma das aberturas e bateu com a coroa de sua arma na cabina. O caminhão arquejou numa pausa agradecida e o *cetnik* de barba avermelhada pulou fora, certificou-se rapidamente de que não havia vestígios de emboscada e fez um gesto para que todos desembarcassem. Pelos urgentes movimentos de repetição feitos com a mão, via-se que ele não estava nada enamorado pela idéia de ficar ali mais de um momento além do tempo necessário. Um a um, Mallory e seus companheiros pularam para a neve gelada. Reynolds ajudou o cantor cego a descer e levantou a mão para Maria, quando ela se aproximou da tábua da traseira. Sem dizer uma palavra, ela empurrou-lhe a mão e lepidamente pulou para o chão: Reynolds fitou-a num espanto magoado.

O caminhão, observou Mallory, parará do lado oposto de uma pequena clareira da floresta. Dando marcha à ré e soltando nuvens de fumaça ainda mais densas do que nunca, ele aproveitou aquele espaço para manobrar, e à toda pressa, reencetou estrepitosamente seu caminho vereda abaixo, com uma velocidade consideravelmente superior àquela que fizera na subida. Os *cetniks* os olharam impassíveis da traseira do caminhão que se ia e não fizeram um só gesto de despedida.

Maria pegou a mão de Petar, olhou com frieza para

Mallory, sacudiu a cabeça num gesto rápido e encaminhou-se para uma minúscula picada que partia em ângulo reto da trilha em que estavam. Mallory fez um muxoxo e foi atrás deles, seguido pelos três sargentos. Por um ou dois minutos, Andrea e Miller permaneceram onde estavam, olhando pensativamente para o lado onde o caminhão desaparecera. Então, eles também os seguiram conversando em voz baixa.

O velho caminhão a gasogênio não manteve o seu ímpeto inicial por muito tempo. Menos de quatrocentos metros depois de fazer uma curva que o escondia da vista de Mallory e seus companheiros, ele freou para uma parada. Dois *cetniks*, o chefe de barba avermelhada e um outro de barba preta, pularam por cima da tábua da carroçaria e correram logo para o abrigo protetor da floresta. O caminhão resfolegou mais uma vez, vomitando muita fumaça que ficou em suspenso no ar gelado da noite.

Um quilômetro adiante uma cena quase idêntica se desenrolava. O Fiat resvalou numa freada, Droshny levantou-se com auxílio das mãos de onde estava sentado e desapareceu entre os pinheiros. O Fiat deu marcha à ré com rapidez e também afastou-se trilha abaixo.

A picada que subia através da encosta densamente arborizada era muito estreita, muito tortuosa: a neve já

não era tão endurecida e sim macia e espessa, o que dificultava muito a marcha. A lua se fora por completo e a neve fustigava seus rostos com o vento de leste, já agora bem mais forte: o frio era intenso. Frequentemente a picada chegava a uma bifurcação em V, mas Maria, que avançava na liderança com seu irmão, nunca hesitava: ela sabia, ou parecia saber, exatamente para onde estava indo. Por diversas vezes ela escorregou na neve mais funda, da última vez tão pesadamente que arrastou seu irmão para o chão. Quando aconteceu de novo, Reynolds adiantou-se e pegou em seu braço para ajudá-la. Ela empurrou-o selvagememente e afastou o braço. Reynolds olhou espantado para Mallory.

— Que diabo há com ela? Eu quero dizer... eu estava apenas tentando ajudar...

— Deixe-a em paz — disse Mallory. — Você é um deles.

— Eu sou um...

— Você está usando uma farda britânica. É a única coisa que esta pobre criança sabe. Deixe-a ser da maneira que é.

Reynolds balançou a cabeça sem compreender. Sungou o fardo com mais firmeza nos ombros, olhou de relance para a retaguarda da trilha, fez um passo como se fosse avançar e olhou novamente para trás. Agarrou Mallory pelo braço e apontou.

Andrea já estava caído uns trinta metros atrás. Sobrecarregado pelo peso da mochila e da Schmeisser, além do peso dos anos, ele evidentemente encontrava dificuldades na subida, tropeçando inseguro a cada passo. Com um gesto e uma palavra, Mallory deteve o grupo e olhou com atenção para ele, através da neve que caía. Esperou que Andrea chegasse até eles. Nesta altura, Andrea já estava cambaleando como um bêbado e apertava com força a mão em um dos lados, como se sentisse muita dor. Reynolds olhou para Groves, ambos olharam para Saunders e balançaram a cabeça lentamente. Andrea chegou até eles e um espasmo de dor crispou seu rosto.

— Eu sinto muito — a voz era rouca e ofegante. — Eu fico bom num instante.

Saunders hesitou, mas depois avançou até Andrea. Sorriu como se pedisse desculpas e estendeu a mão para indicar a mochila e a Schmeisser.

— Vamos lá, Papai. Deixe que eu levo.

Por uma mínima fração de segundo, um bruxuleio de ameaça, mais imaginado que visível, passou pelo rosto de Andrea. Ele encolheu os ombros para tirar a mochila e deu-a com ar cansado a Saunders. Este pegou-a e fez uma tentativa para mostrar a Schmeisser.

— Obrigado — Andrea sorriu muito pálido. — Eu me sinto perdido sem ela.

Um pouco preocupados, continuaram a subida, olhando para trás com freqüência para verificar os progressos feitos por Andrea. Suas dúvidas tinham fundamento. Com menos de trinta segundos Andrea já parará, os olhos fechados e quase dobrado pela dor. Disse, arquejante: — Eu preciso descansar... Continuem. Eu os alcançarei logo.

Miller disse solícito: — Eu fico com você.

— Eu não preciso de ninguém comigo — disse Andrea com grosseria. — Posso tomar conta de mim mesmo.

Miller não disse nada. Olhou para Mallory e abanou a cabeça na direção da subida. Mallory fez que sim e acenou para a garota. Relutantes, eles continuaram, deixando Andrea e Miller para trás. Por duas vezes Reynolds voltou-se olhando-os por cima do ombro, com uma expressão preocupada e inquieta: finalmente fez um muxoxo e curvou-se para a frente na subida da colina.

Andrea, muito carrancudo e ainda segurando as costelas, permaneceu dobrado em dois até que o último do grupo desse a volta do alto da colina. Então endireitou-se sem esforço, testou o vento com um indicador molhado, notou que este lhe era favorável e, puxando do bolso um charuto, acendeu-o e soltou algumas baforadas profundas de puro contentamento. Sua cura fora positivamente espantosa, mas não

pareceu surpreender a Miller, que fez uma careta mostrando os dentes e apontou para a picada abaixo. Andrea careteou de volta e fez uma gentil reverência para convidá-lo a passar na frente.

Trinta metros abaixo, numa posição que lhes assegurava uma visão ininterrupta de quase cem metros da picada, eles se esconderam por detrás do tronco de um pinheiro gigante. Por dois minutos ficaram ali de pé, olhando para baixo e escutando atentamente, quando de repente Andrea acenou afirmativamente com a cabeça, curvou-se e com muito cuidado guardou seu charuto num pedacinho seco do chão atrás do tronco do pinheiro.

Não trocaram nenhuma palavra: não havia necessidade de nenhuma. Miller engatinhou dando uma volta pela encosta que fazia face ao pinheiro e cuidadosamente ajeitou-se no chão numa posição de águia de asas abertas, os dois braços abertos esticados, o rosto quase invisível pela neve que caía. Atrás do pinheiro, Andrea pegou a Schmeisser pelo cano, puxou uma faca do interior da farda e prendeu-a na cintura. Ambos ficaram imóveis como se houvessem morrido ali e estivessem enregelados pelo longo e cruel inverno iugoslavo.

De certo devido à sua posição esticada, Miller estava tão enterrado na neve macia que quase todo o seu corpo estava escondido. Assim, ele viu os dois

cetniks muito antes que estes o vissem. No início, eles eram apenas duas coisas informes vagamente fantasmagóricas que gradualmente se materializavam de dentro da nevasca: ao se aproximarem, Miller identificou-os como o chefe da escolta *cetnik* e um de seus homens.

Estavam já a menos de trinta metros quando viram Miller. Pararam, olharam e ficaram imóveis pelo menos por uns cinco segundos. Entreolharam-se e tirando as metralhadoras de suas bandoleiras, arremeteram correndo ladeira acima aos tropeções. Miller fechou os olhos. Não era preciso ver mais nada, seus ouvidos lhe davam todas as informações necessárias: o som abafado de pés correndo na neve, a cessação súbita destes, a respiração pesada do homem que se curvou sobre ele.

Miller esperou até que pudesse sentir realmente o hálito do homem em seu rosto e então abriu os olhos. A menos de trinta centímetros dos seus, estavam os olhos do *cetnik* de barba avermelhada. Os braços estendidos de Miller fecharam-se para a frente e para cima, seus dedos vigorosos recurvados com toda a força na garganta do assustado *cetnik* que estava por cima dele.

A Schmeisser de Andrea já alcançara o ápice da curva quando ele saiu de trás do pinheiro em silêncio. O *cetnik* de barba preta começava a mexer-se para

ajudar seu amigo quando viu a figura de Andrea pelo canto de um olho e levantou os dois braços para proteger-se. Duas palhas teriam feito o mesmo efeito. Andrea fez uma careta quando sentiu o choque do impacto. Deixou cair a Schmeisser, puxou a faca e caiu sobre o outro *cetnik* que se debatia desesperadamente nas mãos de Miller.

Miller pôs-se de pé e, junto com Andrea, olhou para os dois homens mortos. Observou intrigado o homem de barba avermelhada, curvou-se rapidamente, segurou uma das pontas da barba e puxou-a. Ela veio em sua mão, revelando por baixo um rosto bem barbeado com uma cicatriz que vinha do canto de um lábio até o queixo.

Trocaram um olhar interrogativo, mas nenhum dos dois fez um comentário. Arrastaram os homens mortos um pouco além da picada para o esconderijo de uma valeta. Andrea pegou um ramo caído e varreu as marcas na neve, perto do pinheiro e todos os traços daquele encontro: dentro de uma hora, calculou ele, as marcas da varridela desapareceriam sob uma camada fresca de neve. Pegou seu charuto e jogou o galho seco para o mato. Sem um único olhar para trás, os dois homens começaram animadamente a subir a colina.

Se tivessem olhado, mesmo de relance, seria bem possível que houvessem visto o vislumbre de um rosto que os espionava por detrás de um outro tronco de

pinheiro um pouco mais para baixo. Droshny chegara ao local da curva na picada justo em tempo de ver Andrea terminar de varrer e jogar o galho fora: ele não pode imaginar o que isto queria dizer.

Esperou até que Andrea e Miller desaparecessem de sua vista, esperou mais dois minutos por medida de prudência, para então avançar apressadamente pela trilha. A expressão de seu rosto velhaco, tismado de frio, variava entre a curiosidade e a suspeita. Examinou o pinheiro de onde os dois *cetniks* foram emboscados, com rapidez vasculhou toda a área, seguindo então as marcas das vassouradas que conduziam até a borda da mata, a curiosidade sendo aos poucos substituída em seu rosto pela suspeita pura e simples, e depois a suspeita pela certeza completa.

Ele afastou os ramos das moitas e olhou para os dois *cetniks* que jaziam meio enterrados no fundo de uma valeta cheia de neve, estranhamente amorfos como somente os mortos sabem ser. Depois de alguns instantes, ele se espigou, voltou-se e dirigiu o olhar para o alto da colina, na direção em que Andrea e Miller haviam desaparecido: seu rosto não era nada agradável de se ver.

Andrea e Miller subiram a colina bem depressa. Ao se aproximarem de um dos cotovelos feitos pelos atalhos, ouviram diretamente à sua frente o som

velado de um violão, estranhamente abafado e atenuado pela neve que os rodeava. Andrea diminuiu o passo, jogou fora o charuto, curvou-se para a frente e agarrou as costelas. Solícito, Miller deu-lhe o braço.

O grupo todo, eles viram logo, estava a menos de trinta metros adiante. Também caminhavam devagar: a espessura da neve e a encosta que se tornava cada vez mais íngreme, dificultavam uma movimentação mais rápida. Reynolds deu uma olhada de relance para trás — Reynolds estava sempre olhando de relance, parecendo estar num estado de grande apreensão — viu Andrea e Miller e chamou a atenção de Mallory. Este mandou que todos fizessem alto e esperou que Andrea e Miller os alcançassem. Mallory olhou preocupado para Andrea.

— Está piorando?

— Ainda falta muito? — Andrea perguntou com voz rouca.

— Deve ter menos de dois quilômetros agora.

Andrea não disse nada, apenas respirou pesadamente e demonstrou aquela aparência abatida de um homem doente analisando a perspectiva de outro esforço de subida através da neve tão profunda. Saunders, que já levava as duas mochilas, aproximou-se de Andrea meio acanhado e fez uma tentativa: — Ajudaria muito, sabe, se...

— Eu sei — Andrea sorriu penosamente, tirou do

ombro a Schmeisser e entregou-a a Saunders. — Obrigado, filho.

Petar continuava a dedilhar suavemente as cordas de seu violão, um som indefinido, sobrenatural, em meio a esta mata escura de pinheiros espectrais. Miller olhou para ele e perguntou a Mallory: — Por que ele toca enquanto anda?

— Deve ser uma espécie de senha, eu imagino.

— Como Neufeld disse? Ninguém ousa tocar em nosso cantor *cetnik*?

— Alguma coisa assim.

Continuaram a subir a picada. Mallory deixou que os outros o ultrapassassem, até que ele e Andrea ficassem ligeiramente afastados na retaguarda. Mallory olhou-o descuidado; seu rosto não refletia mais do que um leve interesse pelo estado de saúde de seu amigo. Andrea percebeu o olhar e fez um aceno insignificante. Mallory desviou os olhos.

Quinze minutos depois, eles foram detidos à queima-roupa, por três homens armados de metralhadoras, que simplesmente pareciam se ter materializado do nada, numa surpresa tão completa que nem mesmo Andrea poderia ter feito alguma coisa — e mesmo que ele tivesse uma arma na mão. Reynolds voltou-se ansioso para Mallory, que balançou negativamente a cabeça e sorriu.

— Está tudo bem. São partisanos... olhe a estrela

vermelha nos casquetes. Guardas avançados de uma das trilhas principais.

Isto comprovou-se logo: Maria falou sumariamente a um dos soldados, que a escutou atento, acenou afirmativamente com a cabeça e deu meia volta, subindo pelo caminho após ter feito um gesto para que todos o seguissem. Os outros dois partisanos permaneceram onde estavam e todos passaram, enquanto Petar novamente recomeçou a dedilhar baixinho o violão. Neufeld, refletiu Mallory, não havia exagerado a respeito do grau de respeitosa reverência e de temor de que o cantor cego e sua irmã gozavam.

Chegaram em dez minutos ao QG dos partisanos, um QG semelhante em aparência e localização ao acampamento de Neufeld: o mesmo círculo irregular de cabanas toscas, dispostas na mesma *jamba* — depressão — com os idênticos pinheiros maciços elevando-se por cima. O guia falou com Maria e ela voltou-se com frieza para Mallory, a expressão de desprezo do rosto mostrando claramente que era a contragosto que ela lhe dirigia a palavra.

— Iremos para a casa dos hóspedes. Você deve se apresentar ao Comandante. Este soldado lhe indicará o caminho.

O guia fez um sinal em confirmação. Mallory seguiu-o através do acampamento, até uma cabana bastante grande e bem iluminada. O guia bateu à

porta, abriu-a e com a mão fez um gesto para Mallory entrar, acompanhando-o.

O Comandante era um homem alto, esguio e moreno, com aquele ar aquilino e aristocrático tão comum aos montanheses da Bósnia. Avançou até Mallory com a mão estendida e sorriu.

— Major Broznik, às suas ordens. Já é muito, muito tarde, mas como vê ainda estamos de pé e bem ocupados. Se bem que eu o esperasse bem antes disso...

— Não sei do que está falando.

— O senhor não sabe... o senhor é o Capitão Mallory, não é?

— Nunca ouvi falar dele — Mallory olhou fixamente para Broznik, depois de relance para o guia e novamente para Broznik. Este franziu a testa por um momento, mas logo seu rosto desanuviou-se. Falou qualquer coisa ao guia, que se virou e saiu. Mallory estendeu a mão.

— Capitão Mallory, para servi-lo. Eu sinto muito, Major Broznik, mas era preciso falar-lhe a sós.

— Não confia em ninguém, nem em meu *próprio* acampamento?

— Em ninguém.

— Nem em seus próprios homens?

— Eu não posso saber se eles não podem se enganar algum dia. Eu não creio que eu não possa me enganar.

Eu não acredito que o senhor não possa se enganar.

— Por favor — a voz de Broznik era tão fria quanto os seus olhos.

— O senhor já teve aqui dois homens desaparecidos? Um com o cabelo avermelhado e o outro de cabelos negros... o de cabelos avermelhados estrábico e com uma cicatriz que ia da boca até o queixo?

Broznik se aproximou: — O que sabe sobre esses dois homens?

— O senhor sabe alguma coisa? Eu quero dizer, o senhor os conhece?

Broznik confirmou com a cabeça e disse lentamente:

— Nós os perdemos em ação. No mês passado.

— Achou os corpos?

— Não.

— Não havia corpos para serem achados. Eles desertaram... juntaram-se aos *cetniks*.

— Mas eles eram *cetniks*... convertidos à nossa causa.

— Pois foram reconvertidos. Seguiram-nos hoje à noite. Sob as ordens do Capitão Droshny. Eu mandei matá-los.

— O senhor... mandou... matá-los?

— Pense, homem — Mallory falou com tédio. — Se eles chegassem aqui, o que certamente iriam fazer após um discreto intervalo, se nós não os

houvéssemos reconhecido, seriam recolhidos como prisioneiros foragidos. Iriam informar os nossos menores movimentos. Mesmo que nós os tivéssemos reconhecido, e feito alguma coisa a respeito depois de sua chegada... o senhor pode ter *outros cetniks* aqui que teriam relatado a seus chefes que nós havíamos dado conta de seus cães de guarda. Assim, nós cuidamos deles com calma, sem espalhafato, num local remoto e depois os escondemos.

— Não há *cetniks* sob o meu comando, Capitão Mallory. Mallory disse secamente: — É necessário que um fazendeiro

seja muito vivo, Major, para ver duas maçãs podres dentro de um balaio e garantir que não há outras estragadas por baixo. Não podemos correr riscos. Nunca. Jamais — Mallory sorriu para mostrar que não havia ofensa em suas palavras e continuou com vivacidade: — Agora, Major, há umas informações que Hauptmann Neufeld deseja saber...

Dizer que a casa de hóspedes merecia um título assim hospitaleiro, seria uma considerável atenuação da verdade. Como abrigo para animais domésticos que não fossem de estimação, ela seria apenas aceitável: para a acomodação noturna de seres humanos, estava visivelmente carente do que as modernas e sofisticadas sociedades européias chamam de condições essenciais à vida civilizada. Mesmo os

espartanos da Grécia Antiga teriam considerado suas condições um tanto aquém do necessário... Uma mesa bamba das pernas, montada sobre um cavalete, um banco, um fogo quase extinto e muito chão duro de terra batida. Estava longe de ser o que nós chamamos de um lar...

Havia seis pessoas na cabana, três de pé, uma sentada e dois espichados no chão encaroçado. Petar, por sua vez sem a irmã ao lado, estava sentado no chão, com o violão silencioso apertado entre as mãos, olhando sem ver para as cinzas desmaiadas do braseiro. Andrea, estirado em aparente conforto num saco de dormir, pacificamente soltava baforadas do que — julgando-se os olhares sofridos lançados de través em sua direção — parecia ser um charuto ainda mais abominável do que os outros. Miller, igualmente reclinado, estava lendo um fino livrinho de poesias. Reynolds e Groves, incapazes de dormir, estavam de pé inativos ao lado da janela solitária, contemplando abstratos a luz difusa que vinha do acampamento: voltaram-se quando Saunders tirou o transmissor de rádio do estojo e dirigiu-se para a porta.

Com um certo azedume, Saunders disse: — Durmam bem.

— Durmam bem? — Reynolds levantou uma sobrancelha. — E aonde é que você vai?

— A casa do rádio fica ali do outro lado. Mensagem

para Termoli. Não quero cansar a beleza de vocês enquanto estou transmitindo.

Saunders saiu. Groves foi para perto da mesa e sentou-se, apoiando entre as mãos uma cabeça cansada. Reynolds continuou de pé ao lado da janela, observou Saunders atravessar o pátio e entrar numa cabana escura do lado oposto. Logo uma luz apareceu na janela, quando Saunders acendeu o lampião.

Os olhos de Reynolds mudaram de posição quando um retângulo de luz apareceu de repente no meio do terreno. A porta da cabana do Major Broznik abriu-se e Mallory parou um instante, emoldurado pela luz, trazendo nas mãos o que de longe parecia ser uma folha de papel. A porta fechou-se e Mallory caminhou em direção à casa de rádio.

Reynolds ficou de repente atento, imóvel. Mallory dera menos de uma dúzia de passos quando uma figura escura destacou-se da sombra ainda mais escura de uma das cabanas e pôs-se à sua frente. Automaticamente, a mão de Reynolds procurou a Luger em seu cinturão, mas lentamente se abaixou: o que quer que esta entrevista significasse para Mallory ele certamente não corria perigo, pois Maria, Reynolds sabia, não levava nenhuma arma. E sem dúvida alguma, era Maria mesmo que estava agora empenhada em uma aparente palestra íntima com Mallory.

Intrigado agora, Reynolds apertou o rosto contra o vidro. Por quase dois minutos ele observou a estranha cena da moça que já esbofeteara Mallory com tanto rancor, que não perdera nenhuma oportunidade de demonstrar uma animosidade que se aproximava do ódio, falando agora com ele não somente com vivacidade, como também numa maneira claramente amável. Tão inesperada e total foi a sua baldada tentativa de compreensão para esta inexplicável reviravolta de acontecimentos, que os seus pensamentos entraram num estado cataléptico, num feitiço que foi bruscamente quebrado quando ele viu Mallory por um braço confortador em torno dos ombros da moça e dar-lhe um tapinha que poderia ser de afeição ou de conforto, ou mesmo de ambos, e que de forma alguma pareceu evocar um sentimento desagradável por parte da garota.

Isto também era inexplicável, mas a única explicação que podia ser dada era comprometedoramente sinistra. Reynolds voltou-se em silêncio e com urgência fez um aceno para Groves se aproximar da janela. Groves levantou-se depressa, foi até a janela e olhou para fora, mas quando fez isto já não havia mais sinal de Maria: Mallory estava sozinho, andando pelo centro do acampamento em direção à casa de rádio, o papel ainda nas mãos. Groves relanceou os olhos interrogativamente para

Reynolds.

— Eles estavam juntos — sussurrou Reynolds. — Mallory e Maria. Eu os vi. Estavam conversando.

— O quê? Você tem certeza?

— Deus é testemunha! Eu os vi, homem! Ele estava até com o braço em volta dela... Afaste-se da janela... Maria está chegando.

Sem pressa, para não chamarem a atenção de Miller e Andrea, eles se voltaram e andaram despreocupados até a mesa. Segundos depois, Maria entrou sem olhar nem falar a ninguém, dirigiu-se para perto do fogo e pegou na mão de Petar sentando-se a seu lado. Um ou dois minutos depois, Mallory chegou e sentou-se num colchão de palha ao lado de Andrea, que tirou o charuto da boca e olhou para ele numa interrogação muda. Mallory olhou casualmente pela sala, para ver se ninguém estava reparando e acenou afirmativamente para Andrea. Andrea retornou à contemplação de seu charuto.

Reynolds olhou incerto para Groves e disse para Mallory: — Um de nós deve ficar de guarda, senhor?

— De guarda? — Mallory pareceu divertido. — Para quê? Este é um acampamento partisano, Sargento. Amigos, você sabe. E como já viu, o próprio sistema de guarda deles é excelente.

— A gente nunca sabe...

— *Eu sei. Vá dormir.*

Reynolds continuou com obstinação: — Saunders está sozinho lá. Eu não gosto...

— Ele vai enviar uma mensagem curta em código para mim. Só alguns minutos e já acabou.

— Mas...

— Cale a boca — disse Andrea. — Não escutou o que o Capitão disse?

Reynolds já estava profundamente inquieto, uma inquietação que agora se transformara numa irritação antagônica contra Andrea.

— Cale a boca? Por que eu deveria calar a boca? Não recebo ordens suas. E em vez de ficar dizendo aos outros o que fazer, porque não joga fora este charuto fedorento?

Miller abaixou o livro de versos aborrecido.

— Eu estou plenamente de acordo a respeito deste charuto desgraçado, rapazinho. Mas ponha na cabeça de que está falando a um Coronel do Exército.

Miller tornou a levantar o livro. Por um breve instante Reynolds e Groves se entreolharam boquiabertos, depois Reynolds ficou de pé e olhou para Andrea.

— Eu sinto muitíssimo, senhor. Eu... eu não imaginava... Andrea fez um gesto magnânimo com a mão e retomou a

sua perfeita comunhão com o charuto. Os minutos se passaram silenciosos. Maria, perto do fogo, tinha a

cabeça deitada no ombro de Petar e não fazia nenhum movimento: parecia adormecida. Miller abanou a cabeça no que bem podia ser uma embevecida admiração por uma das mais esotéricas manifestações das musas poéticas, fechou com relutância o livro e escorregou para dentro do seu saco de dormir. Andrea apagou o charuto no chão e fez o mesmo. Mallory parecia já estar dormindo. Groves deitou-se e Reynolds, recostado sobre a mesa, descansou a cabeça sobre os braços. Por cinco minutos, ou talvez um pouco mais, ele permaneceu assim, cochilando desassossegado, quando levantou a cabeça, sacudiu-a, olhou de relance para o relógio e foi até Mallory, tocando-lhe o ombro. Mallory mexeu-se.

— Vinte minutos — disse Reynolds com insistência.

— Vinte minutos e Saunders ainda não voltou.

— Muito bem, vinte minutos — Mallory falou com paciência. — Ele deve ter demorado a entrar em contato e a transmitir a mensagem.

— Sim, senhor. Posso ir verificar, senhor? Extenuado, Mallory concordou e fechou os olhos. Reynolds pegou sua Schmeisser, deixou a cabana e fechou a porta à saída. Destravou a arma e correu pelo acampamento.

A luz ainda estava acesa na casa de rádio. Reynolds tentou espiar pela janela, mas a geada daquela noite amarga a deixara completamente opaca. Ele foi até a

porta, que estava ligeiramente entreaberta. Pôs o dedo no gatilho e abriu-a da maneira com que os Comandos são treinados a abrir portas — com um violento pontapé de seu pé direito.

Não havia ninguém na cabana, ou pelo menos, ninguém que pudesse causar-lhe algum mal. Lentamente Reynolds abaixou sua arma, caminhou hesitante, como num pesadelo, o choque transformando seu rosto numa máscara.

Saunders estava reclinado sobre a mesa do transmissor, a cabeça descansando nela em um ângulo forçado, os dois braços pendurados molemente para o chão. O punho de uma faca aparecia entre suas espáduas: Reynolds notou, subconscientemente, que não havia nenhum traço de sangue — a morte fora instantânea. O transmissor jazia no chão, uma massa retorcida e confusa de metal que fora evidentemente pisoteada até ficar inútil. Numa tentativa frustrada, sem saber mesmo por que, ele chegou mais perto e tocou o ombro do morto: Saunders pareceu mover-se, seu rosto escorregou ao longo da mesa e ele descambou para um lado, caindo pesadamente sobre os restos destroçados do transmissor. Reynolds curvou-se sobre ele. O que antes fora uma pele bronzeada, estava agora reduzida à cinzenta cor do pergaminho, olhos vagos e apagados olhando inutilmente por uma mente que se fora. Reynolds

disse um impropério lacônico e amargo, endireitou-se e correu para a cabana.

Lá, todos dormiam ou pareciam dormir. Reynolds foi até onde Mallory estava deitado, abaixou-se sobre um joelho e sacudiu-o bruscamente. Mallory fez um movimento, entreabriu os olhos fatigados e levantou o corpo sobre um cotovelo. Dirigiu a Reynolds um olhar interrogativo, sem demonstrar nenhum entusiasmo.

— Entre amigos, o senhor disse! — a voz de Reynolds era baixa, rancorosa, quase sibilante. — Em segurança, o senhor disse! Saunders não vai demorar. O senhor *sabia*, o senhor disse! O senhor sabia muito bem...

Mallory não disse nada. Sentou-se bruscamente em seu colchão de palha e o sono desapareceu por encanto de seus olhos. Perguntou: — Saunders?

Reynolds disse: — É melhor vir comigo.

Em silêncio os dois homens saíram, em silêncio cruzaram o pátio deserto do acampamento e em silêncio entraram na cabana. Mallory não foi além da porta. Não pode ter durado mais de dez segundos, mas pelo que pareceu a Reynolds um período de tempo excessivo, Mallory olhou para o homem morto e para o transmissor despedaçado, olhos frios, sem demonstrar no rosto uma só reação emocional. Reynolds confundiu a expressão, ou a falta dela, por alguma outra coisa e não pode mais controlar a sua

fúria abafada.

— Muito bem, o senhor vai ficar parado aí a noite inteira ou vai fazer alguma coisa?

— Cada cachorro tem o direito de dar sua dentada — disse Mallory suavemente — mas não torne a me dirigir a palavra desta maneira. Fazer o quê, por exemplo?

— Fazer o quê? — visivelmente Reynolds lutava para manter a sua calma. — Achar o gentil cavalheiro que fez isto.

— Vai ser muito difícil achá-lo — considerou Mallory. — Eu diria mesmo impossível. Se o assassino for alguém daqui do acampamento, já terá se escondido aqui mesmo. Se veio de fora, já está a mais de um quilômetro de distância e aumentará a distância a cada segundo. Vá lá e acorde Miller, Andrea e Groves e diga-lhes para virem aqui. Depois vá avisar o Major Broznik do que aconteceu.

— Eu lhes direi o que aconteceu — Reynolds falava com amargura. — E eu lhes direi também o que *teria* acontecido se o senhor houvesse me escutado, não é verdade?

— Você tinha razão e eu estava errado. Agora, faça o que eu lhe pedi.

Reynolds hesitou, via-se claramente que era um homem à beira da revolta total. A suspeita e a rebeldia se alternavam em seu rosto enraivecido. Então,

alguma estranha qualidade na expressão de Mallory pesou na balança para fazê-lo voltar ao seu juízo perfeito e ele acenou com a cabeça num antagonismo casmurro, virou-se e saiu.

Mallory esperou até que ele desse a volta da cabana, pegou sua lanterna e, meio desesperançado, pôs-se a examinar a neve endurecida ao lado de fora da porta da casa de rádio. Quase imediatamente parou, curvou-se para a frente e levou o clarão da lanterna até a superfície do solo.

Era um ínfimo pedaço de pegada, na verdade apenas a metade dianteira da sola de um pé direito. A marca mostrava duas marcas em *V*, o *V* principal com uma falha bem definida. Mallory, movimentando-se agora com mais rapidez, seguiu a direção indicada pela ponta do pé e achou mais duas pegadas idênticas, tênues porém inconfundíveis, antes de que a camada fofa de neve desse lugar à terra gelada do pátio, tão endurecida que não podia registrar marcas de espécie alguma. Mallory voltou sobre seus passos, apagando cuidadosamente as três pegadas com a ponta de sua bota e chegou à porta da cabana apenas alguns segundos antes de Reynolds, Andrea, Miller e Groves. O Major Broznik e vários de seus homens juntaram-se a eles logo depois.

Deram uma busca no interior da cabana procurando pistas que indicassem a identidade do

assassino, mas não havia uma única. Centímetro por centímetro, eles esquadrinharam a neve endurecida que circundava a cabana com os mesmos resultados negativos. Reforçados agora por sessenta ou setenta partisanos com cara de sono, efetuaram uma busca simultânea em todas as construções e no bosque que rodeava o acampamento: mas nem o acampamento, nem os bosques vizinhos tinham segredo algum a revelar.

— Podemos desistir — disse Mallory finalmente. — Ele fugiu sem deixar rastros.

— Parece que sim — concordou o Major Broznik. Ele estava profundamente confuso e raivoso de que uma tal coisa acontecesse em seu acampamento. — É melhor duplicarmos os guardas para o resto da noite.

— Não há mais necessidade — disse Mallory. — Nosso amigo não voltará.

— Não há mais necessidade — Reynolds imitou o gesto de Mallory com ódio selvagem. — Não havia necessidade disto para o pobre Saunders, o senhor disse. E onde está ele agora? Dormindo confortavelmente em sua cama? Está no inferno? Não há necessidade...

Andrea resmungou-lhe uma advertência e deu um passo em sua direção, mas Mallory fez um breve gesto conciliatório com a mão direita. Disse: — Isto é inteiramente à sua conveniência, Major. Eu sinto

muito ser responsável por uma noite insone para o senhor e seus homens. Eu o verei pela manhã — sorriu meio de lado: — Aliás, isto não está assim tão longe — voltou-se para ir embora, encontrou o caminho bloqueado pelo Sargento Groves, um Groves que, habitualmente de semblante alegre, refletia agora a hostilidade severa de Reynolds.

— Então ele deu o fora, hem? Foi-se para o diabo. E isto é o fim de tudo?

Mallory olhou-o compreensivo. — Bem, não. Eu não disse isso. Dê-me um tempinho. Eu o encontrarei.

— Um tempinho? Talvez antes dele morrer de velhice? Andrea olhou para Mallory — Vinte e quatro horas?

— Menos.

Andrea fez que sim com a cabeça e junto com Mallory virou-se e saiu, encaminhando-se para a casa de hóspedes. Reynolds e Groves, com Miller um pouco mais atrás, observaram-nos se afastar, entreolharam-se, os rostos ainda amargos e frios.

— Eles não fazem um cândido e adorável par? Absolutamente inconsoláveis pelo pobre Saunders — Groves balançou a cabeça: — Eles não ligam. Eles simplesmente não ligam para nada.

— Oh, eu não diria isto — falou Miller timidamente. — Eles *fingem* que não ligam. Não é a mesma coisa.

— Parecem uns índios de cara de pau — murmurou Reynolds. — Nem disseram que estavam *sentidos* pela morte de Saunders.

— Bem — disse Miller com paciência. — É um lugar-comum, mas pessoas diferentes reagem de maneiras diferentes. Pois bem, a raiva e o pesar são as reações naturais para isso que aconteceu, mas se Mallory e Andrea passassem o tempo reagindo dessa maneira para todas as coisas que já aconteceram a *eles* durante toda uma vida, já teriam estourado há muitos anos. Assim, eles não reagem mais desta forma. Eles fazem coisas. Coisas que farão ao pegar o assassino de seu amigo. Talvez vocês não tenham entendido, mas acabaram de ouvir uma sentença de morte sendo proferida.

— Como é que *you* sabe? — perguntou incerto Reynolds. Acenou na direção de Mallory e Andrea, que neste instante entravam na casa dos hóspedes — E como *eles* sabem? Sem falar, eu quero dizer?

— Telepatia.

— O que é que você quer dizer com *telepatia*?

— Demoraria muito tempo para explicar — disse Miller com cansaço. — Me pergunte amanhã de manhã.

6 - Sexta-feira - *Das oito às dez da manhã*

COROANDO A COPA DE PINHEIROS altos como torres, os galhos densos e entrelaçados cobertos de neve formavam uma abóbada quase impenetrável que protegia o acampamento do Major Broznik escondido aos pés da *jamba*. Apenas alguns raios fugazes de luz vinham lá do alto do céu. Mesmo ao meio-dia de um dia de verão, nunca havia muito mais luz do que num crepúsculo: numa manhã como esta, uma hora após o amanhecer e com a neve caindo suavemente de um céu sombrio, a claridade parecia ser pouco diferente das estrelas da meia-noite. O interior da cabana onde eram feitas as refeições, na qual Mallory e seus companheiros tomavam o café da manhã junto com o Major Broznik, era extremamente lúgubre, a escuridão mais acentuada ainda pelas duas fumarentas lamparinas que forneciam o único e primitivo meio de iluminação.

A atmosfera tristonha era ainda mais acentuada pela expressão e o comportamento daqueles que estavam sentados à mesa do café. Comiam num silêncio soturno, cabeças baixas, sem trocar palavras ou um olhar: os acontecimentos da noite anterior tinham afetado a todos de maneira profunda, mas a

ninguém como a Reynolds e Groves, em cujos semblantes se evidenciava ainda o choque causado pelo assassinio de Saunders. Eles não tocaram na comida.

É claro que as reservas a respeito da má qualidade do cardápio matinal dos partisanos completava esta atmosfera de desespero silencioso. Servido por duas jovens *partisanas* — mulheres membros do exército do Marechal Tito — consistia de *polenta*, um prato altamente enjoativo, feito de fubá de milho e *raki*, uma aguardente iugoslava de ardência incomum. Miller mexeu sua comida com uma colher e uma total falta de entusiasmo.

— Bem — disse ele sem se dirigir a ninguém em particular, — para variar serve...

— É só o que temos — disse Broznik desculpando-se. Ele pos a colher sobre a mesa e afastou o prato. — E mesmo assim eu não consigo comer. Pelo menos hoje de manhã... Cada uma das entradas da *jamba* está vigiada, entretanto entrou um assassino ontem em meu acampamento. Talvez ele nem *tenha passado* pelos guardas, quem sabe se ele não estava aqui dentro? Quando eu penso nisso... um traidor em meu próprio acampamento! E se ele está aqui, eu nem sou capaz de achá-lo. Nem consigo acreditar nisso...

Os comentários seriam supérfluos, nada podia ser acrescentado ao que já fora dito antes, ninguém nem

mesmo olhou na direção de Broznik: seu pungente mal-estar, constrangimento e raiva eram aparentes para todos, em seu tom de voz. Andrea, que já esvaziara seu prato com evidente apetite, olhou para os pratos intactos em frente de Reynolds e Groves, lançou um olhar interrogativo para os dois, que balançaram a cabeça negativamente. Andrea esticou a mão, puxou os pratos para a sua frente e começou a comê-los com todo o jeito de quem não perdera o apetite. Reynolds e Groves observaram-no com incredulidade chocada, possivelmente pasmados pelo horrível paladar de Andrea, e mais ainda, espantados pela insensibilidade de um homem que podia comer com tanto prazer apenas algumas horas depois da morte de um de seus camaradas. Miller, por seu lado, também olhou para Andrea quase com horror, tentou outra minúscula colherada de sua *polenta* e franziu o nariz numa sutil repugnância. Deixou a colher na mesa e olhou preguiçosamente para Petar, que, com o violão a tiracolo, comia desajeitadamente.

Disse com irritação: — Ele *sempre* carrega este maldito violão?

— Nosso pobrezinho — disse Broznik suavemente. — É como nós o chamamos. Nosso pobre ceguinho... Ele sempre o trás a tiracolo ou a seu lado. Sempre. Mesmo quando dorme; não reparou a noite passada? Aquele violão significa para ele a sua própria vida.

Algumas semanas atrás, um de nossos homens, por brincadeira, tentou tirá-lo das mãos: Petar, apesar de ser cego, quase matou-o.

— Ele não deve ter ouvido nenhum — disse Miller admirado. — É o violão mais desafinado que eu já escutei.

Broznik sorriu abatido — Eu concordo. Mas não entende? Ele pode senti-lo. Pode tocá-lo. É seu. É a única coisa que lhe resta do mundo, deste mundo escuro, solitário e vazio. Nosso pobrezinho...

— Ele podia tentar ao menos afiná-lo — resmungou Miller.

— Você é um homem bom, meu amigo. Está tentando desviar nossos pensamentos do dia que se nos apresenta pela frente. Infelizmente, homem nenhum pode conseguir tal coisa — voltou-se para Mallory. — Tampouco ninguém pode esperar levar a cabo o seu plano louco para resgatar os seus agentes capturados e desbaratar a rede de contra-espionagem alemã por aqui. É loucura... Loucura!

Mallory acenou vagamente com a mão — Vocês estão aqui. Não há comida. Não há artilharia. Não há transporte. Pouquíssimas armas e praticamente nenhuma munição para estas armas. Não há suprimentos médicos. Não há tanques. Não há aviões. Não há esperança... e vocês continuam lutando. Vocês têm juízo?

— *Touché* — Broznik sorriu, empurrou a garrafa de *raki* para Mallory, esperou que este enchesse o copo e brindou: — A todos os loucos deste mundo!

— Acabei de falar com o Major Stephan lá em cima do Desfiladeiro de Oeste — disse o General Vukalovic. — Ele acredita que todos nós somos doidos. O senhor está de acordo, Coronel Lazlo?

O homem deitado ao lado de Vukalovic abaixou o binóculo. Ele era corpulento, queimado de sol, maciço, um homem de meia-idade ostentando um magnífico bigode que parecia engomado. Depois de considerar a pergunta por um momento, ele disse: — Sem dúvida alguma, senhor.

— Até você? — protestou Vukalovic. — Com um pai tcheco?

— Ele veio do Alto Tatra — explicou Lazlo. — Lá todos são doidos.

Vukalovic sorriu, apoiou-se mais confortavelmente nos cotovelos, e fitou atento à ravina entre as duas rochas, ergueu o binóculo e esquadrinhou a cena ao sul.

Logo à sua frente, situava-se um paredão de pedras nuas, caindo suavemente a uma distância de cerca de setenta metros. Um pouco além da sua base, ele se transformava gradualmente numa plataforma achatada e comprida, coberta de grama, no máximo com uns duzentos metros de largura na parte mais

larga, mas se espichando até onde a vista podia alcançar de ambos os lados, pela direita até o oeste e pela esquerda para o leste, nordeste e finalmente para o norte.

Além da borda da plataforma, o terreno caía abruptamente para formar o talude de um rio largo e caudaloso, que, como todos os rios alpinos, tinham aquela cor peculiar branco-esverdeada, cujo verde vinha das águas do degelo da primavera e o branco das espumas que se formavam nas rochas pontiagudas e nas corredeiras do seu leito. Diretamente ao sul de onde estavam Vukalovic e Lazlo, o rio era atravessado por uma ponte de aço de vão livre, pintada de verde e branco, sòlidamente construída. Do outro lado do rio, as margens gramadas inclinavam-se numa encosta suave de uns cem metros até o limite bem demarcado de uma floresta de pinheiros gigantescos que se estendia a distância, para o sul. Espalhados bem no coração dos pinheiros, estavam alguns objetos metálicos, opacos, obviamente tanques. No ponto mais afastado, além do rio e para lá dos pinheiros, montanhas altaneiras, recortadas, deslumbrantes com sua cobertura brilhante de neve, e além disto tudo, um pouco mais para o sudeste, um sol igualmente branco e ofuscante brilhava através de uma absurda mancha azul que sobressaía num céu encoberto por nuvens cor de neve.

Vukalovic abaixou o binóculo e suspirou.

— Você tem idéia de quantos tanques há do outro lado da floresta?

— Eu só pedia aos céus para saber — Lazlo levantou os braços num gesto rápido e desalentado. — Podem ser dez. Podem ser duzentos. Não temos idéia. Mandamos alguns voluntários para reconhecimento, é claro, mas eles nunca voltaram. Talvez tenham sido arrastados ao tentarem cruzar o Neretva — olhou para Vukalovic, a curiosidade nos olhos: — Pelo Desfiladeiro de Zenica, pelo Desfiladeiro de Oeste ou através daquela ponte ali... o senhor não sabe de que lado virá o ataque, General?

Vukalovic balançou negativamente a cabeça.

— Mas o espera para breve?

— Muito breve — Vukalovic bateu no chão rochoso com o punho fechado. — Não há meio *nenhum* de destruir aquela maldita ponte?

— Houve cinco ataques da RAF — disse Lazlo desanimado. — Até o dia de hoje, vinte e sete aviões perdidos — eles têm duzentas armas antiaéreas ao longo do Neretva e a base mais próxima de Messerschmitt está apenas a dez minutos de vôo. Os radares alemães detectam os bombardeiros britânicos ao cruzarem as nossas costas e os Messerschmitt estão aí, esperando, no instante em que eles chegam. E não esqueça de que a ponte está encravada na rocha dos

dois lados.

— Um golpe certo ou nada?

— Um golpe certo num alvo de sete metros de largura de três mil metros. É impossível. E um alvo tão camuflado que dificilmente é visto de mais de quinhentos metros por terra. Duplamente impossível.

— E impossível também para nós — disse Vukalovic desalentado.

— Impossível para nós... Fizemos a nossa última tentativa há duas noites.

— Vocês fizeram... eu lhes disse para não fazer.

— O senhor *pediu-nos* para não fazer. Mas, é claro, que eu, Coronel Lazlo, sabia melhor do que o senhor... Eles começaram disparando granadas de sinalização quando nossas tropas estavam ainda na metade do platô, só Deus sabe como eles adivinharam que nós estávamos avançando. Depois, os holofotes...

— Depois os *shrapnel*² — completou Vukalovic. — E os Oerlikons³. Baixas?

— Perdemos meio batalhão.

— Meio batalhão! E diga-me, meu caro Lazlo, o que teria acontecido no caso improvável de que seus homens chegassem até a ponte?

— Eles tinham algumas cargas de amatol, algumas granadas de mão...

² Obuses com balins (N. T.)

³ Canhões de repetição automáticos (N. T.)

— Não tinham fogos de artifícios? — perguntou com sarcasmo Vukalovic. — Talvez tivesse ajudado. Aquela ponte é feita de aço assentado sobre concreto reforçado, homem! Você foi louco em tentar isto!

— Sim, senhor — Lazlo olhou para o outro lado. — Talvez o senhor deva me substituir no comando.

— Eu creio que devia — Vukalovic olhou de perto aquele rosto exausto. — De fato, é o que eu tenciono fazer. Só não o farei por um motivo.

— Um motivo?

— Todos os meus outros comandantes de regimentos são tão loucos quanto você. E se os alemães atacarem... talvez hoje à noite?

— Nós ficaremos aqui. Somos iugoslavos e não temos nenhum outro lugar para ir. O que podemos fazer?

— O que podemos fazer? Dois mil homens com espingardinhas de ar comprimido, a maioria deles enfraquecidos, morrendo de fome e com falta de munições, contra talvez duas das melhores divisões blindadas alemães. E vocês ficam aqui! Sabem que podem render-se, não sabem?

Lazlo sorriu — Com todo o respeito, General, este não é um momento para brincadeiras.

Vukalovic bateu em seu ombro — Eu também não acho isto engraçado. Vou lá para o alto da represa, para a barreira de nordeste. Vou ver se o Coronel

Janzy é tão insensato quanto você. Coronel?

— Senhor?

— Se o ataque vier, é possível que eu dê uma ordem para recuar.

— Recuar?

— Não é rendição. Retirada. Recuar para um ponto que eu espero nos dê a vitória.

— Tenho certeza de que o General sabe do que está falando.

— O General não está certo de nada — esquecido de que algum atirador de tocaia pudesse estar do outro lado do rio, o General Vukalovic pôs-se de pé, pronto para ir-se. — Já ouviu falar de um homem chamado Capitão Mallory? Keith Mallory, um neozelandês?

— Não — Lazlo respondeu prontamente. Fez uma pausa e continuou: — Espere um instante... É um sujeito que gosta de escalar montanhas?

— Este mesmo. Mas ele também tem... pelo menos foi o que me disseram... outros dotes... — Vukalovic esfregou com a mão a barba crescida do queixo. — Se tudo o que ouvi sobre ele for verdade, eu acho que você pode dizer que ele é um indivíduo extremamente bem dotado.

— E o que há com este indivíduo tão bem dotado?

— perguntou Lazlo com curiosidade.

— Apenas isto — Vukalovic tornou-se

repentinamente muito sério, muito desalentado. — Quando tudo está perdido e não há mais esperança, existe sempre, em algum lugar do mundo, um homem que pode modificar a situação. Frequentemente *existe apenas* este homem único. Mas este homem único aparece sempre... — ele fez uma pausa para refletir. — Pelo menos é o que dizem...

— Sim, senhor — disse Lazlo polidamente. — Mas sobre este Keith Mallory...

— Antes de dormir esta noite reze por ele. Eu também rezarei.

— Sim, senhor. E nós? Devo rezar também por nós?

— Isto mesmo — disse Vukalovic. — Não seria má idéia.

Os lados da *jamba* que levavam ao acampamento do Major Broznik eram muito íngremes e escorregadios, e a tropa de homens e animais subia com dificuldades. Pelo menos quase todos, pois a escolta de partisanos morenos e atarracados, para os quais este terreno era uma parte e uma parcela de suas existências, parecia não ligar muito para a subida: isto também parecia não afetar em nada a Andrea, que soltava baforadas rítmicas de seu charuto mal cheiroso. Reynolds notou isto, um fato que forneceu combustível novo para sua mente já cheia de dúvidas sombrias e tormentos.

Disse com azedume: — A sua cura em uma noite foi formidável, Coronel Stavros.

Andrea tirou o charuto da boca — Eu tenho uma coisa no coração. Vem e vai... — botou o charuto na boca outra vez.

— Imagino que sim — resmungou Reynolds. Pela vigésima vez, olhou para trás por cima do ombro. — Aonde diabos meteu-se o Mallory?

— Aonde diabos meteu-se o *Capitão* Mallory — ralhou Andrea.

— Bem, aonde?

— O chefe de uma expedição tem muitas responsabilidades — disse Andrea. — Muitas coisas para fazer. O Capitão Mallory está provavelmente cuidando de algumas destas coisas neste exato momento.

— Diga isto de novo — resmungou baixinho Reynolds.

— O que foi que você disse?

— Nada.

O Capitão Mallory estava mesmo cuidando de algo, como presumira corretamente Andrea. De volta ao escritório de Broznik, os dois estavam curvados sobre um mapa aberto em cima da mesa de cavalete. Broznik apontou para um ponto no extremo norte do mapa.

— Eu estou de acordo. Este é o local mais provável para uma pista de aterragem de avião. Mas é muito alto. Nesta época do ano deve haver pelo menos um metro de neve lá em cima. Há outros locais, locais

melhores.

— Eu não duvido disso nem por um momento — disse Mallory. — Os campos longínquos são sempre mais verdes, portanto assim também devem ser os aeroportos longínquos. Mas eu não terei tempo de ir até eles — espetou o dedo indicador no mapa. — Eu quero uma pista de aterragem aqui, e somente aqui, hoje ao cair da noite. Eu lhe ficarei muito grato se mandar um mensageiro a Konjic dentro de uma hora e de ter meu pedido enviado pelo rádio imediatamente para o QG partisanso em Drvar.

Broznik disse secamente: — Está acostumado a pedir milagres instantâneos, não é Capitão Mallory?

— Isto não precisa de um milagre. Somente de mil homens. Os pés de mil homens. Não é um preço pequeno para sete mil vidas? — entregou a Broznik uma folha de papel. — Frequência e código. Faça Konjic transmiti-lo o mais rápido que possa. — Mallory deu uma olhada para o relógio — Eles já têm vinte minutos à minha dianteira. É melhor eu me apressar.

— Eu creio que sim — disse rapidamente Broznik. Hesitou, sem achar as palavras por um momento e, então, falou embaraçado: — Capitão Mallory, eu... eu...

— Eu sei. Não se preocupe. Os Mallorys deste mundo nunca morreram de velhos. Nós somos muito burros.

— Somos mesmo, não somos? — Broznik apertou a mão de Mallory. — Hoje à noite, eu rezarei uma oração para você.

Mallory permaneceu em silêncio por um instante e acenou afirmativamente com a cabeça, depois de uma breve pausa.

— Reze uma bem grande.

Os batedores bosnianos, agora como o resto do grupo montado em cavalos, lideravam a marcha através dos sinuosos caminhos das suaves encostas de um vale densamente arborizado, seguidos por Andrea e Miller, cavalgando lado a lado, e Petar, cujas rédeas estavam nas mãos da irmã. Reynolds e Groves, por descuido ou de propósito, estavam um pouco atrasados e conversavam em voz baixa.

Groves disse curioso: — Eu gostaria de saber o que é que Mallory e o Major estão discutindo lá no acampamento.

A boca de Reynolds torceu-se num trejeito amargo: — Talvez fosse melhor que nós não soubéssemos nunca.

— Você pode estar certo. Eu não sei de nada — Groves fez uma pausa e continuou quase numa súplica: — Broznik está por dentro de tudo. Eu tenho a certeza. Sendo o que ele é, ele *tem* de estar.

— Isto é certo. Mallory também, não acha?

— *Ele* também deve estar por dentro.

— Deve? — Reynolds foi feroz. — Por Deus, homem! Eu lhe digo que vi com meus próprios olhos — balançou a cabeça na direção de Maria, que seguia a uns vinte metros adiante e seu rosto tornou-se duro e cruel. — Aquela garota esbofeteou-o... e *como* esbofeteou-o!... lá no acampamento de Neufeld e logo depois eu os vi numa conversinha arruinada de namorados lá fora da cabana de Broznik. Estranho, não é? Logo depois Saunders foi assassinado. Coincidência, não é? Eu lhe digo, Groves, Mallory poderia ter feito aquilo. A garota *poderia* ter tido tempo de matá-lo antes de se encontrar com Mallory... exceto que teria sido impossível fisicamente para ela enfiar uma lâmina de faca de doze centímetros até o cabo. Mas Mallory poderia muito bem ter feito isto. Ele teve tempo de sobra — e oportunidade também — quando foi entregar aquela maldita mensagem, lá na casa de rádio.

Groves protestou: — Mas, em nome de Deus, por que ele teria feito uma coisa destas?

— Porque Broznik talvez tivesse dado a Mallory alguma informação urgente. Mallory *tinha* de fazer uma cena para passar a informação de volta para a Itália. Porém, quem sabe? Talvez enviar esta mensagem fosse a última coisa que ele quisesse. Teria detido a mensagem da única maneira que pode. Arrebentou o transmissor para se certificar de que

ninguém mais poderia enviar outra. Talvez tenha sido por isto que ele me impediu de montar guarda ou de ir ver Saunders, que já estava morto... em tal caso, é claro, devido ao fator tempo, a suspeita cairia automaticamente sobre ele.

— Você está imaginando coisas — apesar de suas dúvidas Groves relutava em se deixar impressionar pelo raciocínio de Reynolds.

— Você acha? Aquela faca nas costas de Saunders? Será que também fui eu que imaginei?

Em menos de meia hora Mallory alcançou o grupo. Passou trotando por Reynolds e Groves, que propositadamente o ignoraram, passou por Maria e Petar, que fizeram o mesmo, e colocou-se em posição atrás de Andrea e Miller.

Foi nesta ordem, que por quase uma hora inteira, eles avançaram através das cerradas florestas dos vales da Bósnia. De vez em quando, passavam por clareiras entre os pinheiros, clareiras que antes tinham sido locais habitados, aldeiazinhas ou pequenas povoações. Porém agora não havia mais ninguém, não havia mais casas, as aldeias haviam deixado de existir. As clareiras sempre eram as mesmas, frias e deprimentes. Nos lugares onde os montanheses haviam vivido antes a sua vida dura mas feliz, em suas casas simples e robustas, existiam apenas ruínas enegrecidas e carbonizadas, do que antes foram

prósperas comunidades. O ar ainda pesado pelo cheiro acre da fumaça antiga, o cheiro agriçoce da morte e da corrupção, testemunha muda desta guerra sem quartel, perversa e desumana entre os alemães e os partisanos iugoslavos. Ocasionalmente, aqui e ali, ainda estavam de pé algumas pequenas e sólidas casinhas de pedra que não haviam sofrido muito os estragos feitos pelas bombas, obuses, granadas, morteiros ou lança-chamas: mas eram raros os prédios grandes que haviam escapado à destruição total. Igrejas e escolas pareciam ter sido os primeiros alvos: uma vez viram um equipamento de aço carbonizado que só podia ter pertencido a um elenco de teatro. Passaram perto de um pequeno hospital distrital, que fora arrasado até o chão, pois as ruínas restantes não tinham mais de um metro de altura. Mallory imaginou o que teria acontecido aos doentes que ocupavam o hospital na ocasião: ele já nem pensava nas centenas de milhares de iugoslavos — 350.000 de acordo com as estimativas do Capitão Jensen — mas se levássemos em conta mulheres e crianças, o número deveria ser no mínimo de um milhão — que se haviam agrupado sob a bandeira do Marechal Tito. Independente do patriotismo, independente do desejo de libertação e de vingança, não havia mais nenhum outro lugar para onde eles pudessem ir. Representavam um povo, compreendeu Mallory, que literalmente não possuía

mais nada, que não tinha mais nada a perder a não ser suas vidas, às quais aparentemente eles não davam muita importância, mas que tinham tudo a ganhar com a destruição do inimigo: se ele fosse um soldado alemão, refletiu Mallory, não ficaria particularmente satisfeito com a perspectiva de uma transferência para a Iugoslávia. Era uma guerra que a Wehrmacht não venceria nunca, uma guerra que nenhum soldado da Europa Oriental poderia vencer, pois os povos das altas montanhas são virtualmente indestrutíveis.

Mallory observou que os batedores bosnianos não olhavam para a direita nem para a esquerda ao passarem através das aldeias mortas e destruídas de seus compatriotas, a maior parte dos quais certamente já morreram. Eles não *precisavam* olhar, compreendeu por fim: já tinham as suas lembranças e mesmo essas lembranças talvez fossem até demais para eles. Se fosse possível que alguém tivesse piedade de seu inimigo, naquele instante Mallory teve pena dos alemães.

Pouco a pouco eles saíram da picada estreita que serpenteava entre as montanhas, para uma estrada ainda estreita, porém larga o suficiente para veículos trafegarem numa direção única. Um dos batedores que ia à frente levantou vivamente a mão e deteve seu cavalo.

— Isto parece ser a terra de ninguém — disse

Mallory. — Eu acho que foi aqui que nos jogaram fora do caminhão hoje cedo.

O cálculo de Mallory estava correto. Os partisanos fizeram os cavalos virarem as patas, acenaram as mãos e, com um largo sorriso, gritaram algumas palavras ininteligíveis de adeus, enquanto os esporeavam de volta pela mesma estrada.

Com Mallory e Andrea na liderança e os dois sargentos fechando a retaguarda, os sete membros restantes do grupo continuaram descendo a trilha. A neve parará de cair, as nuvens abriram um claro no céu e a luz do sol filtrava-se agora através de pinheiros mais esparsos. De repente, Andrea que vinha o tempo todo olhando para a esquerda, avançou o braço e tocou o ombro de Mallory. Lá embaixo, a menos de cem metros de distância os pinheiros se acabavam e através das árvores via-se o reflexo de um objeto distante, de um verde surpreendente. Mallory virou-se na sela.

— Lá embaixo. Eu vou dar uma olhada, não avancem além da linha das árvores.

Os cavaleiros iniciaram a descida firmando-se em suas patas delicadas, através da ladeira a pique e resvaladiça. Uns dez metros depois do fim das árvores e a um sinal de Mallory, os cavaleiros apearam e caminharam com cuidado, movendo-se cautelosos de tronco em tronco de pinheiro. Os últimos metros eles

os fizeram andando de quatro, e finalmente se arrastando de barriga e aproveitando a cobertura dos últimos pinheiros. Mallory pegou o binóculo, limpou as lentes da condensação do frio e o levou aos olhos.

A linha da neve se acabava a uns trezentos ou quatrocentos metros abaixo deles. Mais abaixo ainda, havia uma mistura de rochas esfaceladas pela erosão e uma terra marrom e, além dela, um cinturão de grama feia e rala. No limite inferior desta grama, corria uma estrada asfaltada — que chamou a atenção de Mallory por ser naquela região e estar em excelentes condições — a estrada corria mais ou menos paralela, a uma distância aproximada de uns cem metros, a uma via férrea de bitola extremamente estreita: a grama que crescia entre os trilhos e a ferrugem que os cobria, levava a crer que ela não era usada há muitos anos. Logo além da linha, a terra caía numa escarpa abrupta até um lago estreito e sinuoso, em cuja margem oposta estavam outras escarpas igualmente abruptas que levavam quase sem nenhuma modificação de paisagem até ao sopé das recortadas montanhas cobertas de neve.

De onde estava deitado, Mallory olhou diretamente em ângulo reto para o lago, um lago indescritivelmente bonito. À luz clara e brilhante do sol daquela manhã de primavera, ele reluzia e cintilava como a mais pura das esmeraldas. A

suavidade da superfície era ocasionalmente encrespada por alguma ligeira aragem, aumentando ainda mais o efeito profundo da cor de esmeralda para transformá-la numa água-marinha translúcida. O lago não tinha mais de que uns quatrocentos metros de largura, mas tinha evidentemente muitos quilômetros de comprimento: o comprido braço direito, que fazia uma curva entre as montanhas, estendia-se para o leste até onde a vista podia alcançar: à esquerda, o curto braço de sul, era orlado por paredões quase verticais que no final pareciam fundir-se e terminar nas muralhas de concreto de uma barragem. Mas o que chamou a atenção deles foi o brilho espelhado das montanhas distantes neste espelho também incrivelmente verde.

— Bem — murmurou Miller — isto é lindo!

Andrea dirigiu-lhe um longo olhar sem expressão e continuou a observar o lago.

O momentâneo interesse de Groves sobrepujou-lhe a animosidade.

— Que lago é este, senhor?

Mallory abaixou o binóculo — Não tenho a menor idéia. Maria? — ela não respondeu: — Maria! Que... lago é... este?

— Esta é a Represa de Neretva — disse ela mal-humorada. — A maior de toda a Iugoslávia.

— Então ela é importante?

— Ela é importante. Aquele que a controlar, controlará a Iugoslávia Central.

— E os alemães a controlam, eu suponho?

— Eles a controlam. Nós a controlamos — havia mais do que uma insinuação de triunfo em seu sorriso.

— Nós... os alemães... a mantemos absolutamente segura. Penhascos de ambos os lados. Do lado leste... o lado de cima... eles têm uma passagem atravessando uma garganta de apenas dez metros de largura. E esta passagem é patrulhada noite e dia. Assim também as muralhas da represa. A única maneira de se ir lá é por uma fileira de degraus... fixados na encosta que fica em frente da represa.

Mallory disse secamente: — A informação é muito interessante... para uma brigada de pára-quedistas. Mas nós temos coisas mais urgentes para tratar. Venham — ele olhou de relance para Miller, que acenou que sim com a cabeça e começou a caminhar de volta ladeira acima, seguido pelos dois sargentos, Maria e Petar. Mallory e Andrea deixaram-se ficar para trás por mais alguns instantes.

— Eu imagino como será — murmurou Mallory.

— Como será o quê? — perguntou Andrea.

— O outro lado da represa.

— E os degraus cravados no penhasco?

— E os degraus cravados no penhasco.

De onde o General Vukalovic estava deitado, no

topo da encosta que ficava do lado direito, a oeste do Desfiladeiro de Neretva, ele tinha uma excelente visão dos degraus encravados na escarpa: ele tinha na verdade uma vista igualmente excelente de toda a face exterior da represa e da garganta que começava quase aos pés do paredão e se estendia para o sul por quase dois quilômetros antes de desaparecer de sua vista num abrupto ângulo reto.

A represa mesmo era muito estreita, não tinha mais de trinta metros de largura, mas era muito profunda, alargando-se num ligeiro V entre os íngremes paredões das margens até a torrente branco-esverdeada que espumava dos canos de saída em sua base. No alto da barragem, do lado leste e numa ligeira elevação, estavam a estação de controle e duas pequenas cabanas, uma das quais, julgando-se pelos soldados que eram visíveis patrulhando o topo da represa, era com certeza uma casa de guardas. Por cima destas construções, as paredes da garganta subiam verticalmente por uns dez metros, para então ressaltarem num terrível precipício.

De dentro da sala de controle, uma escada de ferro em ziguezague, pintada de verde, presa por suportes na superfície de pedras, levava até o sopé da garganta. Da base da escada uma trilhazinha estreita seguia pela garganta por uma distância de uns cem metros, terminando bruscamente num local onde algum

antigo deslizamento de terreno entalhara uma enorme cicatriz de um dos lados do desfiladeiro. De lá, uma ponte atravessava o rio continuando numa outra trilha pela margem direita.

Em matéria de pontes, aquela parecia muito velha e vacilante, feita de madeira, e dava a impressão de que o seu próprio peso bastava para jogá-la dentro da torrente a qualquer momento: o que era ainda pior, parecia ser à primeira vista que o local fora escolhido deliberadamente por alguém de mente desequilibrada, pois ficava exatamente abaixo de uma enorme pedra arredondada a uns quarenta metros acima do deslizamento, uma pedra que estava claramente num precaríssimo estado de equilíbrio e ninguém, a não ser os mais temerários, ousaria atravessar a ponte devagar. Na realidade, nenhum outro local teria sido possível.

Do lado oeste da ponte, o estreito caminho forrado de pedras roladas seguia a linha do rio, passando pelo que parecia ser um vau extremamente perigoso e finalmente sumia numa curva junto com o rio.

O General Vukalovic abaixou o binóculo, virou-se para o homem que estava a seu lado e sorriu.

— Nada de novo na frente ocidental, eh, Coronel Janzy?

— Nada de novo na frente ocidental — concordou Janzy. Era um homenzinho de ar travesso, bem-

humorado, com um rosto muito jovem e cabelos absurdamente brancos. Voltou-se e olhou em direção ao norte — Mas nem tudo está calmo na frente setentrional, eu receio...

O sorriso apagou-se no rosto de Vukalovic quando este se virou, levantou novamente o binóculo e observou o norte. A menos de cinco quilômetros dali e distintamente visível à claridade da manhã, achava-se a densamente arborizada "jaula de Zenica", durante semanas uma faixa de território ardorosamente contestada entre as forças defensivas de Vukalovic ao norte, sob o comando do Coronel Janzy e as unidades do 11º Corpo do Exército alemão de invasão. Neste instante, freqüentes cogumelos de fumaça eram vistos; à esquerda uma espessa coluna de fumo subia em espirais para formar um manto escuro contra o azul de um céu sem nuvens, enquanto o metralhar distante de armas de pequeno calibre, pontuado aqui e ali por um ocasional estouro de artilharia pesada, era praticamente incessante. Vukalovic abaixou o binóculo e olhou pensativamente para Janzy.

- O amolecimento antes do ataque principal?
- O que mais pode ser? O assalto final.
- Quantos tanques?
- É difícil ter certeza, mas confrontando as informações, meu pessoal estima em uns cento e cinqüenta.

— Cento e cinqüenta?

— É o que eles calculam — e pelo menos uns cinqüenta deles são tanques tipo Tiger.

— Vamos rogar aos céus que o seu pessoal esteja enganado — Vukalovic esfregou a mão cansada sobre os olhos injetados de sangue: ele não dormira nada nesta noite, nada também na noite anterior. — Vamos ver agora quantos *nós* vamos contar.

Maria e Petar lideravam o grupo agora, com Reynolds e Groves evidentemente sem vontade de falar com ninguém, fechando a marcha a uns cinqüenta metros atrás. Mallory, Andrea e Miller cavalgavam lado a lado ao longo da estrada estreita. Andrea olhou para Mallory com olhos interrogativos.

— A morte de Saunders? Tem alguma idéia?

Mallory balançou negativamente a cabeça — Pergunte-me outra coisa.

— A mensagem que você o mandou transmitir. O que era?

— Um comunicado sobre nossa chegada são e salvos ao acampamento de Broznik. Nada mais.

— Um psicopata — anunciou Miller. — O destro homem da faca, eu quero dizer. Somente um psicopata mataria por esta razão.

— Talvez ele não tenha matado por esta razão — disse Mallory mansamente. — Talvez ele pensasse que a mensagem fosse outra.

— Uma outra mensagem? — Miller levantou uma sobrancelha da maneira que só ele sabia fazer. — Então que tipo... — percebeu o olhar de Andrea, interrompeu-se e mudou de idéia, não dizendo mais nada. Ambos, ele e Andrea, olharam com curiosidade para Mallory, que parecia ter caído num estado de intensa introspecção.

Qualquer que fosse a razão, o período de profunda preocupação não durou muito. Com um ar de quem chegara a uma conclusão sobre alguma coisa, Mallory levantou a cabeça e disse a Maria para parar, ao mesmo tempo que puxava as rédeas de seu próprio cavalo. Juntos, eles esperaram até que Reynolds e Groves os alcançassem.

— Nós temos um bom número de alternativas a seguir — disse Mallory. — Mas bem ou mal, esta foi a decisão que eu tomei — sorriu debilmente. — Para o bem, eu espero, se não fosse pela outra razão de ser a que nos tirará daqui o mais rápido possível. Eu falei com o Major Broznik e consegui descobrir o que desejava. Ele me disse...

— Conseguiu então a sua informação para Neufeld? — se Reynolds estava querendo esconder o desdém em sua voz, não fora muito bem sucedido.

— Neufeld que vá para o inferno — continuou Mallory sem se exaltar. — Os espões partisanos descobriram onde estão detidos os quatro prisioneiros

aliados.

— Descobriram? — disse Reynolds. — Então por que os partisanos não fazem alguma coisa a respeito?

— Por uma razão muito boa. Os agentes estão detidos muito adentro do território alemão. Numa fortaleza inexpugnável lá no alto das montanhas.

— E o que é que *nós* vamos fazer a respeito desses agentes aliados detidos nessa fortaleza inexpugnável?

— Simples — Mallory corrigiu-se. — Bem, em teoria é simples. Nós vamos tirá-los de lá e empreender nossa fuga esta noite.

Reynolds e Groves arregalaram os olhos para Mallory, depois se entreolharam consternados e em franco ceticismo. Andrea e Miller cautelosamente evitaram os olhares para uns e outros.

— O senhor está louco! — Reynolds falou com convicção total.

— O senhor está louco, *senhor* — disse Andrea em tom de censura.

Reynolds olhou para Andrea sem compreender e depois voltou-se novamente para Mallory.

— Deve estar mesmo — insistiu. — Fuga? Fuga para onde, em nome dos céus?

— Para casa. Para a Itália.

— Itália! — Reynolds levou dez segundos para digerir esta espantosa informação e então continuou com sarcasmo: — Nós vamos sair voando daqui, eu

presumo?

— Bem, para nadar através do Adriático é uma estirada, até mesmo para um rapaz jovem e decidido como você. De que outra forma?

— Voando? — Groves parecia estar ligeiramente atordoado.

— Voando. A menos de dez quilômetros daqui existe um planalto — uma plataforma numa montanha muito alta, quase todo em mãos dos partisanos. Hoje à noite, às nove horas, um avião estará lá.

Como alguém que não entendeu o que ouviu, Groves repetiu a frase em forma de pergunta: — Hoje à noite, às nove horas, um avião estará lá? Você arranhou isto agora?

— Como eu podia arranjar? Não temos rádio.

A expressão desconfiada de Reynolds completava esplendidamente o ceticismo de sua voz — Mas *como* o senhor pode ter certeza... bem, de que vai ser às nove horas?

— Porque a partir das seis horas desta tarde haverá um bombardeiro Wellington sobrevoando a pista a cada três horas e até a semana que vem se for necessário.

Mallory esporeou o cavalo com os joelhos e todo o grupo movimentou-se, com Reynolds e Groves retomando sua primitiva posição à retaguarda dos

outros. Por algum tempo, Reynolds, com uma expressão que se alternava entre a hostilidade e a curiosidade, olhou fixamente para as costas de Mallory; virou-se então para Groves.

— Bem, bem, bem. Isto é muito conveniente mesmo... Nós fomos *por acaso* enviados para o acampamento de Broznik. *Por acaso* ele sabe onde os agentes estão presos. *Por acaso* um avião estará sobre um certo aeroporto a um certo tempo — e por acaso eu sei que absolutamente não existem aeroportos nos planaltos lá de cima. Você ainda acha que está tudo explicado e fora de suspeitas?

Era evidente pela expressão infeliz no rosto de Groves que ele não estava pensando em nada daquele gênero. Disse: — Mas em nome de Deus, o que é que nós vamos fazer?

— Cuidar de nossas costas.

Cinquenta metros à frente deles, Miller pigarreou e disse baixinho pajra Mallory: — Parece que Reynolds perdeu um pouco da... hum!... confiança inicial que tinha no senhor.

Mallory disse secamente: — Não é surpresa. Ele pensa que fui eu quem enfiou aquela faca nas costas de Saunders.

Desta vez Andrea e Miller trocaram olhares, seus rostos registrando uma expressão próxima da consternação pura e simples, tanto quanto dois

indivíduos de fisionomia impassível seriam capazes de demonstrar.

7 - Sexta-feira - De dez horas da manhã ao meio-dia

A UNS OITOCENTOS METROS do acampamento de Neufeld, eles foram recebidos pelo Capitão Droshny e meia dúzia de seus *cetniks*. As boas-vindas de Droshny deixavam muito a desejar em cordialidade, mas pelo menos ele tentou manter — Deus sabe a que custo! — uma certa aparência de inocente neutralidade.

— Então vocês voltaram?

— Como está vendo — concordou Mallory.

Droshny olhou para os cavalos — E viajaram com conforto.

— Um presente de nosso bom amigo Major Broznik

— Mallory riu mostrando os dentes. — Ele pensa que nós estamos nos servindo deles para irmos para Konjic.

Droshny não pareceu se interessar muito pelo que pensava o Major Broznik. Fez um gesto com a cabeça, esporeou o seu cavalo e dirigiu-se a trote largo para o acampamento de Neufeld.

Depois de apearem dentro do pátio, Droshny imediatamente levou Mallory para a cabana de Neufeld. A acolhida deste, como a de Droshny, foi igualmente apática, mas pelo menos ele conseguiu acrescentar uma leve nuance de benevolência à sua

neutralidade. Seu rosto demonstrava também um ligeiro ar de surpresa, reação que ele logo explicou.

— Francamente, Capitão, eu não esperava vê-lo de volta. Há tantas coisas... ah!... imponderáveis... Entretanto, eu estou satisfeitíssimo de vê-lo... não creio que voltasse sem a informação que eu queria. Vamos então, Capitão Mallory, tratar de negócios.

Mallory olhou para Neufeld sem entusiasmo — O senhor não é um sócio de negócios muito bom, eu receio.

— Não sou? — disse Neufeld com polidez. — Em que sentido?

— Sócios em negócios não contam mentiras um ao outro. É certo que me disse que as tropas de Vukalovic estão-se concentrando. Estão mesmo. Mas não para tentar uma escapada, como disse. Pelo contrário, eles se estão concentrando para se defenderem do assalto final dos alemães, o assalto que tentará esmagá-los de uma vez por todas, o assalto que eles crêem iminente.

— Ora, é claro que o senhor não estava esperando que eu lhe contasse todos os nossos segredos militares, que poderia, eu disse apenas, poderia, ter passado adiante aos nossos inimigos, antes de receber uma prova de confiança — disse Neufeld razoável. — Não seja tão ingênuo. A respeito deste ataque pressuposto. Quem lhe deu a informação?

— O Major Broznik — Mallory sorriu ao lembrar-

se. — Ele foi muito expansivo.

Neufeld debruçou-se sobre a mesa, os olhos fixos nos de Mallory — E ele disse de que lado estão esperando o ataque?

— Eu só sei o nome do lugar. A ponte sobre o Neretva.

Neufeld recostou-se outra vez na cadeira, soltou um mudo suspiro de alívio e sorriu, procurando tirar qualquer sentido de ofensa de suas próximas palavras — Meu amigo, se você não fosse um inglês, um desertor, um renegado e um traficante de drogas, ganharia a Cruz de Ferro por isto. A propósito — continuou como se completasse um pensamento — você foi desembarçado via Pádua. A ponte de Neretva? Tem certeza?

Mallory disse com irritação: — Se duvida da minha palavra...

— É claro que não, é claro que não... Foi só uma maneira de falar — Neufeld fez uma pausa de alguns segundos e disse baixinho: — A ponte de Neretva. — Da maneira com que ele falou as palavras soaram quase como uma ladainha.

Droshny disse com voz mansa: — Isto se coaduna com tudo o que suspeitávamos.

— Não me importa o que vocês suspeitavam — falou Mallory com rudeza. — Agora, agora aos *meus* negócios, se não se importam. Nós trabalhamos bem,

não foi o que disseram? Preenchemos os pedidos? Conseguimos as informações que queriam? — Neufeld acenou afirmativamente. — Então tirem-nos logo deste inferno! Arranjem um avião para irmos para território alemão. Para a Áustria ou para a própria Alemanha, se quiserem... quanto mais longe for daqui, melhor... sabe o que acontecerá se nós chegarmos a cair outra vez entre as mãos dos partisanos ou dos britânicos?

— Não é muito difícil adivinhar — Neufeld falou quase alegremente. — Mas você está-nos subestimando, meu amigo. A sua partida para um local seguro já foi providenciada. Um certo Chefe da Inteligência Militar no norte da Itália gostaria muitíssimo de conhecê-lo pessoalmente. Ele tem várias razões para acreditar que você poderá ser de grande ajuda para ele.

Mallory fez que sim com a cabeça.

O General Vukalovic assestou o binóculo na direção da "jaula de Zenica", uma ravina estreita e cheia de árvores que ficava ao sopé de duas montanhas altas e muito escarpadas, idênticas em forma e altura. Os tanques do 11º Corpo do Exército alemão não eram difíceis de serem localizados entre os pinheiros, pois os alemães não se haviam esforçado sequer para escondê-los ou camuflá-los, numa medida que — pensou sombriamente Vukalovic — demonstrava a

sua total confiança em si mesmo e no resultado da batalha que se afigurava pela frente. Ele via distintamente os soldados que trabalhavam em alguns veículos parados: outros tanques os secundavam e avançavam, manobrando em posições como se estivessem já se aprontando em formação de batalha para o ataque eventual. O rugido atordoante dos pesados motores dos tanques tipo Tiger era incessante.

Vukalovic abaixou o binóculo, rabiscou mais algumas marcas a lápis numa folha de papel já quase toda coberta de outras marcas similares de lápis, fez umas contas de somar, deixou de lado o papel e o lápis com um suspiro e voltou-se para o Coronel Janzy a seu lado, que também estava fazendo a mesma coisa.

Meio de lado, Vukalovic falou: — Dê minhas desculpas ao seu pessoal, Coronel. Eles sabem contar tão bem quanto eu.

Por uma vez, o sorriso brilhante e fanfarrão, cheio de confiança, do Capitão Jensen não era muito evidente: de fato, neste instante, o sorriso estava totalmente ausente. Teria sido impossível para um rosto com as generosas proporções do de Jensen, tomar uma atitude tão ansiosa, mas a expressão lúgubre de seu rosto demonstrava indiscutivelmente os sinais de ansiedade, tensão e de noites passadas, em claro, enquanto ele andava de um lado para o outro no QG de Operações do 5º Exército em Termoli, na Itália.

Ele não estava andando de lá para cá sozinho. A seu lado, competindo passo a passo, um oficial corpulento, de cabelos grisalhos e que usava uma farda de general do Exército britânico, acompanhava-o para a frente e para trás, com uma exata réplica da expressão de Jensen no rosto. Quando chegaram ao fim da sala, o General parou e olhou interrogativamente para um sargento que estava à escuta defronte de um enorme transmissor RCA. Lentamente o sargento balançou a cabeça. Os dois homens continuaram a caminhar de um lado para outro.

O General disse bruscamente: — O tempo está voando. Você já percebeu, Jensen, que uma vez que se lançou uma ofensiva definitiva não se pode mais voltar atrás?

— Eu já reparei — disse Jensen taciturnamente. — Quais são os últimos informes de reconhecimento, senhor?

— Não é a falta de informes, mas só Deus sabe como decifrá-los — o General parecia amargurado. — Há uma atividade intensa ao longo da Linha Gustav, abrangendo duas divisões dos Panzer... pelo menos é o que podemos extrair das informações... uma divisão de infantaria alemã, uma divisão de infantaria austríaca e dois batalhões de fuzileiros, as excelentes tropas alpinas. Eles não estão preparando uma ofensiva, disto eu tenho certeza; em primeiro lugar,

porque não há possibilidade de se montar uma ofensiva a partir da área em que eles estão manobrando e, em segundo, se eles estão projetando uma ofensiva vão tomar um cuidado dos diabos para manter secretos todos os preparativos.

— E toda esta atividade, então? Se eles não estão preparando um ataque?

O General suspirou — Pareceres bem informados dizem que eles estão fazendo todas as preparações para uma retirada relâmpago. Pareceres bem informados! Tudo o que me interessa é que aquelas excomungadas divisões ainda estão na Linha Gustav. Jensen, *o que foi que saiu errado?*

Jensen alçou os ombros num gesto de desamparo — Tínhamos arranjado um comunicado pelo rádio a cada duas horas a partir das quatro horas da manhã...

— Tudo o que eu sei é que não houve nenhum contato. Jensen não disse nada.

O General olhou para ele, especulativo: — O melhor na Europa Meridional, você disse...

— Sim, eu disse isso.

As tácitas dúvidas do General sobre a qualidade dos agentes que Jensen selecionara para a Operação-Força 10 teriam aumentado consideravelmente se ele estivesse neste presente momento com aqueles agentes na cabana de hóspedes do acampamento do Hauptmann Neufeld, na Bósnia. Não exibiam a

harmonia, compreensão e a implícita confiança mútua que qualquer um esperaria encontrar numa equipe de agentes considerados os melhores em seu gênero. Havia pelo contrário tensão e raiva no ar, um ar de suspeita e desconfiança tão pesado que era quase palpável. Reynolds, enfrentando Mallory, escassamente conseguia controlar o seu ódio.

— Eu quero saber agora! — Reynolds estava quase gritando.

— Abaixei a voz — disse Andrea vivamente.

— Eu quero saber agora — repetiu Reynolds. Desta vez a sua voz era pouco mais que um sussurro, mas nem por isto deixava de ser insistente e inquisitiva.

— Você saberá quando a hora chegar — como sempre a voz de Mallory era calma, neutra e destituída de ardor. — Só na hora certa. O que você não sabe não poderá falar.

Reynolds cerrou os punhos e deu um passo à frente — Diabos me levem se o senhor não está insinuando...

Mallory disse refreando-se: — Não estou insinuando nada. Eu tinha razão lá em Termoli, Sargento. Você não é melhor do que uma bomba-relógio.

— Talvez — a fúria de Reynolds agora era incontrolável. — Mas pelo menos há algo honesto com relação a uma bomba.

— Repita esta observação — disse Andrea

calmamente.

— O quê?

— Repita o que disse.

— Olhe aqui, Andrea...

— Coronel Stavros, filhinho.

— Senhor.

— Repita o que disse e eu lhe garanto no mínimo uns cinco anos por insubordinação no campo de batalha.

— Sim, senhor — o esforço físico de Reynolds para manter-se controlado era aparente a qualquer um. — Mas *por que* ele *não* pode dizer quais são os planos para hoje à tarde e ao mesmo tempo nos contar a todos como sairemos à noite deste tal lugar chamado Ivenici?

— Porque os nossos planos são de tal forma que se os alemães quiserem podem impedi-los — explicou paciente Andrea. — Se eles descobrirem. Se um de nós falar sob coação. Mas eles não podem fazer nada a respeito de Ivenici... está em mãos dos partisanos.

Pacificamente Miller trocou de assunto. Disse para Mallory: — Dois mil e trezentos metros de altitude, você disse. A neve lá em cima deve ser muito espessa. Em nome de Deus, como é que alguém vai desimpedir aquilo lá?

— Eu não sei — disse Mallory vagamente. — Espero que alguém dê um jeito.

E no alto do Planalto de Ivenici, a dois mil e trezentos metros de altitude, alguém na verdade estava dando um jeito.

O Planalto de Ivenici era uma região deserta, toda branca, descampada e erma, durante vários meses do ano uma região solitária em que o frio cortante e os ventos ululantes e hostis tornavam totalmente adversa à vida humana, totalmente intolerável à presença humana. O planalto era demarcado a oeste por uma muralha escarpada de uns cento e setenta metros, bastante vertical em diversas partes, com falhas e fissuras em outras. Espalhadas em todo o seu comprimento, numerosas quedas d'água enregeladas e linhas ocasionais de pinheiros, crescendo de forma impossível em finas prateleiras igualmente impossíveis, os ramos gelados pendurados sob o peso da neve endurecida dos últimos seis meses. A leste, o planalto era delimitado por nada a não ser uma brusca e bem definida linha que marcava o topo de outra escarpa que caía verticalmente até aos vales lá embaixo.

O planalto, propriamente dito, consistia numa superfície suave, absolutamente nivelada e inteiriça de neve, uma neve que a uma altitude de dois mil metros e sob a luz do sol intenso produzia reflexos deslumbrantes e fulgentes que chegavam a ferir os olhos. O seu comprimento era talvez de uns oitocentos

metros: a largura não excedia os cem metros. Ao sul, o planalto levantava-se rapidamente para fundir-se com a muralha alcantilada que naquele ponto ia diminuindo e se nivelava com o terreno.

Nesta elevação estavam duas tendas, ambas brancas, uma pequena e a outra grande como um barracão de campanha. Do lado de fora da tenda menor, dois homens conversavam. O mais alto e mais velho, usando um pesado sobretudo e óculos esfumaçados, era o Coronel Vis, comandante de uma brigada de partisanos baseada em Saravejo: o mais jovem, de físico franzino, era o seu ajudante, Capitão Vlanovich. Ambos olhavam para o planalto que se estendia a distância.

O Capitão Vlanovich falou de uma maneira um tanto infeliz: — Deve haver uma forma mais fácil de se fazer isto, senhor.

— Diga qual é, Boris, meu rapaz, e pode executá-la — tanto a aparência como a voz do Coronel Vis davam a impressão de uma imensa calma e competência. — *Bulldozers*, eu concordo, ajudariam muito. Também as pás removedoras de neve, mas você tem de concordar que conduzi-las através destas encostas verticais para chegar aqui requer uma perícia considerável da parte dos motoristas. Além disto, para que serve um exército, senão para marchar?

— Sim, senhor — Vlanovich disse entre obediente e

duvidoso.

Ambos olharam para a extensão do planalto ao lado norte.

Ao norte, além dele, por toda a parte, havia os traços dos picos das montanhas que o circundavam, algumas escuras, esfiapadas e sombrias, outras arredondadas, com capuchos de neve, rosadas, alcandoradas pelo pálido azul lavado de um céu sem nuvens. Era uma visão extremamente impressionante.

Porém, ainda mais impressionante era o espetáculo que estava acontecendo no próprio planalto. Uma compacta legião de mil soldados uniformizados, a metade talvez com os casacos de couro cinzentos do Exército iugoslavo, o resto com uma coleção heterogênea de fardas de outros países, movimentavam-se a passo de tartaruga através da neve virginal.

Cada legião tinha cinqüenta pessoas de largura, mas apenas vinte de profundidade, cada linha de cinqüenta, de braços dados, cabeças e ombros curvados para a frente enquanto laboriosamente arrastavam-se num passo pachorrento e penoso através da neve. Que o passo fosse assim tão lento não era de admirar: a linha que estava na dianteira abria seu caminho dentro de uma neve que chegava até a cintura e sinais de tensão e de fadiga já começavam a aparecer em seus rostos. Era um trabalho mortalmente

duro, um trabalho que naquela altitude, que duplicava os batimentos cardíacos, fazia um homem lutar por cada sopro de ar, transformava suas pernas em membros agonizantes, pesados como chumbo, nas quais apenas a dor os lembrava de que elas ainda faziam parte de seu corpo.

E não eram apenas homens. Depois das cinco primeiras linhas de soldados, havia tantas mulheres e moças quanto homens, se bem que todos estivessem tão encapotados devido ao frio gelado e os ventos cortantes das grandes altitudes que era quase impossível distinguir os homens das mulheres. As duas últimas linhas da falange eram compostas exclusivamente de *partisankas* e era uma sugestão pressaga do mortal labor ainda por vir o fato de elas estarem ainda se enterrando até aos joelhos na neve.

Era uma visão fantástica, mas uma visão que não seria única durante a guerra na Iugoslávia. Os aeroportos das terras mais baixas, completamente dominados pelas divisões blindadas da Wehrmacht, estavam permanentemente proibidos aos iugoslavos e era por isso que os partisanos construíam muitos de seus aeroportos nas montanhas. Numa neve dessa espessura e em áreas absolutamente inacessíveis a uma ajuda motorizada, não havia outra maneira de abrir caminho.

O Coronel Vis desviou o olhar e voltou-se para o

Capitão Vlanovich.

— Então, Boris, meu rapaz, você acha que está aqui para praticar esportes de inverno? Organize as cozinhas de campanha para termos comida e sopa quentes. Usaremos as rações de uma semana inteira de comida quente e de sopa quente só no dia de hoje.

— Sim, senhor — Vlanovich virou a cabeça de um lado, tirou o capuz que lhe cobria as orelhas para ouvir melhor os sons recém-iniciados de explosões distantes ao norte. — O que será que está acontecendo?

Vis disse num devaneio: — O ar puro das montanhas da nossa Iugoslávia leva os sons muito longe, não?

— Senhor? Por favor?

— Isto, meu rapaz — disse Vis com considerável alegria, — é a base de caças Messerschmitt levando o maior bombardeio de sua vida.

— Senhor?

Vis suspirou numa paciência já muito experimentada — Eu farei de você um soldado algum dia. Messerschmitt, Boris, são aviões de caça, levando toda uma coleção de canhões detestáveis e de metralhadoras. O que representa neste momento o melhor alvo para os caças?

— O que... — Vlanovich interrompeu-se e olhou novamente para a falange que se arrastava. — Oh!

— É *Oh!* mesmo. A Força Aérea Britânica desviou seis de suas melhores esquadrilhas de bombardeiros pesados Lancaster da frente da Itália apenas para se ocupar de nossos amigos em Novo Derventa — ele também tirou o capuz para ouvir melhor. — Estão dando duro, não acha? Quando terminarem não haverá um único Messerschmitt capaz de levantar vôo daquele aeroporto durante uma semana. Se, eu quero dizer, ainda sobrar algum para levantar vôo.

— Eu posso me aventurar a fazer uma observação, senhor?

— Pode se aventurar, Capitão Vlanovich.

— Há outras bases de caças.

— E verdade — Vis apontou para cima. — Está vendo alguma coisa?

Vlanovich espichou o pescoço, protegeu os olhos com as mãos para olhar o sol que brilhava, observou o vazio céu azul e balançou a cabeça negativamente.

— Nem eu — concordou Vis. — Mas a sete mil metros de altitude... e as tripulações ainda devem estar sentindo mais frio do que nós... esquadrilhas de Beaufighters estão patrulhando para dar cobertura até o anoitecer.

— Quem... quem é ele, senhor? Quem é que pode comandar todos os nossos soldados aqui, pedir esquadrilhas de bombardeiros e caças?

— Um camarada chamado Capitão Mallory, eu

creio.

— Um *capitão*? Como eu?

— Um capitão. Eu duvido, Boris — continuou amavelmente Vis — que ele seja como você. Mas não é o posto que conta. É o nome. Mallory.

— Nunca ouvi falar nele.

— Você ouvirá, meu rapaz, você ouvirá.

— Mas... este homem, Mallory... *Para que* ele quer tudo isto?

— Pergunte a ele quando o vir esta noite.

— Quando o vir... ele virá aqui hoje à noite?

— Hoje à noite — Vis acrescentou sombriamente, — se ele viver até lá.

Neufeld, seguido por Droshny, entrou rápida e confiante-mente na casa de rádio, uma meia-água decrépita e desengonçada, onde havia uma mesa, duas cadeiras, um transmissor portátil grande e nada mais. O cabo alemão que estava sentado em frente ao rádio, olhou interrogativamente para eles quando entraram.

— O QG do 7º Corpo Blindado na ponte de Neretva — ordenou Neufeld. Ele parecia estar em excelente estado de humor. — Eu quero falar pessoalmente com o General Zimmermann.

O cabo fez que sim com a cabeça, transmitiu o chamado e obteve resposta em alguns segundos. Escutou ligeiramente e olhou para Neufeld — O General já vem, senhor.

Neufeld estendeu a mão para os audiofones, pegou-os e fez um sinal com a cabeça na direção da porta. O cabo levantou-se e saiu da cabana, enquanto Neufeld sentava-se na cadeira vazia e ajustava o microfone a seu gosto. Depois de alguns segundos, ele se espigou automaticamente na cadeira quando uma voz surgiu estalando através dos audiofones.

— Aqui é Hauptmann Neufeld, Herr General. Os ingleses voltaram. A informação é que a divisão partisansa na "jaula de Zenica" está esperando um ataque em grande escala do sul, através da ponte de Neretva.

— Então eles estão esperando? — o General Zimmermann, confortavelmente sentado numa cadeira giratória na parte traseira do caminhão de rádio estacionado sob a linha de árvores ao sul da ponte de Neretva, não fez nenhuma tentativa para esconder a satisfação em sua voz. A lona da cobertura estava enrolada para cima e ele tirou o casquete para melhor aproveitar o pálido sol de primavera. — Interessante, muito interessante. Mais alguma coisa?

— Sim — a voz de Neufeld estalava metâlicamente através do microfone. — Eles pedem para serem mandados de avião para o santuário. Querem se aprofundar mais dentro de nossas linhas, até mesmo para a Alemanha. Eles se sentem... ah!... inseguros aqui.

— Bem, bem, bem. Então é assim que eles se sentem

— Zimmermann fez uma pausa, considerou por um momento e continuou. — Você está completamente informado da situação, Hauptmann Neufeld? Está ciente da delicadeza dos... hum... escrúpulos em jogo?

— Sim, Herr General.

— Isto pede um minuto para pensar. Espere. Zimmermann balançou-se ociosamente para frente e para trás em sua cadeira giratória enquanto ponderava em sua decisão. Olhou meditativamente para o norte, os olhos vagos, para o outro lado das campinas que orlavam a margem sul do Neretva, o rio abarcado pela ponte de ferro. Depois para as campinas do lado oposto que subiam escarpadamente até o reduto rochoso que servia de primeira linha de defesa para os soldados partisanos do Coronel Lazlo. A leste, quando ele deu mais uma volta, pode ver as águas impetuosas e branco-esverdeadas do Neretva, as campinas que se estreitavam curvando-se para o norte, até desaparecerem repentinamente à boca do desfiladeiro alcantilado de onde surgia o rio. Mais um quarto de volta na cadeira e ele estava olhando para a floresta de pinheiros ao sul, que à primeira vista parecia inocente e vazia de vida — até os olhos se habituarem à meia obscuridade — e viu os traços de grandes formas retangulares, suficientemente escondidas de observação aérea ou da margem norte do Neretva por

lonas camufladas, redes de camuflagem e imensas pilhas de galhos caídos. A visão das torres camufladas de suas duas divisões Panzer, ajudou-o de alguma forma a decidir-se. Pegou o microfone.

— Hauptmann Neufeld? Eu decidi empreender um curso de ação e você por favor execute com precisão as seguintes instruções...

Droshny tirou os audiofones em duplicata que estava usando e disse duvidoso para Neufeld: — O General está pedindo um pouco demais de nós.

Neufeld balançou a cabeça para tranqüilizá-lo — O General Zimmermann *sempre* sabe o que está fazendo. A sua estimativa psicológica sobre o Capitão Mallory deve estar cem por cento certa.

— Eu espero que sim — Droshny não estava convencido. — Para o nosso bem, eu espero que sim.

Saíram da cabana. Neufeld disse para o radioperador: — Diga ao Capitão Mallory para ir ao meu escritório, por favor. E o Sargento Baer.

Mallory chegou ao escritório para encontrar já Neufeld, Droshny e Baer. Neufeld foi conciso e prático.

— Nós decidimos que um avião provido de esquis o levará daqui... são os únicos que podem aterrar nesta terra desgraçada cheia de montanhas. Você terá tempo para algumas horas de sono... só sairemos daqui às quatro horas da tarde. Alguma pergunta?

— Aonde fica a pista de aterragem?

— Numa clareira. A um quilômetro daqui. Mais alguma coisa?

— Nada. Só que nos tire daqui, é tudo o que eu quero.

— Não precisa se preocupar com isto — disse Neufeld enfaticamente. — Minha única ambição é vê-lo são e salvo em seu caminho. Francamente, Mallory, você é para mim um estorvo e quanto mais cedo for embora, melhor.

Mallory acenou afirmativamente e saiu. Neufeld virou-se para Baer e disse: — Eu tenho um servicinho para você, Sargento Baer. Pequeno, mas muito importante. Ouça com atenção.

Mallory deixou a cabana de Neufeld, uma expressão pensativa no rosto e caminhou lentamente através do pátio do acampamento. Ao se aproximar da casa dos hóspedes, Andrea estava saindo e cruzou-o sem dizer palavra, carrancudo e envolto em fumaça de charuto. Mallory entrou na cabana, onde Petar novamente estava tocando a versão iugoslava de *A Moça que eu Deixei*. Parecia ser a sua canção predileta. Mallory relanceou os olhos para Maria, Reynolds e Groves, todos três sentados silenciosamente, e depois para Miller, reclinado em seu saco de dormir com um volume de poesia.

Mallory abanou a cabeça na direção da porta —

Alguma coisa aborreceu o nosso amigo.

Miller fez uma careta e acenou na direção de Petar — Ele está tocando de novo a música de Andrea.

Mallory sorriu levemente e voltou-se para Maria — Diga-lhe que pare de tocar. Vamos dar o fora hoje e precisamos de todo o sono possível.

— Podemos dormir no avião — disse Reynolds mal-humorado. — Podemos dormir quando chegarmos ao nosso destino... qualquer que ele seja.

— Não, durma agora. Por que agora?

— Por que agora? — os olhos desfocados de Mallory fitavam fixamente a distância. Falou numa voz calma: — Porque agora talvez seja todo o tempo que nos resta.

Reynolds olhou-o estranhamente. Pela primeira vez naquele dia seu rosto estava desprovido de hostilidade e suspeita. Havia uma curiosa interrogação em seus olhos e é possível que um tênue início de compreensão.

No Planalto de Ivenici, a falange se movia, não mais agora como seres humanos. Andavam aos tropeções num adiantado estado de exaustão, não mais que autômatos, zumbis resurrectos da morte, os rostos contorcidos com a dor e a fadiga inimagináveis, os membros em fogo e as mentes entorpecidas. A cada segundo alguém tropeçava e caía e não podia mais levantar-se e era carregado para juntar-se às dezenas

de outros que já estavam caídos num estado quase comatoso ao lado da rampa primitiva, onde *partisankas* faziam o possível para reanimar seus corpos gelados e exaustos com tigelas de sopa quente e liberais doses de *raki*.

O Capitão Vlanovich virou-se para o Coronel Vis. Seu rosto estava desfeito, sua voz baixa e profundamente grave.

— Isto é uma loucura, Coronel, uma loucura! É... é impossível, o senhor está vendo que é impossível. Nós nunca... olhe, senhor, duzentos e cinquenta já caíram nas duas primeiras horas. A altitude, o frio, a fadiga puramente física. É uma loucura.

— A guerra toda é uma loucura — disse Vis calmamente. — Vá até o rádio. Requisite mais quinhentos homens.

8 - Sexta-feira - *Das três horas da tarde às nove e quinze da noite*

MALLORY SABIA QUE a hora final soara. Olhou para Andrea, Miller, Reynolds e Groves e viu que eles também sabiam. Em seus rostos ele via claramente refletida a própria superfície de seus pensamentos, a tensão explosiva, a atenta sensibilidade que se transformaria igualmente numa ação explosiva. Ele sempre chegava, este momento da verdade, que desnudava os homens e mostrava como eles eram na realidade. Procurava imaginar como eram Reynolds e Groves: duvidava de que eles conseguissem passar bem pelo teste. Nunca lhe ocorrera pensar a mesma coisa de Andrea e Miller, pois ele os conhecia bem demais: Miller, quando tudo parecia perdido, era um homem que se sobrepunha a si mesmo, enquanto o pachorrento e quase letárgico Andrea, transformava-se num ser humano irreconhecível, uma combinação impossível de mente friamente calculista e uma frenética máquina de guerra, em que não havia o mais remoto paralelo entre todos os conhecimentos ou experiências de Mallory. Quando Mallory falou, a sua voz era ainda mais calma e impessoal do que nunca.

— Nós devemos sair às quatro horas. São três agora. Com alguma sorte podemos surpreendê-los

cochilando. Está tudo bem claro?

Reynolds disse meio espantado, quase incrédulo: — Você quer dizer que se alguma coisa der errado, nós podemos atirar para abrir caminho?

— Você deve atirar e atirar para matar. Isto é uma ordem, Sargento.

— Eu juro por Deus — disse Reynolds. — Que não tenho a menor idéia do que está acontecendo. — A expressão em seu rosto indicava claramente que ele desistira de tentar compreender o que estava acontecendo.

Mallory e Andrea deixaram a cabana e caminharam casualmente através do pátio em direção à cabana de Neufeld. Mallory disse: — Eles estão nos observando, você sabe?

— Sei. Onde estão Maria e Petar?

— Dormindo, quem sabe? Eles saíram da cabana há umas duas horas. Nós os pegaremos mais tarde.

— Mais tarde talvez seja tarde demais... Eles estão correndo um grande perigo, meu Keith.

— O que pode um homem fazer, Andrea? Eu só tenho pensado nisso nas últimas dez horas. É um risco crucial a correr, mas eu tenho de arriscá-lo. Eles podem ser sacrificados, Andrea. Você sabe o que aconteceria se eu mostrasse o meu jogo agora.

— Eu imagino o que você quer dizer — disse Andrea com seriedade. — O fim de tudo.

Entraram na cabana de Neufeld sem bater. Este estava sentado por trás da mesa com Droshny a seu lado, olhou para cima com uma irritada surpresa e depois para o relógio.

Disse secamente: — Eu disse quatro horas, não três.

— O engano foi nosso — desculpou-se Mallory. Fechou a porta. — Por favor, não façam tolices.

Neufeld e Droshny não eram tolos, poucas pessoas teriam sido ao deparar para os dois canos das duas Lugers com silenciadores perfurados atarraxados nas pontas: ficaram sentados, imóveis, o choque lentamente se escoando de seus semblantes. Houve uma longa pausa e Neufeld falou, as palavras saindo um pouco vacilantes.

— Eu fui horivelmente culpado por subestimá-lo...

— Silêncio! Os espões de Broznik descobriram o paradeiro dos quatro agentes aliados capturados. Nós sabemos mais ou menos onde eles estão. Vocês sabem com exatidão e vão nos levar lá. Agora.

— Você está louco — disse Neufeld convicto.

— Não precisamos de você para sabermos disto — Andrea rodeou Neufeld e Droshny, tirou-lhes as pistolas dos coldres, expeliu as balas e as repôs de volta no lugar. Foi até um canto da cabana, apanhou duas metralhadoras Schmeissers, voltou e colocou-as sobre a mesa, uma em frente de Droshny e outra em frente de Neufeld.

— Aqui está, cavalheiros — disse Andrea com afabilidade. — Armados até os dentes.

Droshny disse com rancor: — Suponhamos que eu não queira acompanhá-los?

A afabilidade de Andrea desvaneceu-se. Avançou apressadamente para o outro lado da mesa e empurrou o silenciador da Luger com tanta força sobre os dentes de Droshny que este teve um arquejo de dor. — Por favor... — a voz de Andrea era quase suplicante — *...por favor*, não me tente.

Droshny não o tentou. Mallory foi até a janela e olhou para o terreno em frente do acampamento. Viu pelo menos uma dúzia de *cetniks* a menos de dez metros da cabana, todos bem armados. Do outro lado do pátio, pode ver que a porta das cocheiras estava aberta, o que indicava que Miller e os dois sargentos estavam em posição.

— Vocês vão atravessar o pátio até as cocheiras — disse Mallory. — Não falarão com ninguém, não avisarão ninguém, não farão sinais. Nós os seguiremos dez metros atrás.

— Dez metros atrás. Não será isto que nos impedirá a escapada. Não ousariam empunhar uma arma contra nós lá fora.

— Então é assim... — concordou Mallory. — Desde o momento em que vocês vão abrir a porta estarão sob a cobertura de três Schmeissers de dentro das

cocheiras. Se tentarem qualquer coisa... *qualquer coisa...* serão cortados em pedaços. É por esse motivo que nós não vamos andar muito perto de vocês. Não queremos ser cortados em pedaços também.

A um gesto de Andrea, Neufeld e Droshny puseram suas Schmeissers vazias a tiracolo num silêncio hostil. Mallory olhou-os como se os considerasse e disse: — Eu acho melhor vocês darem um jeito nessas caras. Estão com cara de quem comeu e não gostou e que algo está errado. Se abrirem a porta deste jeito, Miller os fará descer antes de terem alcançado o primeiro degrau. Por favor, acreditem no que eu estou dizendo.

Eles acreditaram e no momento em que Mallory abriu a porta já haviam conseguido arranjar um ar bem próximo de uma imitação de normalidade. Desceram os degraus e se encaminharam para o estábulo, atravessando o pátio. Quando já estavam na metade do caminho, Andrea e Mallory deixaram a cabana e os seguiram. Um ou dois olhares acompanharam com indolente curiosidade enquanto eles andavam, mas estava claro que ninguém suspeitou de que alguma coisa estivesse fora do lugar. A travessia até as cocheiras foi completamente normal.

Igualmente, dois minutos depois, foi a saída do acampamento. Neufeld e Droshny, como seria esperado e correto, cavalgaram juntos na liderança,

principalmente Droshny, que parecia muito marcial com sua Schmeisser, pistola e perigosas facas encurvadas na cintura. Atrás deles, cavalgava Andrea, que parecia estar encontrando algum problema com o funcionamento de sua Schmeisser, pois ele a trazia nas mãos e examinava cuidadosamente: era lógico que ele não estava olhando para Neufeld ou para Droshny e o fato de que o cano, que Andrea conscienciosamente apontava para o chão, teria apenas de ser erguido de trinta centímetros e o gatilho ser apertado, para que os homens à frente morressem, mas isto era uma idéia disparatada que não podia ocorrer mesmo aos mais desconfiados. Atrás de Andrea, Mallory e Miller estavam montados lado a lado: assim como Andrea pareciam não dar muita atenção ao que acontecia, tinham mesmo um ar ligeiramente aborrecido. Reynolds e Groves fechavam a retaguarda, quase conseguindo também aquela aparência despreocupada dos outros três: em seus rostos parados, os olhos inquietos traíam a tensão que sofriam. Mas a sua ansiedade era inútil, todos os sete saíram do acampamento sem serem molestados e mesmo sem que um único olhar fosse lançado em sua direção.

Cavalgaram por duas horas e meia, subindo quase sempre, e um sol avermelhado já se estava escondendo por detrás dos pinheiros que rareavam

para oeste, quando chegaram a uma clareira, que desta vez era num pedaço nivelado de terreno.

Neufeld e Droshny pararam seus cavalos e esperaram que os outros os alcançassem. Mallory puxou as rédeas e observou o edifício no meio da clareira, uma fortaleza baixa, acaçapada, que parecia imensamente resistente, com janelas estreitas e grades muito pesadas. Duas chaminés, de uma das quais saía fumaça.

— É este o lugar? — perguntou Mallory.

— A pergunta me parece desnecessária — a voz de Neufeld era seca, mas notava-se o ressentimento e o ódio inconfundíveis. — Você acha que eu ia perder todo este tempo para levá-los ao lugar errado?

— Eu não poria a mão no fogo por você — disse Mallory. — Lugarzinho hospitaleiro.

— Os depósitos de munição do Exército iugoslavo não foram feitos para servirem de hotéis de primeira classe.

— Eu não duvido mesmo — concordou Mallory. A um sinal dele, tocaram os cavalos para dentro da clareira, e ao fazerem isto, duas faixas de metal abriram-se na parede frontal da fortaleza, para deixarem aparecer um par de canhoneiras com metralhadoras que sobressaíam. Expostos como estavam os sete homens estavam inteiramente à mercê daqueles canos ameaçadores.

— Seus homens montam guarda muito bem — confessou Mallory a Neufeld. — Não devem ser necessários muitos homens para tomar conta e guardar um lugar como este. Quantos estão lá dentro?

— Seis — disse Neufeld relutante.

— Sete e você será um homem morto — avisou Andrea.

— Seis.

Ao se aproximarem, as armas foram recolhidas — com certeza os homens reconheceram Neufeld e Droshny — as canhoneiras foram fechadas e a pesada porta de metal abriu-se. Um sargento apareceu no portal e fez uma continência respeitosa, seu rosto registrando uma certa surpresa.

— Que prazer inesperado, Hauptmann Neufeld — disse o sargento. — Não recebemos nenhum aviso pelo rádio de sua chegada.

— Ele não está funcionando no momento — Neufeld fez um gesto para que entrassem, mas Andrea galantemente insistiu que o oficial alemão tivesse a preferência e reforçou a cortesia com um aceno ameaçador da Schmeisser. Neufeld entrou, seguido por Droshny e pelos outros cinco homens.

As janelas eram tão estreitas que as lâmpadas a óleo acesas eram mesmo necessárias e toda a iluminação disponível era redobrada pela claridade proveniente de um imenso fogo de madeira na lareira. Nada

sobrepunha a algidez criada por quatro paredes nuas de pedra, mas a sala mesmo era espantosamente bem mobiliada, com uma mesa, cadeiras, duas poltronas e um sofá: havia até alguns pedaços de tapetes. Três portas convergiam para a peça, uma delas fortemente gradeada. Incluindo o sargento que lhes dera as boas-vindas, havia agora três soldados armados na sala. Mallory olhou fixamente para Neufeld, que acenou afirmativamente, o rosto endurecido pelo ódio.

Neufeld disse para um dos guardas: — Tragam os prisioneiros — o guarda fez um gesto, apanhou uma pesada chave pendurada na parede e dirigiu-se para a porta gradeada. O sargento e o outro guarda estavam colocando as tampas metálicas sobre as canhoneiras. Andrea caminhou casualmente até o guarda mais próximo, e de repente, jogou-o com violência contra o sargento. Ambos foram catapultados sobre o guarda que acabara de enfiar a chave na porta. O terceiro homem caiu pesadamente ao chão: os outros dois, apesar de muito desequilibrados, conseguiram manter-se e continuaram de pé. Todos três voltaram-se para olhar para Andrea, a raiva e a incompreensão estampadas no rosto, mas os três ficaram imóveis, e muito bem comportados. Face a uma metralhadora Schmeisser a três passos de distância, o homem sábio sempre se comporta bem.

Mallory virou-se para o sargento: — Há outros três

homens. Onde estão?

Não houve resposta: o guarda olhou com ar feroz em desafio. Mallory repetiu a pergunta, desta vez em fluente alemão. O guarda ignorou-o e olhou para Neufeld inquisitivamente. Os lábios de Neufeld estavam cerrados em uma máscara petrificada.

— Você está louco? — perguntou ao sargento. — Não vê que estes homens são assassinos? Diga-lhe.

— Os guardas da noite. Estão dormindo — o sargento apontou para uma das portas. — Aquela ali.

— Abra-a. Diga que saiam de lá. De costas e com as mãos atrás da nuca.

— Faça exatamente o que ele falou — ordenou Neufeld.

O sargento fez exatamente o que lhe foi dito e igualmente os três guardas que estavam descansando na outra sala saíram como lhes fora ordenado, obviamente sem nenhum pensamento de resistência em suas mentes. Mallory voltou-se para o guarda que estava com a chave, que a este tempo já conseguira se recompor, levantando-se vacilante do chão e com um gesto indicou-lhe a porta gradeada.

— Abra-a.

O guarda abriu-a e empurrou-a para trás. Quatro oficiais britânicos saíram indecisos e devagar para a sala externa. O longo confinamento a portas fechadas deixara-os muito pálidos, mas a despeito da palidez e

da magreza, estavam visivelmente incólumes. O homem que estava à frente, com as insígnias de major e um bigode de Sandhurst — e que ao falar revelou um sotaque de Sandhurst — parou bruscamente e olhou para Mallory e seus homens sem acreditar no que via.

— Deus seja louvado! Mas o que é que vocês estão...

— Por favor — Mallory interrompeu-o rapidamente. — Eu sinto muito, mas mais tarde. Peguem os casacos, quaisquer agasalhos que tiverem e esperem lá fora.

— Mas... mas para onde nos vai levar?

— Para casa. Itália. Hoje à noite. Por favor, depressa!

— Itália! Você está falando...

— Depressa! — Mallory relanceou os olhos em desespero para o relógio. — Já estamos atrasados.

Tão depressa quanto a sua condição estupefata permitia, os quatro oficiais pegaram todas as roupas quentes que tinham e correram para fora. Mallory voltou-se novamente para o sargento — Vocês devem ter um estábulo por aqui ou cavalos.

— Dando a volta por detrás do depósito — o sargento respondeu com presteza. Era claro que ele já se reajustara rapidamente à realidade.

— Bom rapaz — disse Mallory em aprovação. Olhou para Reynolds e Groves. — Precisamos de mais

dois cavalos. Vocês podem selá-los?

Os dois sargentos saíram. Sob a mira atenta das armas de Mallory e Miller, Andrea revistou os seis guardas, um de cada vez, não achou nada, e fez com que todos entrassem na cela, girando a pesada chave e pendurando-a na parede. Então, com igual cuidado, revistou Neufeld e Droshny: o rosto de Droshny quando Andrea jogou descuidado as suas facas num canto da sala ficou medonho.

Mallory olhou para os dois homens e disse: — Eu os mataria se fosse necessário. Não é. Não darão pela falta de vocês antes do amanhecer.

— Talvez não dêem falta deles durante várias manhãs — Fez ver Miller.

— Tanto melhor, eles estão com excesso de peso — disse Mallory indiferente. Sorriu. — Eu não posso resistir a deixá-lo com um lindo e agradável pensamento, Hauptmann Neufeld.

Algo para pensar até que alguém venha soltá-los — olhou pensativo para Neufeld, que não falou nada e continuou: — A respeito daquela informação que eu lhe dei hoje pela manhã, eu quero dizer.

Neufeld olhou-o com reservas: — O que há a respeito da informação que me deu hoje de manhã?

— Só isto. Ela não era, como dizer, muito certa. Vukalovic espera o ataque pelo *norte*, através do Desfiladeiro de Zenica e *não* pela ponte de Neretva ao

sul. Existem, e nós sabemos, perto de duzentos de seus tanques concentrados nas matas junto ao norte do Desfiladeiro de Zenica — mas eles não estarão mais lá depois das duas horas da madrugada quando o seu ataque deve começar. Não depois de eu ter entrado em contato com nossas esquadrilhas de Lancaster na Itália. Pense nisto, pense neste alvo. Duzentos tanques agrupados numa armadilha minúscula de cento e cinquenta metros de largo por menos de trezentos metros de comprimento. A RAF estará lá à 1h30m da madrugada. Pelas duas horas não haverá um único tanque para remédio.

Neufeld olhou-o por um instante, o rosto parado e disse então muito baixo e manso: — Maldito! Maldito! Maldito!

— A maldição é o que você vai receber por isto — disse Mallory agradavelmente. — Quando você for liberado... eu espero que o seja um dia... tudo estará terminado. Eu o verei depois da guerra.

Andrea trancou os dois homens numa das salas ao lado e pendurou a chave na parede ao lado da outra. Saíram, trancaram a porta da frente e penduraram a chave num prego do lado de fora. Montaram nos cavalos — Groves e Reynolds já haviam selado outros dois e recommearam a subida, Mallory com o mapa nas mãos, estudando-o à fraca luz do crepúsculo, procurando a' estrada que deveriam seguir.

O caminho levou-os a ladear o perímetro de uma floresta de pinheiros. Uns oitocentos metros depois de terem deixado a fortaleza, Andrea puxou as rédeas de seu cavalo, apeou, levantou-lhe a pata dianteira direita e examinou-a com cuidado. Olhou para os outros que também haviam parado.

— Tem uma pedra encravada na ranilha do casco — anunciou. — Parece grave... não grave demais. Eu vou tirá-la fora. Não me esperem... eu os alcanço em alguns minutos.

Mallory fez que sim e deu sinal para que todos continuassem. Andrea puxou uma faca, levantou o casco e representou uma cena como se estivesse desencravando a pedra. Depois de um ou dois minutos, deu uma espiada de relance e viu que o resto do grupo já desaparecera numa das curvas da floresta de pinheiros. Andrea guardou a faca e puxou o seu cavalo, que evidentemente não tinha manqueira de espécie alguma, para o abrigo da floresta e ali amarrou-o pelas rédeas, voltando depois a pé a meio caminho da colina que dava para a fortaleza. Sentou-se atrás do tronco de um pinheiro conveniente e tirou o binóculo do estojo.

Não teve de esperar muito. A cabeça e os ombros de uma figura apareceram na clareira lá embaixo, observando cautelosamente por detrás de um tronco de árvore. Andrea, agora achatado na neve e com os

gelados aros do binóculo apertados contra os olhos, não teve nenhuma dificuldade em fazer uma identificação imediata: o Sargento Baer, com sua cara de lua, rotundo e com um excesso de peso de uns trinta e cinco quilos para a sua altura insignificante, apresentava um inconfundível tipo físico que até os retardados mentais não poderiam esquecer com facilidade.

Baer entrou na floresta, para reaparecer pouco tempo depois puxando uma fileira de cavalos, um dos quais levava um objeto volumoso preso por uma correia a uma cesta de palha. Dois dos cavalos que o seguiam tinham cavaleiros, ambos com as mãos amarradas no arção das selas. Petar e Maria, sem sombra de dúvida. Atrás deles apareceram quatro soldados montados. O Sargento Baer fez sinal para que o seguissem através da clareira e em poucos minutos todos desapareceram de vista por detrás da fortaleza. Andrea olhou para a clareira vazia meditativamente, acendeu um charuto novo e encaminhou-se para o alto da colina onde estava amarrado o seu cavalo.

O Sargento Baer apeou, tirou uma chave do bolso, viu a outra pendurada no prego da porta, pegou-a e com a sua própria abriu a porta, entrando no depósito. Deu uma espiada de relance para a outra chave pendurada na parede e com ela abriu a porta ao lado.

O Capitão Neufeld saiu, olhou para o relógio e sorriu.

— Você foi muito pontual, Sargento Baer. Trouxe o rádio?

— Trouxe, está lá fora.

— Muito bem, muito bem, muito bem — Neufeld olhou para Droshny e sorriu novamente. — Eu acho que está na hora de nosso encontro no Planalto de Ivenici.

O Sargento Baer disse respeitoso: — Como o senhor pode ter certeza de que será no Planalto de Ivenici, Hauptmann Neufeld?

— Como eu tenho certeza? Simples, meu caro Baer. Porque Maria... ela está com vocês?

— É lógico que está, Hauptmann Neufeld.

— Porque Maria me disse. Vai ser no Planalto de Ivenici.

A noite já caíra sobre o Planalto de Ivenici, mas a legião de soldados exaustos ainda pisoteava a pista de aterragem para o avião. O trabalho a estas horas já não era tão brutal e cruelmente exaustivo, pois a neve já estava quase toda amassada, endurecida e aplainada, mas mesmo se admitindo o rejuvenescimento dado pelo influxo de quinhentos novos soldados, o cansaço extremo e total era tão grande que a legião não estava em melhores condições do que os membros originais que se haviam arrastado nas primeiras linhas para formar a pista na neve virginal.

A falange também mudara a sua forma. Em vez de ser de cinquenta homens de largura por vinte de comprimento, era agora de vinte de largura por cinquenta de comprimento: tendo conseguido adquirir um espaço livre seguro para as asas do avião, estava agora pisoteando o mais firme possível uma superfície para as rodas do trem de aterragem.

Uma lua já de três quartos, intensamente branca e luminosa, subiu lentamente para o céu, com camadas esgarçadas de nuvens derivando devagar vindas do norte. À medida que estas camadas sucessivas moviam-se em face da lua, as sombras escuras varriam preguiçosamente a superfície do planalto: a falange, num momento banhada sob o luar prateado, ficava no instante seguinte quase perdida na escuridão. Era uma cena fantástica, lúgubre e pressaga, singularmente irreal. De fato era, como o Coronel Vis havia cruamente mencionado ao Capitão Vlanovich, algo semelhante ao *Inferno* de Dante, só que cem graus mais frio. Pelo menos cem graus, corrigira-se Vis: ele não estava muito certo do calor que fazia no inferno.

Foi esta cena que, aos vinte minutos para as nove, Mallory e seus homens defrontaram ao chegarem ao topo de uma colina e deterem as rédeas de seus cavalos ao pé de um precipício que limitava a margem ocidental do Planalto de Ivenici. Por dois minutos, pelo menos, eles ficaram ali montados em seus

cavalos, imóveis, sem falar, hipnotizados pelo esforço do outro mundo de mil homens, que de cabeça e ombros curvados para a frente, arrastavam os pés exaustos através do solo nivelado do planalto; hipnotizados porque todos sabiam que estavam vendo um espetáculo único que nenhum deles jamais vira e que certamente não veria nunca mais. Mallory finalmente quebrou o encantamento, olhou para Miller e Andrea e lentamente balançou a cabeça numa expressão profunda de surpresa onde transparecia o seu descrédito: ao mesmo tempo em que via o que seus olhos lhe mostravam, ele se recusava a aceitar a realidade. Andrea e Miller devolveram-lhe um olhar semelhante, com idênticos movimentos de cabeça. Mallory dirigiu seu cavalo para a direita e liderou o caminho ao longo da beirada escarpada até o ponto em que a encosta fundia-se no chão que se alçava.

Dez minutos depois eles estavam sendo recebidos pelo Coronel Vis.

— Eu não esperava vê-lo, Capitão Mallory — Vis estendeu a mão entusiasticamente. — Por Deus, eu não esperava vê-lo. O senhor... e seus homens... devem ter uma capacidade fantástica de sobrevivência.

— Diga isto daqui a algumas horas — disse Mallory secamente. — E eu ficarei muito feliz de ouvi-lo.

— Mas tudo está terminado agora. Nós esperamos o avião... — Vis olhou para o relógio... — exatamente

dentro de oito minutos. Já temos uma superfície preparada para ele e não deve haver dificuldade na aterragem e na decolagem se não se demorarem muito. O senhor fez tudo o que veio fazer e portou-se muito bem. A sorte esteve do seu lado.

— Diga isto daqui a algumas horas — repetiu Mallory.

— Desculpe — Vis não conseguiu esconder que estava intrigado. — Espera que aconteça alguma coisa com o avião?

— Eu não espero que aconteça nada com o avião. Mas o que passou, passou, e é... ou melhor, foi... apenas o prólogo.

— O... o prólogo?

— Eu vou explicar.

Neufeld, Droshny e o Sargento Baer deixaram os cavalos amarrados no meio das árvores e continuaram pela suave plataforma à frente, o sargento sofrendo muito o esforço da subida na neve espessa por causa do peso do enorme transmissor portátil que trazia a tiracolo. Perto do cimo, eles ficaram de quatro e caminharam com as mãos e os joelhos, arrastando-se para a frente até chegarem a uns poucos centímetros da borda da encosta que dominava o Planalto de Ivenici. Neufeld tirou o binóculo do estojo, mas logo recolocou-os no lugar: a lua saíra de trás de uma massa escura de nuvens e acentuava cada traço da

cena que se passava lá embaixo: o intenso e violento contraste proporcionado pela sombra negra e pela neve profunda e ofuscantemente branca que chegava quase a ser fosforescente, tornava inútil o uso de binóculos.

Distintamente visíveis à direita, estavam as tendas de comando de Vis, e perto, algumas improvisadas cozinhas de campanha. Do lado de fora da tenda menor, podia ser visto um grupo de umas doze pessoas, evidentemente — apesar da distância — entregues a uma conversa animada. Diretamente abaixo de onde se encontravam, os três homens podiam ver a legião dando a volta no fim da virada e recomeçando a bater os pés lentamente, numa lentidão horrível, num cansaço horrível, ao longo da faixa já batida. Da mesma forma que Mallory e seus homens, Neufeld, Droshny e Baer também foram cativados pela grandeza sobrenatural e fantástica do espetáculo a seus pés. Somente por um ato consciente de vontade, Neufeld pode controlar-se e desviar os olhos, voltando ao mundo normal da realidade.

— Que gentileza — ele murmurou — dos nossos amigos iugoslavos de irem tão longe para nos ajudar — virou-se para Baer e indicou o transmissor. — Entre em contato com o General, faz favor.

Baer tirou o transmissor do ombro, assentou-o com firmeza na neve, ergueu a antena telescópica, ajeitou a

frequência e deu uma volta na manivela. Entrou em contato quase imediatamente, falou com rapidez e passou o microfone e os áudios para Neufeld, que os colocou e olhou para baixo, ainda hipnotizado pelos mil homens e mulheres que se movimentavam como formigas através do planalto. Os audíofones estalaram de repente em seus ouvidos e o encantamento quebrou-se.

— Herr General?

— Ah! Hauptmann Neufeld! — nos áudios a voz do General era fraca mas muito clara, completamente livre de estática ou distorção. — Ouça agora. A respeito de minha estimativa psicológica da mente do inglês?

— O senhor errou de profissão, Herr General. Tudo aconteceu exatamente como o senhor previra. Vai gostar de saber, senhor, que a Real Força Aérea lançará um ataque de bombardeio de saturação sobre o Desfiladeiro de Zenica precisamente à 1h30m da madrugada.

— Bem, bem, bem — disse Zimmermann pensativo.

— Isto é interessante, mas não me surpreende absolutamente.

— Não, senhor — Neufeld olhou para Droshny quando este tocou-lhe o ombro e apontou para o norte.

— Um momento senhor.

Neufeld tirou os fones e virou a cabeça de lado na

direção do braço apontado de Droshny. Levantou o binóculo mas não havia nada para se ver. Porém era fora de dúvida que havia algo para se ouvir — o rumor distante dos motores de um avião aproximando-se. Neufeld reajustou os fones.

— Devemos dar os parabéns aos ingleses pela pontualidade, senhor. O avião está chegando.

— Excelente, excelente. Mantenha-me informado. Neufeld abaixou um dos áudios e olhou para o norte. O avião não podia ser visto, pois a lua estava temporariamente atrás de uma nuvem, mas o som dos motores do avião estava inconfundivelmente mais perto. De repente, de algum lugar lá de baixo no planalto, veio o som estridente de três toques de apito. Imediatamente, a legião que andava dispersou-se, homens e mulheres correndo aos tropeções para fora do caminho aberto, entrando pela neve profunda do lado leste do platô, deixando para trás o que já devia estar combinado: oitenta homens que se colocaram a um espaço certo dos lados da pista improvisada.

— Eles merecem um elogio, são bem organizados — disse Neufeld com admiração.

Droshny sorriu seu sorriso de lobo: — Melhor para nós, não é?

— Parece que todos estão dando tudo o que podem hoje à noite para nos ajudar — concordou Neufeld.

Lá em cima, a faixa escura e sombria de nuvens

flutuou para o sul e a luz branca da lua iluminou o planalto. Neufeld viu imediatamente o avião, a menos de oitocentos metros de distância, sua forma camuflada brilhantemente desenhada ao luar, enquanto ele descia na direção do lado oposto da pista. Outro assobio agudo do apito e no mesmo instante os homens alinhados de ambos os lados da pista acenderam lanternas de mão — coisa supérflua aliás, nesta claridade quase tão forte como a luz do dia que permitia condições ideais de aterragem, mas que teriam sido necessárias se a lua estivesse escondida por uma nuvem.

— Tocando a pista agora — disse Neufeld ao microfone. — É um bombardeiro Wellington.

— Esperamos que ele faça uma aterragem feliz — disse Zimmermann.

— Vamos ficar torcendo, senhor.

O Wellington realizou uma aterragem segura, uma aterragem perfeita considerando-se as condições extremamente difíceis. Diminuiu a marcha logo depois e manteve-se à mesma velocidade ao se encaminhar para o fim da pista.

Neufeld disse ao microfone: — Já está em terra, Herr General. Está taxiando para a parada.

— Por que não parou ainda? — perguntou Droshny.

— Não se pode acelerar um avião sobre a neve

como se faz sobre uma pista de concreto — disse Neufeld. — Eles vão precisar de cada metro da pista para a decolagem.

Era evidente que o piloto do Wellington era da mesma opinião. Ele já estava a uns cinquenta metros do fim da pista, quando dois grupos de pessoas destacaram-se das centenas que estavam paradas à sua borda, um deles correndo para a porta já aberta de um dos lados do bombardeiro, o outro dirigindo-se para a cauda do aparelho. Ambos os grupos alcançaram o avião enquanto ainda rolava antes de parar no final da pista improvisada. Uma dúzia de homens pendurou-se na cauda do avião para virá-lo de 180°.

Droshny ficou impressionado — Por Deus, eles não estão querendo perder tempo.

— Não podem perder tempo. Se o aparelho ficar parado um minuto sequer vai começar a afundar na neve — Neufeld ergueu novamente o binóculo e falou ao microfone.

— Estão embarcando agora, Herr General. Um, dois, três... sete, oito, nove. São nove ao todo — Neufeld suspirou aliviado com o relaxamento da tensão. — Meus melhores cumprimentos, Herr General. Nove ao todo de verdade!

O avião já estava virado de frente para a posição de onde viera. O piloto manteve os freios, acelerou os motores num crescendo e vinte segundos depois de

chegar o Wellington estava novamente a caminho, correndo pista abaixo. O piloto não correu nenhuma chance, esperou até o final da pista antes de levantar vôo, mas quando o fez foi com certeza e segurança e alçou-se em direção ao céu da noite.

— Já está no ar, Herr General — informou Neufeld.

— Tudo perfeitamente de acordo com o plano — cobriu o microfone com uma das mãos, olhou na direção do avião que desaparecia e sorriu para Droshny. — Eu creio que nós devíamos desejar-lhes *bon voyage*, não acha?

Mallory, um entre as centenas de homens que ladeavam o perímetro da pista de aterragem, abaixou o binóculo: — E que eles façam uma boa viagem...

O Coronel Vis balançou tristemente a cabeça — Este trabalhão todo só para mandar cinco de meus homens passarem férias na Itália.

— Eu acho que eles mereceram — disse Mallory.

— Eles que vão para o inferno! E nós? — perguntou Reynolds. Apesar das palavras o seu rosto não demonstrava mais raiva, apenas uma total e completa frustração. — Nós não devíamos estar a bordo daquele maldito avião?

— Ah! bem... Eu mudei de idéia — disse Mallory com amargura.

Dentro da fuselagem do Wellington, o Major bigodudo observava os três companheiros de fuga e os

cinco soldados partisanos: balançou incrédulo a cabeça e virou-se para o Capitão que estava a seu lado.

— Estranhíssimo, não?

— Muito estranho, na verdade, senhor — disse o Capitão.

Olhou curioso para os papéis que o Major levava na mão. — O que é que o senhor tem aí?

— Um mapa e papéis que eu devo entregar a um sujeito barbado da Marinha quando aterrarmos na Itália. Tipo esquisito, este Mallory, não?

— Muito esquisito, senhor — concordou o Capitão.

Mallory e seus homens, juntamente com Vis e Vlanovich haviam-se destacado da multidão e estavam agora de pé ao lado da barraca de comando de Vis.

Mallory disse a Vis: — Já arranjou as cordas? Precisamos sair já.

— Por que esta pressa desesperada, senhor? — perguntou Groves. Como Reynolds, muito de seu ressentimento se fora, substituído por uma irremediável perplexidade. — Assim de repente, eu quero dizer?

— Petar e Maria — disse Mallory com uma careta.

— Eles são a causa da pressa.

— O que é que há com Maria e Petar? — perguntou suspeito Reynolds. — Onde é que eles entram nisto?

— Eles estão sendo mantidos prisioneiros no

depósito de munições. E quando Neufeld e Droshny chegarem lá...

— Chegarem lá? — fez Groves espantado. — O que é que o senhor quer dizer com isto? Chegarem lá? Nós os deixamos trancados. E, em nome de Deus, porque Petar e Maria estão presos no depósito? Como podem estar lá? Eu quero dizer, eles não estavam lá quando nós saímos... e não faz tanto tempo assim.

— Quando o cavalo de Andrea ficou com uma pedra no casco no caminho do depósito para cá, ele não estava com uma pedra no casco. Andrea estava de vigia.

— Como vê — explicou Miller. — Andrea não confia em ninguém.

— Ele viu o Sargento Baer levando Petar e Maria para lá — continuou Mallory. — Amarrados. Baer soltou Neufeld e Droshny e você pode apostar o seu último centavo que o nosso precioso par estava ali em cima da encosta verificando se nós fomos mesmo embora.

— O senhor não nos conta muita coisa, senhor — disse Reynolds com amargura.

— Eu vou-lhe dizer uma coisa — disse Mallory com certeza. — Se nós não chegarmos lá logo, Maria e Petar vão passar apertados, Neufeld e Droshny ainda não *sabem*, mas quando chegarem lá vão estar bastante convencidos de que foi Maria quem nos disse onde

estavam presos os quatro agentes ingleses. Eles sabiam desde o início quem nós éramos na verdade... Maria lhes contou. Agora eles sabem quem é Maria. Um pouco antes de Droshny matar Saunders...

— Droshny? — a expressão de Reynolds era a de um homem que há muito desistira de compreender as coisas. — Maria?

— Eu cometi um erro de cálculo — Mallory parecia cansado. — Nós todos calculamos mal às vezes, mas aquele erro custou muito caro — ele sorriu mas o sorriso não chegou até seus olhos. — Você se lembra de ter dito algumas palavras ásperas quando Andrea provocou aquela luta com Droshny do lado de fora do refeitório do acampamento de Neufeld?

— É claro que eu me lembro. Foi uma das coisas mais doidas que...

— Você pode pedir desculpas a Andrea noutra hora mais propícia — interrompeu Mallory. — Andrea provocou Droshny porque eu lhe pedi para fazer isso. Eu sabia que Neufeld e Droshny estavam tramando alguma coisa contra nós no refeitório depois de sairmos. Eu queria um momento para perguntar a Maria o que era que eles estavam discutindo. Ela me disse que eles tencionavam enviar dois *cetniks* para nos seguirem até ao acampamento de Broznik... bem disfarçados, é lógico... para nos vigiarem. Eram dois dos homens que serviam de escolta no caminhão a

gasogênio. Andrea e Miller os mataram.

— Agora nos conta tudo — disse Groves mecanicamente.

— Andrea e Miller os mataram.

— O que eu não sabia é que Droshny também nos estava seguindo. Ele me viu junto com Maria — olhou para Reynolds.

— Da mesma forma que você. Eu não sabia que ele nos vira, só soube há algumas horas. Maria está condenada por uma sentença de morte desde hoje de manhã. Mas não havia nada que eu pudesse fazer até agora. Se eu mostrasse as minhas cartas antes do tempo, o jogo estaria perdido.

Reynolds sacudiu a cabeça — Mas o senhor acabou de dizer que Maria nos traiu.

— Maria — disse Mallory — é um alto agente britânico de espionagem. Pai inglês, mãe Iugoslava. Ela já estava na região antes mesmo dos alemães chegarem. Como estudante em Belgrado. Juntou-se aos partisanos que a treinaram como radioperadora e depois arranjaram a sua deserção para os *cetniks*. Os *cetniks* haviam capturado um radioperador de uma das primeiras missões britânicas. Eles, isto é, os alemães, treinaram-na para imitar a mão deste operador — cada radioperador tem o seu próprio estilo inconfundível — até que seus estilos fossem praticamente indistinguíveis. E o seu inglês, é claro,

era perfeito. Desta forma, eles entraram em contato com a Inteligência Aliada no Norte da África e na Itália. Os alemães pensavam que nos estavam enganando: o que acontecia de fato era o contrário. Miller disse queixoso: — Você também não me falou nada sobre isso.

— Eu tinha tanta coisa na cabeça. De qualquer forma, ela foi avisada diretamente da chegada das quatro últimas missões britânicas que saltaram de pára-quedas. É lógico que ela falou com os alemães. Todos esses agentes traziam informações para reforçarem a crença alemã de que uma segunda frente de batalha — uma invasão em larga escala da Iugoslávia — estava iminente.

— Eles também sabiam que nós íamos chegar? — Reynolds perguntou lentamente.

— É claro. Eles sabiam tudo a nosso respeito o tempo todo. Quem nós éramos na verdade. O que eles não sabiam, é lógico, é que nós sabíamos que eles sabiam e pensavam que o que sabiam sobre nós era a verdade. Mas não que era apenas uma parte da verdade...

Reynolds digeriu isto devagar. Disse hesitante: — Senhor?

— Sim?

— Eu acho que estava errado a seu respeito, senhor.

— Acontece — concordou Mallory. — De tempos

em tempos, acontece. Você estava errado sargento, mas estava errado pelos melhores motivos. A culpa foi minha. Somente minha. Mas minhas mãos estavam atadas — Mallory tocou-lhe o ombro. — Qualquer dia destes você dará um jeito de me perdoar.

— Petar? — perguntou Groves. — Não é irmão dela?

— Petar é Petar. Nada mais. Um testa-de-ferro.

— Ainda há muita coisa estranha... — começou Reynolds, mas Mallory interrompeu-o.

— Você vai ter de esperar. Coronel Vis, um mapa por favor — o Capitão Vlanovich trouxe um da barraca e Mallory iluminou-o com a lanterna. — Olhe, aqui. A represa de Neretva e a "jaula de Zenica". Eu disse a Neufeld que Broznik me dissera que os partisanos acreditam que o ataque virá através da ponte sobre o Neretva, ao sul. Mas, como eu disse, Neufeld sabia... ele já sabia mesmo antes que eu chegasse... quem e o que nós éramos *realmente*. Desta forma, eles estavam convencidos de que o ataque viria pelo Desfiladeiro de Zenica, aqui ao norte. Há uma razão para acreditarmos nisso, vejam bem: há duzentos tanques alemães neste lugar. Vis olhou para ele: — Duzentos!

— Cento e noventa são feitos de compensado. Esta era a única maneira de Neufeld — e sem dúvida do Alto Comando alemão — se assegurarem de que esta

utilíssima informação fosse para a Itália, permitindo-nos representar estas cenas de fuga. Às quais, é óbvio, eles ajudaram com muito boa vontade de todas as maneiras possíveis, até se deixando capturar. Eles *sabiam* igualmente que nós não tínhamos outra escolha do que a de capturá-los e obrigá-los a nos levarem até o depósito, num arranjo que haviam garantido de antemão, prendendo e escondendo antes a única pessoa que poderia nos ter ajudado... Maria. E, é claro, sabendo disto com antecedência, arranjaram para o Sargento Baer vir libertá-los.

— Eu entendo — todos estavam vendo que o Coronel Vis não estava entendendo nada. — Você mencionou um ataque de saturação da RAF ao Desfiladeiro de Zenica. Como uma diversão. Isto será agora transferido para a ponte?

— Não. O senhor não vai querer que nós faltemos com a palavra à Wehrmacht, vai? Como foi prometido o ataque virá ao Desfiladeiro de Zenica. Para convencê-los no caso de ainda restarem dúvidas em seus espíritos, de que nós os enganamos. Além disto, o senhor sabe tão bem quanto eu que a ponte é imune aos ataques aéreos de grande altitude. Ela terá de ser destruída de outra forma.

— De outra forma?

— Pensaremos em alguma coisa. A noite é jovem. Duas últimas coisas, Coronel Vis. Haverá um outro

Wellington à meia-noite e um segundo às três da madrugada. Deixe-os ir. O próximo, às seis da manhã, retenha-o até a nossa chegada. Bem, até a nossa provável chegada. Com um pouquinho de sorte estaremos levantando vôo antes do amanhecer.

— Com um pouquinho de sorte — disse Vis sombriamente.

— E comunique-se pelo rádio com o General Vukalovic, sim? Diga-lhe tudo o que eu lhe falei, a situação exata. E diga-lhe para começarem a atirar intensamente com armas de pequeno calibre a uma hora da madrugada.

— E em que eles deverão atirar?

— Por mim, podem atirar até para a lua — Mallory pulou para o cavalo. — Venham, vamos embora.

— A lua — concordou o General Vukalovic — é um alvo de bom tamanho apesar de ficar um pouco longe. No entanto, se é isto que o nosso amigo quer, será isto o que faremos — fez uma pausa por um momento, olhou para o Coronel Janzy que estava sentado a seu lado sobre um tronco caído no meio das matas ao sul do Desfiladeiro de Zenica e novamente falou através do microfone do rádio.

— De qualquer forma, muito obrigado, Coronel Vis. Então é a ponte de Neretva... E o senhor acha que será prejudicial à nossa saúde permanecermos nas proximidades vizinhas a esta área depois de uma hora

da madrugada? Não se preocupe, não estaremos aqui — Vukalovic tirou os áudios e voltou-se para Janzy: — Vamos sair de mansinho à meia-noite. Deixaremos alguns homens para fazerem bastante barulho.

— Os que vão atirar para a lua?

— Os que vão atirar para a lua. Avise pelo rádio o Coronel Lazlo, em Neretva, sim? Diga-lhe que estarei lá com ele antes do ataque. Depois avise ao Major Stephan. Diga-lhe que deixe apenas uma força de resistência, saia do Desfiladeiro de Oeste e dirija-se para o QG do Coronel Lazlo — Vukalovic fez outra pausa meditativa. — Vamos ter pela frente umas horas bem interessantes, não acha?

— Há alguma possibilidade para este homem, Mallory? — o tom com que Janzy falou demonstrava o que ele pensava ser a resposta.

— Bem, veja por este ângulo — disse Vukalovic razoável — é claro que há uma possibilidade. Tem de haver uma possibilidade. Antes de tudo é, meu caro Janzy, uma questão de alternativas... e nós não temos outras a não ser estas...

Janzy não deu nenhuma resposta, mas lenta e sucessivamente balançou a cabeça como se Vukalovic acabasse de dizer algo muito profundo.

9 - De sexta-feira às 21h15m aos quarenta minutos da madrugada de sábado

A CAVALGADA PELA DESCIDA através das encostas cobertas de florestas do Planalto de Ivenici até o depósito de munições gastou menos de um quarto do tempo que Mallory e seus homens haviam levado na subida. Na neve espessa, a caminhada era traiçoeira, as colisões com os troncos de pinheiros sempre uma possibilidade iminente e nenhum dos cinco cavaleiros se vangloriava de ser um ginete experimentado. O resultado inevitável eram os escorregões, tropeços e pesadas quedas, tão freqüentes quanto dolorosas. Nenhum deles escapou à involuntária indignidade de sair de sua sela e mergulhar de cabeça na neve profunda, mas era este mesmo colchão que os salvava. Isto, e sobretudo as patas ágeis e seguras de seus cavaleiros montanhese: qualquer que fosse a razão ou o conjunto de razões, houve arranhões e quedas afobadas em quantidade, mas por milagre nenhum osso quebrado.

A fortaleza apareceu à vista. Mallory ergueu a mão para preveni-los, diminuiu a marcha até que ficassem a uns duzentos metros do objetivo, puxou as rédeas,

apeou e levou seu cavalo até um bosque fechado de pinheiros, seguido pelos outros. Amarrou as rédeas e indicou-lhes com um gesto que fizessem o mesmo.

Miller disse queixoso: — Já estou doente com este maldito cavalo, mas ainda estou mais doente de ter de andar através desta espessura de neve. Por que não podemos ir montados até lá?

— Porque eles devem ter outros cavalos amarrados por lá. E estes vão começar a rinchar se escutarem, virem ou sentirem o cheiro dos nossos cavalos se aproximando.

— De qualquer forma eles podem rinchar.

— E haverá guardas de vigia — assinalou Andrea.

— Eu não creio, Cabo Miller, que a gente possa fazer uma aproximação muito furtiva ou discreta chegando a cavalo.

— Guardas? Guardando-os contra o quê? Para Neufeld e sua turma nós já estamos a meio caminho do Adriático.

— Andrea tem razão — disse Mallory. — Pense o que pensar de Neufeld, ele é um oficial de primeira categoria e não vai correr riscos. Haverá guardas — olhou para o céu noturno onde uma estreita faixa de nuvens se aproximava da lua. — Está vendo lá em cima?

— Estou — disse Miller com ar infeliz.

— Uns trinta segundos, eu diria. Vamos dar uma

corrida até o oitão do outro lado da fortaleza... lá não há canhoneiras. E, se Deus quiser, assim que chegarmos lá vocês fiquem absolutamente quietos. Se eles ouvirem alguma coisa, mesmo se suspeitarem de que nós estamos do lado de fora, trancarão as portas e usarão Maria e Petar como reféns. A única coisa então a fazer seria abandoná-los.

— O senhor fará isto, senhor? — perguntou Reynolds.

— Eu farei isto, sim. Preferia ter de cortar fora uma das mãos, mas eu farei isto. Não tenho escolha, sargento.

— Sim, senhor. Eu compreendo.

A escura faixa de nuvens passou por cima da lua. Os cinco homens saíram de seu esconderijo atrás dos pinheiros e correram pesadamente ladeira abaixo sobre a neve pegajosa, na direção do oitão mais afastado da fortaleza. A uns trinta metros de distância e a um sinal de Mallory, eles diminuíram a carreira para abafar os passos que poderiam chamar a atenção de alguma sentinela que estivesse de guarda nas canhoneiras, e completaram o percurso andando o mais rápida e silenciosamente que podiam, em fila indiana, cada homem aproveitando a pegada deixada à sua frente pelo anterior.

Alcançaram o oitão vazio sem serem percebidos, com a lua ainda escondida por detrás das nuvens.

Mallory não fez nem uma pausa para se congratular com os outros pelo feito. Imediatamente ele ficou de quatro, engatinhando para o outro lado da fortaleza, esgueirando-se contra as paredes de pedra.

A pouco mais de um metro da esquina da parede estava a primeira canhoneira. Mallory não se preocupou em se abaixar ainda mais na neve: as canhoneiras eram tão fundamente embutidas nas maciças paredes de pedra que teria sido impossível ver alguma coisa a menos de dois metros dela. Ele se esforçou, em lugar disso, para fazer o menor ruído possível e conseguiu-o com sucesso pois passou em segurança pela canhoneira sem que nenhum alarme fosse dado. Os outros quatro passaram igualmente com sucesso, apesar da lua já ter saído de trás das nuvens quando o último deles, Groves, estava diretamente por baixo dela. Porém, ele também, passou despercebido.

Mallory chegou até a porta. Fez um gesto para Miller, Reynolds e Groves para ficarem abrigados onde estavam: ele e Andrea levantaram-se silenciosamente e encostaram os ouvidos na porta.

Imediatamente ouviram a voz de Droshny, cheia de ameaças, pesada e rancorosa.

— Uma traidora! É isto que ela é. Uma traidora de nossa causa. Mate-a agora!

— Por que você fez isto Maria? — a voz de Neufeld,

em contraste com a de Droshny era calma, medida, quase gentil.

— Por que ela fez isto? — rosnou Droshny. — Dinheiro. Foi por dinheiro que ela fez isto. Por que mais?

— Por quê? — Neufeld insistia persistente. — O Capitão Mallory ameaçou matar seu irmão?

— Pior do que isso — eles tiveram de aguçar o ouvido para escutar a voz baixinha de Maria. — Ele ameaçou matar-me. Quem iria cuidar de meu irmão cego?

— Nós estamos perdendo tempo — disse Droshny impaciente. — Deixe eu levar os dois lá para fora.

— Não — a voz de Neufeld apesar de ainda calma, não admitia argumentos. — Um garoto cego? Uma moça aterrorizada? Quem é você, homem?

— Um *cetnik*!

— E eu sou um oficial da Wehrmacht.

Andrea murmurou qualquer coisa nos ouvidos de Mallory: — Mais um minuto e alguém vai reparar nos nossos passos na neve...

Mallory fez que sim com a cabeça, pôs-se de lado e acenou levemente com a mão. Ele não se iludia quanto às suas respectivas capacidades quando se tratava de abrir portas que davam para salas cheias de homens armados. Andrea era o que havia de melhor nestas coisas — e provou isto mais uma vez da mesma

maneira comum, letal e violenta.

Uma volta na maçaneta, um violento pontapé com a sola do pé direito e Andrea estava enquadrado no portal. A porta que se abriu impetuosamente ainda não chegara ao limite máximo de suas dobradiças quando a sala ecoou com o *stacatto* monótono do matraquear da Schmeisser de Andrea: Mallory, olhando por cima do ombro dele, através das espirais de fumaça da pólvora, viu dois soldados alemães, em rapidíssimas reações, despencando-se pesadamente no chão. Com a sua própria metralhadora apontada, Mallory seguiu Andrea para a sala.

Não havia mais necessidade de Schmeissers. Nenhum dos outros soldados estava armado, enquanto que, pelo menos neste momento, Neufeld e Droshny, os rostos parados, uma expressão de total incredulidade, eram obviamente incapazes de fazer um movimento, quanto mais de ter a idéia de oferecer uma resistência suicida.

Mallory disse para Neufeld: — Você acabou de comprar a sua vida — voltou-se para Maria, acenou na direção da porta, esperou até que ela e seu irmão saíssem e então olhou novamente para Neufeld e Droshny, dizendo secamente: — Suas armas.

Neufeld tentou falar, se bem que seus lábios se movessem de uma forma estranhamente mecânica: — Em nome de Deus, o que é...

Mallory não estava com disposição para bater papo. Levantou a Schmeisser — Suas armas.

Neufeld e Droshny, como se estivessem sonhando, tiraram as pistolas e jogaram-nas no chão.

— As chaves — Droshny e Neufeld olharam para ele num silêncio incompreensível. — As chaves — repetiu Mallory. — Agora. Ou então elas não serão mais necessárias.

Por vários segundos a sala se manteve no mais completo silêncio, depois Neufeld mexeu-se, virou-se para Droshny e acenou com a cabeça. Droshny franziu o cenho ameaçador — o melhor que pode, pois seu rosto ainda estava com uma expressão entre o espanto baldado e a fúria homicida — meteu a mão no bolso e entregou as chaves. Mallory apanhou-as, destrancou e abriu a porta da cela sem dizer palavra e com um gesto da metralhadora convidou Neufeld, Droshny, Baer e os outros soldados a entrarem. Esperou que todos o fizessem, fechou a porta, trancou-a e guardou a chave no bolso. A sala ecoou novamente quando Andrea apertou o gatilho de sua metralhadora e destruiu o rádio sem qualquer esperança de conserto. Cinco segundos depois, eles estavam todos lá fora. Mallory que fora o último a sair trancou a porta e jogou a chave para longe, onde ela caiu enterrada na neve muito funda.

De repente, ele viu o grupo de cavalos amarrados

do lado de fora da fortaleza. Sete. Exatamente o número certo. Correu até a canhoneira que ficava do lado de fora da cela e gritou: — Nossos cavalos estão amarrados a duzentos metros daqui, lá no meio dos pinheiros. Não se esqueçam — depois correu com rapidez e ordenou aos seis que montassem. Reynolds olhou-o espantado.

— O senhor pensou nisto? Numa hora destas?

— Eu pensaria nisto a qualquer hora — Mallory virou-se para Petar, que acabara de montar desajeitadamente, voltou-se para Maria e disse: — Diga-lhe que tire os óculos.

Maria olhou-o surpresa, acenou que sim como se compreendesse e falou com o irmão, que sem entender tirou os óculos e guardou-os no bolso da túnica. Reynolds olhou-o espantado e virou-se para Mallory.

— Não compreendi, senhor.

Mallory esporeou seu cavalo e disse secamente: — Não é preciso que você compreenda.

— Desculpe, senhor.

Mallory fez o cavalo virar e disse, com ar cansado: — Já são quase onze horas, menino, já é muito tarde para o que temos de fazer.

— Senhor — Reynolds embora estivesse procurando esconder, estava profundamente satisfeito que Mallory o tivesse chamado de menino. — Eu não queria mesmo saber de verdade, senhor.

— Você perguntou. Nós teremos de seguir na maior velocidade que esses cavalinhos possam dar. Um cego não vê os obstáculos, não pode se equilibrar de acordo com o nível do terreno, não pode se antecipar a uma curva fechada, não pode se debruçar na sela do lado que o seu cavalo sabe que deve ir. Em suma, um cego é cem vezes mais exposto a cair num galope ladeira abaixo do que um de nós. Já é suficiente que um cego de nascença seja obrigado a ser cego até o fim de seus dias. É demais que nós o comprometamos ao risco de uma queda grave levando os óculos, expô-lo ao sacrifício de não somente ser cego, como de ter os olhos dilacerados e viver em agonia até o fim de seus dias.

— Eu não tinha pensado nisto... eu quero dizer... desculpe, senhor.

— Pare de pedir desculpas, menino. De fato, agora é a minha vez de pedir desculpas, sabe? Fique de olho nele, viu?

O Coronel Lazlo, binóculo nos olhos, observava a escarpa rochosa banhada pelo luar que se estendia à sua frente até a ponte de Neretva. Ao sul do rio, entre as campinas e a margem, até o início da floresta de pinheiros mais além, onde a vista de Lazlo podia alcançar, na orla da própria floresta, havia uma desconcertante falta de movimentação. Nenhum sinal de vida. Lazlo ponderava sobre o significado sinistro e

perturbador desta calma sobrenatural quando uma mão tocou-lhe o ombro. Ele voltou-se, olhou para o alto e reconheceu a figura do Major Stephan, comandante do Desfiladeiro de Oeste.

— Bem-vindo, bem-vindo. O General me avisou de sua chegada. O seu batalhão está aí?

— O que sobrou dele — Stephan sorriu sem na verdade sorrir. — Todos os homens que podiam andar. E todos aqueles que não podiam.

— Deus permita que não precisemos deles esta noite. O General lhe falou sobre este homem, Mallory? — o Major Stephan acenou afirmativamente e Lazlo continuou: — E se ele falhar? Se os alemães cruzarem a ponte de Neretva esta noite...

— Então? — Stephan fez um muxoxo. — Nós iríamos morrer hoje à noite mesmo de qualquer forma...

— É um bom ponto de vista — disse Lazlo em aprovação. Levantou o binóculo e retornou à contemplação da ponte de Neretva.

Muito longe e por mais incrível que fosse, nem Mallory nem nenhum de seus seis companheiros que galopavam haviam-se separado de seus cavaleiros. Nem mesmo Petar. Para dizer a verdade, a inclinação das encostas não era tão íngreme como as do Planalto de Ivenici até a fortaleza, mas Reynolds suspeitava de que isto se devia ao fato de Mallory ter

imperceptivelmente diminuído a velocidade do galope anterior. Talvez, pensou vagamente Reynolds, fosse porque inconscientemente ele estivesse tentando proteger o cantor cego que cavalgava quase a seu lado, o violão firmemente a tiracolo, rédeas largadas e ambas as mãos desesperadamente agarradas ao arção de sua sela. De repente, os pensamentos de Reynolds voltaram à cena passada dentro da fortaleza. Momentos depois, ele obrigava seu cavalo a emparelhar-se ao de Mallory.

— Senhor?

— O que foi? — Mallory parecia irritado.

— Uma palavra, senhor. É urgente. Realmente urgente! Mallory levantou a mão e obrigou-os a uma parada. Disse

rapidamente: — Seja breve.

— Neufeld e Droshny, senhor. — Reynolds fez uma pausa em um breve instante de incerteza e continuou:

— O senhor acha que eles sabem para onde nós vamos?

— O que é que isto tem a ver conosco?

— Por favor.

— É claro que eles sabem. A não ser que fossem imbecis completos e não são.

— É uma pena senhor — disse Reynolds depois de refletir — que não os tivesse liquidado apesar de tudo.

— Diga logo o que tem a dizer — disse Mallory

impaciente.

— Sim, senhor. Lembra-se de que o Sargento Baer soltou-os hoje mais cedo?

— É claro — Mallory procurava se controlar por todos os meios. — Andrea os viu chegar. Já expliquei tudo isso. Eles — Neufeld e Droshny — foram até o alto do planalto para ver se nós tínhamos ido embora de verdade.

— Eu compreendi esta parte, senhor. Então o senhor sabia que o Sargento Baer nos estava seguindo. Como foi que ele entrou na fortaleza?

O controle de Mallory desapareceu. Disse exasperado: — Porque eu deixei ambas as chaves penduradas do lado de fora.

— Sim, senhor. O senhor o esperava. Mas o Sargento Baer não sabia que o senhor o esperava... e mesmo que soubesse, não pensava encontrar as chaves assim tão à mão...

— Deus do Céu! Duplicatas! — num arrependimento amargo, Mallory bateu com o punho fechado na palma da outra mão. — Imbecil! Imbecil! É claro que ele devia ter as suas próprias chaves!

— E Droshny — disse Miller pensativo — deve conhecer algum atalho.

— E isto não é o pior — Mallory estava completamente controlado outra vez, aparentemente composto, a calma tranqüila de seu rosto era a antítese

de sua mente acelerada. — Pior ainda, ele pode se comunicar diretamente através do rádio de seu acampamento e prevenir o General Zimmermann para retirar suas divisões blindadas da frente de Neretva. Você ganhou seu dia desta vez, Reynolds. Obrigado, menino. A que distância você acha que nós estamos do acampamento de Neufeld, Andrea?

— Um quilômetro e meio, mais ou menos — a resposta veio por cima do ombro de Andrea, pois sempre em situações como esta em que ele sabia que seria chamado a realizar as funções nas quais era altamente especializado, era necessário pôr-se logo a caminho.

Cinco minutos depois, eles se agacharam ao chegar à beira da floresta a menos de vinte metros do perímetro do acampamento de Neufeld. Um bom número de cabanas ainda estavam com as luzes acesas, vinha música do refeitório e vários soldados *cetniks* movimentavam-se pelo pátio.

Reynolds murmurou para Mallory: — O que é que nós devemos fazer, senhor?

— Nós não vamos fazer nada. Deixe tudo para Andrea. Groves falou em voz baixa: — Um homem? Andrea? Vamos deixar tudo para um único homem?

Mallory suspirou — Diga-lhes, Cabo Miller.

— Eu preferia não dizer. Bem, se é preciso... O fato é — continuou amavelmente Miller — que Andrea é

muito bom nessas coisas.

— Nós também somos — disse Reynolds. — Somos comandos. Fomos treinados para isto.

— E muito bem treinados, sem dúvida — disse em aprovação Miller. — Mais uma meia dúzia de anos de experiência e meia dúzia de vocês talvez possam competir com ele. Se bem que eu duvide muito. Antes da noite terminar, vocês aprenderão... eu não quero insultá-los, sargento... que vocês são carneirinhos perto do lobo que é Andrea — Miller fez uma pausa e continuou soturnamente: — Como qualquer um que porventura estiver neste momento dentro da casa de rádio.

— Como qualquer um que porventura estiver... — Groves voltou-se e olhou para trás. — Andrea? Ele foi embora. Eu não o vi sair.

— Nunca ninguém vê — disse Miller. — E aqueles pobres diabos nem vão vê-lo chegar — olhou para Mallory. — O tempo está correndo.

Mallory olhou de relance para os ponteiros luminosos de seu relógio — Onze e meia. O tempo *está* mesmo correndo.

Por quase um minuto inteiro o silêncio foi apenas quebrado pelos movimentos nervosos dos cavalos amarrados ao fundo de um bosque atrás deles, até que Groves deu uma exclamação abafada quando Andrea materializou-se a seu lado. Mallory olhou-o e disse: —

Quantos?

Andrea levantou dois dedos de uma das mãos e andou com presteza para perto de seu cavalo. Os outros ergueram-se e o seguiram, Groves e Reynolds trocando olhares mais significativos do que palavras, de que eles ainda tinham estado mais errados a respeito de Andrea do que de Mallory.

No instante preciso em que Mallory e seus companheiros montavam outra vez em seus cavalos, na borda da floresta que cercava o acampamento de Neufeld, um bombardeiro Wellington mergulhava sobre um aeroporto bem iluminado — o mesmo no qual Mallory e seus homens haviam decolado a menos de vinte e quatro horas. Termoli, Itália. Fez um pouso perfeito e enquanto taxiava ao longo da pista, um jipe de comunicações do Exército fez uma curva num dos cruzamentos, e paralelo ao avião, seguiu-o durante as derradeiras centenas de metros. No assento esquerdo dianteiro e no assento direito traseiro do jipe, estavam duas figuras facilmente identificáveis: na frente, a cara de pirata do Capitão Jensen com sua magnífica barba, e atrás, o General britânico com o qual Jensen perdera ultimamente tanto tempo caminhando pela Sala de Operações em Termoli.

Avião e jipe pararam ao mesmo tempo. Jensen, demonstrando uma agilidade surpreendente para p seu tamanho considerável, pulou lèpidamente para o

chão e correu apressado através do macadame, chegando ao Wellington no momento em que a porta se abria e o primeiro dos passageiros, o Major bigodudo, descia em terra.

Jensen indicou com um aceno os papéis em sua mão e disse sem preâmbulos: — São para mim? — O Major piscou incerto, e fez que sim, claramente aborrecido pelas bruscas boas-vindas dadas a um homem que estava voltando de uma prisão indigna. Jensen pegou os papéis e sem pronunciar sequer uma outra palavra, voltou para o jipe, onde com uma lanterna de mão, estudou rapidamente os papéis. Voltou-se em seu banco e disse para o radioperador sentado ao lado do General: — Plano de vôo como estava estabelecido. Alvo como estava indicado. Agora — o radioperador começou a girar a manivela.

Cerca de oitenta quilômetros a sudeste dali, na área de Foggia, os edifícios e pistas da base de bombardeiros pesados da RAF ecoavam e reverberavam aos rugidos dos motores de fileiras de aviões na área de manobras, a oeste da pista principal, várias esquadrilhas de bombardeiros pesados Lancaster estavam alinhadas para a decolagem, obviamente à espera do sinal de partida. O sinal não se fez esperar muito.

A meio caminho do aeroporto, bem perto da pista principal, estava estacionado um jipe idêntico àquele

em que Jensen estava sentado lá em Termoli. No assento traseiro, um radioperador curvado sobre o transmissor, áudios na cabeça escutava atentamente. De repente olhou para cima e disse prosaicamente: — Instruções como estavam estabelecidas. Agora. Agora. Agora.

— Instruções estabelecidas — repetiu um Capitão no banco da frente. — Agora. Agora. Agora — apanhou uma caixa de madeira, tirou três foguetes sinaleiros, apontou diretamente para a pista e disparou um de cada vez. O facho brilhante de luzes abriu-se numa incandescência viva, verde, vermelha e novamente verde, antes de fazer uma lenta curva de volta ao chão. O bramido no extremo do aeroporto subiu para um crescendo ensurdecedor e o primeiro Lancaster começou a rolar pela pista. Em poucos minutos o último deles já decolava e se alçava para os céus escuros e hostis da noite do Adriático.

— Eu disse, creio eu — ponderou Jensen numa conversa confortável com o General no banco de trás — que eles são o que há de melhor nestes assuntos. Nossos amigos de Foggia já estão a caminho.

— O melhor nestes assuntos. Talvez. Eu não sei. O que eu sei é que aquelas malditas divisões alemãs e austríacas ainda estão em posição na Hora Zero atrás da Linha Gustav e que o assalto à Linha Gustav é... — ele deu uma espiada para o relógio — ... exatamente

dentro de trinta horas.

— Tempo de sobra — disse confiante Jensen.

— Eu só queria ter esta sua confiança abençoada.

Jensen sorriu alegremente para ele enquanto o jipe se afastava, depois virou-se novamente para a frente. Ao fazê-lo, o sorriso desvaneceu-se e seus dedos puseram-se a tamborilar no braço do banco ao lado.

A lua surgira outra vez quando Neufeld, Droshny e seus homens chegaram galopando ao acampamento e puxaram as rédeas dos cavalos cobertos pelo vapor que se desprendia de suas sólidas ilhargas e da respiração extenuada, dando-lhes uma aparência vaga e misteriosa ao pálido luar. Neufeld virou seu cavalo e voltou-se para o Sargento Baer.

— Quantos cavalos ainda estão nas cocheiras?

— Vinte. Mais ou menos isto.

— Depressa. Tantos homens quantos cavalos houver. Sele-os.

Neufeld fez um gesto para Droshny e ambos saíram correndo para a casa de rádio. A porta, estranhamente para uma noite gelada como aquela, estava escancarada. Ainda estavam a alguns metros de distância quando Neufeld gritou: — Ligue para a ponte de Neretva imediatamente. Diga ao General Zimmermann...

Ele parou bruscamente no portal, Droshny a seu lado. Pela segunda vez naquela noite, os rostos dos

dois homens refletiram a sua assombrosa incredulidade, o choque total e incompreensível.

Apenas uma pequena lâmpada iluminava a cabana, mas mesmo aquela pequena lâmpada era o bastante. Dois homens jaziam no chão, grotescamente amontoados, um deitado parcialmente por cima do outro: ambos indiscutivelmente mortos. Ao lado deles, com a parte frontal arrancada e o interior despedaçado, jazia igualmente o resto mutilado do que antes fora um transmissor. Neufeld olhou para a cena por algum tempo antes de sacudir violentamente a cabeça e quebrar o encantamento, voltando-se para Droshny.

— O grandalhão — disse com muita calma. — Foi o grandalhão que fez isto.

— O grandalhão — concordou Droshny quase sorrindo. — Lembra-se do que me prometeu, Hauptmann Neufeld? O grandalhão. Ele é meu.

— Você o terá. Venha. Eles só podem ter alguns minutos de vantagem — ambos viraram as costas e correram de volta para o pátio onde o Sargento Baer e um grupo de soldados já estavam selando os cavalos.

— Metralhadoras somente — gritou Neufeld. — Não precisamos de fuzis. Será corpo a corpo hoje à noite. Sargento Baer?

— Hauptmann Neufeld?

— Avise aos homens que não faremos prisioneiros.

Do mesmo jeito que os cavalos de Neufeld e seus homens, os de Mallory e seus seis companheiros eram também quase invisíveis em meio às densas nuvens de vapor que subiam de seus corpos banhados de suor: sua marcha cambaleante, que agora nem mais podia ser chamada de trote, mostrava o fato óbvio de que eles atingiam os limites da exaustão. Mallory olhou para Andrea, que acenou que sim e disse: — Estou de acordo. Iremos mais depressa a pé agora.

— Eu devo estar ficando velho — disse Mallory, e neste instante ele quis mesmo dizer isso. — Não estou pensando em nada direito esta noite, não acha?

— Não entendo.

— Cavalos. Neufeld e seus homens devem ter cavalos descansados nas estrebarias. Devíamos ter matado, ou pelo menos solto, os cavalos.

— Idade não é a mesma coisa que falta de sono. Também não pensei nisto. Um homem não pode pensar em tudo, meu Keith — Andrea puxou as rédeas de seu cavalo e estava quase pulando para o chão quando alguma coisa atraiu a sua atenção. Apontou para a frente.

Um minuto depois, eles estavam caminhando ao longo de uma via férrea de bitola extremamente estreita, de um tipo muito comum na Iugoslávia Central. Neste pedaço de terreno, a neve havia-se derretido e os trilhos que estavam à vista eram

salientes e enferrujados, mas pareciam mecanicamente em bom estado: sem dúvida, era a mesma ferrovia que lhes chamara a atenção quando haviam feito uma pausa para examinarem as águas verdes da Represa de Neretva, no caminho de volta do acampamento de Broznik naquela manhã. Mas o que atraiu simultaneamente a atenção de Mallory e Miller não foi a ferrovia, mas um ligeiro desvio que saía dela — e uma minúscula locomotiva que estava parada no desvio. A locomotiva era praticamente um bloco sólido de ferrugem e dava a impressão de não ter saído de sua posição desde o início da guerra: todas as probabilidades, aliás, eram de que não saíra mesmo.

Mallory apanhou um mapa de escala grande de dentro de sua farda e iluminou-o com uma lanterna. Disse: — Não há dúvida, esta via férrea foi a que nós vimos hoje de manhã. Desce ao longo do Neretva pelo menos oito quilômetros antes de virar para o sul — fez uma pausa e continuou pensativo: — Será que nós conseguiríamos por esta coisa em movimento?

— O quê? — Miller olhou aterrorizado. — Cairá aos pedaços se você encostar o dedo; é somente a ferrugem que mantém esta maldita coisa inteira. E olhe para aquela rampa! — ele olhou consternado para o declive abaixo. — Qual você pensa que será a nossa velocidade final quando dermos uma trombada num daqueles pinheiros monstruosos alguns quilômetros lá

pra baixo?

— Os cavalos estão acabados — disse Mallory mansamente. — E você sabe que adora andar.

Miller olhou para a locomotiva com relutância: — Deve haver um outro jeito.

— Pssiuu! — Andrea virou a cabeça de lado. — Eles estão chegando. Já os estou ouvindo chegarem.

— Tirem os calços das rodas dianteiras — gritou Miller. Correu e depois de vários e violentos pontapés que claramente não estavam levando em conta o estado futuro de seus dedos dos pés, conseguiu liberar o bloco triangular que estava amarrado em frente da locomotiva por uma corrente, enquanto Reynolds, igualmente enérgico, fez o mesmo ao outro calço.

Todos eles, até mesmo com a ajuda de Petar e Maria, empurraram todo o seu peso contra a traseira da locomotiva. Esta permaneceu onde estava. Eles tentaram outra vez, com desespero: as rodas recusavam-se a mover-se mesmo por uma fração de centímetros. Groves falou, na voz uma estranha mistura de urgência e timidez: — Senhor, numa rampa destas, ela deve ter sido deixada com os freios ligados.

— Oh, meu Deus! — disse Mallory envergonhado. — Andrea. Depressa. Solte a alavanca dos freios.

Andrea pulou para a plataforma do maquinista. Disse queixoso: — Há pelo menos uma dúzia de alavancas aqui em cima.

— Bem, então solte toda esta maldita dúzia de alavancas — Mallory olhava ansiosamente para a trilha às suas costas. Talvez Andrea tivesse ouvido algo, talvez não: ainda não havia ninguém à vista. Mas ele sabia que Neufeld e Droshny, que deviam ter saído da fortaleza apenas alguns minutos depois deles mesmos, deveriam estar muito próximos agora, pois conheciam as matas e os atalhos melhor do que eles.

— Houve uma grande quantidade de guinchos metálicos e de palavrões vindos da cabina e, talvez depois de um meio minuto, Andrea disse: — É esta aqui.

— Empurrem — gritou Mallory.

Eles empurraram, com as costas para a locomotiva, as rodas calcaram com força os dormentes e desta vez ela moveu-se com tanta facilidade — apesar do guincho agônico das rodas enferrujadas — que a maior parte dos que empurravam caiu de costas sobre os trilhos. Segundos depois, eles já estavam de pé, correndo atrás da locomotiva que imperceptivelmente já aumentava a sua crescente velocidade. Andrea debruçou-se da cabina, levantou Maria e Petar, um de cada vez, deu uma mão de ajuda aos outros. O último, Groves, já estava quase na plataforma quando parou de repente, virou-se, correu de volta para os cavalos, desamarrou as cordas para a escalada, jogou-as sobre o ombro e correu de novo para a locomotiva. Mallory

abaixou-se e ajudou-o a subir na plataforma do maquinista.

— Hoje não é o meu dia — disse Mallory tristemente. — Sobretudo, não é a minha noite. Primeiro, esqueci as chaves duplicatas de Baer. Depois, os cavalos. Depois os freios. Agora as cordas. Que será que eu vou esquecer agora?

— Talvez de Neufeld e Droshny — a voz de Reynolds era cuidadosamente desprovida de expressão.

— O que é que há com Neufeld e Droshny?

Reynolds apontou para a retaguarda da via férrea com o cano da Schmeisser — Peço permissão para atirar, senhor.

Mallory voltou-se. Neufeld, Droshny e um número indeterminado de soldados a cavalo acabavam de aparecer numa curva do caminho, a pouco mais de cem metros de distância.

— Permissão para atirar — concordou Mallory. — O resto de vocês se abaixe — ele também tirou do ombro a sua própria Schmeisser no momento em que Reynolds apertou o gatilho da dele. Talvez por uns cinco segundos, o confinamento metálico da minúscula cabina reverberou ensurdecidamente com o matraquear das duas metralhadoras, então, a uma cotovelada de Mallory, os dois homens pararam de atirar. Já não havia mais nenhum alvo. Neufeld e

seus homens haviam trocado alguns tiros preliminares, mas imediatamente perceberam que o violento balanceio sobre as selas tornava a posição de atirar relativamente instável se comparada com a cabina da locomotiva e entraram com os cavalos nas matas dos dois lados da ferrovia. Mas nem todos tinham entrado no mato a tempo: dois homens jaziam imóveis de borco na neve, enquanto seus cavalos ainda galopavam pelos trilhos no rasto da locomotiva.

Miller levantou-se, olhou sem dizer nada para a cena que se desenrolava atrás e deu um tapinha no ombro de Mallory: — Um pequeno detalhe que me ocorre, senhor. Como vamos parar esta coisa — olhou apreensivo através da janela da cabina. — Já devemos estar fazendo uns cem.

— Bem, pelo menos uns quarenta — disse Mallory satisfeito. — A velocidade é bastante para nos distanciar dos cavalos. Pergunte a Andrea. Ele soltou a alavanca do freio.

— Ele soltou uma dúzia de alavancas — corrigiu Miller. — Qualquer uma delas pode ter sido a dos freios.

— Bem, você não vai ficar aí parado sem fazer nada, vai? — perguntou Mallory razoável. — Tente fazer esta maldita coisa parar!

Miller olhou-o com frieza e começou a procurar um meio de parar a maldita coisa. Mallory virou-se para

Reynolds quando este tocou-lhe o ombro: — Então?

Reynolds tinha um braço em volta dos ombros de Maria para ajudá-la a manter-se de pé na plataforma que balançava. Murmurou: — Eles vão nos alcançar, senhor. Pode estar certo de que vão nos alcançar. Porque não paramos e deixamos estes dois para trás. Vamos dar uma oportunidade de escaparem pelas matas?

— Obrigado pelo pensamento. Mas não seja louco. Conosco terão uma chance... pequena para se dizer com franqueza, mas pelo menos uma. Se ficarem para trás eles serão trucidados.

A locomotiva já não estava fazendo os quarenta quilômetros por hora que Mallory dissera e se não se aproximara do número que Miller temerosamente mencionara, certamente estava indo rápido o bastante para chocalhar e oscilar no que devia ser o último limite de sua estabilidade. Por esta altura, as últimas árvores à direita da ferrovia se acabaram, as águas escurecidas da Represa de Neretva eram visíveis a oeste e os trilhos corriam agora muito próximos da borda do barranco de um perigoso precipício. Mallory olhou novamente para o interior da cabina. À exceção de Andrea, todos traziam expressões mais ou menos apreensivas. Mallory disse: — Ainda não deu jeito de parar esta maldita locomotiva?

— Fácil — Andrea mostrou uma alavanca. — Esta

maneta aqui.

— Muito bem, guarda-freios. Eu quero ver.

Para o alívio evidente de todos os passageiros da cabina, Andrea debruçou-se sobre a alavanca dos freios. Houve um guincho medonho que crispou os dentes de todos e nuvens de fagulhas voaram dos dois lados da cabina, quando as rodas brecaram sòlidamente nos trilhos. A locomotiva parou lentamente, diminuindo ao mesmo tempo o barulho dos freios que chiavam e o número de faíscas que voavam. Andrea, dever cumprido, debruçou-se para fora da cabina com o autodomínio entediado de um experimentado maquinista de trem: todos sentiram que o que ele realmente queria da vida naquela hora era um pano engordurado e uma cordinha de apito para puxar.

Mallory e Miller desceram e correram até a borda do precipício, a menos de vinte metros de distância. Pelo menos Mallory correu; Miller fez uma aproximação mais cuidadosa, ganhando cada centímetro dos últimos metros andando de quatro. Arriscou um olho cauteloso por cima da beirada do barranco, fechou os olhos com toda a força, virou para o outro lado e com igual cuidado que na descida, ganhou centímetro a centímetro o seu caminho de volta: Miller sempre dissera que ele jamais conseguira botar o pé no degrau de cima de uma escada sem

sucumbir à premente compulsão de se atirar no abismo.

Mallory olhou pensativo para as profundezas. Eles estavam exatamente sobre as paredes da barragem, que, nesta estranha meia-luz fornecida pela lua, parecia incrivelmente longínqua dentro da estonteante profundidade. O topo muito largo das paredes da muralha, brilhantemente iluminado por refletores, era patrulhado pelo menos por uma meia dúzia de soldados alemães, de botas altas e capacetes de aço. Além da muralha, do lado inferior da represa, os degraus de que falara Maria eram invisíveis, mas via-se a ponte pênsil de aparência frágil, sempre ameaçada pela enorme pedra arredondada na ladeira de cascalhos da margem esquerda, e, mais além ainda, a água esbranquiçada que indicava o que podia ou não ser um possível — ou passável? — vau. Mallory, momentaneamente distraído em seus pensamentos, observou a cena à sua frente durante vários segundos, lembrou-se que a perseguição iria tornar-se novamente incomoda e com rapidez voltou à locomotiva. Disse para Andrea: — Cerca de dois quilômetros e meio mais ou menos, eu creio. Apenas — voltou-se para Maria: — Você sabe onde há um vau — ou que parece ser um vau — um pouco abaixo da barragem? Há algum caminho lá para baixo?

— Para um cabrito montes.

— Não o insulte — disse Miller em tom de censura.
— Não entendo.
— Ignore-o — disse Mallory. — Diga-nos como chegar até lá.

A uns oito ou dez quilômetros abaixo da Represa de Neretva, o General Zimmermann andava de um lado para o outro ao longo da floresta de pinheiros que limitava a campina ao sul da ponte sobre o Neretva. A seu lado, também marcava passos um coronel, um dos comandantes de suas divisões. Abaixo deles, discerniam-se vagamente as formas de centenas de homens e de fileiras de tanques e outros veículos blindados, que agora estavam despidos de suas camuflagens, cada tanque e cada carro rodeado por sua comitiva que fazia os últimos e provavelmente desnecessários ajustes finais. Já se acabara o tempo em que se escondiam. A espera chegara ao fim. Zimmermann olhou para o relógio.

— Meia-noite e meia. Os primeiros batalhões de infantaria vão começar a passar dentro de quinze minutos e vão-se espalhar pela margem norte. Os tanques às duas horas.

— Sim, senhor — os detalhes haviam sido combinados há horas, mas de qualquer modo alguém sempre acha obrigatório repetir as instruções e conhecimentos. O Coronel olhou para o norte. — Às vezes, eu imagino se há mesmo *alguém* do lado de lá.

— Não é o norte que me está preocupando — disse sombrio Zimmermann — é o oeste.

— Os aliados? O senhor... o senhor pensa que as forças aéreas virão brevemente? Ainda sente isso nos ossos, Herr General?

— Ainda o sinto nos próprios ossos; tudo virá muito em breve. Para mim, para você, para todos nós... — ele estremeceu num arrepio e forçou um sorriso. — Algum mal-educado acabou de passar por cima do meu túmulo... Eu senti a morte passar por perto.

10 - Sábado - *De meia-noite e quarenta à uma e vinte minutos da manhã*

— ESTAMOS CHEGANDO PERTO AGORA — disse Maria. Os cabelos louros ondeando ao vento, ela espiou novamente pela janela da cabina da locomotiva que corria instável e estrepitosa, pôs a cabeça para dentro e voltou-se para Mallory. — Mais uns trezentos metros.

Mallory olhou para Andrea: — Ouviu, guarda-freios?

— Ouvi — Andrea debruçou-se com força sobre a alavanca dos freios. O resultado foi como o anterior, o lamento estridente das rodas bloqueadas nos trilhos enferrujados e a mostra pirotécnica de faíscas. A locomotiva parou num solavanco enquanto Andrea olhava para fora e observava um desfiladeiro em forma de V, na beira de um barranco do lado oposto de onde eles estavam parados. — Não errei nem por um metro. Que tal, hem?

— Exatamente na medida — concordou Mallory. — Se você ficar desempregado depois da guerra, haverá sempre um lugar nalgum pátio de manobras à sua espera — ele pulou ao lado dos trilhos, deu uma mão para ajudar Maria e Petar, esperou até que Miller,

Reynolds e Groves descessem e disse impaciente para Andrea: — Ande, venha logo!

— Já estou indo — disse Andrea calmamente. Ele empurrou o freio de mão até o fim, pulou fora e deu um empurrão na locomotiva: o trenzinho antigo moveu-se uma vez mais, ganhando velocidade ao partir. — A gente nunca sabe — disse Andrea num desejo. — Talvez ela possa dar uma trombada em alguém lá pra baixo.

Eles correram até o atalho à beira do abismo, um atalho que parecia ter-se originado de algum deslizamento pré-histórico do leito do Neretva, o sorvedouro de água esbranquiçada lá embaixo, as corredeiras fervilhantes, resultado das fileiras de enormes pedras que haviam escorregado nesta enxurrada numa era já muito distante. Se exercitássemos a imaginação, aquela cicatriz na face da encosta poderia quase ser chamada de ravina, mas era na verdade apenas uma ladeira perpendicular de argila, cascalho e seixos rolados, toda ela traiçoeira e instável ao máximo. A perigosa rampa era atenuada por uma pequena plataforma de pedras salientes que estavam a meio caminho. Miller deu uma olhada rápida para esta perspectiva aterrorizante, recuou com presteza da borda do precipício e olhou para Mallory num silêncio de incredulidade aflita.

— Eu também estou com medo — disse Mallory.

— Mas isto é horrível! Mesmo quando eu subi a encosta sul de Navarone...

— Você não subiu a encosta sul de Navarone — disse Mallory maldosamente. — Andrea e eu arrastamos você na ponta de uma corda.

— Foi mesmo? Eu esqueci. Mas isto... isto é um pesadelo para qualquer alpinista.

— Olhe, nós não vamos subir isto. Só temos de nos deixar escorregar lá para baixo. Você vai ver que tudo dará certo... é só você não começar a rolar.

— Tudo dará certo se eu não começar a rolar — repetiu Miller mecanicamente. Ele observou Mallory amarrar as duas cordas juntas e passá-las pelo tronco de um pinheiro raquítico. — E Petar e Maria?

— Petar não precisa ver para descer. Tudo que ele tem a fazer é se escorregar pela corda... e Petar é forte como um cavalo. Alguém descerá antes dele para guiar seus pés sobre a plataforma. Andrea ajudará a nossa mocinha. Agora depressa. Neufeld e seus homens chegarão aqui a qualquer minuto agora... e se eles nos acharem na beira do barranco, você sabe o que vai acontecer. Andrea, vá na frente com Maria.

Imediatamente, Andrea e a moça pularam para a beirada da ravina e começaram a descer rapidamente pela corda. Groves observou-os, hesitou e voltou-se para Mallory.

— Eu vou por último, senhor, e levarei a corda

comigo. Miller pegou-o pelo braço e o levou a alguns metros de distância. Disse gentilmente: — Muito generoso, meu filho, muito generoso, mas não é possível. Não enquanto a vida de Dusty Miller depender disto. Numa situação destas, deixe que eu explique, as nossas vidas dependem do homem-apoio. O Capitão, eu sei, é o melhor apoio em todo o mundo.

— Ele é o quê?

— Não foi por coincidência que ele foi escolhido para comandar esta missão. A Bósnia é conhecida por suas rochas, suas escarpas e montanhas por toda a parte. Mallory estava escalando o Himalaia, rapazinho, antes de você estar subindo por cima das grades de seu berço. Mesmo que você não tenha idade suficiente para ter ouvido falar dele.

— *Keith* Mallory? O neozelandês?

— Em pessoa. Eu acho que ele caçava carneiros por lá. Vamos, é a sua vez.

Os cinco primeiros desceram em segurança. Até o sexto — Miller — fez a descida até a plataforma sem incidentes, principalmente por empregar a sua técnica favorita de escalar montanhas: com os olhos fechados o tempo todo. Por último veio Mallory, enrolando a corda ao descer, movendo-se com rapidez e segurança, praticamente sem olhar onde punha os pés mas ao mesmo tempo sem deslocar a mais minúscula pedra ou pedacinho de argila. Groves observou a descida

com um olhar quase reverente de espanto.

Mallory inclinou-se por cima da plataforma. Devido a uma ligeira curva que a ladeira fazia, havia uma falha na luz da lua logo abaixo de onde eles se encontravam: enquanto a brancura fosforescente das corredeiras estava num luar muito claro, a parte inferior da escarpa a seus pés ficava numa sombra escura. Quando ele reparava nisso, a lua foi coberta por uma nuvem e os detalhes vagos da encosta desvaneceram-se. Mallory sabia que eles não podiam dar-se ao luxo de esperar a lua reaparecer, pois Neufeld e seus homens poderiam chegar atrás deles. Deu uma volta com a corda em torno de um amontoado de pedras e disse para Andrea e Maria: — Esta passagem é perigosa. Tomem cuidado com as pedras soltas.

Andrea e Maria desceram com firmeza pelo caminho invisível, um duplo puxão na corda indicou a sua chegada sãos e salvos lá no fundo. Durante a descida eles haviam dado começo a várias pequenas avalanchas, mas Mallory não temia que o próximo homem pudesse dar um passo em falso e soltar alguma pedra que ferisse ou matasse Andrea e Maria; Andrea já vivera muito e muito perigosamente para morrer assim de maneira tão inútil e tola — e sem dúvida preveniria o próximo deste mesmo perigo. Pela décima vez Mallory olhou para o alto da escarpa

de onde acabavam de descer mas se Neufeld, Droshny e seus homens houvessem chegado, estavam se mantendo muito quietos e sendo muito discretos — não era difícil se chegar a esta conclusão, pois após os acontecimentos das últimas horas, a discrição teria sido a última coisa a passar por suas cabeças.

A lua apareceu outra vez quando Mallory finalmente iniciou a descida. Ele amaldiçoou a claridade que o deixava exposto caso o inimigo aparecesse à beira da escarpa, apesar de saber que Andrea devia estar cuidando precisamente deste perigo; por outro lado, isto deu-lhe oportunidade de descer com o dobro da velocidade com que teria feito durante a escuridão anterior. Os observadores lá embaixo olhavam atentamente quando Mallory, sem a ajuda da corda, fazia a sua perigosa descida: mas ele não cometeu um único engano. Chegou em segurança até às margens pedregosas e olhou para as corredeiras.

Falou, sem se dirigir a alguém em particular: — Vocês sabem o que vai acontecer se eles chegarem e nos acharem a meio caminho e com a lua brilhando desse jeito? — o silêncio que se seguiu não deixou dúvidas de que todos sabiam. — *Agora* é todo o tempo que nos resta. Reynolds, você acha que é capaz de conseguir? — Reynolds acenou afirmativamente. — Então deixe as armas aqui.

Mallory atou a corda na cintura de Reynolds, pegou

a ponta junto com Andrea e Groves. Reynolds jogou-se com todo o corpo em meio à correnteza, avançando para a primeira das pedras que oferecia um apoio traiçoeiro no meio daquela espuma revolta. Por duas vezes ele perdeu pé, por duas vezes recuperou-se, alcançou a pedra, mas imediatamente desequilibrou-se e foi arrastado pela torrente rio abaixo. Os homens na margem içaram-no para a praia outra vez, tossindo, cuspidando e debatendo-se como um louco. Sem dizer uma palavra ou mesmo olhar para alguém, Reynolds jogou-se novamente nos rápidos e desta vez com tanta determinação que a fúria de seu assalto fez que ele conseguisse alcançar a margem oposta sem perder pé uma única vez.

Arrastou-se de quatro até a praia pedregosa, ficou deitado alguns segundos recobrando-se do cansaço, levantou-se, foi até um pequeno pinheiro no sopé do paredão de pedras do outro lado, desamarrou a corda de sua cintura e fez um gesto para Andrea e a moça.

Mallory deu uma espiada para o alto da encosta outra vez. Ainda não havia sinal do inimigo. Mesmo assim, ele sabia que não podiam mais abusar da sorte, não podiam esperar mais. Andrea e Maria estavam apenas na metade da travessia quando ele mandou Groves dar uma mão a Petar para passar por cima das corredeiras. Pediu a Deus que a corda agüentasse, mas ela agüentou e Andrea e Maria chegaram em

segurança na margem oposta. Apenas eles chegaram em terra e Mallory mandou Miller a caminho, carregando uma pilha de armas automáticas no ombro esquerdo.

Groves e Petar também fizeram a travessia sem incidentes. Mallory tinha de esperar até que Miller atingisse a outra margem, pois ele sabia que as chances de serem arrastados eram muito altas e que se Miller caísse nágua todas as armas ficariam inutilizadas.

Mallory esperou até ver Andrea dar uma mão a Miller de dentro das águas rasas e não esperou mais. Desamarrou a corda das pedras que estava usando como apoio, amarrou-a em torno de sua própria cintura e mergulhou na água. Foi arrastado exatamente para o mesmo ponto em que Reynolds o fora na primeira tentativa e finalmente içado para a praia da outra margem com uma boa quantidade das águas do Neretva no estomago, mas fora disto sem nenhum outro mal.

— Nenhum ferimento, nenhum osso, nenhuma cabeça quebrada? — perguntou Mallory. Ele próprio se sentia como se acabasse de atravessar as cataratas de Niágara dentro de uma barrica. — Não? Ótimo! — olhou para Miller. — Você fica aqui comigo. Andrea, leve os outros para a primeira curva que houver e nos espere lá.

— Eu? — objetou brandamente Andrea. Fez "um gesto na direção da ravina. — Nós temos amigos que devem estar chegando lá a qualquer instante.

Mallory afastou-se com ele alguns metros — Nós também temos amigos — disse calmamente. — Que podem muito bem estar descendo o rio, ali da guarnição da barragem — fez um sinal na direção dos dois sargentos, Petar e Maria. — O que é que você acha que acontecerá se eles derem de cara com uma patrulha das forças alpinas?

— Eu espero você na primeira curva.

Andrea e os outros quatro andaram devagar rio acima, escorregando e tropeçando sobre os seixos e as pedras molhadas e lodosas. Mallory e Miller abrigaram-se atrás de duas grandes rochas e ficaram olhando para cima.

Passaram-se vários minutos. A lua ainda brilhava e o alto da encosta continuava inocente de qualquer vista do inimigo. Miller disse apreensivo: — O que será que deu errado? Eles estão levando muito tempo para aparecer.

— Não, eu acho que eles estão levando é muito tempo para voltar.

— Voltar?

— Eles não *sabem* aonde nós fomos — Mallory tirou do bolso um mapa e examinou-o com uma lanterna fina como um lápis. — A uns mil e duzentos metros

daqui a ferrovia faz uma curva fechada para a esquerda. Todas as probabilidades são de que a locomotiva deixou os trilhos ali. A última vez que Neufeld e Droshny nos viram foi dentro da locomotiva, a coisa lógica a fazer seria seguir os trilhos até chegarem onde nós abandonamos a locomotiva, esperando nos encontrar nas vizinhanças. Quando acharem a locomotiva arrebitada, vão imaginar o que aconteceu... mas isto vai-lhes custar uns dois mil e quinhentos metros para cavalgar... a metade em subida e com cavalos cansados.

— Deve ser isto. Eu peço a Deus — fez Miller resmungando — que eles se apressem.

— O que é isso? — indagou Mallory. — Dusty Miller querendo entrar em ação?

— Eu não — disse Miller bem definido. Olhou para o relógio. — Mas o tempo está passando muito depressa.

— O tempo — concordou Mallory sôbriamente — está ficando muito curto.

Foi quando eles chegaram. Miller, olhando para cima, viu uma tênue faísca metálica ao luar quando uma cabeça apareceu cautelosamente por cima da borda da encosta. Ele tocou o ombro de Mallory.

— Eu já vi — murmurou Mallory. Os dois homens tiraram as Lugers de dentro das fardas, em seus estojos à prova d'água. A cabeça com o capacete

transformou-se gradualmente numa figura inteiriça que ficou de pé desenhando a sua silhueta ao luar contra um horizonte muito nítido. Ele iniciou uma descida muito cuidadosa, mas de repente abriu os dois braços e caiu de costas para o vazio. Se ele gritou, de onde Mallory e Miller estavam o grito não foi ouvido devido ao rumor das águas impetuosas. A meio caminho ele bateu na plataforma, pulou novamente para o espaço e é Testa vez a uma distância incrível e aterrou de braços abertos na margem rochosa do rio, arrastando na queda uma pequena avalanche.

Miller fez uma careta filosófica: — Bem, você disse mesmo que era perigoso.

Outra figura apareceu sobre a beira do precipício para fazer uma segunda tentativa de descida e foi seguida em poucos instantes por diversos outros homens. Então, no espaço de alguns minutos, a lua se escondeu por trás de uma nuvem, enquanto Mallory e Miller olhavam para a margem de lá até seus olhos doerem, tentando ansiosa e inutilmente enxergar na escuridão impenetrável que cercava o barranco.

O escalador que ia na liderança, quando a lua reapareceu, estava justo abaixo da plataforma, explorando cautelosamente a escarpa inferior. Mallory fez uma cuidadosa pontaria com sua Luger, o alpinista esticou-se convulsivamente, dobrou-se para trás e caiu para a morte. A figura seguinte, claramente sem dar

atenção à sorte de seu companheiro, iniciou a descida. Ambos, Mallory e Miller, apontaram suas Lugers mas neste instante a lua se escondeu de repente e eles foram obrigados a baixar as armas. Quando ela reapareceu de novo, quatro homens já haviam alcançado em segurança a margem oposta, dois dos quais, amarrados com uma corda, começavam a se aventurar na travessia do vau.

Mallory e Miller esperaram até que eles tivessem completado dois terços da passagem. Formavam um alvo fácil e muito próximo e daquela distância não seria possível que errassem, o que na verdade não aconteceu. As águas esbranquiçadas das corredeiras se avermelharam momentaneamente, mais na imaginação do que na realidade e então, ainda amarrados um ao outro, foram arrastados pela garganta. Tão furiosamente seus corpos rolavam entre a correnteza das águas violentas, tantas vezes braços e pernas rodopiavam na superfície, que eles davam a impressão de que apesar de não haver mais esperança, ainda tentassem desesperadamente lutar por suas vidas. Por qualquer motivo, os dois homens parados na margem oposta não olharam para o acidente como algo significativo, nem erroneamente o interpretaram de maneira sinistra. Continuaram de pé, olhando perplexos os corpos de seus dois companheiros que desapareciam, incapazes de saber o que estava

acontecendo. Mais uns dois ou três segundos e eles nunca mais saberiam de mais nada, mas novamente um floco errante de nuvens escureceu a lua e eles ganharam mais um pouquinho de vida. Mallory e Miller abaixaram as armas.

Mallory olhou para o relógio e disse irritado: — Por que diabos eles ainda não começaram a atirar? Já passam cinco minutos de uma hora.

— Por que quem não começaram a atirar? — perguntou com cautela Miller.

— Você escutou. Você estava lá. Eu disse a Vis para pedir a Vukalovic para nos dar cobertura sonora a uma hora. Lá em cima do Desfiladeiro de Zenica, a pouco mais de um quilômetro daqui... — ele interrompeu-se quando ouviu o repentino matraquear de tiros de fuzis, estranhamente altos mesmo para uma curta distância e sorriu. — Bem, o que são cinco minutos? Venha. Eu tenho a impressão de que Andrea está muito preocupado conosco.

Andrea estava mesmo. Saiu silenciosamente das sombras quando eles fizeram a curva na primeira volta do rio. Disse em tom de censura: — Onde é que vocês dois estavam? Deixaram-me muito preocupado.

— Eu lhe explico daqui a uma hora... se nós estivermos ainda por aqui daqui a uma hora — corrigiu-se Mallory com uma careta. — Nossos amigos, os bandidos, estão dois minutos atrás. Eu

creio que eles virão em peso, se bem que já tenham quatro baixas, seis, incluindo os dois que Reynolds acertou da locomotiva. Você ficará de tocaia na próxima curva do rio. Vai ter de fazer tudo sozinho. Acha que dará conta do recado?

— O tempo não está para brincadeiras — disse Andrea com dignidade. — E então?

— Groves, Reynolds, Petar e a irmã subirão o rio conosco, Reynolds e Groves o mais perto que puderem da represa; Maria e Petar até onde encontrarem um abrigo razoável, possivelmente nas vizinhanças da ponte pênsil... contanto que eles fiquem a salvo daquela maldita pedra redonda por cima dela.

— Ponte pênsil, senhor? — perguntou Groves. — Pedra redonda?

— Eu as vi quando saí da locomotiva para o reconhecimento.

— O senhor viu-as. Andrea não.

— Eu disse a ele — continuou Mallory impaciente. Ignorou a incredulidade no rosto do sargento e virou-se para Andrea. — Dusty e eu não podemos esperar mais. Use a sua Schmeisser para detê-los — apontou para noroeste na direção do Desfiladeiro de Zenica, onde o ruído da artilharia era quase contínuo: — Com toda aquela barulheira eles nunca poderão distinguir a diferença.

Andrea fez que sim com a cabeça, ajeitou-se

confortavelmente atrás de um par de pedras grandes e descansou o cano da Schmeisser entre o V formado por elas. O resto do grupo começou a subir o rio, engatinhando desajeitado sobre as pedras escorregadias e o cascalho que cobria a margem direita do Neretva, até alcançarem uma trilha rudimentar que fora aberta entre os seixos. Seguiram-na por uns cem metros, até chegarem a uma ligeira curva da garganta. Mutuamente e sem que nenhuma ordem fosse dada, todos os seis pararam e olharam para cima. As muralhas altaneiras da Represa de Neretva apareceram completamente à vista. Por cima da represa, de cada lado, enormes paredões de pedras elevavam-se para os céus escuros, quase verticais, depois se inclinando numa imensa sacada que parecia tocar no topo da barragem, mas isto, Mallory sabia pela observação que fizera antes, não passava de uma ilusão de ótica. No topo da própria barragem estavam a guarita dos guardas e uma casa de rádio distintamente visíveis, como o eram as minúsculas formas de vários soldados alemães em patrulha. No alto do lado leste, onde estavam situadas as cabanas, uma escada de ferro — que Mallory sabia ser pintada de verde, mas que na meia obscuridade provocada pela sombra das paredes da barragem parecia preta — cravada com suportes de ferro na superfície nua da rocha, ziguezagueava para baixo até o sopé da

garganta, onde jatos de espuma branca de água fervilhante saíam dos canos de sangradouros na base da muralha. Mallory tentou imaginar quantos degraus haveria na escada. Duzentos, talvez duzentos e cinqüenta, e uma vez que você começasse a subir ou a descer seria obrigado a continuar, pois não havia nenhuma plataforma ou mesmo um estribo que permitisse um descanso temporário. Em ponto algum tampouco, a escada oferecia a mínima proteção para quem observasse da ponte. Como rota de assalto, refletiu Mallory, teria dificilmente sido a que ele escolheria: não se podia conceber um caminho mais arriscado.

A meio caminho de onde estavam e a base da escada, uma ponte suspensa atravessava as águas espumantes da garganta. Pouco havia em sua aparência antiga, vacilante e empenada que inspirasse alguma confiança: e a pouca que porventura houvesse, não seria capaz de sobreviver à presença da enorme pedra, diretamente por cima do lado leste da ponte que parecia estar em perigo iminente de despencar de sua base obviamente insegura na funda cicatriz da enxurrada do barranco.

Reynolds assimilou toda a cena à sua frente e voltou-se para Mallory. Disse com muita calma: — Nós temos sido muito pacientes, senhor.

— Você tem sido muito paciente, sargento... e eu lhe

agradeço. Você sabe, é lógico, que existe uma divisão iugoslava apanhada na armadilha que é a "jaula de Zenica" — logo depois das montanhas à nossa esquerda, ali. Você sabe também que os alemães vão lançar duas divisões blindadas através da ponte de Neretva às duas horas da manhã e que se porventura eles conseguirem passar — e normalmente nada poderá detê-los — os iugoslavos armados somente com espingardinhas e quase sem munições serão destroçados. Sabe que a única maneira de impedi-los é destruindo a ponte de Neretva? Sabe que toda esta história de contra-espionagem e de missão de salvamento era apenas uma cobertura, para a verdadeira coisa?

Reynolds disse com amargura: — Eu sei disso... agora — apontou para a garganta. — E eu sei também que a ponte fica para aquele lado.

— Fica mesmo. Eu sei também que mesmo que nós conseguíssemos nos aproximar dela... o que seria praticamente impossível... não poderíamos fazê-la ir pelos ares nem com um caminhão de explosivos; pontes de aço encravadas em concreto armado requerem explosivos de alta potência para destruí-las — ele virou-se e olhou para a represa. — Por isto, nós vamos fazer a coisa de outra forma. Está vendo ali as muralhas da represa? Há trinta milhões de toneladas de água por trás delas... o bastante para arrastar a

ponte de Sydney, que dirá a de Neretva. Groves disse em voz baixa: — É uma loucura — e acrescentou depois de refletir um instante — ... senhor.

— E você pensa que nós não sabemos? Mas vamos explodir esta barragem do mesmo jeito. Dusty e eu.

— Mas... mas todos os explosivos que nós temos são apenas algumas granadas de mão — disse Reynolds, quase com desespero. — E aquela muralha da barragem deve ter de três a seis metros de espessura e é de concreto reforçado. Explodi-la? Como?

Mallory balançou a cabeça — Desculpe.

— Por que diabos, o senhor é tão misterioso...

— Cale-se! Diabos, homem, você não aprende nunca, *nunca* mesmo. Até o último minuto você pode ser capturado e obrigado a falar... e então o que aconteceria à divisão de Vukalovic encurralada na "jaula de Zenica"? O que não se sabe, não se pode dizer.

— Mas o senhor sabe — a voz de Reynolds era cheia de ressentimento. — O senhor, Dusty e Andrea... Coronel Stavros... o *senhor* sabe. Groves e eu sabíamos o tempo todo que vocês sabiam e que *vocês* podiam falar também.

Mallory disse tentando se reprimir: — Fazer Andrea falar? Talvez você consiga... se ameaçá-lo de tirar seus charutos. Claro, Dusty e eu podíamos ter

falado — mas *alguém* precisava saber.

Groves falou num tom de quem em relutância aceita o inevitável: — Como pretende chegar até o lado de lá? Não pode mandar a barragem pelos ares pelo lado de cá, pode?

— Não com os meios que nós temos — concordou Mallory. — Vamos para o outro lado. Subiremos por ali. — Mallory apontou para o paredão abrupto do outro lado da garganta.

— Vamos subir por ali, hein? — perguntou Miller em tom de conversa. Ele parecia assombrado.

— Pela escada. Mas não o caminho todo. A três quartos da altura da escada, nós a deixaremos para subir verticalmente pelo paredão até ficarmos a uns doze metros por cima do topo da muralha da barragem, no local em que o paredão começa a se curvar para a frente... ali. Dali, existe uma plataforma... bem, é mais uma fenda, realmente...

— Uma fenda! — Miller disse com voz rouca. Ele agora estava horrorizado.

— Uma fenda. Ela se estende por uns cinqüenta metros através do alto da parede da barragem num ângulo descendente de mais ou menos uns vinte graus. Nós vamos por lá.

Reynolds olhou para Mallory numa perplexidade incrédula — É uma loucura!

— Loucura! — ecoou Miller.

— Se houvesse escolha eu não faria isso — admitiu Mallory. — Entretanto, é a única maneira possível.

— Eu garanto que vocês serão vistos — protestou Reynolds.

— Eu não garanto nada — Mallory enfiou a mão na mochila e tirou de lá uma roupa de borracha preta de homem-rã, enquanto Miller relutante fazia o mesmo com a sua. Os dois se vestiam e Mallory continuou: — Nós seremos como moscas pretas contra uma parede preta.

— Ele espera — murmurou Miller.

— De qualquer jeito, com um pouco de sorte, eles estarão olhando para o outro lado quando a RAF começar com seus fogos de artifício. E se houver algum perigo de sermos descobertos... bem, é aí que você e Groves vão entrar na história. O Capitão Jensen tinha razão: da maneira com que as coisas se apresentaram, nós não poderíamos fazer isso sem vocês.

— Cumprimentos? — Groves falou com Reynolds.

— Cumprimentos do Capitão? Eu estou achando que alguma coisa ruim está a caminho.

— Está sim — admitiu Mallory. Ele já vestira a roupa e pusera a máscara em posição e estava colocando no cinto alguns cravos para escalada e um martelo que tirara da mochila. — Se nós ficarmos em perigo vocês dois vão criar uma diversão.

— Que tipo de diversão? — perguntou suspeito Reynolds.

— De qualquer lugar próximo à base da represa vão começar a atirar para os guardas lá em cima.

— Mas... mas nós estaremos completamente expostos — Groves olhou para a ladeira pedregosa que formava a margem esquerda do rio na base da represa e aos pés da escada. — Não há um palmo de cobertura. Qual é a chance que nós teremos?

Mallory segurou sua mochila e pôs um pedaço comprido de corda em volta do ombro — Muito pequena, eu receio — olhou para o relógio luminoso. — Porém durante os próximos quarenta e cinco minutos você e Groves poderão ser sacrificados. Dusty e eu, não.

— Então é assim? — disse categoricamente Reynolds. — Podemos ser sacrificados?

— É assim.

— Quer trocar de lugar? — disse Miller esperançoso. Não houve resposta pois Mallory já estava a caminho. Miller, com um último olhar apreensivo à muralha de rocha alta como uma torre, deu um puxão em sua mochila e seguiu-o. Reynolds começou a andar, mas Groves pegou-o pelo braço e fez sinal para que Maria e Petar passassem na frente. Disse para ela: — Vamos esperar um pouco e proteger a retaguarda. So para termos certeza.

— O que é isso? — perguntou Reynolds em voz baixa.

— Isso. Nosso Capitão Mallory admitiu já haver cometido quatro enganos esta noite. Eu penso que está cometendo o quinto agora.

— Eu não estou de acordo.

— Ele está pondo todos os ovos numa só cesta e deixou de lado certas coisas. Por exemplo, pedindo-nos para ficarmos ambos em posição de sentido aos pés da represa. Se começarmos uma diversão, uma rajada de metralhadora do alto da muralha nos liquidará em segundos. Um homem pode criar uma diversão com tanto sucesso quanto dois — e de que serve que nós dois morramos? Além disto, com um de nós vivo, há sempre uma oportunidade para se proteger Maria e seu irmão. Eu vou para o pé da represa...

— Por que é que você deve ir para lá? Por que não...

— Espere, eu ainda não acabei. Pense também que Mallory está com muito otimismo se pensa que Andrea pode dar conta sozinho de todo o bando que está subindo a garganta. Deve haver pelo menos uns vinte e eles não saíram hoje à noite para jogar e se divertir. Saíram para nos matar. O que acontecerá se eles dominarem Andrea, vierem pela ponte pênsil e acharem Maria e Petar lá, enquanto nós bancamos os alvos sentados na base do paredão? Eles os matarão

antes que você pisque um olho.

— Talvez não os matem — murmurou Reynolds. — O que acontecerá se Neufeld for morto antes de alcançarem a ponte pênsil? O que acontecerá se for Droshny o homem encarregado das tropas? Maria e Petar talvez levem algum tempo para morrer...

— Assim você fica perto da ponte e mantém nossas costas protegidas? Com Maria e Petar nalgum abrigo próximo?

— Você tem razão, eu sei que tem razão. Mas eu não gosto disto — disse Reynolds contrafeito. — Ele nos deu ordens e não é um homem que goste de ter suas ordens desobedecidas.

— Ele não saberá nunca... mesmo se voltar, o que eu duvido muito. Ele nunca saberá. E ele hoje começou cometendo muitos erros.

— Não este tipo de erro — Reynolds ainda estava mais contrariado.

— Eu estou certo ou não? — perguntou Groves.

— Eu não creio que isto vá fazer muita diferença no final do dia — disse Reynolds. — OK, vamos fazer do nosso jeito?

Os dois sargentos saíram correndo atrás de Petar e Maria.

Andrea ouviu o raspar das botas pesadas sobre o cascalho, o tinir metálico e ocasional de uma arma batendo contra alguma pedra e esperou, deitado de

barriga para baixo, o cano da Schmeisser firmemente apoiado entre a fenda das duas pedras. O barulho anunciava a furtiva aproximação pela margem do rio e eles estavam a menos de quarenta metros de distância quando Andrea ergueu-se ligeiramente, olhou de través para o cano da metralhadora e apertou o gatilho.

A resposta foi imediata. Instantaneamente três ou quatro armas — todas elas metralhadoras, percebeu Andrea — abriram fogo. Ele parou de atirar, ignorou as balas que assobiavam por cima de sua cabeça e ricocheteavam nas pedras a seu lado, fez uma cuidadosa pontaria nos clarões dos tiros de uma metralhadora e deu uma segunda rajada. O homem que estava atrás da metralhadora espigou-se numa convulsão, seu braço direito ergueu-se para o alto e mandando a metralhadora dando voltas para cima, lentamente caiu dobrado dentro do Neretva, sendo arrastado pelas águas brancas num torvelinho. Andrea atirou de novo e um segundo homem dobrou-se e caiu pesadamente entre as pedras. Houve uma ordem enérgica e o tiroteio que vinha rio abaixo cessou.

Havia oito homens no grupo e um deles destacou-se de trás das pedras e engatinhou para o que fora atingido. Ao mover-se, o rosto de Droshny revelou sua careta habitual: mas desta vez era claro que ele não estava sorrindo. Ele inclinou-se sobre a figura

encolhida entre as pedras e virou-a de costas: era Neufeld, com o sangue escorrendo de um talho de um dos lados da cabeça. Droshny endireitou-se, o rosto crispado pelo ódio e voltou-se quando um dos *cetniks* tocou-lhe o braço.

— Ele está morto?

— Ainda não. Está em choque e o estado é grave. Vai ficar inconsciente por horas, talvez dias. Eu não sei, só um médico pode dizer — Droshny chamou dois outros homens. — Vocês três... levem-no para um lugar seguro do outro lado do vau. Dois fiquem lá com ele, o outro volte. E, pelo amor de Deus, diga aos outros que corram logo para cá.

Seu rosto permaneceu desfigurado pela raiva e por um momento, esquecido de todo o perigo, Droshny ficou de pé e disparou uma longa rajada rio acima. Esta rajada aparentemente não assustou Andrea, que estava agora absolutamente imóvel. Ele continuou onde estava, sem fazer um só movimento, descansando pacificamente as costas em sua pedra protetora, observando com tranqüilo interesse, mas sem dar atenção aos ricochetes e pequenos fragmentos de pedra que voavam em todas as direções.

Os sons dos tiros chegaram distintamente aos ouvidos dos guardas que patrulhavam o topo da represa. Tamanho era o tumulto das armas de pequeno calibre por toda a parte e tantos eram os

efeitos pregados nos ouvidos pela espantosa variedade de ecos que reverberavam para cima e para baixo da própria barragem, que era praticamente impossível localizar-se a fonte das recentes rajadas de metralhadoras: o que era bem significativo, entretanto, era que *tinham sido* metralhadoras e até aquele instante os sons de tiros de artilharia consistiam exclusivamente de fuzis. E pareciam *ter vindo* do sul, da garganta abaixo da barragem. Um dos guardas da represa foi apressadamente até o capitão de serviço, falou depressa qualquer coisa e correu em direção a uma das pequenas cabanas da plataforma de concreto a leste da muralha. A cabana, que não tinha parede na frente mas apenas uma lona enrolada como proteção, abrigava um enorme transmissor de rádio manejado por um cabo.

— Ordens do Capitão — disse o sargento. — Entre em contato com a ponte de Neretva. Passe uma mensagem para o General Zimmermann que nós... isto é, o Capitão, está preocupado. Diga-lhe que há uma grande quantidade de tiros de armas de pequeno calibre em toda a nossa volta e que alguns deles parecem vir da parte de baixo do rio.

O sargento esperou impaciente enquanto o operador fez a chamada e ainda mais impaciente enquanto os audiofones estalavam dois minutos depois e o operador começou a escrever a mensagem.

Pegou a mensagem completa e levou-a para o Capitão que a leu em voz alta.

— O General Zimmermann diz: — ...não há motivo algum para inquietações; o barulho está sendo feito por nossos amigos iugoslavos na "jaula de Zenica"; estão assobiando no escuro pois esperam no momento um assalto das unidades do 11º Corpo do Exército. E vocês ouvirão um barulho muito maior quando a RAF começar a jogar bombas nos lugares errados. Mas eles não vão deixar cair nenhuma perto de vocês, por isso não se preocupem. — O Capitão abaixou o papel — Para mim isto chega. Se o General diz para eu não me preocupar é o bastante para mim. Você conhece a reputação do General, sargento?

— Eu conheço a reputação do General, sim senhor — a alguma distância e de uma direção indefinível, veio o rumor de mais uma rajada de tiros de metralhadora. O sargento mexeu-se desconfortável.

— Ainda está preocupado com alguma coisa? — perguntou o capitão.

— Sim, senhor. Eu conheço a reputação do General, é claro, e confio nele cegamente — fez uma pausa e continuou preocupado: — Eu podia *jurar* que esta última rajada de metralhadora veio lá de baixo da garganta.

— Você está parecendo uma velha, sargento — disse o Capitão com amabilidade — e breve precisa se

apresentar ao médico da divisão... Seus ouvidos precisam ser examinados.

Na verdade, o sargento não parecia uma velha e sua audição estava em condições muito melhores que a do oficial que o criticara. As contínuas rajadas de metralhadoras vinham como ele pensava da garganta, onde Droshny e seus homens agora com o dobro de reforços, avançavam para a frente, sozinhos ou em pares — mas nunca mais de dois de cada vez — em uma série de pequenos avanços rápidos, muito curtos, atirando quando andavam. Os seus disparos, forçosamente sem pontaria devido aos tropeções e escorregadelas daquela passagem traiçoeira, não obtinham nenhuma resposta de Andrea, talvez porque ele não se sentisse em perigo maior e provavelmente porque estava economizando sua munição. A última suposição devia ser a mais acertada, pois Andrea pusera a tiracolo a Schmeisser e estava agora examinando com muito interesse uma granada de mão que acabara de tirar de seu cinto.

Mais acima do rio, o Sargento Reynolds de pé na ponta leste da vacilante ponte de madeira que cruzava a parte mais estreita do rio — onde as águas turbulentas, rápidas e espumantes não ofereciam muita esperança de vida a quem caísse ali — olhou inquieto para a garganta de onde vinha o som das metralhadoras e imaginou pela décima vez se ele

deveria tentar a chance de cruzar novamente a ponte e ir em auxílio de Andrea: mesmo à luz de sua já revista estimativa sobre Andrea, parecia-lhe impossível, como Groves dissera, que um só homem pudesse deter outros vinte, sedentos de vingança. Por outro lado, ele prometera a Groves ficar ali para proteger Petar e Maria. Houve outra rajada rio abaixo. Reynolds decidiu-se. Iria emprestar sua arma a Maria, para que ela assegurasse proteção para si e o irmão, eles ficariam sozinhos por um instante, enquanto ele daria uma ajuda a Andrea.

Voltou-se para falar com ela, mas Maria e Petar não estavam mais lá. Reynolds olhou assustado em torno; sua primeira reação foi a de pensar que eles haviam caído nas corredeiras, reação que ele logo abandonou por ser ridícula. Instintivamente olhou para o talude na direção da represa, e, apesar da lua estar escondida atrás de uma espessa camada de nuvens, viu-os imediatamente, caminhando para o lado da escada de ferro onde Groves montava guarda. Por um breve momento, ele ficou intrigado, sem saber por que eles subiram o rio sem permissão, mas depois lembrou-se de que nem ele nem Groves haviam pensado em dar instruções para ficarem perto da ponte. Não era necessário se preocupar, pensou ele, pois Groves logo os mandaria de volta para lá — quando chegassem eles diria de sua decisão de voltar para ajudar Andrea.

Sentiu-se vagamente aliviado com esta idéia, não por ter medo do que podia acontecer quando se juntasse a Andrea e ao enfrentar Droshny e seus homens, mas porque adia, mesmo que apenas por alguns instantes, a necessidade de implementar uma decisão que era apenas parcialmente justificável.

Groves, que estava olhando para cima, observando os intermináveis ziguezagues da escada de ferro verde, precariamente fixada na face vertical do paredão, voltou-se bruscamente quando ouviu passos macios na argila e deu de cara com Maria e Petar, andando como sempre de mãos dadas. Perguntou raivoso: — Mas em nome de Deus, o que é que vocês estão fazendo aqui? Não podem ficar... não estão vendo que basta os guardas olharem para baixo e vocês morrerão? Vão embora! Vão embora e fiquem junto ao Sargento Reynolds lá na ponte. Agora!

Maria disse suavemente: — É muito gentil em se preocupar, Sargento Groves, mas nós não queremos ir embora. Queremos ficar aqui.

— E por que diabos vocês pensam que serão úteis aqui? — perguntou rispidamente Groves. Fez uma pausa e continuou, agora quase com gentilezas: — Eu sei quem você é agora, Maria. Sei de tudo o que você fez e como foi formidável em seu trabalho. Mas este trabalho não é o seu. Por favor.

— Não — ela balançou a cabeça. — E eu *posso*

atirar.

— Você não tem arma para atirar. E Petar, com que direito você fala por ele? Ele sabe onde está?

Maria falou rapidamente para seu irmão no incompreensível sérvio-croata: ele respondeu fazendo seus costumeiros sons estranhos na garganta. Quando acabou, Maria virou-se para Groves.

— Ele sabe que vai morrer hoje à noite. Ele tem o que vocês chamam de sexto sentido e disse que não há futuro além desta noite. Disse que está cansado de correr. Disse que vai esperar aqui até que a hora chegue.

— De todos os teimosos e cabeçudos...

— Por favor, Sargento Groves — a voz agora ainda era baixa, mas percebia-se uma nova nota de aspereza.

— Ele já decidiu e você não conseguirá mudar a sua decisão.

Groves acenou que sim em aceitação. Disse: — Talvez eu possa mudar a sua.

— Eu não entendo.

— Petar não nos pode ajudar de maneira nenhuma, nenhum cego poderia. Mas você pode... se quiser.

— Diga-me.

— Andrea está enfrentando uma força mista de uns vinte *cetniks* e soldados alemães — Groves sorriu meio de lado. — Eu tenho razões para acreditar que Andrea provavelmente não tem igual como um especialista de

guerrilhas, mas um só homem não pode agüentar vinte para sempre. Se ele ceder, restará apenas Reynolds para guardar a ponte — e se ele também sucumbir, então Droshny e seus homens passarão para avisar os guardas, certamente a tempo de salvar a represa e de enviar uma mensagem pelo rádio para o General Zimmermann retirar seus tanques para os terrenos mais altos. Eu penso, Maria, que Reynolds pode precisar de você. Aqui você não pode fazer nada... mas se ficar com Reynolds, *poderá* significar toda a diferença entre o sucesso e o fracasso. E você mesmo disse que pode atirar...

— Mas como *você* disse, eu não tenho uma arma.

— Então é só isto? Pronto, agora você tem uma — Groves tirou a Schmeisser do ombro e entregou-a com a munição sobressalente.

— Mas... — Maria aceitou a arma com relutância. — Mas agora é você que não tem nenhuma arma.

— Oh, sim, eu tenho — Groves mostrou-lhe a Luger com silenciador dentro de sua farda. — É tudo o que preciso para hoje à noite. *Eu* não posso me dar ao luxo de fazer barulho agora, estando assim perto da represa como estou.

— Mas eu *não posso* abandonar meu irmão.

— Oh, sim, eu acho que você pode. Na verdade, você vai fazê-lo. Ninguém mais na terra pode ajudar seu irmão. *Não* mais agora. Por favor, vá depressa.

— Muito bem — ela deu alguns passos relutantes, parou, voltou-se e disse: — Você pensa que é muito esperto, não, Sargento Groves?

— Eu não sei do que você está falando — disse Groves sem expressão. Ela olhou-o fixamente por alguns segundos, virou-se e iniciou seu caminho rio abaixo. Groves sorriu para si mesmo na meia obscuridade.

O sorriso desvaneceu-se quando a garganta foi inundada pela claridade brilhante do luar, e uma nuvem negra e nítida saiu da frente da lua. Groves chamou Maria em voz baixa e urgente: — Fique deitada de cara para as pedras e não se mexa — viu-a fazer o que ele mandara e olhou para o alto da escada verde, seu rosto demonstrando a angústia e a ansiedade que sentia.

A uns três quartos do caminho, Mallory e Miller banhados pela brancura do luar, estavam agarrados no final de uma das seções angulosas, imobilizados como se fossem esculpidos na própria rocha. Seus olhos parados, em rostos igualmente imóveis, estavam fixos — ou transfixos? — no mesmo ponto perdido no espaço.

O ponto, apenas a uns cinqüenta metros de distância, acima e à esquerda de onde estavam, eram os dois guardas certamente muito nervosos e debruçados ansiosamente sobre o para-peito do topo

da muralha: eles olhavam à meia distância, para baixo na garganta, na direção de onde pareciam vir os sons dos tiros. Bastava apenas que desviassem os olhos para baixo para descobrirem Groves e Maria com toda a certeza: bastava desviarem o olhar para a esquerda e a descoberta de Mallory e Miller teria sido igualmente certa. E a morte para todos, inevitável.

11 - Sábado - *De uma e vinte à uma e trinta e cinco da madrugada*

COMO MALLORY E MILLER, também Groves vira os dois soldados alemães de sentinela debruçados sobre o parapeito da muralha, olhando ansiosos para o fundo da garganta. Groves sentiu que nada podia superar esta sensação de nudez e abandono em que eles se achavam. E se ele se sentia assim, que diria Mallory e Miller, pendurados na escada e a menos de uma pedrada de distância dos guardas? Ambos, Groves sabia, levavam Lugers com silenciadores, mas elas estavam dentro de suas túnicas — portanto por baixo das roupas de homem-rã fechadas com fecho-éclair — o que as tornava inacessíveis. Inacessíveis pelo menos, para quem estava dependurado numa escada daquelas, que para alcançá-las precisaria fazer uma série de movimentos contorcionistas: o mínimo movimento infeliz seria imediatamente descoberto pelos dois guardas. Que eles não tivessem ainda sido vistos, mesmo imóveis como estavam, Groves não podia entender — num luar tão claro, que iluminava a barragem e a garganta como numa tarde nublada, qualquer visão periférica normal os teria avistado de imediato. E era estranho que as tropas das divisões de frente da Wehrmacht tivessem uma visão periférica

inferior ao normal. Groves só pode concluir que o olhar absorto dos guardas não queria absolutamente dizer que eles estivessem prestando atenção ao que viam: toda a sua concentração estava neste instante voltada para a audição, apurados em localizar a fonte dos disparos irregulares mais além da garganta. Com infinita cautela, Groves tirou a Luger de dentro da farda e apontou-a para cima. Daquela distância, mesmo se levando em consideração a alta precisão da arma, ele calculou que a chance de acertar em um dos guardas era tão remota, que nem devia ser pensada: pelo menos, como gesto, era melhor do que nada.

Groves acertara em suas duas conjecturas: as duas sentinelas da amurada, longe de se tranqüilizarem com a estimulante confiança do General Zimmermann, procuravam com todas as forças escutar as rajadas de metralhadora que vinham lá de baixo, não somente porque elas eram de mais a mais conspícuas, mas também porque pareciam — e na verdade estavam mesmo — bem mais próximas. Ao mesmo tempo, a munição dos partisanos que defendiam a "jaula de Zenica" estava se acabando e os tiros tornavam-se esporádicos. Groves acertara também sobre o fato de que nem Mallory, nem Miller, tentariam pegar as Lugers. Durante os primeiros segundos Mallory, como Groves, ficara seguro de que aqueles movimentos atrairiam a atenção imediata, mas

muito antes que a mesma idéia ocorresse ao sargento, ele percebeu que os homens estavam quase em transe à escuta e que se podia passar a mão em frente de seus olhos sem que eles percebessem. E agora, Mallory tinha certeza, não haveria mais motivo de preocupação pois dali de onde estava, ele podia ver uma coisa invisível para Groves, lá no fundo da garganta: outra camada escura de nuvens estava novamente quase encobrindo a lua.

Dentro de segundos uma sombra negra avançou rapidamente sobre as águas escuras da represa de Neretva, mudando a sua cor verde-escuro para o mais profundo azul. Veio para o lado da barragem, eclipsou a escada e os dois homens a ela pendurados e mergulhou a garganta na escuridão. Groves suspirou num alívio mudo e abaixou a sua Luger. Maria levantou-se e desceu o rio em direção à ponte. Petar virou a cabeça em torno, na maneira cega de quem não vê. E, lá em cima, Mallory e Miller recomeçaram a subida.

Mallory já deixara a escada, no alto de um de seus ziguezagues e subia verticalmente pela parede da encosta. Providencialmente, a superfície de pedra não era completamente lisa, mas Os anteparos que asseguravam aqui e ali pequenos apoios para os pés e as mãos, eram poucos e mal distribuídos, o que tornava a escalada árdua e tecnicamente difícil:

normalmente, os cravos e o martelo guardados em seu cinto seriam usados e Mallory olharia para esta subida como de dificuldade mediana: mas o uso de cravos estava fora de questão. Diretamente sobre o topo da muralha da barragem, e a não mais de doze metros do guarda mais próximo, a mais leve batida no metal não podia deixar de atrair a atenção do mais desatento ouvinte: e, como ele acabara de constatar, a audição desatenta era a última acusação que faria contra as sentinelas da barragem. Desta forma, Mallory tinha de se contentar com o uso de seus talentos naturais e sua vasta experiência, ganha durante vários anos de escaladas, e continuar a subida como estava fazendo, suando em profusão dentro de sua roupa de borracha hermeticamente fechada, enquanto Miller, agora uns quinze metros abaixo, olhava para cima, o rosto tenso e ansioso. Naquele instante ele esquecera a sua própria e precária posição no alto de uns dos lanços enviesadas da escada: situação que normalmente o deixaria com uma ligeira crise histérica.

Andrea também estava neste instante olhando para alguma coisa a uns dezoito metros de distância, mas seria preciso uma imaginação hiperativada para se notar qualquer indício de preocupação naquele rosto áspero e moreno. Andrea, da mesma forma que os guardas da represa, procurava mais ouvir do que ver. De onde estava, tudo o que via era uma confusão

escura e disforme de pedras molhadas que brilhavam às águas do Neretva, que corriam impetuosas ao lado. Não havia nenhum sinal de vida mas isto queria apenas dizer que Droshny, Neufeld e seus homens, tendo aprendido as lições da maneira mais dura — pois Andrea neste momento ainda não sabia que Neufeld fora ferido — ganhavam terreno centímetro a centímetro, andando de joelhos e cotovelos, só saindo de um abrigo depois de acharem outro.

Passou-se um minuto e Andrea escutou um inevitável *clic*, apenas perceptível, quando duas pedras se chocaram. Ele calculou que isto acontecera a uns dez metros de distância. Acenou com a cabeça como se estivesse satisfeito, armou a granada, esperou dois segundos e gentilmente atirou-a rio abaixo, jogando-se de cara para o chão detrás de sua pedra protetora. Houve o estouro surdo típico de uma explosão de granada, acompanhado de um breve clarão de luz que permitiu ver dois soldados serem projetados violentamente para os lados.

O ruído da explosão chegou com clareza aos ouvidos de Mallory. Ele permaneceu imóvel, movendo apenas a cabeça muito lentamente para ver o que se passava no alto da barragem, agora a uns sete metros por baixo deles. Os dois mesmos guardas que anteriormente escutavam o barulho pararam de patrulhar por uma segunda vez, olharam para a

garganta, entreolharam-se inquietos e, com um muxoxo incerto, recomeçaram a patrulha. Mallory recomeçou a escalada.

Agora ele estava indo mais depressa. Os apoios insignificantes anteriores deram lugar agora, de tempos em tempos, a pequenas fendas na rocha, nas quais ele podia enfiar os cravos que lhe garantiam uma posição bem mais nivelada. Quando parou de subir outra vez e olhou para cima, já estava a menos de dois metros da fenda longitudinal que procurava — que como ele dissera a Miller, não *era* mais do que uma fenda. Mallory ia recomeçar a subir quando fez uma pausa, a cabeça voltada na direção do céu.

Apenas audível no início, sobressaindo do rugido das águas do Neretva e dos tiros esporádicos das armas no Desfiladeiro de Zenica, mas crescendo em intensidade a cada segundo que passava, ele pode ouvir o trovão cavo e distante — um som indiscutível para quem já o ouvira durante a guerra, o som que anunciava a aproximação de esquadrilhas — de uma frota de bombardeiros pesados. Mallory escutou o ronco dos motores de fileiras de aviões que se aproximavam rapidamente e sorriu para si mesmo.

Muitos homens sorriram para si mesmos naquela noite quando perceberam a oeste a chegada daquelas esquadrilhas de Lancasters. Miller, ainda empoleirado em sua escada e sempre exercitando a sua força de

vontade de não olhar para baixo, conseguiu sorrir, da mesma forma que Groves, aos pés da muralha e Reynolds, perto da ponte. Na margem direita do Neretva, Andrea também sorriu, calculou que o trovejar daqueles motores que se aproximavam depressa daria uma excelente cobertura para qualquer outro som estranho e tirou uma segunda granada do cinto. Do lado de fora de uma das cozinhas de campanha, no frio cortante do Planalto de Ivenici, o Coronel Vis e o Capitão Vlanovich sorriram um para o outro em regozijo e solenemente apertaram-se as mãos. Atrás dos redutos ao sul da "jaula de Zenica", o General Vukalovic e seus três oficiais superiores, Coronel Janzy, Coronel Lazlo e Major Stephan, abaixaram por um momento os binóculos com que vigiavam há tanto tempo a ponte de Neretva e as ameaçadoras florestas mais além e sorriram num alívio discreto uns para os outros. E, por mais estranho que fosse, já sentado em seu carro de comando dentro das matas ao sul da ponte de Neretva, o General Zimmermann sorriu talvez com mais prazer que todos.

Mallory reencetou a escalada, movendo-se agora com mais rapidez, alcançou a fenda longitudinal, avançou aos poucos por ela, enfiou um cravo numa fresta oportuna na rocha, tirou o martelo do cinto e preparou-se para a espera. Mesmo agora ele não

estava a mais de uns quinze metros por cima da barragem e o cravo que Mallory tentava fincar ia precisar não de uma, mas de uma dúzia de marteladas e todas elas fortes: a idéia de que mesmo com a aproximação dos possantes Lancasters, as marteladas metálicas passassem despercebidas parecia-lhe absurda. O barulho dos pesados motores aumentava a cada momento.

Mallory olhou para baixo. Miller estava olhando para cima, batucando em seu relógio de pulso, da melhor forma que um homem pode fazer quando ambos os braços estão enrolados no mesmo degrau de uma escada e fazia gestos de urgência. Mallory balançou negativamente a cabeça e fez-lhe um gesto de contenção com a mão que estava livre. Miller balançou igualmente a cabeça e esperou resignado.

Os Lancasters estavam agora por cima deles. O líder da esquadrilha cruzou diagonalmente em flecha sobre a represa, subiu ligeiramente quando se aproximou das montanhas do outro lado e então a terra estremeceu e as águas escuras encrespam-se e seguiram caminhos errantes sobre a superfície da Represa de Neretva antes que a primeira explosão alcançasse seus ouvidos. A primeira remessa de bombas de 500 quilos caiu exatamente no Desfiladeiro de Zenica. Daí por diante, as explosões das bombas que choviam sobre o desfiladeiro eram tão próximas

uma da outra que o barulho era quase contínuo: os pequenos lapsos de tempo entre algumas explosões era preenchido pelos ecos que trovejavam entre as montanhas e os vales da Bósnia Central.

Mallory já não precisava se preocupar com qualquer outro som, ele duvidava de que pudesse ouvir a sua própria voz se falasse consigo mesmo, pois a maioria das bombas estava caindo numa área muito concentrada, a menos de um quilômetro e meio de onde ele estava dependurado na encosta. Suas explosões produziam um clarão branco constante, que desenhava os contornos das montanhas a oeste. Ele martelou o cravo até encaixá-lo, passou uma corda por ele e jogou-a para Miller, que imediatamente começou a subir. Mallory pensou que naquele instante Miller parecia-se singularmente a um dos antigos mártires da cristandade. Miller não era alpinista, mas não se podia negar que ele sabia como subir por uma corda: num espaço de tempo incrivelmente curto já estava ao lado de Mallory, os pés firmes no degrau- da fenda, as mãos agarradas com força ao cravo.

— Você acha que pode se segurar aí neste cravo? — perguntou Mallory. — Ele teve quase de gritar para se fazer ouvir em meio ao trovão contínuo das bombas que caíam.

— Tente me arrancar para ver se pode.

— Eu não — careteou Mallory.

Ele enrolou a corda que Miller usara para a ascensão, colocou-a no ombro e começou a movimentar-se com rapidez através da fenda longitudinal. — Eu vou levar isto para o outro lado da barragem e atar num outro cravo. Aí você pode vir para o meu lado. Certo?

Miller olhou para o abismo abaixo e estremeceu: — Se você pensa que eu vou ficar aqui, deve estar maluco.

Mallory fez outra careta risonha e continuou seu caminho.

Ao sul da ponte de Neretva, o General Zimmermann com seu ajudante-de-ordens ao lado, ainda estava escutando o barulho do assalto aéreo ao Desfiladeiro de Zenica. Olhou para o relógio.

— Agora — disse. — As primeiras tropas de assalto em posição.

Sem demora, uma infantaria pesadamente armada, dobrada quase em dois à altura do parapeito, começou a mover-se rapidamente através da ponte de Neretva: uma vez do outro lado, eles se espalharam a leste e oeste da margem norte do rio, escondidos dos partisanos por uma saliência de terra que delimitava as margens. Ou pelo menos eles pensavam que estavam escondidos, pois um voluntário partisano, equipado com binóculo noturno e um telefone de campanha, deitado em posição suicida numa

trincheira aberta no chão a menos de cem metros da própria ponte, enviava uma série constante de informes para Vukalovic.

Zimmermann olhou para o céu e disse para seu ajudante-de-ordens: — Detenha-os. A lua está aparecendo outra vez — novamente ele olhou para o relógio. — Lance os motores dos tanques em vinte minutos.

— Então eles pararam de atravessar a ponte? — disse Vukalovic.

— Sim, senhor — era a voz do voluntário avançado. — Eu creio que é por causa da lua que vai reaparecer dentro de um minuto ou dois.

— Eu também acho — disse Vukalovic. — E eu sugiro que você comece a recuar antes que ela apareça ou será a última oportunidade que vai ter.

Andrea também estava olhando para o céu da noite com muito interesse. Seu recuo gradual colocara-o numa posição defensiva muito insatisfatória, praticamente desprovida de qualquer cobertura: situação muito malsã para ser surpreendido, refletiu ele, quando a lua sair das nuvens. Fez uma pausa pensativa, armou outra granada e atirou-a na direção de umas pedras indistintas a uns cinquenta metros de distância. Não esperou para ver o efeito causado: ele já se embarafustara rio acima antes que a granada explodisse. O único efeito certo foi o de galvanizar

Droshny e seus homens numa imediata e furiosa represália; pelo menos meia dúzia de metralhadoras abriu fogo em rajadas simultâneas sobre a posição que Andrea tão prudentemente abandonara. Uma bala atravessou a manga de sua túnica, mas foi tudo o que aconteceu. Alcançou outro monte de pedras sem incidentes e ficou por trás delas numa nova posição defensiva: quando a lua surgisse seria Droshny e seus homens que enfrentariam a perspectiva de atravessar aquela parte descoberta do terreno.

Reynolds, agachado perto da ponte e com Maria a seu lado, ouviu o estrondo seco da granada que explodiu e calculou que Andrea estava agora a menos de cem metros para baixo e na margem oposta. E como tantos outros naquele mesmo instante, Reynolds também olhava para o alto, para o que podia enxergar do céu através da estreita faixa norte-sul da garganta entre as alcantiladas barreiras do rio.

Ele tencionava ir em auxílio de Andrea, assim que Groves mandasse Petar e Maria para junto dele, mas três fatores o impediram de tomar uma ação imediata. Em primeiro lugar, Groves fora incapaz de fazer Petar voltar; em segundo, as freqüentes rajadas de metralhadoras lá na garganta, se aproximavam de pouco a pouco, indicando que Andrea fazia uma retirada muito metódica e que ainda estava em boas condições de luta; e terceiro, mesmo que Droshny e

seus homens eliminassem Andrea, Reynolds sabia que se tomasse posição atrás da pedra que ficava diretamente por cima da ponte, poderia impedi-los de atravessar por um período indefinido.

Mas à vista da larga extensão de céu estrelado que estava aparecendo atrás das escuras nuvens que cobriam a lua, fez com que ele esquecesse taticamente as razões frias e técnicas de permanecer onde estava. Não era de sua natureza olhar para um outro homem como possivelmente sacrificável, como um brinquedo, e ele suspeitava decididamente de que um período muito longo de luar seria usado por Droshny para o assalto final que dominasse Andrea. Ele tocou o ombro de Maria.

— Mesmo o Coronel Stavros pode precisar de uma ajuda de vez em quando. Fique aqui. Eu não devo demorar — ele virou-se e correu pela vacilante ponte suspensa.

Maldição, pensou Mallory com amargura, maldição, maldição e maldição! Por que aquela grossa nuvem negra não podia estar cobrindo o céu inteiro? Por que não podia estar chovendo? Ou nevando? Por que eles não haviam escolhido uma noite sem lua para essa operação? Mas ele sabia que estava apenas dando murros em faca de ponta. Ninguém tinha tido escolha, pois esta noite era a única oportunidade que restava. Mas mesmo assim, aquela maldita lua.

Ele olhou para o norte, de onde o vento norte, levando uma camada de nuvens sobre a lua, deixava atrás uma enorme extensão de céu estrelado. Breve, a represa inteira e a garganta estariam banhadas pelo luar por um considerável período de tempo: Mallory pensou desalentado que ele desejava estar naquela ocasião numa posição mais feliz.

Neste momento, ele já atravessara cerca da metade da fenda longitudinal. Olhou para a sua esquerda e calculou que ainda tinha de uns dez a quinze metros a percorrer antes de transpor a muralha e ficar por cima das águas da represa. Olhou para a direita e, para sua surpresa, viu que Miller não se mexera de onde o deixara, agarrado com as duas mãos ao cravo, como se este fosse o seu mais querido amigo neste mundo, o que naquele momento devia ser verdade. Olhou para baixo: ele estava agora diretamente sobre as muralhas da barragem, uns dezoito metros acima dela, menos de quinze metros do teto da casa de guardas. Olhou novamente para o céu: um minuto, nada mais e a lua estaria de fora. O que foi que ele dissera a Reynolds nessa tarde? Sim, fora isto. Agora era todo o tempo que restava. Ele começava a desejar que nunca tivesse falado aquilo. Ele era um neozelandês, mas um neozelandês de apenas duas gerações: todos os seus antepassados eram escoceses e todos sabem que os escoceses acreditam nestas práticas pagas de

cultivarem o sexto sentido e de adivinharem o futuro. Mallory mergulhou no equivalente mental ao sexto sentido e continuou a travessia.

Aos pés da escada de ferro, Groves, para o qual Mallory, quase fora das vistas, era apenas uma mal desenhada forma escura sobre uma escarpa negra, calculou que este logo iria desaparecer de sua linha de visão e que quando isto acontecesse ele não estaria mais em condições de fornecer-lhe cobertura. Tocou o ombro de Petar e com uma pressão de sua mão indicou-lhe onde deveria sentar-se aos pés da escada. Petar olhou para ele sem vê-lo, sem compreendê-lo, e de repente pareceu entender o que lhe pediam, pois acenou que sim obediente e sentou-se.

Groves enfiou a Luger com silenciador dentro da túnica e começou a subir.

Um quilômetro e meio a oeste, os Lancasters ainda estavam martelando o Desfiladeiro de Zenica. Uma depois da outra as bombas caíam com surpreendente precisão dentro da minúscula área de alvo, arrancando árvores, lançando para o ar montes de terra e de pedras, causando pequenos incêndios, que, aqui e ali, já haviam incinerado quase todos os tanques alemães feitos de compensado. Cerca de onze quilômetros ao sul, Zimmermann escutava com interesse e ainda com alegria, o bombardeio que prosseguia ao norte. Virou-se para seu ajudante-de-ordens, sentado a seu lado no

carro de comando.

— Você tem de admitir que nós devemos dar os parabéns à RAF pelo trabalho, não acha? Nossas tropas estão bem longe daquela área?

— Não há um único soldado alemão num raio de três quilômetros do Desfiladeiro de Zenica, Herr General.

— Excelente, excelente — Zimmermann parecia ter esquecido de seus pressentimentos agourentos anteriores. — Bem, quinze minutos. A lua logo vai aparecer, por isso é melhor deter nossa infantaria. A próxima leva de tropas pode atravessar junto com os tanques.

Reynolds, caminhando cautelosamente pela margem direita do Neretva na direção do rumor dos tiros, já estava muito perto quando, de repente, ficou imóvel. Muitos homens reagem desta forma quando sentem o cano de uma arma encostado num dos lados de seu pescoço. Cuidadosamente, para não excitar alguém que tivesse os dedos leves no gatilho, Reynolds virou os olhos e a cabeça ligeiramente para a direita e viu com profundo alívio que desta vez não havia motivo para um ataque de nervos.

— Você recebeu suas ordens — disse Andrea com muita calma. — O que é que está fazendo aqui?

— Eu pensei... eu pensei que talvez o senhor precisasse de ajuda — Reynolds esfregou um dos

lados do pescoço. — Agora eu vejo que estava errado.

— Venha. Já é hora de voltarmos a cruzar a ponte — por medida de segurança e com muita rapidez, Andrea jogou mais um par de granadas rio abaixo e subiu correndo pelas margens, seguido de perto por Reynolds.

A lua reapareceu. Pela segunda vez naquela noite Mallory ficou absolutamente imóvel, os dedos dentro da fenda transversal, as mãos agarradas no cravo que trinta segundos antes ele enfiara na rocha e no qual amarrara uma corda. A menos de três metros dele, Miller que com a ajuda da corda já fizera em segurança a primeira parte da travessia e imobilizara-se numa atitude similar. Ambos olharam para baixo, para o topo da muralha.

Seis guardas eram visíveis; dois no extremo oposto oeste, dois no meio e os dois restantes diretamente abaixo deles. Quantos mais houvesse na casa de guardas, nem Mallory nem Miller tinham meios de saber. Tudo o que eles sabiam é que a sua vulnerabilidade era completa, sua posição desesperada.

A três quartos do caminho da escada de ferro, Groves também ficou imóvel. De onde ele estava, podia ver Mallory e Miller e os dois guardas distintamente. Soube numa convicção repentina que desta vez não haveria escapatória, não podiam

novamente ter uma sorte igual. Mallory, Miller, Petar ou ele mesmo — qual seria o primeiro a ser visto? Calculou que era o mais exposto de todos. Lentamente, enroscou o braço esquerdo nos degraus da escada, enfiou a mão direita dentro da túnica, tirou a Luger e apoiou o cano no antebraço esquerdo.

Os dois guardas do lado leste estavam inquietos, desassossegados, cheios de temores desconhecidos. Como antes, eles se debruçaram sobre o parapeito e olharam para o vale. Não podem deixar de me ver, pensou Groves, eles *devem* me ver, meu Bom Deus, eu estou quase em frente de sua linha de visão. Minha descoberta vai ser imediata.

A descoberta foi imediata, mas não para Groves. Um estranho instinto fez com que um dos guardas olhasse para cima à esquerda e sua boca se abriu ante o espantoso espetáculo de dois homens de roupas de borracha agarrados como ostras à superfície oblíqua da escarpa. Ele levou vários e intermináveis segundos antes de recobrar-se o suficiente para estender a mão tontamente e agarrar o braço de seu companheiro. O companheiro seguiu-lhe o olhar e seu queixo também caiu de uma maneira quase cômica. Então, exatamente ao mesmo tempo, os dois soldados quebraram o encantamento que os paralisava e levantaram as armas, uma Schmeisser e uma pistola, para apontarem para os dois homens pendurados e indefesos na

superfície do barranco.

Groves firmou a Luger sobre o braço esquerdo, fez pontaria sem se afobar e apertou o gatilho. O guarda que estava com a Schmeisser deixou cair a arma, vacilou sobre os pés e começou a cair para a frente. Quase três segundos se passaram antes que o outro guarda, espantado e momentaneamente sem entender, avançasse para amparar seu companheiro, mas já era tarde demais e ele não conseguiu nem mais tocá-lo. O morto, movendo-se em grotesca câmera lenta, dobrou-se sobre a borda do parapeito e caiu de cabeça para baixo nas profundezas da garganta.

O soldado com a pistola debruçou-se sobre a amurada, olhando horrorizado para o seu camarada que caía. Era claro que neste instante ele não entendia o que estava acontecendo, pois não ouvira nenhum tiro. Mas o cálculo do que houvera veio quando um pedacinho de cimento pulou perto de seu cotovelo esquerdo e uma bala perdida ricocheteou assoviando dentro da noite. Seus olhos se arregalaram de espanto, mas desta vez o choque não lhe inibiu as reações. Mais na esperança cega de acertar que à real expectativa de êxito, ele fez dois disparos rápidos e arreganhou os dentes de satisfação quando ouviu Groves gritar e levar a mão direita, com o dedo indicador ainda segurando a Luger pelo gatilho, ao ombro esquerdo estraçalhado.

O rosto de Groves estava desfeito e contorcido pela dor, os olhos enevoados pela agonia do ferimento, mas os responsáveis por sua formação como um sargento dos Comandos, não tinham escolhido por acaso: Groves ainda não estava entregue. Ele ergueu a Luger outra vez. Alguma coisa estava errada com a sua vista, ele pensou vagamente, calculou ter a vaga impressão de que o guarda estava-se inclinando para a frente, para fora da amurada, a pistola em ambas as mãos para ter certeza da pontaria do tiro de misericórdia, mas ele não estava certo do que via. Por duas vezes Groves apertou o gatilho da Luger e fechou os olhos, pois a dor se fora e ele estava sentindo muito sono.

O guarda da amurada projetou-se para a frente. Tentou em desespero se agarrar na borda do gradil, mas para firmar-se era preciso recuar as pernas para se equilibrar e ele não podia controlá-las, pois escorregaram impotentes sobre o parapeito. Seu corpo seguiu-as quase por sua própria vontade, os últimos vestígios de resistência duram apenas alguns segundos num homem que tem os dois pulmões atravessados pelas balas de uma Luger. Por um instante suas mãos cerradas se agarraram desesperadamente na beira do parapeito e depois seus dedos se abriram.

Groves agora parecia estar inconsciente, a cabeça

pendurada sobre o peito, a manga e todo o lado esquerdo de seu uniforme já ensopados de sangue com a horrível ferida do ombro. Se não pelo fato de seu braço direito estar preso entre um dos degraus da escada e o paredão da encosta ele teria certamente caído. Lentamente os dedos de sua mão direita se entreabriram e a Luger caiu.

Sentado aos pés da escada, Petar teve um sobressalto quando a arma bateu na argila a menos de trinta centímetros de onde estava sentado. Olhou para cima instintivamente, levantou-se, assegurou-se de que seu inevitável violão estava firmemente preso às suas costas, estendeu a mão para a escada e começou a subir.

Mallory e Miller olharam para baixo, observando o cantor cego que subia para alcançar Groves, ferido e obviamente inconsciente. Após alguns segundos e como por um sinal telepático, Mallory olhou para Miller que imediatamente percebeu o seu olhar. O rosto de Miller estava tenso, desfigurado. Ele soltou uma das mãos da corda e fez um gesto quase desesperado na direção do sargento ferido. Mallory balançou negativamente a cabeça.

Miller disse com voz rouca: — Ele é sacrificável, não é?

— Sacrificável.

Ambos olharam novamente para baixo. Petar estava

agora a menos de três metros abaixo de Groves, mas este — apesar de Mallory e Miller não poderem ver — tinha os olhos fechados e seu braço direito começava a escorregar da brecha entre o degrau e a rocha. Gradualmente, o braço direito deslizou mais depressa até que o cotovelo desvencilhou-se e, quando o braço inteiro desvencilhou-se, devagar, muito devagar, ele começou a curvar-se para a frente, afastando-se da parede. Mas Petar agarrou-o antes, firme no degrau inferior de onde Groves estava e passando um braço em torno dele empurrou-o de volta sobre a escada. Petar alcançara-o e neste instante podia sustentá-lo, mas era tudo que podia fazer.

A lua entrou atrás de outra nuvem.

Miller completou os três metros que o separavam de Mallory. Olhou-o e disse: — Você sabe que os dois estão perdidos, não sabe?

— Eu sei — Mallory parecia estar ainda mais cansado do que nunca. — Venha. Mais dez metros e nós estaremos em posição — Mallory deixou Miller onde estava e continuou a atravessar a fenda. Movimentava-se agora com agilidade, correndo riscos que nenhum alpinista correria em sã consciência, mas não havia outra escolha pois o tempo estava passando. Em um minuto ele alcançou um local que julgou ser suficiente, enfiou outro cravo com o martelo e, com segurança, passou a corda por ele.

Fez um sinal para Miller vir encontrá-lo. Miller iniciou o último estágio da travessia e já estava a caminho quando Mallory desenrolou outra corda do ombro, esta com uns vinte metros de comprimento e com nós em intervalos de meio em meio metro. Uma das pontas ele prendeu no cravo que enfiara nas pedras e que também prendia a corda que Miller estava usando para atravessar: a outra ponta deixou escorregar pelo barranco abaixo. Miller chegou e Mallory tocou-lhe o ombro e apontou para baixo.

As águas escuras da Represa de Neretva estavam diretamente abaixo deles.

12 - Sábado - *De uma e trinta e cinco às duas horas da manhã*

ANDREA E REYNOLDS ESTAVAM deitados entre as pedras no extremo oeste da velha ponte pênsil que atravessava a garganta. Andrea olhou para a ponte de um lado a outro, os olhos continuando até a funda ravina que ficava por detrás, até chegarem à enorme pedra arredondada, precariamente equilibrada num ângulo onde a ravina fundia-se com a escarpa íngreme do desfiladeiro. Ele esfregou a mão no queixo espinhento, acenou pensativo e voltou-se para Reynolds.

— Você atravessa na frente. Eu lhe darei cobertura. Você faz a mesma coisa para mim quando chegar do outro lado. Não pare, não olhe para os lados. Agora!

Reynolds correu agachado na direção da ponte, seus passos lhe pareciam absurdamente barulhentos quando ele alcançou as tábuas apodrecidas de seu leito. Com as palmas das mãos deslizando rapidamente sobre as cordas de segurança dos lados, sem diminuir de velocidade, obedecendo às instruções de Andrea, sem arriscar nem um olho para trás e sentindo uma estranha sensação entre os ombros. Para seu espanto, ele atingiu a margem oposta sem que um único tiro fosse disparado, procurou logo abrigo atrás

do esconderijo oferecido por uma pedra grande junto à margem, surpreendeu-se momentaneamente ao ver Maria escondida atrás da mesma pedra, voltou-se e tirou a Schmeisser do ombro.

Na outra margem não havia sinal de Andrea. Por um breve instante, Reynolds sentiu uma ferroadinha de raiva, pensando que Andrea usara aquele subterfúgio apenas para livrar-se dele, mas depois sorriu para si mesmo quando escutou duas explosões surdas a alguma distância da margem do rio. Reynolds lembrou-se de que Andrea ainda tinha duas granadas de mão de sobra e não era homem para ter essas coisinhas tão úteis e deixá-las enferrujar por falta de uso. Além disto, raciocinou ele, isto daria a Andrea alguns segundos extras para facilitar sua fuga, o que na verdade aconteceu, pois quase imediatamente Andrea apareceu do outro lado e efetuou a travessia igualmente sem incidentes. Reynolds chamou-o em voz baixa e Andrea juntou-se a eles ao abrigo da pedra.

Reynolds perguntou baixinho: — E agora?

— As coisas mais importantes primeiro — Andrea tirou um charuto de uma caixa à prova d'água, fósforos de outra caixa à prova d'água, acendeu o fósforo entre as mãos em concha e deu uma baforada com imensa satisfação. Quando tirou o charuto da boca, Reynolds reparou que ele escondia a ponta acesa

com a palma de uma das mãos. — E agora? Eu vou lhe dizer o que fazer agora. Vamos ter companhia vindo ali pela ponte e não vai demorar. Eles estão correndo riscos malucos para me pegarem — e se vingarem — o que mostra que estão quase desesperados. Homens alucinados não perdem tempo. Você e Maria vão se afastar uns cinqüenta ou sessenta metros mais para perto da barragem e vão se esconder por lá... e mantenham suas armas apontadas para o lado de lá da ponte.

— Você fica aqui? — perguntou Reynolds.

Andrea soprou uma fedorenta nuvem de fumaça de charuto — No momento, sim.

— Então eu vou ficar também.

— Se você quer morrer, eu não tenho nada com isto — disse Andrea calmamente. — Mas esta linda mocinha não vai continuar muito bonita com a metade da cabeça estourada.

Reynolds espantou-se com a rudeza das palavras. Disse raivoso: — Que diabos você quer dizer com isto?

— Eu quero dizer mesmo — a voz de Andrea já não era mais calma. — Esta pedra lhes dá um esconderijo perfeito para quem vem pela ponte. Mas Droshny e seus homens podem avançar uns trinta ou quarenta metros mais para cima. Que abrigo vocês terão de lá?

— Eu não tinha pensado nisto — confessou Reynolds.

— Vai chegar o dia em que você dirá isto demais — disse Andrea taciturno — e aí será tarde demais para pensar em qualquer outra coisa.

Um minuto depois eles já estavam em suas novas posições. Reynolds, escondido atrás de uma enorme pedra que lhe assegurava proteção perfeita tanto da margem oposta como da ponte, até o lado em que ela desaparecia: não oferecia cobertura para quem estivesse na represa. Reynolds olhou à sua esquerda onde Maria estava agachada atrás da pedra. Ela sorriu para ele e Reynolds viu que ele nunca encontrara uma moça tão corajosa, pois as mãos que seguravam a Schmeisser estavam trêmulas. Avançou um pouco e olhou rio abaixo, mas aparentemente não havia nenhum sinal de vida a oeste da ponte. Os únicos movimentos eram atrás da enorme pedra redonda por cima da ravina, onde Andrea completamente escondido de quem viesse pelo outro lado da ponte, febrilmente cavava as fundações de cascalho e terra à sua base.

As aparências como sempre enganam. Reynolds julgara não haver nenhum movimento do lado de lá da ponte, mas na verdade havia e muito, se bem que não houvesse ação neste instante. Escondidos entre as maciças pedras do outro lado, a cerca de sete metros da ponte, Droshny, um sargento *cetnik* e talvez uma dúzia de soldados alemães e *cetniks* estavam deitados

entre o esconderijo das rochas.

Droshny usava o binóculo. Examinava o terreno nas vizinhanças da ponte pênsil, olhou à esquerda para a pedra onde Reynolds e Maria estavam escondidos, até chegar às paredes da barragem. Levantou os olhos, seguindo os ziguezagues difusos da escada de ferro, percebeu alguma coisa, ajustou a focalização o melhor que pode e olhou de novo. Não podia haver dúvidas: dois homens estavam dependurados na escada a uns três quartos da altura do paredão e do topo da muralha.

— Deus do Céu! — Droshny abaixou o binóculo, o rosto áspero e ossudo registrando um horror incrédulo. Virou-se para o sargento *cetnik* a seu lado.
— Você sabe o que quer dizer isto?

— A barragem! — O pensamento não ocorrera ao sargento até o instante em que ele viu a expressão aterrorizada de Droshny e percebeu imediatamente o inevitável. — Eles vão explodir a barragem! — Não ocorrera a nenhum dos dois, *como* Mallory poderia fazer explodir a represa, mas como outros homens já haviam feito antes deles, Droshny e o sargento começavam a descobrir em Mallory e em seu *modus operandi* uma extraordinária qualidade de inevitabilidades que transformava as mais remotas possibilidades em muito prováveis realizações.

— General Zimmermann! — a voz já grave de

Droshny tornara-se agora muito rouca. — Ele precisa ser avisado! Se a represa explodir enquanto seus tanques e suas tropas estiverem atravessando...

— Avisá-lo? Avisá-lo? Mas, em nome de Deus, como podemos avisá-lo?

— Há um rádio lá no alto da represa.

O sargento olhou para ele e disse: — Ele podia estar na lua e seria a mesma coisa. Há guardas pela retaguarda, eles devem ter guardas pela retaguarda. Vários dos nossos morrerão ao cruzarmos aquela ponte, Capitão.

— Você acha? — Droshny olhou sombrio para o lado da barragem. — E o que é que você acha que acontecerá a todos nós se *aquilo* lá for embora?

Lenta, silenciosa e invisivelmente, Mallory e Miller nadaram em direção norte através das águas escuras da Represa de Neretva, afastando-se das paredes da barragem. De repente Miller, que estava ligeiramente à dianteira, soltou uma exclamação abafada e parou de nadar.

— O que aconteceu? — perguntou Mallory.

— Isto — com esforço Miller levantou um pedaço de um pesado fio de arame até a superfície da água. — Ninguém falou nisto.

— Ninguém falou — concordou Mallory. Ele procurou por baixo d'água. — E há uma rede de aço por baixo.

— Uma rede antitorpedo?

— Eu acho que sim.

— Por quê? — Miller fez um gesto para o norte, onde a uma distância de menos de duzentos metros, a represa fazia uma curva abrupta entre os seus paredões a pique. — É impossível para qualquer avião-torpedeiro, ou mesmo para qualquer bombardeiro, soltar um torpedo contra a barragem.

— Alguém devia ter dito isto aos alemães. Eles não correm riscos... e isto torna as coisas bem mais difíceis para nós — ele espiou para o relógio. — É melhor nos apressarmos. Estamos atrasados.

Passaram por cima dos arames e começaram a nadar novamente, desta vez bem mais depressa. Vários minutos depois, logo após terem dado a volta na curva e perdido de vista a barragem, Mallory tocou o ombro de Miller. Os dois mantiveram-se de pé, mexendo os pés, viraram-se e olharam para trás na direção de onde tinham vindo. Ao sul, a não mais de três quilômetros de distância, o céu da noite abriu-se de repente numa incandescência viva quando miríades de pára-quedas-sinaleiros flutuaram lentamente, numa beleza multicolorida vermelha, verde, branca e laranja, descendo sobre as águas do Rio Neretva.

— Lindo mesmo! — admitiu Miller. — E em que é que isto vai ajudar?

— É ajuda para nós. Duas razões. Primeiro, qualquer pessoa que olhar para aquilo... e *todo o mundo* vai olhar... vai levar pelo menos uns dez minutos para recobrar sua visão noturna, o que significa que as coisas estranhas que se passarem deste lado da represa serão menos susceptíveis de serem vistas: e se alguém estiver olhando para lá, não vai poder olhar para cá ao mesmo tempo.

— Muito lógico — aprovou Miller. — Nosso amigo Capitão Jensen não se esquece de nenhum detalhe, não acha?

— Como se diz, ele guarda todos os trunfos na mão — Mallory voltou-se novamente e olhou para leste, a cabeça meio de lado para ouvir melhor. Disse: — Temos de dar a mão à palmatória. Exato no alvo, exato no horário. Já os estou ouvindo chegarem.

O Lancaster, a menos de cento e cinqüenta metros da superfície das águas, vinha vindo de leste, o motor próximo do estol. Estava a uns duzentos metros de onde Mallory e Miller estavam parados boiando, quando enormes pára-quedas de seda preta abriram-se repentinamente sobre eles: simultaneamente, os motores aceleraram-se ao máximo e o grande bombardeiro iniciou uma brusca ascensão para evitar a colisão contra as montanhas do lado oposto da represa.

Miller observou os pára-quedas pretos que desciam

lentamente voltou-se e olhou para os fogos sinaleiros que brilhavam ao sul. — Os céus — anunciou ele — estão cheios de coisas esta noite.

Ele e Mallory começaram a nadar na direção dos pára-quedas que caíam.

Petar estava perto da exaustão total. Durante longos minutos ele conseguira manter o peso morto de Groves agarrado contra a escada de ferro, mas seus braços doíam e começavam a estremecer com a tensão. Seus dentes, cerrados com força; seu rosto, de onde o suor escorria, estava retorcido pelo esforço e a agonia que aquilo lhe causava. Era claro que Petar não poderia mantê-lo por muito tempo.

Foi à luz dos sinaleiros que Reynolds, sempre escondido com Maria atrás da grande pedra, viu os apuros de Petar e Groves. Ele voltou-se para Maria: bastou ver o horror estampado em seu rosto para perceber que ela também já os vira.

Reynolds disse com voz rouca: — Fique aqui. Eu vou lá ajudá-los.

— Não! — ela segurou-o pelo braço, usando toda a sua força de vontade para manter-se controlada: seus olhos, como pareceram a Reynolds da primeira vez que os vira, lembravam os de um animal acuado. — Por favor, sargento, não. Você precisa ficar aqui.

Reynolds disse com desespero: — Seu irmão...

— Há coisas mais importantes...

— Para você não há — Reynolds fez menção de se levantar, mas ela pendurou-se a seu braço com uma força surpreendente e ele não pode se desprender sem feri-la. Disse, quase com gentileza: — Vamos, menina, me deixe ir.

— Não! Se Droshny ou seus homens passarem pela... — ela se interrompeu quando o último dos foguetes sinaleiros freuiu ao extinguir-se, mergulhando a garganta — pelo contraste momentâneo — numa total escuridão. Maria acrescentou com simplicidade: — Você tem de ficar aqui agora, não tem?

— Agora eu tenho de ficar aqui — Reynolds saiu de trás do abrigo protetor da pedra e assestou o binóculo noturno. A ponte suspensa e até onde ele podia ver na margem do outro lado, parecia inocente de qualquer sinal de vida. Olhou para o outro lado da ravina e percebeu apenas a forma de Andrea, que acabara suas escavações e descansava tranqüilamente por trás da pedra redonda. Novamente, pressentindo algo, Reynolds desviou o binóculo para a ponte. Ele ficou imóvel de repente. Tirou o binóculo, limpou as lentes com cuidado, esfregou os olhos e assestou-o outra vez.

Sua visão noturna, momentaneamente desfeita pelos foguetes, já estava agora de volta ao normal e não podia haver dúvida ou imaginação no que ele via: sete ou oito homens, Droshny à liderança, deitados de

barriga no chão, avançavam centímetro a centímetro, de mãos e de joelhos, através do assoalho de madeira da ponte suspensa.

Reynolds abaixou o binóculo, ficou de pé, armou uma granada e atirou-a o mais longe que pode em direção à ponte. Ela explodiu quando aterrou, pelo menos uns quarenta metros antes do objetivo. Não causou nada a não ser uma sonora explosão e espalhou um bocado de argila inocente para todos os lados, mas ele não tencionava mesmo que ela alcançasse a ponte: fora lançada para prevenir Andrea e este não perdeu tempo.

Andrea colocou as solas dos dois pés contra a grande pedra, firmou as costas contra o barranco e empurrou. A pedra moveu-se por uma fração mínima de centímetro. Andrea relaxou-se momentaneamente, permitiu à pedra voltar à sua posição anterior e repetiu o processo: desta vez o movimento foi bastante perceptível. Andrea relaxou-se de novo e empurrou pela terceira vez.

Lá embaixo na ponte, Droshny e seus homens, incertos quanto ao significado exato da granada que explodira, estacaram na mais completa imobilidade. Somente seus olhos se mexiam desesperadamente, de um lado para outro, tentando localizar a fonte de perigo que pairava pesadamente sobre eles, e que neste instante, era quase palpável.

A pedra já oscilava distintamente. A cada empurrão que recebia de Andrea, ela balançava uns centímetros a mais para a frente e para trás. Andrea escorregara aos poucos e agora estava quase deitado de costas. Ele arquejava e o suor escorria de seu rosto. A pedra oscilava como se fosse perder o equilíbrio de vez e cair por cima dele, esmagando-o. Andrea respirou profundamente e numa convulsão espichou as pernas e as costas num último e titânico empurrão. Por um momento a pedra oscilou no ponto de desequilíbrio, alcançou o limite de onde não podia mais voltar e despencou-se.

Droshny certamente não ouvira nada, e naquela escuridão era certo que também não podia ter visto nada. Só pode ter sido um alerta instintivo sobre a morte iminente que fez com que ele olhasse para cima na convicção súbita de que o perigo vinha de lá. A enorme pedra redonda começava a rolar devagar quando foi vista pelos olhos aterrorizados de Droshny e quase ao mesmo instante começou a dar pulos cada vez maiores, escavando a encosta diretamente por cima deles, arrastando atrás de si uma pequena avalanche. Droshny gritou um aviso. Ele e seus homens tentaram desesperadamente levantar-se com auxílio das mãos, numa reação instintiva mas completamente inútil e simbólica, pois para a maioria deles, já era tarde demais e não havia nenhum outro

lugar para correr.

Com um último salto maior, a pedra esborrachou-se bem no meio da ponte, espatifando o frágil assoalho de madeira e dividindo-a em dois. Dois homens que estavam diretamente em seu caminho morreram instantaneamente: cinco outros foram catapultados para dentro da torrente e arrastados para uma morte igualmente imediata. As duas seções da ponte partida, ainda presas nas duas margens pelas cordas de segurança, ficaram penduradas dentro das águas enfurecidas, batendo furiosamente contra as margens pedregosas.

Devia haver pelo menos uma dúzia de pára-quedas presos aos três objetos cilíndricos escuros que agora flutuavam, submersos pela metade, nas águas também escuras da Represa de Neretva. Mallory e Miller cortaram os cabos com suas facas e alinharam os três cilindros, utilizando pedaços curtos de arame já providenciados para isto. Mallory examinou o cilindro da frente e devagar empurrou para trás uma alavanca que estava no alto. Houve um ronco moderado quando o escapamento de ar comprimido soprou violentamente sobre a água na parte de trás do cilindro e este deslizou para a frente rebocando os outros dois. Mallory empurrou a alavanca de volta e acenou com a cabeça na direção dos outros cilindros.

— Estas alavancas aqui do lado direito controlam a

pressão das válvulas. Abra aquela ali até obter a flutuação negativa. Somente. Eu vou fazer o mesmo com esta aqui.

Miller virou com cautela uma válvula e indicou com um gesto o cilindro dianteiro — Para que é que serve isto?

— *Você* já sonhou em rebocar setecentos e cinquenta quilos de amatol daqui até a barragem? Deve ser uma unidade qualquer de propulsão. Parece-me uma seção cortada de um tubo de torpedo de cinquenta e dois centímetros. Ar comprimido, talvez, a uma pressão de umas cinco mil libras por polegada quadrada, passando através de uma caixa de redução. Deve dar conta do recado.

— Desde que não seja o Miller que tenha de trabalhar — Miller fechou a válvula do cilindro. — Está bem assim?

— Está.

Todos os três cilindros estavam agora quase à flor d'água. Novamente Mallory soltou a alavanca de ar comprimido do cilindro dianteiro. Houve um barulho surdo de borbulhas, uma repentina esteira de bolhas saiu da traseira e os três avançaram, dirigindo-se para a curva em ângulo reto da represa, com os dois homens pendurados e guiando o cilindro da frente.

Quando a ponte suspensa desintegrou-se ante o impacto da pedra, sete homens morreram: dois ainda estavam vivos.

Droshny e seu sargento, furiosamente açoitados e machucados pela torrente das águas, agarraram-se desesperadamente ao pedaço quebrado da ponte. No início, não puderam fazer nada a não ser se agarrar ali, mas aos poucos e depois de uma luta cansativa, eles conseguiram alçar-se de dentro dos rápidos e ficaram pendurados, os braços e as pernas enroscados ao que sobrara dos destroços, lutando para restabelecer seu fôlego. Droshny fez um sinal para alguém que não era visível do outro lado dos rápidos e apontou para cima de onde viera a pedra redonda.

Agachados entre as pedras do lado oposto, três *cetniks* — os três afortunados que ainda não haviam começado a atravessar a ponte quando a pedra caiu — viram o sinal e compreenderam. A cerca de uns vinte e cinco metros por cima de Droshny — completamente escondido de quem estivesse daquele lado pelos altos barrancos do rio — e ainda agarrado com unhas e dentes ao que sobrara da ponte, Andrea, agora sem a proteção de um abrigo, começava a descer precariamente de seu esconderijo prévio. Do outro lado do rio, um dos três *cetniks* viu-o e abriu fogo.

Para sorte de Andrea, atirar para cima na meia obscuridade é um negócio difícil a maior parte das

vezes. As balas acertaram no barranco a centímetros de seu ombro esquerdo, os ricochetes assobiaram deixando-o miraculosamente incólume. Andrea sabia que haveria com certeza uma correção nos tiros da próxima rajada: ele jogou-se para um lado, desequilibrou-se da precária posição em que estava e despencou irremediavelmente para o fundo da garganta. Balas, muitas balas, foram disparadas contra ele em sua queda, pelos três *cetniks* que estavam na margem direita, pois agora eles estavam convencidos de que era Andrea o único inimigo a combater; ficaram de pé, avançaram até as margens do rio e concentraram todos os tiros sobre ele.

Novamente para sorte de Andrea, este período de concentração durou apenas alguns segundos. Reynolds e Maria saíram de onde estavam e correram para a margem, parando apenas para atirar nos três *cetniks* do lado de lá, que por um instante se esqueceram de Andrea para fazer frente a esta nova e inesperada ameaça. Ao fazerem isto, Andrea em meio a uma pequena avalanche, e ainda lutando furiosa e inutilmente para deter a sua queda, bateu na margem do rio com terrível violência e deu com um dos lados da cabeça contra uma grande pedra perdendo os sentidos. A cabeça e os ombros ficaram pendurados sobre a torrente selvagem que passava abaixo dele.

Reynolds atirou-se de barriga na argila da margem,

forçou-se a ignorar as balas que acertavam à direita e à esquerda e passavam assoviando por cima dele e fez uma pontaria lenta e cuidadosa. Deu uma rajada comprida, muito comprida, até o pente da Schmeisser se esvaziar. Os três *cetniks* caíram dobrados, mortos.

Reynolds levantou-se. Ficou ligeiramente surpreso ao ver que suas mãos tremiam. Olhou para Andrea, caído inconsciente e perigosamente perto da margem, deu dois passos em sua direção, mas deteve-se e se voltou ao ouvir um gemido baixo. Reynolds desatou numa carreira.

Maria estava meio sentada, meio caída, na margem pedregosa. Suas duas mãos seguravam a perna na altura do joelho direito e o sangue escorria entre os seus dedos. O rosto, já de normal muito pálido, estava acinzentado e desfeito com o choque e a dor. Reynolds disse um impropério amargo e silencioso, tirou uma faca e começou a cortar o tecido em volta da ferida. Gentilmente, ele puxou o tecido que cobria o ferimento e sorriu para encorajar a moça: seu lábio inferior estava cerrado entre os dentes e ela o observava fixamente com olhos empanados pela dor e pelas lágrimas.

Era uma ferida muito feia na carne, mas ele sabia que não era perigosa. Pegou seu estojo médico, sorriu animando outra vez e então se esqueceu do estojo de emergência: a expressão nos olhos de Maria dera lugar

a uma outra de terror e sobressalto. Ela já não estava mais olhando para ele.

Reynolds voltou-se. Droshny acabara de subir à margem do barranco, pusera-se de pé e avançava decidido na direção do corpo inanimado de Andrea com a intenção óbvia de empurrar o homem inconsciente dentro das corredeiras.

Reynolds pegou a Schmeisser e apertou o gatilho. Houve um estalido seco — ele esquecera de que o pente estava vazio. Olhou em torno numa tentativa desesperada para localizar a arma de Maria, mas ela não estava à vista. Não podia esperar mais. Droshny estava apenas a alguns metros de onde Andrea jazia caído. Reynolds pegou sua faca e correu na direção da margem. Droshny viu-o se aproximar e reparou também que Reynolds só estava armado com uma faca. Sorriu como um lobo sorriria, pegou no cinturão uma de suas facas de ar feroz e ponta encurvada e esperou.

Os dois homens se aproximaram um do outro e rodearam-se com cautela. Reynolds nunca empunhara uma faca em sua vida e não tinha ilusões quanto às suas possibilidades: Neufeld não dissera que Droshny era o melhor homem dos Bálcãs com uma faca? Ele parecia mesmo ser bom, pensou Reynolds. Sentiu a boca ressecada.

A trinta metros dali, Maria tonta e fraca pela dor e

arrastando a perna ferida, rastejou até o local onde ela pensava ter deixado a arma cair ao ser atingida. Depois do que lhe pareceu uma eternidade, mas que provavelmente não durou mais de dez segundos, ela achou-a meio escondida entre as pedras. Sentiu náuseas e tontura pela dor da perna ferida, mas forçou-se a sentar e levar a arma ao ombro. Abaixou-a outra vez.

Nas condições presentes, ela calculou vagamente, teria sido impossível acertar em Droshny sem ferir Reynolds ao mesmo tempo: de fato, ela corria o risco de matar Reynolds sem sequer acertar em Droshny. Os dois homens estavam agora abraçados corpo a corpo, a mão em que cada um segurava a faca — a direita — segura pelo punho do outro.

Os olhos escuros da moça, que há tão pouco tempo refletiam dor, choque e medo, mostravam agora uma única expressão — o desespero. Como Reynolds, Maria conhecia a reputação de Droshny — mas além disto, ela já o vira matar com aquela faca e conhecia bem demais a combinação mortal daquele homem e daquela faca. Um lobo e um cordeiro, ela pensou, um lobo e um cordeiro. — Depois de matar Reynolds — sua mente agora estava enevoada e seus pensamentos eram quase incoerentes — depois de matar Reynolds, eu devo matá-lo. Mas antes Reynolds deve morrer, pois não há ajuda possível para ele. — E então o

desespero abandonou seus olhos escuros para ser substituído por uma esperança improvável pois ela sabia com intuitiva certeza que com Andrea ao lado a esperança não podia ser abandonada.

Apesar de tudo, Andrea ainda não estava ao lado de ninguém. Ele se esforçara em levantar com as mãos e os joelhos e olhava sem compreender para as brancas águas espumejantes abaixo dele, sacudindo a sua cabeça leonina de um lado para outro numa tentativa de esclarecê-la. Então, ainda balançando a cabeça, ele levantou-se penosamente sobre os pés e não sacudiu mais a cabeça. A despeito de sua dor, Maria sorriu.

Lenta, inexoravelmente, o gigante *cetnik* torceu a mão de Reynolds que empunhava a faca e afastou-a de seu corpo enquanto aproximava a ponta aguçada de sua própria faca da garganta de Reynolds. O rosto brilhante de suor do sargento refletia o seu desespero, sua completa certeza de derrota imediata e de morte. Ele gritou de dor quando Droshny torceu seu pulso direito quase a ponto de quebrá-lo, forçando-o a abrir os dedos e deixar cair a faca. Droshny deu-lhe uma joelhada maldosa, liberando a mão esquerda para dar um violento empurrão e Reynolds titubeou, caindo para trás sobre as pedras e ficou deitado sem fôlego e arquejando em agonia.

Droshny sorriu cruelmente satisfeito. Mesmo sabendo que a pressa era indispensável, ele queria

saborear cada minuto, prolongando o prazer refinado e sádico que sentia sempre naqueles instantes. Quase relutantemente, ele mudou a faca de posição e lentamente ergueu-a bem alto. O sorriso, agora mais amplo do que nunca, apagou-se no momento em que ele sentiu uma faca ser puxada de seu cinturão. Deu um pulo de lado. O rosto de Andrea era uma máscara de pedra.

Droshny sorriu outra vez — Os deuses foram generosos comigo — sua voz era baixa, quase reverente, num tom de carícia sussurrada. — Eu tenho sonhado com isto. É melhor que você morra desta forma. Isto vai-lhe ensinar, meu amigo...

Esperando pegar Andrea desprevenido, Droshny quebrou a sentença pelo meio e deu um bote para a frente num pulo de gato. O sorriso desvaneceu-se de novo quando ele olhou para o seu pulso direito seguro pelo aperto formidável da mão esquerda de Andrea.

Em segundos o quadro tornou-se igual ao do início da luta, as mãos com as facas dos dois homens seguras pela mão esquerda do oponente. Os dois pareciam absolutamente imóveis, o rosto de Andrea impassível, os dentes brancos de Droshny arreganhados, mas desta vez não era num sorriso. Era, na verdade, um rosnado malévolo composto de ódio e fúria e raiva espantada — pois desta vez, para sua evidente consternação e descrédito — Droshny não podia dar

conta de seu adversário. O feitiço estava virando contra o feiticeiro.

Maria, agora sem sentir a dor da perna, e Reynolds, lentamente se recompondo, olhavam fascinados para a mão esquerda de Andrea que num movimento quase milimétrico, gradualmente torcia o punho direito de Droshny fazendo com que a lâmina se afastasse dele. Os dedos do *cetnik*, imperceptivelmente no início, começaram a se abrir. Droshny, o rosto avermelhado e as veias da testa e do pescoço quase saltando fora, concentrou as suas últimas reservas de força na mão direita: Andrea, sentindo que toda a força de Droshny e o seu poder de concentração estavam centralizados exclusivamente em livrar-se de seu aperto, libertou num tranco a mão direita e empurrou a faca com se fosse um alfanje, enfiando-a para cima e para a frente com toda a sua tremenda força: a lâmina entrou bem embaixo do esterno, enterrando-se até o cabo. Por um momento, os dois gigantes ficaram ali parados, os lábios entreabertos e os dentes arreganhados num ricto de morte, até que Andrea afastou-se, deixando a faca ainda cravada em Droshny. Este dobrou-se lentamente em dois à beira do barranco. O sargento *cetnik*, ainda pendurado aos destroços da ponte, olhou com horror incompreensível quando Droshny, o punho da faca bem visível no peito, caiu de cabeça para baixo dentro das fervilhantes corredeiras e

desapareceu imediatamente de suas vistas.

Reynolds ergueu-se constrangido e vacilante e sorriu paíá Andrea. Disse: — Talvez eu estivesse enganado a seu respeito durante todo este tempo, Coronel Stavros.

Andrea fez um muxoxo — Estou apenas pagando um favor, menino. Talvez eu também estivesse enganado a seu respeito — olhou para o relógio — Duas horas! *Duas horas!* Onde estão os outros?

— Deus! Eu quase esqueci! Maria está ferida. Groves e Petar estão na escada. Eu não tenho certeza, mas Groves me pareceu em muito mau estado.

— Talvez eles precisem de ajuda. Vá correndo para lá. Eu tomo conta da moça.

No extremo sul da ponte de Neretva, o General Zimmermann ficou de pé em seu carro de comando e observou o ponteiro dos segundos de seu relógio chegar ao alto.

— Duas horas — Zimmermann falou no tom informal de quem conversa. Abaixou a mão direita num gesto de quem corta alguma coisa. Um assobio agudo e imediatamente os motores dos tanques rugiram e passos ressoaram quando as pontas-de-lança da primeira divisão blindada de Zimmermann começaram a cruzar a ponte de Neretva.

13 - Sábado - *De duas horas às duas e quinze da manhã*

— MAURER E SCHMIDT! Maurer e Schmidt! — o Capitão de serviço no topo da barragem veio correndo da casa de guardas, olhou em volta quase descontrolado e agarrou o sargento pelo braço. — Pelo amor de Deus! Onde estão Maurer e Schmidt? Ninguém os viu? Ninguém? Vá buscar os holofotes.

Petar, ainda segurando o inconsciente Groves firme contra a escada, ouviu o som das vozes mas não as compreendeu. Agora, com os dois braços em torno de Groves, tinha os antebraços enroscados num ângulo impossível entre os banzos da escada e o paredão rochoso atrás. Nesta posição, enquanto os seus pulsos e antebraços não se quebrassem ele poderia sustentar o sargento quase indefinidamente. Mas o rosto acinzentado e banhado de suor de Petar, sua expressão torturada e contorcida eram um testemunho mudo da agonia insuportável que ele estava sofrendo.

Mallory e Miller ouviram também os urgentes gritos de comando, mas como Petar também foram incapazes de entender o que gritavam. Mallory pensou vagamente que devia ser alguma coisa que não lhes traria nenhum benefício, mas logo tirou este pensamento da cabeça: ele tinha outros problemas

mais urgentes e imediatos para ocupar a sua atenção. Já haviam alcançado a barreira. Ha rede antitorpedo e, numa das mãos, ele segurava o Cabo e na outra, uma faca, quando Miller deu uma exclamação e agarrou seu braço.

— Pelo amor de Deus, não! — o tom de urgência na voz de Miller fez com que Mallory o olhasse espantado. — Jesus, o que é que eu tenho na cabeça! Isto aí não é um arame qualquer.

— Não é...

— É um cabo de força isolado. Não está vendo? Mallory olhou mais de perto — Agora eu estou vendo.

— Dois mil volts, eu aposto — Miller ainda estava abalado. — A força de uma cadeira elétrica. Teríamos sido fritos em vida. E isto deve desarmar a campainha de um arame.

— Lá em cima onde eles estão — disse Mallory. Debatendo-se e empurrando, suspendendo e puxando — havia uns trinta centímetros de água entre o cabo e a superfície — eles conseguiram fazer passar o cilindro de ar comprimido por cima e tinham levantado o nariz do primeiro dos cilindros de amatol, quando a menos de cem metros de distância, um holofote de quinze centímetros de diâmetro acendeu-se no alto dos muros da barragem. O fecho de luz ficou momentaneamente horizontal, mergulhou depois com rapidez começando a perscrutar as águas perto da muralha.

— Era só esta desgraça que nos faltava — disse Mallory com amargura. Ele empurrou o nariz do cilindro de amatol para trás do cabo, mas os fios que o amarravam prenderam-se e o cilindro de ar comprimido ficou numa posição tal que o seu nariz se projetava a uns vinte e poucos centímetros para fora da água. — Deixe. Mergulhe. Fique agarrado na rede.

Ambos mergulharam na água enquanto continuavam as buscas com o holofote. O fecho de luz passou por cima do nariz do primeiro dos cilindros, mas uma ponta pintada de preto dentro de águas escuras é uma coisa difícil de ser identificada e o sargento não a distinguiu. A luz continuou a mover-se, acabou de dar as buscas na água até o outro lado da represa e apagou-se.

Mallory e Miller voltaram à superfície cautelosos e olharam rapidamente em torno. Agora não havia nenhum outro sinal iminente de perigo. Mallory olhou para os ponteiros luminosos de seu relógio. Disse: — Depressa! Pelo amor de Deus! Depressa. Já estamos quase três minutos além do horário.

Eles se apressaram. Desesperadamente agora, conseguiram passar por cima do cabo os dois cilindros de amatol em vinte segundos, abriram a válvula de ar comprimido do cilindro dianteiro e alcançaram as paredes maciças da barragem em outros vinte segundos. Neste instante, as nuvens se foram e a lua

apareceu novamente, prateando as águas da represa. Mallory e Miller ficaram desta vez numa posição horripelantemente exposta e indefesa, mas não podiam fazer nada e sabiam disto. O tempo já se escoara e eles não tinham escolha a não ser firmar e armar os cilindros de amatol o mais rápido-que pudessem. Se fossem ou não descobertos era um risco a correr: mas eles não podiam fazer nada para evitar esta descoberta.

Miller disse baixinho: — Treze metros um do outro e treze metros para baixo, dizem os entendidos. Nós estamos atrasados.

— Não. Ainda não estamos atrasados. A idéia é deixar os tanques atravessarem primeiro e depois destruir a ponte antes que os primeiros carros lança-chamas e o grosso dos batalhões de infantaria atravessem.

No alto da muralha, o sargento com o holofote voltou para o lado oeste da barragem e apresentou-se ao Capitão.

— Nada, senhor. Nenhum sinal.

— Muito bem — o Capitão acenou com a cabeça na direção da garganta. — Tente daquele lado. Talvez você ache alguma coisa.

E foi assim que o sargento tentou do outro lado e achou mesmo alguma coisa, imediatamente aliás. Dez segundos depois de iniciar as buscas com o holofote,

ele descobriu os vultos de Groves — inconsciente — e de Petar — exausto. Apenas alguns metros abaixo deles, e subindo com presteza, o Sargento Reynolds. Todos três foram pegados de surpresa, impotentes e sem meios para se defenderem: Reynolds já nem tinha a sua arma.

Na muralha da barragem, um soldado da Wehrmacht que apontava a metralhadora na direção do fecho de luz do holofote, olhou espantado quando o Capitão agarrou o cano de sua arma.

— Imbecil! — o Capitão parecia furioso. — Eu os quero vivos. Vocês dois, peguem cordas e tragam-nos aqui para serem interrogados. Nós *precisamos* saber o que é que pretendiam fazer.

Suas palavras chegaram com clareza aos dois homens que estavam dentro d'água, pois neste instante a última das bombas e o som das armas da artilharia miúda cessou. O contraste foi demais, o repentino silêncio abafado tornou-se estranhamente sinistro, mortal, quase que um presságio agourento.

— Você escutou? — sussurrou Miller.

— Escutei — mais uma nuvem, Mallory percebeu, fina mas assim mesmo uma nuvem, estava quase chegando em frente da lua. — Fixe estas ventosas flutuantes na parede que eu vou preparar a outra carga — ele voltou-se e nadou lentamente para o outro lado, arrastando atrás de si o segundo cilindro de

amatol.

Quando o fecho de luz do holofote começou a investigar lá do alto da represa, Andrea preparou-se para ser imediatamente descoberto, mas a prévia visão de Groves, Reynolds e Petar salvou a ele e a Maria, pois os alemães pensaram ter capturado tudo o que havia para ser capturado, e em vez de prosseguirem as buscas pelo resto da garganta com os projetores, concentraram-se em içar para o topo do paredão os três homens capturados na escada. Um deles, claramente inconsciente — devia ser Groves, pensou Andrea — foi içado na ponta de uma corda: os outros dois, um ajudando o outro, completaram sozinhos a subida dos degraus. Tudo isto Andrea viu enquanto estava amarrando a perna ferida de Maria, mas não lhe disse nada.

Andrea terminou o curativo e sorriu para ela: — Está melhor?

— Melhor — ela tentou sorrir em agradecimento, mas o sorriso não chegou até seus lábios.

— Ótimo, é hora de irmos — Andrea consultou seu relógio. — Se ficarmos por aqui mais um pouco, eu tenho o pressentimento de que vamos ficar muito, muito molhados.

Ele pôs-se de pé e foi este movimento súbito que lhe salvou a vida. A faca que estava reservada para as suas costas passou secamente através de seu braço

esquerdo. Por um momento, quase sem entender o que acontecia, Andrea olhou para a ponta da estreita lâmina que emergia de seu braço e, aparentemente sem demonstrar a dor que isto lhe custava, ele se voltou lentamente e este movimento arrancou com um repelão o punho da faca das mãos do homem que a segurava.

O sargento *cetnik*, o único homem que sobreviviera junto com Droshny da destruição da ponte pênsil, olhava para Andrea como se estivesse petrificado, possivelmente porque ele não entendia como falhara na tentativa de matá-lo e mais ainda porque não podia compreender como um homem pudesse sofrer um tal ferimento em silêncio e ainda por cima — sempre em silêncio — ser capaz de arrancar-lhe das mãos a faca. Andrea não tinha agora nenhuma arma, mas ele não precisava de armas. Lembrou uma grotesca cena de câmera lenta: Andrea levantou a mão direita — mas não havia nenhuma câmera lenta quando aquele golpe seco e violento, dado com o lado da mão, abateu-se sobre a base do pescoço do sargento *cetnik*. O homem já estava provavelmente morto antes de cair no chão.

Reynolds e Petar estavam sentados com as costas para a casa de guardas na extremidade leste da represa. Ao lado deles, jazia Groves inconsciente e, já com a respiração em estertores, o rosto acinzentado e com a textura de cera característica da morte. De cima,

uma luz brilhante, diretamente fixada no teto da guarita, incidia sobre eles e um atento soldado lhes apontava uma carabina. O Capitão da Wehrmacht estava de pé em frente deles, com uma expressão de pasmo no rosto.

Disse, incrédulo: — Vocês esperavam explodir uma represa deste tamanho apenas com algumas bananas de dinamite? Vocês devem ser doidos!

— Ninguém nos disse que a represa era tão grande assim — disse Reynolds soturnamente.

— Ninguém lhes disse... Deus dos Céus!... depois me falem de cachorros doidos e de ingleses! E onde está a dinamite?

— A ponte de madeira quebrou — os ombros de Reynolds estavam curvados sob o peso da abjeta derrota. — Perdemos toda a dinamite... e todos os nossos amigos.

— Eu não acreditaria, eu não posso acreditar — o Capitão sacudiu a cabeça e afastou-se, mas logo parou ao ouvir Reynolds chamá-lo. — O que é?

— Meu amigo aqui — Reynolds apontou para Groves. — Ele está muito mal, o senhor mesmo pode ver. Ele precisa de cuidados médicos.

— Depois — o Capitão virou-se para o soldado na cabina aberta onde estava o transmissor. — Quais são as notícias do sul?

— Estão começando a atravessar a ponte de

Neretva, senhor.

As palavras chegaram com clareza aos ouvidos de Mallory, naquele instante a alguma distância de Miller. Ele acabara de fixar a ventosa na parede e ia encontrar-se com Miller quando percebeu pelo canto de um olho um lampejo de luz. Mallory imobilizou-se e olhou para cima e para o lado direito.

Havia um soldado na muralha da barragem, debruçado sobre o parapeito e enquanto dava uma busca apontava a lanterna para baixo. Ia ser descoberto, calculou Mallory, era inevitável. Um ou mesmo ambos os blocos que boiavam seriam vistos. Sem pressa, apoiando-se no cilindro para ter firmeza, Mallory baixou o fecho de sua roupa de borracha, procurou a Luger dentro da túnica, desembrolhou-a de seu estojo à prova d'água e soltou a trava de segurança.

O facho de luz da lanterna passeava por cima d'água, perto do paredão da barragem. De repente, o foco da lanterna parou. Claramente à vista, no centro da luz, estava um pequeno objeto em forma de torpedo, preso à parede por ventosas e, a seu lado, um homem de roupa de borracha com uma arma na mão. E a arma — a sentinela reparou mecanicamente — tinha um silenciador atarraxado ao cano e apontava diretamente para ele. O soldado abriu a boca para gritar, mas o aviso não se ouviu nunca, pois uma flor

vermelha abriu-se bem no meio de sua testa. Ele se inclinou pesadamente para a frente, a metade superior de seu corpo por cima da amurada, os braços pendurados para baixo. A lanterna escapuliu de sua mão inanimada e caiu dentro d'água.

O impacto da lanterna na água produziu um barulho surdo, quase um estalo. No silêncio profundo que reinava agora, isto deveria chamar a atenção, pensou Mallory. Ele esperou, tenso, a Luger de prontidão em sua mão, mas depois de vinte segundos nada aconteceu e ele decidiu que não podia esperar mais. Olhou para Miller, que ouvira claramente o ruído, pois encarava Mallory e a arma em sua mão com um intrigado franzir de sobrancelhas. Mallory apontou para o guarda morto pendurado sobre o parapeito. O rosto de Miller esclareceu-se e ele balançou a cabeça ao compreender. A lua passou por detrás de uma nuvem.

Andrea, a manga esquerda ensopada de sangue, estava quase carregando a titubeante Maria através da argila e do cascalho: ela mal podia arrastar o pé direito para a frente. Chegando aos pés da escada, ambos olharam para cima, para a difícil subida que se lhes afigurava em intermináveis ziguezagues de degraus de ferro alçando-se para dentro da noite. Com uma garota estropiada e com o próprio braço em mau estado, pensou Andrea, as perspectivas eram bem

sombrias. E só Deus sabia, quando a muralha iria pelos ares: Andrea pediu a Deus que Mallory, apesar de sua paixão pela pontualidade, pelo menos desta vez estivesse um pouquinho atrasado em seu horário. A moça olhou-o e compreendeu.

— Deixe-me — disse ela. — Deixe-me, por favor.

— Nem pense nisto — respondeu Andrea com firmeza. — Maria nunca me perdoaria.

— Maria?

— Não é você — Andrea levantou-a nas costas e enlaçou-lhe os braços em volta de seu pescoço. — Minha mulher. Eu acho que ela me aterroriza... — estendeu a mão para os degraus e começou a escalada.

Para poder ver melhor como se processavam os preparativos finais para o ataque, o General Zimmermann ordenou ao seu carro de comando que parasse bem no meio da ponte de Neretva e estacionasse do lado direito. A poucos metros dele, ressoava, tumultuava-se e rugia uma coluna que parecia interminável, de tanques, canhões autopropulsados e caminhões carregados com as tropas de assalto: assim que alcançavam a extremidade norte da ponte, os tanques, canhões e caminhões espalhavam-se a leste e a oeste ao longo das margens do rio, procurando um abrigo temporário entre os altos barrancos para se prepararem para o assalto conjugado definitivo.

De tempos em tempos, o General Zimmermann levantava o binóculo e esquadrihava os céus a oeste. Uma dúzia de vezes ele imaginou escutar o rumor distante de esquadrilhas que se aproximavam; uma dúzia de vezes, ele se enganou. Uma vez ou outra, ele próprio chamou-se de tolo, presa de inúteis e amedrontadas fantasias totalmente inconvenientes para um general da Wehrmacht: mas mesmo assim aquele profundo pressentimento de inquietação persistiu, mesmo assim ele continuou examinando os céus a oeste. Nunca lhe passou pela cabeça, pois não havia mesmo razão para isto, que ele estivesse olhando para a direção errada.

A menos de dois quilômetros e meio ao norte, o General Vukalovic abaixou seu binóculo e virou-se para o Coronel Janzy.

— Será assim, então... — Vukalovic parecia cansado e muito triste. — Eles já atravessaram — pelo menos quase atravessaram. Mais cinco minutos. Então vamos contra-atacar.

— Então vamos contra-atacar — Janzy falou numa voz monótona. — Perderemos mil homens em quinze minutos.

— Nós pedimos o impossível — disse Vukalovic. — Pagaremos pelos nossos erros.

Mallory, arrastando atrás de si uma cordinha comprida, juntou-se a Miller. Perguntou: — Está

pronto?

— Pronto — Miller tinha uma outra corda igual na mão. — Vamos puxar os estopins hidrostáticos e dar o fora?

— Três minutos. Você sabe o que nos acontecerá se ainda estivermos n'água dentro de três minutos?

— Nem fale nisto — pediu Miller. De repente, ele virou a cabeça e olhou rapidamente para Mallory. Mallory também ouvira: o barulho de passos que corriam por cima deles. Acenou para Miller. Ambos mergulharam por baixo d'água.

O Capitão de serviço, devido ao declive, a uma certa rotundidade de corpo e a bem definidas idéias de como deve comportar-se um capitão da Wehrmacht, não era muito dado a corridas. Ele estava, na verdade, andando com rapidez e nervosismo em todo o comprimento da barragem quando viu um de seus soldados inclinado sobre o parapeito no que considerou uma postura pouco militar e muito desleixada. Ocorreu-lhe então que um homem não pode se debruçar sobre um parapeito sem usar normalmente os braços e as mãos para se apoiar e ele não via os braços nem as mãos do guarda. Lembrou-se de Maurer e Schmidt que haviam desaparecido e começou a correr.

O guarda não pareceu ouvir a sua aproximação. O Capitão segurou-o rudemente pelo ombro e deu um

passo atrás estupefato quando o morto escorregou da amurada e despencou no chão de cara para trás: o lugar onde antes fora a sua testa não era coisa bonita de se ver. Preso por uma paralisia momentânea, o Capitão ficou olhando por vários segundos para o homem morto, e só depois de uma grande força de vontade, pegou na pistola e na lanterna, acendeu a última e destravou a primeira e arriscou uma rápida olhadela por cima da amurada da represa.

Não havia nada para se ver. Ou melhor, não havia ninguém para se ver, nenhum sinal do inimigo que matara aquele guarda há um ou dois minutos. Mas *havia* algo para ser visto, evidência adicional se houvesse necessidade disto, para provar que o inimigo estivera ali: um objeto em forma de torpedo — não, *dois* objetos em forma de torpedo! — colados contra as paredes da barragem justo à altura do nível da água. No princípio sem entender, o Capitão ficou olhando para os dois, mas de súbito a significação de sua presença ali produziu nele uma reação tão violenta como uma bofetada. Endireitou-se e começou a correr na direção da extremidade leste da represa, gritando: — Rádio! Rádio! — no mais forte de sua voz.

Mallory e Miller voltaram à superfície. Os gritos — eram quase urros — do Capitão que corria, chegaram com nitidez sobre as águas agora silentes da represa. Mallory praguejou.

— Maldição, maldição e outra vez maldição! — sua voz era rancorosa, contrariada e cheia de frustração. — Ele pode dar a Zimmermann sete, talvez oito minutos de aviso com antecedência. O tempo suficiente para levar o grosso de seus tanques para os lugares altos.

— E agora?

— Agora nós puxamos os estopins e damos o fora daqui à toda pressa!

O Capitão, correndo pela barragem estava agora a menos de trinta metros da guarita do rádio onde Petar e Reynolds estavam sentados com as costas para a parede.

— General Zimmermann! — ele gritou. — Entre em contato. Diga-lhe para levar os tanques para o alto. Esses malditos minaram a represa!

Petar tirou os óculos escuros e esfregou os olhos.

— Muito bem — a sua voz era quase um sussurro.

— Tudo que é bom tem de se acabar um dia...

Reynolds olhou-o, uma máscara incrédula no rosto. Como um autômato, involuntariamente, sua mão segurou os óculos escuros que Petar lhe entregou. Como um autômato seus olhos acompanharam a mão de Petar que se movia e quase num transe hipnótico ele observou o polegar daquela mão apertar um botão do lado do violão. As costas do instrumento caíram ao chão para mostrar lá dentro os apetrechos e as munições de uma submetralhadora que reluzia bem

lubrificada.

O dedo indicador de Petar apertou o gatilho. A primeira bala arrebentou o cabo do violão e agora a submetralhadora pulava e matraqueava em suas mãos. Seus olhos escuros estavam apertados, vigilantes e frios. E era Petar agora quem estava com a palavra.

O soldado que tomava conta dos três prisioneiros dobrou-se em dois e morreu, quase cortado ao meio pela primeira rajada de balas. Dois segundos depois, o cabo que guardava o rádio, enquanto tentava desesperadamente tirar a Schmeisser do ombro, caiu da mesma maneira. O Capitão de serviço, ainda na carreira, disparou diversas vezes sua pistola em Petar, mas Petar ainda estava com a palavra... Ele ignorou o Capitão, ignorou uma bala que lhe atingiu o ombro direito e esvaziou o restante do pente no transmissor de rádio. Então, ele descambou para um lado, o violão esotraçado caindo das mãos inertes, o sangue escorrendo do ombro e de um ferimento na cabeça.

O Capitão recolocou o revólver ainda fumegante no coldre e olhou para o inanimado Petar. Não havia ódio no seu rosto, apenas uma tristeza característica e a vaga aceitação da derrota irrevogável. Seus olhos moveram-se e encontraram os de Reynolds: num momento raro de compreensão os dois homens sacudiram a cabeça num pensamento mútuo e

estranho.

Mallory e Miller, subindo pelos nós da corda, já estavam quase do lado oposto da barragem quando os últimos ecos dos tiros chegaram sobre as águas da represa. Mallory olhou para Miller, que fez um muxoxo — da melhor maneira que um homem pode fazer um muxoxo quando está pendurado na ponta de uma corda — e sacudiu a cabeça sem dizer uma palavra. Os dois continuaram a subir, movimentando-se agora com mais rapidez.

Andrea também ouvira os tiros, mas não tinha idéia de seu significado. Neste momento, ele não se importava com coisa alguma. O alto do seu braço esquerdo parecia queimar como uma chama viva, o rosto coberto de suor refletia a dor e sua quase exaustão. Ele sabia que não estava ainda nem na metade da escada. Fez uma curta pausa, percebeu que os braços da moça estavam escorregando em volta de seu pescoço, passou o braço esquerdo em sua cintura e continuou sua lenta, penosa e atormentada ascensão. Não estava enxergando com muita nitidez e pensou vagamente que podia ser por causa da perda de sangue. Por mais estranho que fosse, o seu braço esquerdo começava a ficar entorpecido e a dor se centralizava de mais a mais no direito, que nesta hora agüentava todo o esforço do peso de ambos.

— Deixe-me! — Maria implorou novamente. —

Pelo amor de Deus, deixe-me! Você ainda pode salvar-se.

Andrea sorriu — ou pelo menos pensou ter sorrido — e disse gentilmente: — Você não sabe o que está dizendo. Além disto, Maria me mataria.

— Deixe-me! Deixe-me! — ela debateu-se e deu uma exclamação de dor quando Andrea apertou-a nos braços. — Você está me machucando!

— Então pare de se debater — disse Andrea sereno. Ele recomeçou sua dolorosa ascensão em câmera lenta.

Mallory e Miller alcançaram a fenda transversal que passava por cima da barragem e avançaram com rapidez por ela, utilizando a corda até ficarem diretamente sobre os arcos de luz do beirai do telhado da guarita, a cerca de dezesseis metros abaixo: a brilhante iluminação fornecida por estas luzes mostrou claramente o que acontecera. Petar e Groves inconscientes, os dois soldados alemães mortos, o transmissor de rádio despedaçado e por cima de tudo a submetralhadora caída ainda dentro da caixa quebrada do violão contavam uma história que não podia ser interpretada de outra forma. Mallory avançou mais uns três metros ao longo da fenda e olhou novamente para baixo: Andrea, com a garota nos braços, que fazia o possível para ajudá-lo na subida, agarrando-se nos lados da escada. Estavam agora a quase três quartos de altura dos degraus, mas

avançavam num lentíssimo progresso: eles nunca chegariam lá em cima a tempo, pensou Mallory, seria impossível que eles conseguissem chegar a tempo. O dia chega para todos nós, ele pensou com lassitude, um dia este dia chega para todos nós: mas que ele chegasse assim para o indestrutível Andrea ultrapassava os limites de seu fatalismo. Tal coisa era inconcebível — e ainda mais que isto fosse acontecer agora.

Mallory voltou para junto de Miller. Rapidamente ele desenrolou uma corda — a corda cheia de nós que ele e Miller tinham usado para descer dentro da Represa de Neretva — amarrou-a à corda que estava presa ao longo da fenda e abaixou-a até tocar suavemente o teto da guarita. Com a Luger na mão, ele começou a descer no instante em que a represa explodiu.

A dupla explosão sucedeu-se com um intervalo de dois segundos: a detonação de 750 quilos de explosivos de alta potência deveria normalmente produzir um alarido formidável, mas devido à profundidade em que se deu, as explosões foram curiosamente abafadas: mais sentidas do que ouvidas. Duas enormes colunas de água elevaram-se muito acima das paredes da barragem, mas por um período de tempo que pareceu interminável e que certamente não deve ter durado mais de quatro ou cinco

segundos, nada pareceu acontecer. Então, devagar, muito devagar, quase relutantemente, toda a seção central da barragem, de pelo menos uns trinta metros de largura e em toda a sua altura, desabou para dentro da garganta: o pedaço que caiu parecia estar ainda inteiro.

Andrea parou de subir. Ele não ouvira nenhum ruído, mas sentiu a vibração estremecida na escada e calculou o que acontecera, o que estava por vir. Envolveu o corpo de Maria nos braços entre os pilares da escada, apertou-a contra os degraus e olhou por cima de sua cabeça. Duas fendas verticais começaram a aparecer devagar do lado de fora da muralha, depois 6 paredão inteiro caiu lentamente na direção deles, como se fosse preso na base por dobradiças, mas logo o pedaço desapareceu, bruscamente perdido entre os incontáveis milhões de galões de água verde-escura que fervilhavam através da parede destroçada. O barulho da queda das milhares de toneladas de alvenaria que caíram dentro da garganta deveria ter sido ouvido a muitos quilômetros de distância, mas Andrea só escutava o rugido das águas furiosas. Antes que esta medonha torrente o alcançasse, ele teve tempo de perceber que a muralha desaparecera e que agora apenas uma formidável torrente esverdeada se despejava garganta abaixo dentro de um turbilhão de espumas brancas. Num átimo de segundo, Andrea

soltou uma das mãos, virou o rosto aterrorizado da moça, escondeu-o contra seu peito: ele sabia que seria impossível deixá-la receber no rosto aquela avalanche de água, que sem dúvida trazia areia, pedras e sabe Deus o que mais, dilacerando aquela pele delicada e deixando-a para sempre marcada com cicatrizes. Ele encolheu a própria cabeça para enfrentar a investida furiosa que chegava e enlaçou as mãos por detrás dos degraus.

O impacto das águas tirou-lhe o fôlego. Imerso nesta imensa parede verde que o comprimia, Andrea lutou por sua vida e pela da moça. A tensão que sofria, o esforço dos golpes repetidos e dos ferimentos causados pelo martelar desta cascata que estrondava e que parecia tão decidida a destruí-lo, era tremendo para o seu pobre braço ferido. Ele sentia que seus braços estavam a ponto de serem arrancados do corpo. Teria sido a coisa mais fácil do mundo, a coisa mais sábia do mundo, soltar as mãos e se deixar mansamente levar em troca desta agonia que parecia querer separar seus músculos e seus membros. Mas Andrea não se deixou levar, não se deixou quebrar. Vários dos suportes da escada foram arrancados da rocha e parecia que tanto os suportes como os degraus seriam inevitavelmente levados pelas águas. A escada se retorceu, empenou-se e inclinou-se para longe do barranco até ficar quase pendurada a ele: Andrea

estava agora também pendurado a ela, mas mesmo assim não se deixou levar, mesmo assim alguns suportes ficaram firmes. Então, gradualmente, depois do que pareceu a Andrea um espaço de tempo interminável, o nível da represa baixou, a força das águas enfraqueceu imperceptivelmente e Andrea recomeçou a subida. Meia dúzia de vezes, enquanto trocava de mãos nos degraus, seu pulso quase soltou-se e ele quase foi arrastado: meia dúzia de vezes os dentes cerrados num esforço agônico, as enormes mãos firmaram-se outra vez e com dificuldades ele se manteve seguro. Depois de quase um minuto desta luta titânica ele conseguiu finalmente vencer o mais forte das águas e pode respirar novamente. Olhou para a moça em seus braços. Os cabelos louros estavam empastados sobre as faces acinzentadas e as imensas pestanas pretas estavam fechadas. A ravina parecia cheia até a borda de suas paredes alcantiladas por esta torrente fervilhante de águas esbranquiçadas que carregava tudo que encontrava à sua frente. O seu bramido ressoava pela garganta com mais velocidade do que um trem expresso, produzindo uma série contínua de explosões num estardalhaço impossível de sons estridentes.

Quase trinta segundos se passaram da explosão da barragem antes que Mallory se mexesse outra vez. Ele não soube explicar por que ficou assim parado tanto

tempo como se estivesse em transe. Disse para si mesmo, se justificando, que devia ser por causa do espetáculo hipnótico da queda dramática do nível da represa unido à visão da imensa garganta cheia até a borda com aquelas águas brancas e impetuosas: mas, sem admitir isto nem para si mesmo, ele sabia que sobretudo não podia conceber a afirmação de que Andrea e Maria tivessem sido arrastados para a morte. Neste instante, Mallory não podia saber que Andrea — completamente esgotado e já sem saber o que estava fazendo — tentava inutilmente alcançar os derradeiros degraus da escada no alto da barragem. Mallory agarrou a corda e deixou-se escorregar indiferente ao perigo, ignorando ou talvez sem sentir a pele das mãos que queimava, a mente irracionalmente tomada por um sentimento assassino — irracionalmente, pois fora ele quem acendera o estopim da explosão que causara a morte de Andrea.

E então, no momento exato em que seus pés tocaram o telhado da guarita dos guardas, ele viu o fantasma — ou melhor, os fantasmas — quando as cabeças de Andrea e de Maria, esta visivelmente inconsciente, apareceram no alto da escada. Andrea, Mallory percebeu, não era capaz de avançar mais um passo. Ele tinha uma das mãos no degrau superior e fazia gestos convulsos, mas não progredia mais. Mallory viu logo que Andrea estava esgotado.

Mallory não foi o único a ver Andrea e a moça. O Capitão de serviço e um de seus soldados olhavam estupefatos para aquele espetáculo medonho de destruição, mas um segundo guarda se voltara, viu a cabeça de Andrea e ergueu a metralhadora. Ainda pendurado à corda, Mallory não teria tempo de puxar a Luger e destravá-la e Andrea certamente morreria: mas Reynolds já se projetara num mergulho desesperado para a frente, caindo sobre a arma no instante preciso em que o guarda abriu fogo. Reynolds morreu instantaneamente. O guarda morreu dois segundos depois. Mallory apontou o cano da Luger que ainda fumegava para o Capitão e o outro soldado.

— Deixem cair as armas — disse.

Eles deixaram cair as armas. Mallory e Miller pularam de cima do telhado da guarita e enquanto Miller mantinha os alemães sob a sua mira, Mallory correu até a escada, estendeu a mão e ajudou a moça inanimada e o vacilante Andrea a se porem a salvo. Olhou o rosto exausto e salpicado de sangue de Andrea, a pele esfolada de suas mãos e a manga esquerda saturada de sangue e disse severamente: — Em que diabos de lugar você estava?

— Onde eu estava? — perguntou vagamente Andrea. — Eu não sei — ficou de pé oscilante, apenas consciente, esfregou uma mão sobre os olhos e tentou sorrir. — Eu acho que parei para admirar o

panorama...

O General Zimmermann ainda estava em seu carro de comando estacionado à direita no centro da ponte de Neretva. Zimmermann tinha novamente o binóculo nos olhos, mas pela primeira vez não estava olhando para o oeste nem para o norte. Olhava pelo contrário para o leste, rio acima, na direção da boca da garganta do Neretva. Após um certo tempo, ele virou-se para seu ajudante-de-ordens, pela primeira vez com o rosto inquieto, a inquietude cedendo lugar à apreensão e a apreensão se transformando em algo muito parecido com o medo.

— Você escutou? — perguntou ele.

— Escutei, Herr General.

— E sentiu?

— Senti.

— Em nome de Deus Todo-Poderoso o que pode ser? — perguntou-se Zimmermann. Escutou o rugido que crescia e que terminou enchendo os ares em torno deles. — Não é trovão. É muito forte para ser um trovão. É contínuo demais. E este vento — este vento está vindo ali da garganta — ele mal se escutava falar agora devido ao rugido ensurdecedor que vinha de leste. — É a represa! A Represa de Neretva! Eles explodiram a represa! Saia daqui! — ele gritou para o motorista. — Pelo amor de Deus, saia daqui!

O carro de comando deu uma guinada para a

frente, mas já era tarde demais para o General Zimmermann e para os seus maciços batalhões de tanques e de tropas de assalto escondidas entre as margens do Neretva pelas escarpas baixas da margem norte, de onde esperavam para lançar seu devastador ataque para aniquilar os sete mil fanáticos e teimosos defensores do Desfiladeiro de Zenica. Uma poderosa muralha de água esbranquiçada de vinte e cinco metros de altura e trazendo consigo uma devastadora massa de pedras e árvores irrompeu à boca da garganta.

Piedosamente para a maior parte dos homens da divisão blindada de Zimmermann, a percepção do pressentimento da morte e a própria morte surgiram apenas com uma diferença de segundos. A ponte de Neretva e todos os veículos que estavam nela, inclusive o carro de comando de Zimmermann foram arrastados para a destruição imediata. O gigantesco caudal espalhou-se pelas duas margens do rio, a uma altura de quase sete metros, varrendo em sua fúria exterminadora, tanques, canhões, carros blindados, milhares de soldados e tudo o que estivesse em seu caminho: quando a grande inundação finalmente diminuiu não havia um só fio de capim nas margens do Rio Neretva. Talvez uma ou duas centenas de soldados conseguiram escapar temporariamente, subindo em segurança para os lugares altos, mas

mesmo assim eles não iriam viver muito: para noventa e cinco por cento das duas divisões blindadas do General Zimmermann a destruição pavorosa foi tão repentina quanto completa. Em sessenta segundos, nada mais, tudo estava terminado. O exército de blindados alemão fora totalmente destruído. Mas mesmo assim a poderosa muralha de água continuava a espumear pela boca da garganta.

— Eu peço a Deus nunca mais presenciar algo semelhante — o General Vukalovic abaixou o binóculo e virou-se para o Coronel Janzy, mas seu rosto não demonstrava júbilo nem satisfação, apenas uma surpresa aterrada mesclada a uma profunda compaixão. — Os homens não deviam morrer assim, mesmo os nossos inimigos não deviam morrer assim — ele ficou em silêncio durante alguns segundos, depois fez menção de mover-se. — Eu creio que uns cem ou duzentos da infantaria ficaram a salvo do lado de cá do rio, Coronel. O senhor pode cuidar deles?

— Eu cuidarei deles — disse Janzy sombrio. — Esta é uma noite para se fazerem prisioneiros, não é uma noite para matar. Não haverá luta. É estranho, General. Pela primeira vez em minha vida eu não estou com vontade de lutar.

— Eu vou deixá-lo agora — Vukalovic bateu no ombro de Janzy e sorriu, um sorriso muito, muito cansado. — Eu tenho um encontro. Na Represa de

Neretva... ou no que sobrou dela.

— Com um certo Capitão Mallory?

— Com um certo Capitão Mallory. Iremos para a Itália hoje à noite. Sabe, Coronel, nós devíamos estar enganados a respeito deste homem.

— Eu nunca duvidei dele — disse Janzy firmemente. Vukalovic sorriu e afastou-se.

O Capitão Neufeld, com a cabeça enrolada numa atadura» ensangüentada e amparado por dois de seus homens, ficou de pé trêmulo no alto da ravina que conduzia ao vau e olhou para baixo, o rosto tenso pelo choque, o horror e a total incredulidade ao ver este sorvedouro branco e espumante, uma torrente revolta que passava a menos de seis metros de onde ele estava, no local onde antes fora a garganta do Rio Neretva. Ele sacudiu a cabeça muito, muito devagar numa fraqueza inexprimível e na aceitação final da derrota, voltou-se para o soldado que estava à sua esquerda, um rapaz que como ele também parecia estupefato.

— Pegue os dois melhores cavalos — disse Neufeld.

— Vá até o mais próximo posto de comando da Wehrmacht ao norte do Desfiladeiro de Zenica. Diga-lhes que as divisões blindadas do General Zimmermann foram arrasadas — nós não *sabemos* ao certo, mas devem ter sido. Diga-lhes que o Vale de Neretva é um vale de morte e que não há mais

ninguém para defendê-lo. Diga-lhes que se os aliados mandarem amanhã as suas divisões aerotransportadas não será feito um único disparo. Diga-lhes que notifiquem Berlim imediatamente. Compreendeu, Lindemann?

— Compreendi, senhor — pela expressão no rosto de Lindemann, Neufeld percebeu que ele compreendera muito pouco do que lhe dissera: mas Neufeld sentia-se infinitamente cansado e não tinha vontade de repetir as instruções. Lindemann montou a cavalo, segurou as rédeas do outro e esporeou seu cavaleiro para subir depressa pelo caminho ao lado dos trilhos.

Neufeld falou, quase que para si mesmo: — Não há necessidade de toda essa pressa, rapaz.

— Herr Kapitän? — o outro soldado olhava-o estranhamente.

— Agora já é tarde demais — disse Neufeld.

Mallory olhou para baixo, para a garganta que ainda espumava, voltou-se e observou a Represa de Neretva cujo nível já baixara pelo menos uns dezesseis metros. Virou-se novamente para olhar a moça e o homem que estavam a seu lado. Ele sentia-se profundamente deprimido.

Andrea, machucado, arranhado e sangrando pelo braço esquerdo, já agora com uma atadura grosseira, demonstrava uma vez mais o seu extraordinário poder

de recuperação: se alguém olhasse para ele não imaginaria que apenas dez minutos antes ele oscilava à beira do colapso total. Maria estava em seus braços: ela voltava a si, muito lentamente. Miller terminou de enfaixar a cabeça ferida de Petar, já sentado e que apesar dos ferimentos no ombro e na cabeça sobreviveria, foi até Groves e ajoelhou-se a seu lado. Depois de um ou dois minutos, ele se endireitou e olhou para o jovem sargento.

— Morto? — perguntou Mallory.

— Morto.

— Morto — Andrea sorriu, um sorriso cheio de tristeza. — Morto... e eu e você estamos vivos. Porque este rapaz está morto.

— Ele era sacrificável — disse Miller.

— E o jovem Reynolds — Andrea parecia também indizivelmente cansado. — Ele também era sacrificável. O que foi que você lhe disse esta tarde, meu Keith?... agora é todo o tempo que nos resta? E era mesmo todo o tempo que restava. Para o jovem Reynolds. Ele salvou minha vida esta noite... duas vezes. Ele salvou a vida de Maria. Salvou a de Petar. Mas não foi esperto o bastante para salvar a própria vida. Nós somos os mais espertos, os mais velhos, os mais sábios, os que sabem tudo. E os mais velhos estão vivos e os jovens morreram. E sempre foi assim. Nós zombávamos deles, ríamos deles, desconfiávamos

deles, nos maravilhávamos ante a sua juventude, a sua estupidez e a sua ignorância — num gesto curiosamente carinhoso ele afagou os cabelos louros e molhados de Maria, afastou-os de seu rosto e ela sorriu-lhe. — E no final de tudo eles eram homens melhores do que nós somos...

— Talvez eles tenham sido mesmo melhores do que nós — disse Mallory. Olhou tristemente para Petar e balançou a cabeça num gesto admirado. — E pensar que todos três estão mortos e nenhum deles chegou a saber que você era o chefe da espionagem britânica nos Bálcãs.

— Ignorantes até o fim — Miller passou raivoso a manga sobre os olhos. — Há pessoas que não aprendem nunca. Há pessoas que nunca aprendem.

14 - Epílogo

U MA VEZ MAIS o CAPITÃO Jensen e o General britânico estavam de volta à Sala de Operações em Termoli, mas agora já não andavam para cima e para baixo. Os dias de marcar passos haviam terminado. Na verdade, ainda pareciam muito cansados, seus rostos tinham rugas mais fundas do que há alguns dias, mas as expressões já não eram conturbadas, os olhos já não estavam toldados pela ansiedade, e se estivessem andando em vez de estarem confortavelmente instalados em poltronas, seria justo imaginar-se que já havia uma nova energia em seus passos. Ambos tinham copos nas mãos, copos grandes.

Jensen bebeu um gole de seu uísque e disse sorrindo: — Eu pensei que o lugar de um general fosse à frente de suas tropas.

— Não nestes dias, Capitão — disse o General com firmeza. — Em 1944 os generais sábios dirigem as suas tropas pela retaguarda — uns trinta quilômetros atrás. Além disto, as divisões blindadas estão avançando tão depressa que eu nem poderia sonhar em alcançá-las.

— Estão avançando assim tão depressa?

— Não tão depressa como as divisões alemãs e austríacas que saíram a noite passada da Linha Gustav e estão correndo para a fronteira da Iugoslávia. Mas

eles estão avançando muito bem — o General parou para beber um gole grande de sua bebida e sorriu satisfeito. — Um logro completo, um engano total. Em suma, seus homens fizeram um trabalho magnífico.

Ambos se voltaram em suas cadeiras quando um respeitoso bater de dedos precedeu a abertura das pesadas portas acolchoadas. Mallory entrou, seguido por Vukalovic, Andrea e Miller. Todos quatro tinham barbas por fazer, todos tinham a aparência de quem não dormia há uma semana. Andrea estava com o braço na tipóia.

Jensen levantou-se, esvaziou o copo, colocou-o na mesa, olhou para Mallory e disse indiferente: — Quase que vocês se atrasaram, hem?

Mallory, Andrea e Miller trocaram olhares sem expressão. Depois de um silêncio muito comprido, Mallory falou: — Algumas coisas gastam mais tempo do que outras.

Petar e Maria estavam deitados lado a lado, as mãos entrelaçadas, em duas camas comuns do exército no Hospital Militar de Termoli, quando Jensen entrou seguido por Mallory, Miller e Andrea.

— Estou muito satisfeito em saber que as informações sobre vocês dois são excelentes — disse Jensen vivamente. — Eu trouxe uns... ah... amigos, para dizerem adeus.

— Que tipo de hospital é este, hem? — perguntou

Miller com severidade. — O que me dizem do alto caráter moral do Exército, hem? Eles não têm quartos separados para homens e mulheres?

— Eles estão casados há quase dois anos — adiantou Mallory conciliador. — Será que eu esqueci de lhe dizer?

— É claro que você não esqueceu — disse Miller desgostoso. — Fui eu que me esqueci.

— Falando em casamento... — Andrea pigarreou e tentou outra investida: — O Capitão Jensen deve lembrar-se que lá em Navarone...

— Sim, sim — Jensen levantou a mão. — De acordo. Perfeitamente. Perfeitamente. Mas eu pensei que talvez... bem, a verdade é que... bem, acontece que surgiu um servicinho, este é muito pequeno mesmo... e eu pensei, vendo vocês por aqui, que talvez...

Andrea encarou Jensen. Seu rosto tinha uma expressão horrorizada.